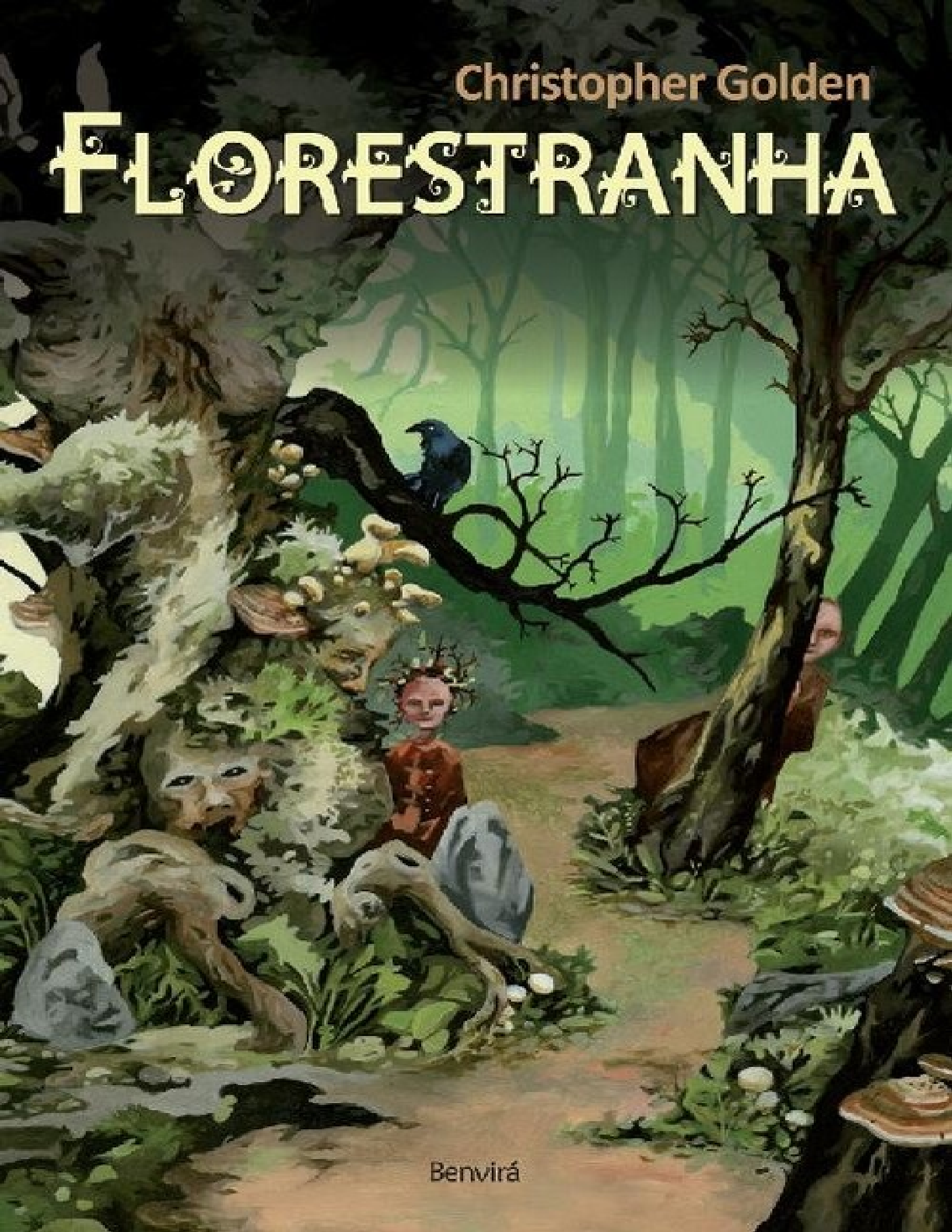
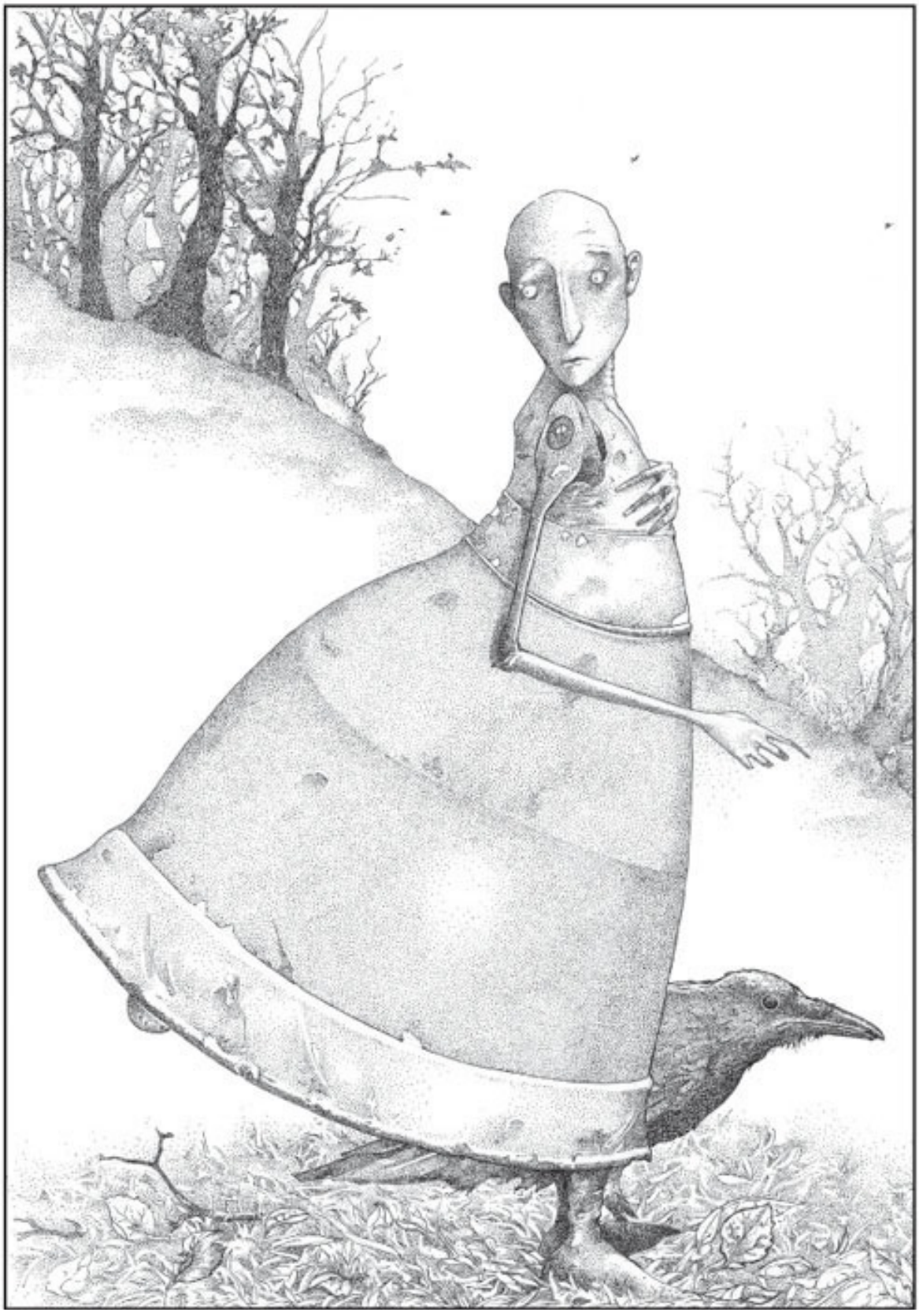
Christopher Golden

# FLORESTRANHA



Benvirá

# FLORESTRANHA



Christopher Golden

# FLORESTRANHA

Tradução
Pedro Sette-Câmara

Ilustrações
Richard Kirk

Benvirá

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
**PABX** (11) 3613-3000

**SAC**
**0800-0117875**
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
**www.editorasaraiva.com.br/contato**

| | |
|---|---|
| **Diretora editorial** | Flávia Alves Bravin |
| **Gerente editorial** | Rogério Eduardo Alves |
| **Planejamento editorial** | Rita de Cássia S. Puoço |
| **Editoras** | Debora Guterman<br>Gisele Folha Mós<br>Luiza Del Monaco<br>Paula Carvalho<br>Tatiana Allegro |
| **Produtoras editoriais** | Alline Bullara<br>Amanda Maria da Silva<br>Daniela Nogueira Secondo<br>Deborah Mattos<br>Rosana Peroni Fazolari<br>William Rezende Paiva |
| **Comunicação e produção digital** | Nathalia Setrini Luiz |
| **Suporte editorial** | Juliana Bojczuk<br>Juliana Moura Lucena |

| | |
|---|---|
| **Preparação** | Alessandra de Sá Miranda |
| **Diagramação** | Eduardo Amaral / Duligraf |
| **Revisão** | Laila Guilherme<br>Bel Ribeiro |
| **Capa** | Guilherme P. Pinto |
| **Ilustrações** | Richard Kirk |
| **Conversão eBook** | Hondana |

**ISBN 978-85-8240-146-0**

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

G566f
Golden, Christopher
Florestranha / Christopher Golden ; ilustrações Richard Kirk ; tradução Pedro Sette-Câmara. - 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2015. 336 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Strangewood
ISBN 978-85-8240-146-0

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Kirk, Richard. II. Sette-Câmara, Pedro. III. Título.

CDD: 028.5
14-12782 CDU: 087.5

Copyright © 1999 by Christopher Golden
Título original: ***Strangewood***
Publicado mediante acordo com o autor, representado por
Baror International, Inc., Armonk, New York, USA

Todos os direitos reservados à Benvirá,
um selo da Editora Saraiva.
www.benvira.com.br

**1ª edição**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

547.266.001.001

*Para Connie.*
*Sem você, o sol nunca nasceria.*

# SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Agradecimentos


RICHARD KIRK



# Prólogo

*– É verdade? É verdade mesmo? – gritou O Garoto, levantando os olhos para o céu verde-azulado de Florestranha.*

*– É, sim, oh, é – respondeu Rabeca, o dragão, e, voando, desceu, subiu e deu voltas desenhando oitos acima deles, deixando O Garoto e todos os seus Amigos muito tontos.*

*– Devia ter percebido! – gritou O Garoto. – Devia ter percebido esta manhã! O dia está absolutamente lindo, quente demais para o outono. E aqui é outono, você bem sabe! Quente demais para o outono, e eu deveria ter percebido que hoje seria um dia especial! Um dia sem igual!*

*O Garoto observou Rabeca por mais um instante, mas era difícil olhar para o dragão por muito tempo sem ficar com o pescoço duro, pois ele voava alto, bem alto. Então O Garoto gritou de alegria, e riu, e virou uma estrela como as que sempre tentava ensinar a Brigadeiro, o Pardo, sem sucesso.*

*Brigadeiro riu e tentou de todo modo virar uma estrela, mas estatelou-se feito uma imensa pilha de pelo risonho e marrom.*

*Todos ficaram rindo e dançando na pequena clareira atrás da cabana de Resmungo, que tinha sido um lugar triste por algum tempo, mas agora voltara a ser feliz.*

*Ouviu-se um tinido, um tilintar, e O Garoto, feliz, ergueu os olhos para ver o sr. Sinibundo aparecer na Via Sinuosa e,* dim-dom-pim*, correr para a clareira.*

*– Ele tem razão, Nosso Garoto! Rabeca tem razão! A notícia já foi passada adiante por Badalo, Trompete e tantos outros pela Via Sinuosa, partindo da Terra dos Sinos e Apitos! Eles foram vistos! Foram vistos descendo o Cima-Rio. Os Guardas-Florestais confirmaram!*

*O sr. Sinibundo correu até O Garoto, seu coração-badalo tinindo de alegria a cada passo. O Risonho ganiu sua risada de hiena, Brigadeiro*

*dançou, e todos conseguiram ouvir a melodia* bim-bom, zipe-zape *dos sinos de vento das asinhas de Rabeca batendo segundo o ritmo da música voadora.*

*Curbito Jerimum foi o último a chegar. No outono, seu trabalho consistia em guardar o Grande Pomar de Sempre, mantendo-o a salvo de Davi e Mauro, os Irmãos Corvo. Quando O Garoto viu Curbito, soltou um grito de agradável surpresa, porque ele não estava sozinho! Os Irmãos Corvo chegaram com ele.*

*– Ah, realmente, o dia em que os Irmãos Corvo e o único espantalho de Florestranha podem deixar de lado suas rixas é um dia especial – disse O Garoto. – Vamos fazer agora uma grande festa. Uma festa para lhes dar as boas-vindas e pedir que não vão embora. Uma festa para dizer que sentimos saudade. Uma festa para reabrir a casa. Vamos! Vamos mesmo!*

*Todos os Amigos d´O Garoto gritaram em concordância. Estavam empolgados com a ideia de uma festa, mas que ocasião! Enfim os amigos voltavam!*

*Um minuto depois, enquanto O Garoto dançava com Brigadeiro, Rabeca gritou lá de cima:*

*– Eles chegaram, eles chegaram! – E a música de suas asas se acelerou e aumentou de volume.*

*– Silêncio aí, não consigo ouvir nem meus próprios pensamentos! – berrou Curbito para Rabeca.*

*– Já basta de reclamar, senhor espantalho – ralhou O Garoto. – Estamos todos um tanto empolgados, não está vendo?*

*A Via Sinuosa fez* crec-crec *na floresta sombreada, e O Garoto ficou nervoso a princípio. Depois, percebeu o que era o som: pés enormes, com coturnos, e também cascos sobre as folhas secas do outono.*

*– Oláááááááá! – gritou O Garoto. – Resmungo? Penatesta? Estamos aqui, todos nós, esperando por vocês na cabana do Resmungo! Oláááááááá!*

*Das sombras entre as árvores saiu um anão de expressão ranzinza usando um chapéu de feltro verde. A seu lado estava um poneizinho feliz, cuja cabeça era ornamentada por um jato-jorro-esguicho de penas verde-limão.*

*– Resmungo! – berrou O Garoto com alegria, correndo até onde o anão estava. – Penatesta! – gritou contente, abrindo bem os braços.*

*– Enfim vocês voltaram para casa! – disse O Garoto, empolgado. – Vocês dois finalmente voltaram para o Bosque!*

*Resmungo, o anão, parou no limiar da clareira. Com os olhos semicerrados e a boca retorcida de um jeito que todos lembravam muito bem,*

*contemplava, atrás d'O garoto, a cabana na qual um dia vivera. Fitou os outros ao redor, que sorriram e lhe cantaram uma cantiga. Resmungo olhou para Penatesta, que relinchou e o olhou de volta.*

*– Estou tão feliz por terem voltado para casa… – falou O Garoto, agora mais calmo, mas não menos feliz.*

*– Bem – retrucou Resmungo, a voz um pouco mais grave do que O Garoto se lembrava. E muito mais fria. – Não tivemos exatamente muita escolha…*

Trecho de *Voando para Florestranha*, de TJ Randall;
a última história, inconclusa, da série Florestranha.

# Capítulo 1

Não houve fanfarra para anunciar o momento em que a vida de Thomas Randall começou a mudar. Nenhuma tempestade dramática, nenhuma intuição repentina ou mudança de sorte.

Simplesmente aconteceu. Foi bem parecido com o ato banal de ligar o interruptor de luz, só que não houve a súbita iluminação para marcar o evento. E o próprio Thomas nem chegou a notar que algo havia mudado.

Só que *tudo* havia mudado.

Uma garrafa de cerveja Dixie Crimson Voodoo tiniu ao ser colocada pela garçonete na mesa de Thomas Randall no Live Bait, onde ele esperava sua agente chegar para um almoço de negócios. Segundo o crachá, o nome da garçonete era Beverly. Era uma negra extraordinária, com pele de chocolate e um pino metálico atravessando a língua, que brilhou quando ela agradeceu pela gorjeta. Tinha algo de muito sexy naquilo.

Mas a verdade é que todas as garçonetes do Live Bait – e, aliás, todos os garçons também – tinham uma beleza repleta de vivacidade. Havia um mito de que em Nova York, assim como em Los Angeles, toda garçonete era atriz ou modelo. Uma mulher particularmente impetuosa de Los Angeles havia se apresentado com orgulho a Thomas como uma "AMS".

Ele, um pobre ingênuo, perguntara:

– O que é uma AMS?

Ela lhe dirigiu um sorriso de pura condescendência e chilreou como uma das *Patricinhas de Beverly Hills*:

– Atriz, modelo… sei lá! – E depois riu, um cacarejo deliberado que lançou seu cabelo para trás e fez com que seus seios se levantassem, mas apenas o bastante para confirmar seu improvável contorno arredondado.

Improvável? Ali era Los Angeles, ora essa.

E foi por isso que, depois do primeiro desenho da Disney, intitulado *Aventuras em Florestranha*, Thomas voltou com a família para o condado de Westchester, no estado de Nova York. Missão cumprida.

Por outro lado, ele já não tinha mais uma família, digamos assim.

Thomas enxugou diversas gotículas de condensação do gargalo de sua Crimson Voodoo. Ele adorava aquela cerveja, sobretudo porque adorava Nova Orleans, onde era feita. Uma parte dele queria morar em Nova Orleans, só que lá era quente demais, exótico demais e diferente demais. Manhattan era seu lar. Perigosa, é verdade, mas, desde que tinha ido morar em Westchester, os perigos de Manhattan pareciam mais exóticos que arriscados. Thomas também preferia a região nordeste dos Estados Unidos porque precisava das estações do ano, da sensação de que o tempo passava.

– Deseja mais uma? – perguntou Beverly.

– Hum? – disse Thomas, e, olhando para baixo, viu a garrafa de Crimson Voodoo quase vazia. – Com esse calor todo… – observou, passando a mão pela garrafa – deve ter evaporado.

Trocaram um largo sorriso, e Thomas concordou: desejava outra cerveja. Tinha trinta e dois anos, divorciara-se de Emily havia menos de seis meses e era pai de Nathan, de cinco anos. Beverly, a garçonete, mal tinha chegado à idade em que podia beber – se é que tinha chegado –, era tremendamente sexy e ainda estava dando mole para ele. Não era nada sério; Thomas não era bobo. Mas havia uma certa energia rolando entre eles, e ele só estava apreciando aquilo.

A segunda garrafa de Crimson Voodoo substituiu a primeira. Beverly colocou-a exatamente onde a outra tinha estado, como se o pequeno anel de condensação fosse o centro de um alvo. Thomas moveu a garrafa. Talvez aquela fosse apenas sua maneira de fazer a contagem, marcando a baixa do primeiro soldado. Por um momento, ficou olhando Beverly andar, admirando seu corpo atlético, o short preto e os tênis, as meias brancas e a camiseta, e até o aventalzinho verde e sujo. Curiosamente, para uma mulher de Nova York – em particular para uma que queria ser modelo ou atriz –, ela usava poucos acessórios.

Ele continuou a observá-la. Escritores são assim mesmo, ficam espiando, pensou, encabulado, e não pela primeira vez. Ele a estudava

com atenção demais, com cuidado demais. E, por isso, forçou-se a olhar para o outro lado.

Seu olhar percorreu a pequena área do restaurante, talvez uma dúzia de mesas bambas usadas por *empregados*. Era assim que Thomas os enxergava. Não seus empregados, claro, nem do restaurante, mas de alguém. À uma da tarde, num dia útil, Manhattan não é muito mais que um gigantesco almoço de negócios. Ainda mais se você for a um lugar da moda, só que barato.

O Live Bait era exatamente isso. O pequeno restaurante cajun ficava na rua 23 com a Madison, área em que havia um bom número de editoras. Era o lugar perfeito para agentes, escritores e editores esbarrarem uns nos outros, por acidente ou de propósito.

Atrás de um bar lotado de gente "bebendo" o almoço, pessoas que provavelmente não estavam ali a negócios, havia uma larga vidraça pintada e enfeitada com letreiros invertidos de marcas de cerveja. Invertidos para Thomas, claro. Eles eram perfeitamente legíveis da calçada ensolarada da rua 23.

Thomas observava as pessoas passando, gravatas afrouxadas, sem paletó. Todos aqueles que não tinham traje obrigatório vestiam o mínimo permitido legalmente. Uma mulher passeava com o cachorro usando a parte de cima do biquíni e algo que mais parecia um cachecol de seda do que uma saia. Thomas nem piscou, e só os turistas se voltaram para vê-la passar. Aquilo era Manhattan, afinal de contas.

Era uma sexta-feira quente de julho, e nem a brisa mais leve agitava o ar estagnado dos cânions da cidade de Nova York. Quando o sol se punha atrás do edifício Flatiron, sombras longas e frias insinuavam-se pelas calçadas, estendendo os dedos pela rua.

Por ora, havia só uma luz ofuscante.

E então, bloqueando a luz, uma silhueta, uma forma, uma mulher.

– Tomara que você não tenha me esperado por muito tempo.

Thomas piscou diversas vezes, forçando seus olhos a entrar em foco. A silhueta fundiu-se em sua agente, Francesca Cavallaro. Atraente, mas de estatura diminuta, ela tinha uma resolução inabalável e um jeito confiante que lhe davam uma presença muito maior do que aquela que seu tamanho poderia lhe proporcionar.

Francesca tinha fogo, era o que Thomas sempre achara. Desde o primeiro instante havia gostado dessa qualidade dela, que tinha servido

muito bem aos dois.

– Que nada, só fiquei esperando você para pedir – revelou Thomas. – Mas já sei o que quero. A jambalaia aqui é ótima, você devia experimentar.

– Na verdade, estou a fim de um peixe – disse Francesca. – Se tiverem filé de bagre, eu quero.

– Acho que é seu dia de sorte – ele comentou enquanto ela pegava o cardápio.

Após um momento continuou:

– Não quero apressá-la, mas teremos de ser rápidos. Preciso pegar Nathan na escola.

Os olhos azuis de Francesca se ergueram acima do cardápio para observá-lo com ternura. Seus cabelos compridos eram tingidos de um vermelho quase natural, e os olhos azuis lembravam a Thomas uma bola de gude que tivera quando garoto; só uma, e ele a havia perdido na primavera em que completara sete anos. Mas nunca se esquecera.

– E nessa área, como vão as coisas? – perguntou ela.

– Parece que está tudo caminhando direitinho – respondeu Thomas. – Trabalho durante a semana e brinco com o Nathan no sábado e no domingo. O melhor de dois mundos, para falar a verdade, considerando meu relacionamento com a Emily hoje em dia. Que é inexistente, para ser sincero.

Essa resposta pareceu satisfazer Francesca, porque seu olhar começou a vagar em busca da garçonete.

– E o livro novo, como vai? Qual o título?

– *Voando para Florestranha* – ele a lembrou. – É nesse que Resmungo e Penatesta enfim voltam para casa.

Isso deixou Francesca animada.

– Meu Deus, TJ – disse ela. – A garotada está implorando por ele há três anos, não é? Vai chover dinheiro para você.

– Para nós. – Thomas a corrigiu, passando os dedos pelos cabelos escuros e fartos. – Vai chover dinheiro para nós. E, por favor, Frankie, não me chame de TJ. Você sabe que eu detesto.

– Desculpe – mentiu ela. Então veio a garçonete, e, ao ver seu crachá, Thomas percebeu que havia esquecido o nome dela. Em menos de cinco minutos, o nome tinha sumido de sua cabeça. Ralhou consigo mesmo, e com as limitações da mente humana, e pediu sua jambalaia.

– Outra Voodoo? – perguntou a garçonete.

– Agora uma Coca – pediu. – Com uma rodela de limão.

Enquanto Francesca pedia, Thomas afundou um pouquinho na cadeira. Ela estava tão bamba quanto a mesa. Ele usava jeans, tênis novos e uma camisa de manga curta bem-feita com três botões no pescoço. Toda vez que começava a ter receio em relação às coisas que havia deixado para trás para se tornar um escritor – a centelha, o coração de sua obra –, Thomas lembrava a si mesmo de como tivera sorte.

Aquele era um jeito sensacional de ganhar a vida. No mais, tinha criado Florestranha, que as crianças do mundo inteiro adoravam. Como aquilo poderia ser ruim?

Na verdade, aquela pergunta lhe era agridoce. Ganhava muito dinheiro, tinha certa notoriedade e um patrimônio que quase com certeza sobreviveria a ele e também a seus filhos. Porém, quanto mais popular Florestranha ficava, quanto mais traduções surgiam em outras línguas, quanto mais artigos e brinquedos eram produzidos, menos a obra lhe pertencia. Menos se parecia com o que havia idealizado.

Como esse negócio de Resmungo e Penatesta. Quando os havia tirado da série em *Deixando Florestranha*, seu objetivo era que fossem embora de vez. Ele queria passar mais tempo desenvolvendo alguns dos outros personagens. Mas a reação das crianças e dos pais – sem mencionar a dos executivos de estúdios de cinema e de TV interessados na série – foi tão forte, que tinha sido praticamente obrigado a trazê-los de volta.

Os livros também haviam mudado sob outros aspectos. A figura central de toda a série Florestranha, O Garoto, sempre tinha sido uma pessoa sem importância, um garoto de seis ou sete anos que explorava um pequeno bosque atrás de sua casa, que, para ele, continha outros mundos fantásticos e criaturas extraordinárias, umas amigáveis, outras nem tanto. Mas, mais do que tudo, O Garoto era a janela do leitor para Florestranha.

Um dia, O Garoto já havia sido ele. Porém, muitos anos antes, enquanto Thomas escrevia *No coração de Florestranha*, isso mudou. O Garoto tinha saído pela porta dos fundos, e a mãe, como sempre, havia pedido que não fosse muito longe. Ele tinha seguido o Caminho Arranhoso, ladeado de arbustos repletos de espinhos, até as profundezas

do coração de Florestranha, onde a pequena cabana de Resmungo sempre tinha a lareira acesa.

Como sempre, já havia confusões à vista. Brigadeiro, o Pardo, tinha prometido ajudar o espantalho, Curbito Jerimum, a pôr em prática o último de seus planos para manter os Irmãos Corvo longe do campo de milho. Só que Brigadeiro era preguiçoso, bocejava o tempo inteiro e tinha ido tirar um cochilo no meio da manhã. O milharal de Curbito ficou indefeso, e os Irmãos Corvo levaram dezenas de espigas.

Quando O Garoto chegou, todo mundo estava atrás da cabana de Resmungo, não muito longe do campo de milho, discutindo a responsabilidade de Brigadeiro, ou a falta dela. Bem, todo mundo exceto Rabeca – que ainda estava em sua caverna – e alguns dos habitantes menos agradáveis de Florestranha.

Penatesta e Resmungo mantinham-se firmes ao lado de Curbito. A hiena, que todo mundo chamava de Risonho e sempre falava de si na terceira pessoa, achava aquilo tudo muito engraçado. Mas tinha pena de Brigadeiro, que, em suas próprias palavras, "não conseguia não dormir, assim como Risonho não conseguia não rir". O sr. Sinibundo não era o sinoforme mais inteligente de Florestranha, mas até ele achava que não tinha sido por mal.

Todos olharam para O Garoto em busca de uma opinião final, claro.

Enquanto ele decidia, Bob Dentelongo e Caracrânio, uma dupla intratável de ladrões e patifes que costumava tornar a vida em Florestranha desagradável sempre que podia, mudara-se para a casa de Resmungo e tomara posse dela.

Depois de O Garoto ter decidido que Brigadeiro deveria tentar ser mais atencioso e ajudar Curbito no campo nos dias seguintes como forma de se desculpar, todos planejaram tomar chá na casa de Resmungo. Apesar de seu mau humor, Resmungo fazia um chá excelente.

Mas a cabana de Resmungo tinha como que sumido. No seu lugar, ainda que parecesse exatamente a mesma, havia uma habitação supostamente novinha em folha de propriedade de Bob Dentelongo e Caracrânio. Seguiu-se uma série de tentativas malsucedidas de encontrar a antiga casa de Resmungo ou de tomar sua "nova" casa. Depois disso, claro, O Garoto motivou os outros a vencer a situação usando a inteligência e convencendo os vilões de que eles tinham, na verdade,

tomado *a casa errada*.

Foi aí que aconteceu.

Enquanto escrevia a cena, Thomas percebeu, pela primeira vez em mais de dez anos, que não sabia o que O Garoto ia dizer em seguida. O Garoto não era mais Thomas Randall. E Thomas não sabia quem ele era. Nathan, talvez? Quem sabe ninguém por enquanto.

Ninguém. Era isso o que mais o perturbava. Se O Garoto fosse um ninguém, um não personagem, como Thomas poderia sequer começar a entender o restante de Florestranha? Ele apenas iria adiante, escrevendo uma aventura atrás da outra, para cumprir contratos e atender expectativas. Mas faltava alguma coisa. Ainda que ninguém mais percebesse, Thomas percebia. Algo vital parecia ter sumido para sempre de Florestranha.

Nos momentos em que estava mais angustiado, Thomas se perguntava se esse distanciamento de sua criação não seria culpa da idade. Será que enfim tinha feito aquilo que havia jurado jamais fazer? Será que tinha crescido, esquecendo-se de como era ser criança?

Antes, ele sempre sabia se encontrar em Florestranha, como qualquer pessoa que realmente vivesse ali. Mas, agora, era só um visitante. Era como voltar à sua cidade natal depois de passar vinte anos longe e descobrir que tudo havia mudado.

Aquilo lhe causava dor no coração.

Mas a vida prosseguia.

– E aí? – perguntou Francesca, e Thomas levantou os olhos, vendo que ela o observava com expectativa.

– Desculpe, o que disse? – ele falou, depois balançou a cabeça. – Caramba. Desculpe, Frankie. Minha cabeça tem andado tão cheia esses dias. Ser um pai divorciado é ainda mais difícil do que ser um pai casado.

– Você é um ótimo pai, Thomas – Francesca o tranquilizou. Mas aquilo na verdade não ajudou muito. Ela só sabia o que ele contava, e não tinha como saber realmente se era ou não um ótimo pai. Contudo, ele estava tentando, e aquilo devia valer alguma coisa.

– O que é que você estava dizendo? – perguntou ele.

– Só estava curiosa para saber quando você ia me perguntar sobre as negociações com a Disney – ela explicou. – Era por isso que queria

almoçar hoje, não era?

Thomas fez uma careta.

– Estou com medo de perguntar.

Francesca deu um gole no chá gelado que a garçonete havia deixado na mesa enquanto Thomas não prestava atenção. Ela fez uma pausa e inspirou, como se elaborasse as frases seguintes com cuidado e muita antecedência. Ele nunca saberia se aquilo era genuíno ou apenas uma tática para se fazer parecer contemplativa. Funcionava, porém. E, para Thomas, era isso que importava.

– Querem dar o sinal verde para Florestranha se tornar uma série da ABC, que será exibida nas manhãs de sábado pelos próximos dois anos, e depois querem passar as reprises todo dia à tarde, quando começar a terceira temporada – ela contou. – Falei que você só teria interesse se Nelson DeCastro fizesse a voz do Resmungo.

Thomas esperou e arregalou os olhos, sinalizando para que ela continuasse. Por fim, foi obrigado a perguntar:

– E eles disseram…?

– Disseram que não havia orçamento para colocar Nelson na série – ela confessou. – Discuti com eles, falei do perfil do nosso público, das pesquisas, dos resultados dos testes. Eles não cediam. Queriam Billy Carroll, daquela comédia nova da Fox… Como é o nome mesmo?

Thomas suspirou, coçou a parte de trás da cabeça, em seguida suspirou de novo. Tomou um gole de sua Coca.

– Thomas? – insistiu Francesca.

– O nome daquilo é *lixo*, Frankie! – ele respondeu com veemência, a voz alta o bastante para chamar a atenção de diversas mesas. – Aquele cara não é engraçado o suficiente, não é ranzinza o suficiente, não é velho o suficiente… Que merda, o cara nunca nem fez uma dublagem!

Francesca não respondeu. O almoço chegou, e Thomas só ficou revirando a comida no prato. Depois de um tempo olhou para Francesca, o pedido de desculpas estampado em seus olhos castanhos. Outra vez passou a mão pelo cabelo curto e escuro, em meio aos quais os primeiros fios brancos começavam a aparecer na altura da têmpora.

– Desculpe – falou, envergonhado. – É que, você sabe, pra começar, eu nem queria colocar o Resmungo. Que droga, eu nem gosto daquele pentelho. Mas, quando escuto a voz dele na minha cabeça, é o Nelson DeCastro, sabe? Meu Deus, não sei por que continuo a fazer isso. Devia

terminar aquele livro de mistério.

– Aquele que você está escrevendo há onze anos? – comentou Francesca, a voz levemente sarcástica. – Achei que você gostasse de Florestranha.

Thomas a ignorou e tomou mais um gole de Coca. Olhou para a multidão no bar, batendo papo, paquerando, bebendo. Ao chegarem ali, tinham deixado o trabalho para trás. A maioria deles, pelo menos. Mas havia ofícios que não se podia deixar para trás. Pensamentos e ideias ficavam na cabeça, e enredos imploravam para ser desenvolvidos e explorados aonde quer que se fosse. Os clientes do bar eram felizes de certo ponto de vista. Mas Thomas não teria trocado de lugar com eles por nada neste mundo. Eles nem sabiam o que estavam perdendo, como era contar histórias. Entreter.

Aquilo era tudo o que sempre havia desejado: entreter. Particularmente, entreter crianças com histórias de Florestranha, um lugar com que sonhara a vida toda.

Seu olhar se desviou da janela, onde as sombras tinham tomado a calçada.

– Eles deram tudo o mais que a gente pediu? – perguntou Thomas.

– Nem titubearam – Francesca garantiu.

– O dinheiro?

– Sem problema – ela confirmou.

Thomas observava as pessoas passando na rua, voltando apressadas de seu almoço tardio, ou indo a reuniões do outro lado da rua ou da cidade. Nem sequer voltou os olhos para Francesca ao dizer:

– Pode fechar o negócio.

Thomas levou a mão até a Coca, olhou para baixo um instante e viu o líquido marrom, os cubos de gelo e a rodela de limão. Com uma expressão de decepção no rosto, recordou a si mesmo como era sortudo e seguiu adiante.

Ao levar o copo aos lábios, Thomas olhou para a entrada do restaurante, depois para o bar e, por fim, através da janela, onde viu diversas pessoas passando lá fora.

Uma delas era um anão com um chapéu de feltro verde.

O copo bateu levemente contra seus dentes e parou ali. Thomas o abaixou devagar.

– Thomas, o que foi? – perguntou Francesca, preocupada.

Ele já se levantava, empurrando a cadeira para trás.

– Me dá só um segundo, ok? – balbuciou, sentindo-se um tanto ridículo, mas incapaz de se conter. – Já volto.

Ao passar pelo bar, acelerou o passo. Abriu a porta de vidro com um empurrão firme e ficou olhando na direção oeste, a cabeça movendo-se com rapidez para a esquerda e para a direita enquanto tentava enxergar além das pessoas que passavam pela calçada. Sua inércia atrapalhava a maré humana ao redor, por isso partiu na mesma direção em que tinha visto… na mesma direção em que sua presa seguia.

Resmungo.

Thomas se apressou, agora desviando-se das pessoas para ir mais rápido, e se deteve outra vez na esquina da Broadway. Constrangido, achando-se ainda mais tolo, olhou rumo ao norte e ao sul, depois deu uma última espiada a oeste. De um anão impertinente com uma queda por chapéus verdes de feltro, nem sinal.

Não que realmente achasse que tinha visto Resmungo. Já havia feito terapia, mas porque isso era obrigatório para gente criativa, e não porque fosse psicótico. Mesmo assim, só pelo vislumbre que tivera do homem que havia passado pelo restaurante, a semelhança era intrigante. Naquele vislumbre, e usando um chapéu de feltro verde, que implicava outros terem feito algo semelhante à sua criação, ele se parecia mais com o Resmungo da cabeça de Thomas do que a interpretação de qualquer artista.

Tinha sido meio sinistro, para dizer a verdade.

Mas, enquanto entrava de novo no Live Bait e via Francesca olhando-o em expectativa, as possibilidades que lhe haviam ocorrido no momento em que vira o homem passar começaram a se desenrolar. Se um pedestre com deficiência de verticalidade e senso de humor pudesse fazer com que o homem que criara Resmungo olhasse uma segunda vez…

– Acabei de ter uma ideia genial – disse, outra vez pegando sua Coca.

– É isso, então? – ela perguntou, provocando. – Achei que você tinha visto seu carro sendo rebocado ou algo assim.

Thomas sorriu, a mente trabalhando.

– E se fosse com atores? – perguntou. – Por que nunca discutimos de verdade essa possibilidade? Quer dizer, sei o que vão dizer: "*Willow* tinha um anão e foi um fracasso!". Mas o Resmungo é só um dos

personagens.

Um homem que se levantou atrás de Thomas bateu a cadeira contra a dele e não se deu ao trabalho de pedir desculpas. Thomas mal o notou, perdido nos próprios pensamentos. Francesca meditava, contemplando Thomas por cima de seus dedos, cujas extremidades apoiavam-se umas nas outras.

– Eu sei o que você vai dizer – ele se antecipou. – É caro demais. Mas, com o que dá pra fazer no computador hoje em dia, não ia sair tão caro. Não mais do que a animação, provavelmente.

– Nunca fizeram *Ursinho Puff* com atores – Francesca respondeu por fim, deixando que uma grossa mecha de cabelo vermelho ficasse por cima de seu olho esquerdo. Ela não a afastou. Estava concentrada demais.

– Não é verdade. Fizeram uma vez, mas foi bem barato, e bem ruim. Ninguém nunca investiu de verdade naquilo, mas isso porque os personagens do *Ursinho Puff* são bichos de pelúcia, o que torna muito mais difícil de acreditar – rebateu Thomas. – Esse caso é diferente. Todas as criaturas de Florestranha supostamente são de carne e osso. O lugar é mágico, mas real.

Francesca então desviou o olhar. Seus olhos percorriam o restaurante em busca de nada em particular. Thomas já a conhecia há tempo mais que suficiente para saber que aquilo significava que ela tinha algo a dizer, mas que achava que ele não ia querer ouvir.

– Que foi? – perguntou ele. – Não entendo por que você não está levando fé nessa minha ideia.

Passou-se algum tempo antes de Francesca voltar a encará-lo. Mordeu o lábio inferior de um jeito que poderia ter sido sexy se houvesse alguma atração física entre eles. Em vez disso, Thomas só se sentiu frustrado por ela estar se contendo.

– Frankie, que foi? – ele suplicou.

– Posso tentar vender essa ideia se você quiser – ela cedeu. – Mas não sei se alguém vai comprar.

– Pelo amor de Deus, e por que não? – perguntou ele, incrédulo. – Essa é a série de livros infantis mais popular em décadas. Por que não iriam querer comprá-la?

– Até podem – ela explicou. – Mas, e vou repetir, esta é só a minha opinião, acho que Florestranha com atores poderia assustar algumas

crianças, e meu receio é que os estúdios achem a mesma coisa.

– Assustar? – repetiu Thomas. – Você deve estar brincando! Bom, é óbvio que você não está brincando. Quando você brinca não é assim. Mas espere um pouco… O que é que tem de tão assustador em Florestranha?

– Tem muita coisa assustadora em Florestranha – ela insistiu. – Metade da diversão vem daí, e também metade da razão da popularidade. Mas a representação com atores é… sei lá, real demais. No entanto, veja, vou tentar vender a ideia que você quiser.

Thomas agora sentia-se um pouco mal-humorado. Entendia o que Francesca queria dizer; tinha de admitir que ela tinha razão. Havia um ar ameaçador em praticamente tudo o que acontecia em Florestranha. Resmungo, por exemplo, era muito querido porque era um valentão, um personagem potencialmente perigoso, não importando quão adorável fosse. Ele carregava um par de revólveres de cano longo em coldres sob os braços. Nos livros, já havia ameaçado a vida do sr. Sinibundo mais de dez vezes. E, do jeito que Thomas tinha escrito, Resmungo estava falando sério.

Mas, ainda assim…

– Apenas jogue um verde, está bem? – concluiu Thomas. – Se a Disney levar os direitos de animação, o negócio vai ficar quente. Mesmo sem Nelson DeCastro.

– O criador é você – respondeu Francesca.

Por alguma razão aquela resposta lhe pareceu divertida, e Thomas abriu um grande sorriso.

– Pois é – disse. – É isso que vou botar na minha lápide.

A luz do sol da tarde se refletia, alaranjada, no aço e no vidro, enquanto Thomas pilotava seu sedã Volvo pela avenida Saw Mill. Nathan estava na pré-escola em Santa Brígida, Tarrytown, onde ainda morava com a mãe. Thomas tinha mudado para Ardsley, a poucos quilômetros de distância, logo depois da separação. Perto o bastante, longe o suficiente.

Às sextas, Nathan participava de atividades extracurriculares, por isso Thomas tinha o dia inteiro de trabalho antes de pegá-lo. Na maior parte das semanas, quando não precisava ir a Manhattan para alguma reunião, como naquele dia, aparecia na escola às três horas.

Agora já eram cinco, e o trânsito na avenida estava parado. A Irmã

Margaret esperaria, claro. Era uma senhora adorável, nada parecida com a Irmã Teresa, a velha bruxa que fazia todo mundo se sentir mal na época em que Thomas havia cursado o ensino médio em Santa Brígida.

A escola era a propriedade mais tediosa e comum que já fizera parte dos anais imobiliários do catolicismo. A igreja de Santa Brígida era uma belíssima construção, com um elevado pináculo e uma enorme cena da crucificação num vitral ovalado acima do altar. Contudo, a reitoria, do outro lado da rua, e a escola ao seu lado poderiam perfeitamente ser *bunkers* militares.

Quando Thomas parou o Volvo no estacionamento atrás da escola, já tinham se passado vinte minutos das cinco. A Irmã Margaret estava nos degraus, com um sorriso celestial no rosto, observando Nathan bater apagadores. Quando Thomas fechou a porta do carro, ela lhe dirigiu um olhar severo. Ocorreu-lhe que as freiras não eram mais tão imponentes, agora que o pensamento contemporâneo permitia que a maioria delas andasse à paisana em vez de usar o tradicional hábito preto e branco. A Irmã Margaret, porém, era bastante intimidadora, mesmo sem a roupa de pinguim. Isso se você não soubesse quanto ela era meiga.

– Papai! – gritou Nathan, todo feliz e cheio de sorrisos, ainda que com os olhos semicerrados para enxergar através de uma nuvem de pó de giz. – Só preciso terminar com esses apagadores e podemos ir!

– Sem problemas, amigão – respondeu Thomas, rindo consigo mesmo. Nathan era um garotinho zeloso. Uma boa criança, de verdade. Seus olhos eram de um azul claríssimo, azuis como os de Paul Newman, como sempre dizia Emily, e seu cabelo, de um louro-areia que podia ficar mais claro ou mais escuro conforme ele crescesse. Inteligente, saudável, bonito, sociável. Esse era Nathan. O casal Randall, na época em que Thomas e Emily ainda podiam ser chamados assim, tinha sido extremamente afortunado.

Mas a alegria da chegada de Nathan só fez retardar o inevitável. Pensar em Emily fez Thomas se lembrar de uma de suas canções favoritas dos anos 1970, do The Manhattans. *Some people are made for each other, some people can love one another for life. How 'bout us?*[1]

Ele sempre tinha acreditado plenamente nessa tolice romântica. Pelo menos até a vida real se intrometer em seus devaneios radiofônicos. Havia sido um golpe e tanto. A verdade da resposta – que evidentemente tinha sido "não" – o ferira profundamente.

Entropia. O amor murcha. Nem o ouro pode durar. O tempo voa.

Que bosta mais depressiva, isso tudo. Mas, no fim das contas, ele tinha uma carreira de sucesso, e tinha Nathan. Assim, apesar das mágoas, Thomas era um homem relativamente feliz.

– Mil perdões, Irmã – disse, ao subir os degraus, exibindo muito bem o respeito nele inoculado ao longo dos anos passados em Santa Brígida.

– Dessa vez você está perdoado, Thomas – advertiu a freira, ainda que o sorriso já tivesse voltado a seu rosto. – Mas só porque normalmente você chega bem cedo.

– Obrigado, Irmã Margaret. A senhora é a melhor – respondeu Thomas.

Ele fez menção de se virar para chamar Nathan, mas foi interrompido pela mão da freira, suavemente pousada em seu ombro.

– Thomas? – chamou, e ele se voltou de novo para ela, desconcertado por seu tom.

– Está tudo bem entre você e Emily esses dias? – perguntou ela, corando levemente em seguida. – Quer dizer, além do óbvio. Será que houve algum outro estresse ou… alguma hostilidade que Nathan tenha notado?

Havia uma preocupação genuína em sua pergunta, por isso Thomas não tentou evitá-la, como teria feito com qualquer outra pessoa que quisesse se meter em sua vida pessoal.

– Por favor, compreenda, só estou interessada no bem-estar do Nathan – continuou ela, obviamente preocupada com a possibilidade de tê-lo ofendido.

– Entendo perfeitamente, Irmã – respondeu ele. – Mas, tirando o estresse do divórcio, não sei de mais nada… Quer dizer, Emily e eu estamos nos esforçando muito para deixar tudo o mais fácil possível para Nathan. Será que alguma coisa o incomoda?

Irmã Margaret franziu a testa, depois arqueou as sobrancelhas e suspirou.

– Nada em particular, Thomas – admitiu ela. – Ele só parece muito distraído esses dias, e perguntei se algo o estava aborrecendo, e ele contou que estava triste, mas isso não é incomum em filhos de pais divorciados.

Thomas notou que, ao contrário de muitos outros membros do clero que conhecera, Irmã Margaret não tinha pronunciado a palavra

“divórcio” com uma conotação obscena. E sentiu uma gratidão imensa por isso.

– Acho que não é nada – disse ela por fim.

– Vou conversar com ele – decidiu Thomas. – Obrigado pela preocupação, Irmã.

– Ele é um menino excelente, com uma imaginação extraordinária – falou a Irmã Margaret com entusiasmo. – Acho que isso não surpreende numa criança cujo pai criou Florestranha, mas ainda assim é uma qualidade admirável.

Um sorriso travesso percorreu o rosto de Thomas.

– Por acaso eu disse algo engraçado, senhor Randall? – perguntou Irmã Margaret, fingindo consternação.

– Estava pensando no meu tempo aqui em Santa Brígida – respondeu Thomas. – Antigamente, as freiras tentavam reprimir minha imaginação o máximo que podiam. Eu ficava desenhando e escrevendo o tempo todo, e elas achavam que eu era esquisito, que tinha um problema disciplinar, porque não era *sério* como as outras crianças.

– Era assim que se pensava antigamente – concordou a Irmã. – Hoje em dia nós incentivamos a imaginação. O estímulo criativo é bom para a criança, e talvez possa vir a ser bom para o mundo. É um dom de Deus.

– Papai, podemos ir agora? – perguntou Nathan, exasperado. O garoto havia se aproximado após terminar de bater os apagadores, mas sua paciência, que, devia-se admitir, era limitada, tinha se esgotado.

– Claro, amigão – concordou o pai. – Despeça-se da Irmã Margaret, e vamos comer aquela pizza que eu prometi.

– Pepperoni?! – gritou Nathan.

– Com certeza – respondeu Thomas.

Nathan deu um grito de alegria, acenou para a Irmã Margaret e correu para a porta de trás do Volvo do pai. Thomas pôs a mão no bolso e pegou a chave. Apertou o botãozinho no chaveiro para desativar o alarme do carro e soltou um “obrigado” para a freira, que já ia sumindo escola adentro.

Thomas abriu a porta, pediu que Nathan colocasse o cinto e deu mais uma olhada na escola antes de tomar o próprio assento. Era um prédio antigo, de granito e cimento desbotados. Sempre o achara um tédio letárgico. Mas, pela primeira vez, notou nele uma simplicidade elegante, no nome gravado acima da porta, no crucifixo pendurado ali.

O estacionamento também era o *playground*, onde ele e seus colegas tinham passado o recreio havia tantos anos. Com o som da brisa murmurando através das folhas dos enormes carvalhos que ainda se encontravam nos limites do estacionamento, o cálido sol do fim de tarde batendo no asfalto e o canto dos pássaros, tão familiar que mal se notava… Ele voltou no tempo. Mas só por um instante.

Queria desesperadamente que Nathan sentisse todo o prazer que ele sentira naqueles anos. Todo, e ainda mais.

– E aí, como vão as coisas, Nathan? – perguntou ele ao dar a partida no Volvo.

O garoto não respondeu.

– Nathan? – Thomas insistiu, enquanto olhava para os dois lados da Broadway, antes de virar à esquerda e ir para o sul, rumo a Ardsley.

Nenhuma resposta.

Thomas virou-se para ver o que o garoto olhava tão absorto, um ponto no nível de seus olhos, próximo dele no banco de trás, enquanto sussurava algo incompreensível.

Ah, pensou Thomas. Macieira.

# Capítulo 2

Thomas “TJ” Randall era filho de militar. Seu pai fora transferido tantas vezes – de Massachusetts para o Texas, da Califórnia para a Virgínia –, que ele e Tricia, sua irmã mais velha, nunca haviam passado mais de dois anos na mesma escola. Pelo menos não até o pai morrer, e, mesmo assim, ainda demorou alguns anos para isso, até que a mãe, Ruth Randall, se mudasse com os filhos para North Tarrytown, sua cidade natal, no estado de Nova York. Na época, Thomas estava no sétimo ano.

Desde então, aquele foi o único lugar que ele chamou de lar.

Sua mãe faleceu um mês antes de ele se formar na faculdade, e Tricia havia muito tempo tinha se mudado para Los Angeles, onde trabalhava como assistente de produção numa pequena produtora de TV. Ela só voltara ao lugar que Thomas chamava de lar duas vezes – para o funeral da mãe e para o batizado de Nathan. Eles se falavam meia dúzia de vezes por ano.

Thomas amava a irmã. Só não a conhecia muito bem. Tampouco se esforçava para mudar essa situação. Escrever era um ofício solitário, exceto pelos amigos que tinha feito no ramo – com quem falava quase exclusivamente por telefone ou e-mail – e por sua agente. Talvez essa fosse parte da razão pela qual sentia tanta dificuldade em se desapegar totalmente de Emily. Ela era a única pessoa em sua vida que o conhecia de verdade, como ele realmente era.

Nos momentos mais sombrios, Thomas se perguntava o que o fato de não conseguirem viver mais juntos dizia sobre ele.

Contudo, enquanto tivesse seu trabalho e Nathan, Thomas estaria contente. Havia muitas coisas que desejava poder mudar em sua vida, mas achava que todas as pessoas passavam por isso. No entanto, apesar dos momentos de solidão, a vida era prazerosa. Tudo o que precisava

fazer durante aqueles momentos sombrios era olhar nos olhos do filho.

North Tarrytown havia, recentemente, vencido a batalha para voltar a usar o nome de Sleepy Hollow, pois uma lenda da região dizia que Washington Irving havia criado ali suas histórias do Cavaleiro Sem Cabeça, de Rip van Winkle e de outros personagens fabulosos. Thomas tinha até frequentado a Escola Secundária Sleepy Hollow, que havia orgulhosamente ostentado esse nome muito antes de a cidade voltar a adotá-lo.

Thomas pegou a Broadway e passou por Sleepy Hollow e depois por Tarrytown, olhando de vez em quando para a ponte Tappan Zee, que se estendia sobre o Hudson, banhada pela lânguida luz da tarde. Colina acima, à esquerda, estava o Marymount College, onde sua mãe havia estudado.

De olhos semicerrados contra a luz do fim do dia, Thomas pegou os óculos de sol no painel e os colocou. Deu uma olhada para o banco de trás e viu Nathan ainda conversando, em algum idioma sem sentido, com ninguém em particular.

Pelo menos, era isso que parecia. Thomas Randall, porém, sabia muito bem o que acontecia ali. Sabia exatamente com quem o filho falava.

Macieira era o amigo imaginário de Nathan. Pelo que Thomas e Emily haviam conseguido entender, o companheiro invisível era um garotinho ruivo sempre mal-humorado, dois ou três anos mais velho que Nathan. A primeira aparição de Macieira tinha sido não muito depois de Thomas e Emily decidirem se separar. Não era incomum crianças dessa idade terem amigos imaginários, e menos ainda nos casos em que havia problemas domésticos. Ou pelo menos foi isso que dissera a dra. Morrissey, a terapeuta.

– Nathan – ele chamou outra vez.

O garoto não respondeu.

– Nathan! – insistiu, um pouco ríspido, colocando a mão no ombro do filho. Finalmente Nathan voltou-se para olhá-lo de frente.

– Estamos perto, papai? – perguntou Nathan, como se a viagem estivesse demorando horas.

– Você sabe onde estamos. Chegaremos em cinco minutos – respondeu Thomas, sorrindo. – Será que o Macieira também quer pizza

de pepperoni?

Nathan fez menção de abrir um grande sorriso, como costumava fazer antes de dizer ao pai que ele era um bobo, mas o sorriso logo se esvaiu, e o garoto franziu a testa.

– Macieira não está com fome – assegurou o garoto. – Mas eu estou!

– Ótimo, sobra mais para nós dois – respondeu Thomas – Por que o Macieira não quer comer?

– Ele está sendo bobo, papai – disse Nathan. – Está com medo.

– Com medo? – perguntou Thomas, e foi sua vez de franzir o cenho. Perguntou-se se aquela não seria a causa da distração de Nathan. Ele sabia que a Irmã Margaret só falaria sobre o comportamento de Nathan se o garoto realmente estivesse agindo de um jeito estranho. E ela já conhecia o Macieira, portanto não se referira apenas ao comportamento comum de Nathan.

– Por que o Macieira está com medo? – perguntou Thomas. – Ninguém pode vê-lo nem ouvi-lo. Só você. E você nunca iria machucá-lo.

A lógica de uma criança de cinco anos. Thomas sempre se esforçava ao máximo para argumentar com Nathan, mas já tinha passado daquela idade havia muito tempo. Cinco anos. O que é que se tem na cabeça com essa idade? Ele não conseguia lembrar.

– Não sou só eu que consigo vê-lo, papai – falou Nathan, sério. – O Macieira está com medo de que o machuquem, ou de que o levem embora pra sempre.

Subitamente, Thomas se pegou lamentando muitíssimo que ele e Emily não tivessem continuado a levar Nathan à dra. Morrissey. Era óbvio que o garoto sofria de ansiedade profundamente enraizada, causada pelo divórcio. A culpa havia mostrado a cara, mas Thomas a mandara embora. Nathan estava em melhor situação sem precisar ouvir os pais brigando o tempo inteiro.

Às vezes, porém, a culpa era mais forte que a razão. Thomas ficou até um pouco nauseado ao pensar que poderia ter provocado tanta dor e tristeza no filho.

– Ninguém vai machucar o Macieira, amigão – prometeu a Nathan, forçando um sorriso. – Ninguém vai tirá-lo de você.

– O Macieira não acredita em você, papai! – gritou Nathan, ficando cada vez mais agitado. Ainda que de início parecesse desconfiado em relação às opiniões imaginárias do amigo imaginário, agora elas

pareciam deixá-lo nervoso. – Vão levá-lo e machucá-lo. Talvez até matem ele, papai! – insistiu Nathan.

Então vieram as lágrimas.

Thomas parou no acostamento e ligou o pisca-alerta ao soltar o cinto de segurança. Estendeu o braço, soltou o cinto de Nathan e puxou o filho para um abraço esmagador – enquanto xingava a si mesmo. Sabia que não era sua culpa. Era só a vida. Mas saber e sentir eram coisas diferentes; e o que *sentia* era um tantinho mínimo de ódio de si mesmo.

– Calma, Nathan, está tudo bem – sussurrou. – O papai está aqui. Não vou deixar ninguém machucar você… nem o Macieira.

– Você não pode fazer nada, papai – choramingou Nathan. – O Macieira está dizendo que vão pegar ele de qualquer jeito.

– Quem é que vai pegá-lo, amigão? – Thomas perguntou ao filho, confuso com a insistência do garoto. – Quem vai machucá-lo?

– Todos eles. Penatesta, Resmungo, Bob Dentelongo e as Ninfas de Madeira. O Chacal Lanterna vai machucar o Macieira, papai. Todos eles querem fazer mal a ele! – Nathan berrava em meio a lágrimas.

Thomas só conseguia fitar o filho. Florestranha. Nathan falava dos personagens de Florestranha, os personagens sobre os quais Thomas – sob o nome TJ Randall – havia escrito durante a maior parte de sua vida adulta; os personagens que todo esse tempo tinham proporcionado uma vida confortável à família Randall.

– E por que… por que é que eles fariam uma coisa dessas? – perguntou Thomas, sem se dar conta do absurdo da pergunta.

– O Macieira está dizendo que é porque ele está aqui comigo, e eles… eles ainda estão em Florestranha – respondeu Nathan, cuja voz vacilava, mas cujas lágrimas já começavam a rolar.

– Calma, Nathan – pediu Thomas ao filho, tentando argumentar com ele. – Você sabe que os personagens de Florestranha não são de verdade. Foi o papai que inventou todos eles. E, mesmo que fossem de verdade, ora, Resmungo e Penatesta jamais seriam amigos do Bob Dentelongo e dos outros.

Isso, pensou. A lógica de uma criança de cinco anos.

E pareceu funcionar, porque o humor de Nathan melhorou imediatamente.

– O Macieira só está sendo bobo – continuou Thomas. – Ora, quem não ia querer comer pizza de pepperoni?

– Bobo – concordou Nathan, olhando para o espaço vazio onde supostamente estaria Macieira.

O garoto não falou com o amigo invisível durante o resto da viagem até o Pizza Palace. Na hora em que estavam comendo, a conversa havia passado para caixas de areia, balanços e por que o leite achocolatado era a melhor das criações de Deus.

Porém, Thomas ficou pensando no incidente. Prometeu a si mesmo que falaria com Emily a respeito quando fosse deixar Nathan em casa. Era hora, pensava, de fazer uma visita à dra. Morrissey.

Quando terminou de fazer panquecas para Nathan na manhã de sábado, a mente de Thomas estava novamente no negócio com a Disney e na possibilidade de fazer Florestranha com atores. A ameaça à vida e ao bem-estar de Macieira tinha sido esquecida.

Nathan estava todo feliz, cheio de xarope de bordo espalhado pelo queixo. O sol aquecia a cozinha, apesar da fria brisa que soprava pela janela sobre a pia. O dia estava bonito. Nathan tagarelava empolgado sobre Jonny Quest, Scooby Doo e alguns de seus outros desenhos favoritos daquela máquina do tempo da animação que era o Cartoon Network. Thomas estava mais feliz do que em qualquer outro momento mais recente de que conseguisse se lembrar. Contente por poder dividir com o filho seu amor por certos desenhos. Coisas tão simples!

Enquanto conversavam e faziam caretas bobas no café da manhã, Thomas outra vez se parabenizou por ter tido a ideia de alugar uma casa, e não um apartamento. Nathan tinha o próprio quarto e efetivamente devia descer a escada para o café da manhã. De algum modo, aquilo parecia importante. Dava a impressão de que aquela era sua verdadeira casa, em vez de só a casa do pai, onde passava o fim de semana.

A casa era ótima. Thomas tivera sorte ao encontrá-la, e o preço era razoável. Afinal, apesar do dinheiro que ganhava, custava bastante bancar casas separadas para ele e para Emily – ela tinha um bom emprego como diretora de Recursos Humanos da Sentinel Software, mas o salário não dava para pagar a hipoteca, a escola e outras contas –, sem mencionar o custo de criar Nathan… Bem, ele tinha conseguido um bom negócio com a casa. Era em estilo colonial tradicional, mas tinha só alguns anos. No andar de cima havia três quartos, um dos quais Thomas

usava como escritório. Embaixo, ele havia transformado aquilo que poderia ser uma sala de jantar em biblioteca. Fora isso, tinha só uma sala de estar e uma cozinha. E banheiros, claro; um em cada andar.

A casa, em preto e branco, estava em boas condições, embora não tivesse muita personalidade. Era nova demais, e Thomas não se preocupou em decorá-la, limitando-se a preenchê-la com seus livros e DVDs. Há anos não lia quadrinhos, mas ainda tinha a coleção que fizera durante a faculdade e aguardava o momento em que Nathan pudesse efetivamente se interessar por ela. Se é que algum dia ele gostaria de quadrinhos. Com a internet e os videogames, as crianças não passavam muito tempo lendo nada.

Nem livros.

É verdade, as crianças adoravam Florestranha quando a conheciam. Mas Thomas via que sua plateia – a de TJ Randall – era composta mais de pais do que de filhos. Para seu grande prazer, Nathan já era um consumidor voraz de livros e histórias.

Uma brisa errante soprou forte pela cozinha.

– Papai, posso tomar mais suco? – perguntou Nathan.

Thomas foi pegar a bebida e em seguida começou a lavar a louça do café. Quando acabou, tomou uma chuveirada enquanto Nathan assistia aos desenhos do Super-Homem.

– O dia vai ser ótimo, amigão – anunciou enquanto se secava. – E se a gente fosse ao zoológico?

Nem o Super-Homem podia competir com o Zoológico do Bronx. Nathan ficou feliz e fez uma dancinha, que era sua marca registrada desde os dois anos de idade. Thomas sentiu o coração se agitar e abriu um sorriso tão grande que achou que seus lábios, levemente secos, iriam rachar.

– Vamos! – gritou Nathan.

Thomas colocou os dois polegares para cima.

– É pra já! – respondeu, e Nathan repetiu o gesto e a frase.

Mais tarde, enquanto comiam algodão-doce e viam os macacos brincar uns com os outros, Thomas surpreendeu a si mesmo desejando que Emily estivesse com eles. Uma tristeza inesperada e indesejada começou a se insinuar na perfeição do dia, como que maculando-a.

– Está vendo seus amigos, Nathan? – perguntou, para expulsar aquele sentimento. – Macaquinhos; exatamente como a mamãe sempre chama

você.

Nathan olhou para ele de um jeito estranho.

– A mamãe não me chama de macaquinho, papai – replicou o garoto, como se o pai estivesse delirando.

Thomas fez uma careta. Quase protestou, mas percebeu que já fazia um bom tempo que não ouvia Emily chamar Nathan de “macaquinho”. Era possível que o menino simplesmente tivesse esquecido. A tristeza ameaçou vir com força total, mas Thomas a mandou embora. Eles agora estavam criando novas lembranças felizes. Assim era a vida. O presente. Não o passado, nem o futuro. É tão terrível a rapidez com que as crianças crescem, e Thomas queria aproveitar ao máximo cada dia com o filho.

* * *

Nathan já não tinha mais idade para sonecas, mas adormeceu por alguns instantes enquanto voltavam do zoológico. O dia havia sido exaustivo, e Thomas tinha a sensação de que podia cair no sono também. Mas alguém precisava dirigir o carro. Enquanto subiam a rampa de entrada da casa em Ardsley, notou que Nathan segurava uma longa pena verde nas mãos e se perguntou onde o garoto teria arrumado aquilo. Devia ter vindo, concluiu, da casa dos papagaios no zoo, ainda que Thomas não conseguisse se lembrar de ter visto pássaro nenhum com uma penugem verde tão vibrante. Ela era tão brilhante que parecia artificial, como se fosse pintada.

Quando Thomas desligou o motor, Nathan se mexeu, e a pena desapareceu entre o assento do carro e a porta do passageiro.

– Chegamos, Nathan – avisou. – O que você quer jantar?

– Pizza de pepperoni – respondeu Nathan de modo previsível.

– De novo? Não acho uma boa ideia. Que tal um peixinho empanado com batata frita? – perguntou Thomas.

Nathan concordou em silêncio, ainda sonolento. Thomas sorriu, sabendo que ficaria acordado até tarde com o garoto, agora que ele havia tirado uma soneca. Tudo bem. Já havia planejado apresentar Nathan ao maravilhoso mundo dos filmes japoneses de monstros naquele fim de semana. Só torcia para que o filho não tivesse pesadelo.

– PAPAI! PAPAAAAAAIIII!

Os olhos de Thomas pestanejaram um instante antes que ele percebesse que estava realmente acordado. Mesmo assim, o que quer que o tivesse acordado ainda era parte do mundo de sonhos que tinha acabado de deixar. Seu cérebro estava enevoado, e a névoa precisava ser dissipada antes que qualquer pensamento verdadeiro se concluísse.

O grito de Nathan o fez voltar à realidade.

– Papaaaaaiii! – gritava o filho do outro lado do corredor.

Havia na voz de Nathan um tremor, um lamento tal que fez Thomas se lembrar de antes do divórcio, quando o filho era menor e mais propenso a acordar durante a noite. O garoto estava sozinho e assustado. Tivera um pesadelo.

– Maldito seja você, Godzilla – Thomas resmungou, e se apressou ainda mais. – Estou indo, amigão! – gritou. – Está tudo bem!

De cueca e camiseta, Thomas correu pelo corredor até chegar ao quarto de Nathan. Algo delicado e verde se mexeu perto de seus pés, incomodado pela sua passagem. Uma pena verde? A mesma que achava que Nathan havia deixado no carro.

Quando empurrou a porta do quarto do filho, já tinha esquecido a pena. A fantasmagórica incandescência da luminária lançava uma palidez de lamparina a gás sobre o edredom de Nathan. Sombras se aglomeravam nas dobras das roupas de cama, nos travesseiros e no próprio Nathan, que se encolhia junto da cabeceira. Com lágrimas correndo pelas bochechas, o garoto olhava fixamente, num terror completo, para a imensidão de trevas. Apenas por um instante, enquanto Thomas tentava olhar mais de perto aquilo que tanto assustara seu filho, as sombras não pareciam mais sombras.

Em vez disso, pareciam ter se transformado em manchas de sangue azulado, encharcando os lençóis e o edredom, molhando as paredes… respingando em Nathan. Thomas recuou, piscou diversas vezes e gaguejou o nome do filho.

– Na… Nathan? – perguntou, e, no momento em que a palavra saiu, as sombras voltaram a ser apenas sombras, e Thomas percebeu que nunca haviam sido nada além disso. Perguntou-se se, talvez, não devia começar a tomar mais cuidado com o que assistia antes de dormir. Ou talvez fosse só a culpa vindo acertar as contas com ele.

– Papai! – gritou Nathan. – Papai, me salve!

Ele correu para o lado do filho, tomou-o nos braços e sentou na beirada da cama. Nathan, chorando, enterrou o rosto no ombro do pai. Thomas apertou-o com força, sussurrando palavras de conforto e amor em seu ouvido.

– Foi só um sonho ruim, docinho – prometeu, ainda que tivesse deixado de chamar Nathan de "docinho" havia dois anos, por medo de que o carinho fosse feminino demais para um garoto. – Foi só um sonho ruim, o papai está aqui agora. Não vou deixar ninguém te fazer mal.

Nathan continuou chorando, os braços em volta do pai como se fosse ser arrancado do calor do abraço de Thomas a qualquer momento. Aquilo era tudo o que Thomas podia fazer para não chorar também. Não importava o que o garoto pudesse ter sonhado, não conseguia deixar de se sentir parcialmente responsável.

Nada do que Thomas dizia parecia acalmá-lo, até que segurou Nathan com força e olhou em seus olhos assustados.

– Ei, ei, calma, calma – pediu Thomas. – Nathan, amigão, você já teve pesadelos antes. Está tudo bem, o papai está aqui agora. Com o que você sonhou?

– Você não viu o sangue, papai? – gritou Nathan, como se as palavras de conforto do pai só servissem para deixá-lo ainda mais ansioso.

A pergunta provocou um sobressalto em Thomas, mas ele afastou a lembrança daquilo que achava ter visto na penumbra momentos antes. Naquele quarto não havia nada além de Nathan e dos fantasmas que sempre são criados por uma luminária e pela imaginação de um garotinho. E pela dor de uma família dividida.

– Não tinha sangue nenhum, Nathan – insistiu. – O que quer que você tenha sonhado, foi só um pesadelo. Não foi de verdade. Você sabe disso, amigão. Já é um garoto crescido. Agora conte pro papai como foi o sonho, e vou lhe mostrar que não foi real.

Nathan o olhou, hesitante por um momento, soluçando. Então seus olhos vagaram pelo quarto enquanto se lembrava do sonho, e o choro recomeçou.

– Eles vieram me pegar, papai! – gritou Nathan. – Vieram me pegar; queriam me levar enquanto eu estava dormindo. Mas o Macieira não deixou, papai. Ele não deixou que se aproximassem de mim… e aí eles mataram o Macieira!

Uma terrível sensação de terror se instalou no estômago de Thomas.

Ela lembrava, devido à observação daquele instante bizarro que havia se tornado familiar ao longo dos anos, a sensação que tinha quando sabia, com certeza, que iria vomitar, e também a certeza de que não podia fazer nada para impedir aquilo.

– Ninguém pode ter matado Macieira, Nathan – insistiu Thomas, inclinando a cabeça para olhar o filho nos olhos. – O Macieira não é real. Lamento dizer, mas ele não é real. Só existe na sua imaginação, e acho que você já sabe disso, não é? Ele é tão real quanto os personagens que eu criei para Florestranha.

– Não! – gritou Nathan, agora com raiva. – O Macieira me salvou, e *mataram* ele, papai! Eu vi. Eles mataram o Macieira!

– Eu não… Quem são *eles*, Nathan? – perguntou Thomas, por fim, ainda que suspeitasse saber a resposta. – Quem matou o Macieira?

O corpo de Nathan ficou imóvel, enquanto o garoto encarava Thomas. O terror tinha ido embora, dando lugar ao pesar e ao choque – emoções reais demais para uma criança de carne e osso sentir sobre o assassinato onírico de um amigo imaginário.

– Nathan? – insistiu Thomas, com dor no coração.

– Foram eles, papai – sussurrou Nathan, tomado por uma calma gélida. – Eles estavam atrás de mim. Queriam me levar, me tirar de você e da mamãe. Principalmente de você, eu acho. Mas o Macieira… Foram o Penatesta e o Resmungo – confessou o garoto, e então voltaram as lágrimas, e Nathan outra vez enterrou o rosto no ombro do pai, chorando até conseguir dormir novamente.

Durante todo aquele tempo, Thomas não disse uma só palavra. Estava tão perplexo com o pesadelo do filho que não conseguiria oferecer mais conforto. Não tinha ideia de que o divórcio havia afetado Nathan tão profundamente, ainda que fosse óbvio. Tanto que, agora, seus pesadelos consistiam naquilo que percebia como os amigos imaginários do pai matando seu próprio amigo imaginário. Porém, ainda pior era a insistência de Nathan de que as criaturas de Florestranha estavam atrás *dele*; que queriam lhe fazer mal.

Por vários minutos, não pôde fazer nada além de ficar sentado olhando seu belo filho, alisando seu cabelo, destroçado pelas coisas horrendas que o divórcio fizera com a imaginação de Nathan.

Parecia claro que os pesadelos e devaneios do garoto tinham relação com uma espécie de ressentimento contra Thomas. A parte vulnerável de

Thomas Randall, na verdade, não queria ouvir o que a dra. Morrissey tinha a dizer. Mas ele era pai, e queria assegurar a saúde e a felicidade de seu único filho a qualquer custo.

Thomas deitou Nathan na cama e beijou a testa do menino. Colocou o edredom sobre o garoto e percorreu o caminho de volta até seu quarto, sem nem sequer olhar para baixo para verificar se a pena verde ainda estava ali.

Demorou muito para que Thomas conseguisse dormir outra vez. Mesmo assim, acordava o tempo todo, tendo os próprios pesadelos, os quais esqueceu poucos segundos após levantar com a aurora do domingo.

# Capítulo 3

A sensação era de traição. Era disso que se tratava. Por mais que Emily dissesse a si mesma que Thomas não era mais seu marido, a sensação ainda era de traição.

Bem cedo, os raios do sol matinal se projetavam pela cama, um mundo de luz e sombras sob o qual ela se esgueirava debaixo de um lençol de algodão cor de vinho. Suas pernas se aqueciam ao sol, o pé esquerdo avançando para fora das cobertas. Mas a parte de cima do corpo, com o rosto acomodado entre os dois espessos travesseiros, estava agradavelmente fria na sombra, que era tudo o que restava da escuridão.

Tudo o que restava, exceto por Joe Hayes, o homem que ela recebera em sua cama na noite anterior. Na cama em que ela e Thomas haviam concebido o único filho, na qual tinham feito o menininho que tanto amavam.

A sensação era de traição.

Emily manteve os olhos fechados por algum tempo, longos minutos depois de ter despertado por completo. Não queria saber, não queria pensar. Só aproveitava a fria brisa da manhã no rosto, o calor nas pernas e a mera sensação de uma presença a seu lado na cama. O peso de um homem ali.

Por fim, Emily virou-se, fazendo o lençol farfalhar, e ficou aliviada ao ver que Joe ainda dormia. Ela o observou, o peito subindo e descendo, a expressão benevolente em seu rosto, uma inocência que traía o poder que os homens tinham de esmagar a alma de uma mulher sem uma única intenção maliciosa sequer. Essa era a pior coisa neles, pensou Emily. Tantas vezes eles causavam um pandemônio, deixavam um rastro de destruição, sempre com a melhor das intenções. Simplesmente não pensavam do mesmo jeito que as mulheres.

Bem, talvez houvesse mais semelhanças do que Emily gostaria de admitir. Afinal, ela fora para a cama com ele. Joe era gentil e sincero, inteligente e engraçado; um pouco arrogante, talvez, mas ela gostava daquilo em pequenas doses. Eram essas coisas que a tinham convencido de que a noite anterior era o momento adequado para consumar sua promissora relação. Mas o que a havia atraído nele em primeiro lugar? O que a fizera flertar com ele naquela noite em que as meninas do trabalho a haviam obrigado a sair para "conhecer homens"?

Ele era bonito, de verdade, e não parecia se dar conta disso.

E, sim, ele era sete anos mais novo, e havia algo de inebriantemente inatingível num homem da idade dele. Bem, pelo menos ele parecera inatingível na noite em que se conheceram. Mas, aparentemente, não era esse o caso.

Subitamente, vencida pela atração que sentia por ele, Emily inclinou-se para a frente, deixando o lençol escorregar e revelar sua nudez – quando teria sido a última vez que ela havia dormido nua? –, e deu um beijo vigoroso na boca de Joe. Os olhos dele se abriram com um brilho repentino, e ele passou a retribuir o beijo antes mesmo de estar completamente desperto. Os braços se ergueram e a envolveram, e ela subiu nele, rastejando langorosamente. O corpo dele se retesou por um instante, uma indagação física a respeito das motivações dela. Mas não era sexo que ela queria naquele momento; era um instante de intimidade.

Ela teve esse instante, e adorou que Joe conseguisse proporcioná-lo tão bem. Ele a beijou apaixonadamente, os dedos acariciando-lhe os cabelos enquanto seus seios tocavam o peito dele. Então o beijo acabou, e os amantes encostaram seus narizes, sorriram um para o outro e se separaram. Emily praticamente caiu do corpo dele para a cama.

Num instante, e ela ficou grata por isso, a sensação de traição passou. A sensação agora era de que aquela tinha sido a melhor decisão que tomara em muito, muito tempo.

– Bom dia – disse Joe com voz rouca, ainda sonolento.

– E é mesmo – concordou Emily. – É sim. E se você tivesse acordado antes de mim e feito café, teria sido ainda melhor.

– Está achando que eu tenho cara de criado? – perguntou com um sorriso orgulhoso.

– Bem… – provocou ela, e ele deu um leve tapinha em sua bunda.

Leve o bastante para ser agradável. – Aaaah – gemeu ela. – Faz de novo!

– De jeito nenhum! – respondeu Joe, fingindo sentir-se insultado. – Você não merece minhas palmadas.

– Ah, não? – indagou ela, dengosa.

Os dois ficaram em silêncio, só olhando um para o outro.

– Que bom que não fui embora ontem à noite – disse ele.

Um alarme soou na cabeça de Emily.

– Você ia embora ontem à noite? – perguntou, sem se preocupar em esconder que havia ficado magoada e incomodada.

– Normalmente não gosto de ficar até a manhã seguinte – respondeu ele com bastante objetividade. – É como cruzar um limite. Quando rola sexo, você nunca sabe se de manhã a mulher vai se arrepender. Pode ser realmente desconfortável, e às vezes é melhor ir embora, para ver como as coisas vão ficar depois.

– Então por que você não foi embora? – perguntou Emily, agora controlando melhor suas emoções.

– Não é óbvio? Eu não queria ir. Tudo bem? – perguntou Joe, esperançoso.

– Tudo ótimo, isso sim – respondeu ela.

– Então não está arrependida? – perguntou ele.

A questão ficou ali entre eles por alguns segundos, e Emily se lembrou das freiras circulando por seu baile do oitavo ano dizendo às meninas e aos meninos para deixar entre si um espaço para o Espírito Santo. Ela quase soltou um risinho, mas se conteve. Joe provavelmente interpretaria aquilo de maneira equivocada. E ela percebeu que gostaria de ser muito cuidadosa com o que diria em seguida.

– Em? – insistiu ele, franzindo a testa e sentando na cama para encará-la.

Ela apreciou que tudo aquilo parecesse tão importante para ele. Já fazia tanto tempo desde a última vez que estivera com algum homem que não fosse Thomas, que estava aterrorizada. Lembrava-se dos joguinhos mentais de sua solteirice com zero de saudade. Estar com Joe era um alívio. Emily tivera sorte.

Até aquele momento.

– Não – ela respondeu, e com tal seriedade que pareceu alterar até a temperatura do quarto. – Não me arrependo da noite passada nem acho ruim que você ainda esteja aqui agora de manhã. É… assustadoramente

bom estar deitada aqui com você.

– Estou ouvindo um “mas” chegando – replicou Joe, a cara fechada.

– Mas – disse Emily, sorrindo com um ar triste –, há coisas que sempre vou ter comigo, sabe? Thomas vai ser parte da minha vida enquanto eu viver, ainda que às vezes eu queira matá-lo. Ele não era só meu marido, era também meu melhor amigo. E é o pai do meu filho. Vai estar por perto, mesmo que eu esteja zangada com ele ou que ainda o ame um pouco, um estado que muda a cada dia e que não vai envolver você. Essa é uma parte de mim que você nunca vai tocar.

Emily ficou olhando para ele.

– Bem, você não está batendo no peito, nem dando um grito de Tarzan, nem correndo pra porta. Acho que é um bom sinal – disse ela após um instante.

No entanto, agora era a vez de Joe ficar em silêncio. Seus olhos se moviam de um lado para o outro, procurando no rosto dela algo que Emily não tinha certeza se ele encontraria. Depois de um momento, ele desceu o olhar na direção da cama e inspirou. O sol agora cobria a cama inteira, e, pela posição em que Joe mantinha a cabeça, seus olhos acinzentados ficaram na penumbra. Ele raspou a junta dos dedos na aspereza da barba que se formara durante a noite em seu queixo.

Quando enfim a olhou, Emily sentiu, durante uma perigosa palpitação no peito, que poderia amar Joe Hayes se ele soubesse dar as cartas certas. Era perigoso, porque ela nunca havia sido muito boa em jogar cartas.

– Emily, docinho, escute – Joe começou –, ainda estamos no capítulo um, e isso aqui pode vir a ser qualquer coisa. Quanto a mim, eu só quero ver aonde essa história vai. O que aconteceu no livro anterior só me interessa na medida em que contribuiu para fazer de você a mulher sensacional que acredito que seja.

Emily abriu um largo sorriso, embrulhou-se no lençol e levantou da cama, deixando Joe nu atrás dela.

– Caramba – disse ela, sem se virar. – Estou aqui tentando demonstrar calma, senhor Professor de Literatura, mas essas foram as palavras mais certeiras que já ouvi. Só espero que não sejam apenas palavras, Joe. Veja bem, agora meu mundo basicamente se resume a Nathan Randall. Aquele garotinho é tudo em que penso, tudo o que sinto, e a ideia de deixar outra pessoa entrar, uma pessoa cuja presença

provavelmente vai ter algum efeito nele…

– Não são só palavras, Em – respondeu Joe, confiante. – E você é quem decide quanto do nosso relacionamento o Nathan pode ver ou o que ele ficará sabendo. Você é quem vai mandar, o tempo todo.

– Bom, se você diz… – Emily deixou que as palavras sumissem no ar e virou-se para encará-lo. Deixou o lençol deslizar para o chão e ficou diante dele, nua à luz do sol, fascinada pelo erotismo daquela situação. Fazia anos que não ficava tão nua nem tão vulnerável na frente de alguém. Havia um temor naquela atitude, mas também liberdade. E ela vibrava com isso.

Emily deu dois passos e saltou na cama, quicando e rindo enquanto se lançava sobre Joe. Ele a beijou, acariciou seu rosto, e ambos fizeram amor até que fosse tarde demais para o café e cedo demais para o almoço.

Depois do café naquela manhã de domingo, Nathan fugiu para o jardim atrás da casa a fim de brincar na grande caixa de areia que seu pai lhe dera algumas semanas antes. Tinha o formato de um dragão. Mais precisamente, era uma grande versão de plástico de Rabeca, o dragãozinho magricela e inquieto de Florestranha, que produzia música como se fosse um monstruoso grilo, esfregando uma asa na outra para criar a melodia.

Rabeca era verde-limão, com asas mais escuras e escamas de um laranja fosforescente na barriga. Só que o Rabeca em formato de caixa de areia não tinha barriga laranja, mas um enorme buraco cheio de areia. O dragão de plástico estava deitado, as asas um tanto pequenas abertas no chão, e Nathan Randall brincava nas areias de sua barriga.

Thomas observava o filho pela janela acima da pia enquanto lavava a louça. Tudo parecia bem naquela manhã, sem nenhum sinal do pesadelo da noite anterior. O garoto não havia mencionado Macieira nem uma única vez, mas mesmo assim Thomas não conseguia afugentar a sensação de que algo preocupava Nathan.

Talvez o pesadelo tivesse sido apenas o subconsciente de Nathan se livrando de Macieira. Talvez não houvesse mais necessidade de um amigo imaginário nem de nada parecido. Era nisso que Thomas queria acreditar. Sua consciência ficaria muito aliviada. Mas era estranho que Nathan não tivesse falado nada. Havia ficado aterrorizado na noite

anterior, e Thomas não podia culpá-lo. Ele não inventaria um sonho como aquele, de que Macieira tinha sido… bem, assassinado. Num momento de leviandade, poderia até achar que a culpa era de o menino estar vendo TV demais, mas tinha de ser algo mais que isso.

A Irmã Margaret tinha razão. Jamais deveriam ter parado de levar Nathan à dra. Morrissey. Ele parecia estar lidando bem com o divórcio, até a médica achava. Mas aquilo era o que tanto Emily quanto Thomas queriam que fosse verdade. Seu filho era um garotinho perfeito, saudável, engraçado e criativo. Com tudo o que podia dar errado durante a gravidez e depois dela, com todas as armadilhas a serem evitadas durante os primeiros anos, eles tinham sido muito afortunados.

Muito abençoados.

Então, porque não aguentavam mais viver juntos, Thomas e Emily haviam estilhaçado aquela perfeição. Thomas ficava dilacerado só de pensar, mas desde a noite anterior não conseguia calar a voz em sua cabeça que dizia que ele e Emily haviam corrompido Nathan de alguma maneira.

Talvez para sempre.

E para sempre era muito tempo.

De repente percebeu que estava à beira das lágrimas. Deus do céu, pensou. Tenha compostura. Todos os dias vários casais pedem o divórcio. E a maior parte de seus filhos cresce feliz e saudável. Talvez esses filhos percam algumas coisas, mas outras – discussões, hostilidades, ver os pais chorando – não são perdas de modo nenhum.

– Talvez eu é que esteja precisando de uma terapeuta – falou a si mesmo.

Uma ideia infeliz, mas Thomas não pôde evitá-la. Assim como não podia evitar a culpa trazida pelo pesadelo de Nathan. Apesar da dor e da raiva que isso pudesse deflagrar – como mexer numa colmeia com uma vareta –, decidiu que falaria com Emily a respeito da terapia quando deixasse Nathan em casa naquela tarde.

Enquanto lavava o último prato, o telefone tocou.

– Alô.

– Oi, é Francesca.

– No domingo? – Thomas perguntou. – Quem morreu?

– Ninguém morreu. Sei que hoje não é dia útil, mas tenho algo importante a dizer – ela falou. – Recebi um telefonema ontem à noite do

Jorge, da Fox, respondendo a uma pergunta nada sutil que eu havia feito sobre produzir Florestranha com atores.

– E aí? – Thomas perguntou, já empolgado. Para Francesca, trabalhar no fim de semana ia contra uma de suas regras mais importantes. Más notícias teriam esperado até segunda; portanto, as novidades tinham de ser muito, mas muito boas.

– Que tal uma viagem até Los Angeles? – perguntou ela.

Los Angeles? Não agora, pensou. De jeito nenhum. Nathan vinha em primeiro lugar.

– Quando?

– Amanhã, às dez e quinze da manhã, saindo do aeroporto Kennedy – respondeu Francesca, confiante. – Já reservei nossas passagens.

– Peraí, peraí – disse Thomas. – O que é que há? Eles estão interessados ou estamos indo lá só para sondar?

Francesca suspirou, e sua aparente felicidade deu lugar a um tom quase de censura.

– Eles adoraram a *ideia* de fazer com atores, TJ – esclareceu Francesca, e ao menos uma vez ele não a corrigiu, só esperando pelo *mas*. – Mas… precisam ser persuadidos. Jorge não tem imaginação suficiente para ver como alguns dos elementos mais fantásticos poderiam ser feitos de maneira convincente se a ação fosse com atores.

Foi a vez de Thomas suspirar, e suspirou alto, revirando os olhos.

– O negócio é todo fantasia, Frankie – rosnou. – O que eles querem? Fazer todo mundo humano com uns efeitos baratos de maquiagem?

Não houve resposta.

– Esqueça – respondeu Thomas. – É tudo ou nada.

– Thomas, que merda, quanto tempo demorou para sequer considerarem fazer *O senhor dos anéis* com atores? O mundo que você criou está repleto de coisas impossíveis – disse ela. – Dá um desconto pro Jorge. Eles querem fazer negócio, mas você tem que dar uma margem para eles.

– Foda-se a margem! – respondeu Thomas. – Eu *não tenho* que fazer nada. Só pergunte se eles já viram *A história sem fim*, e lembre que esse filme foi feito mil anos atrás. Será que essa gente não presta atenção aos avanços tecnológicos do próprio ramo?

– Olha, eles gostaram da ideia, tá? – falou Francesca. – Só precisamos convencê-los de que dá pra fazer, mostrar qual é sua visão do negócio. E

Jorge, francamente, levantou boas questões. Por exemplo: digamos que você queira fazer a cena em que Bob Dentelongo ataca o senhor Sinibundo na Terra dos Sinos e Apitos, ou aquela em que o Chacal Lanterna escraviza os Guardas-Florestais para atacar Florestranha… Como você acha que dá pra fazer essas coisas com atores de um jeito que fique verossímil?

Thomas então se calou. Eram bons exemplos, com certeza. Criar um sr. Sinibundo convincente já seria bem difícil. O sujeito era basicamente um imenso sino colorido com braços, pernas e rosto, cujo toque acompanhava seu humor. E a Terra dos Sinos e Apitos, a longínqua parte de Florestranha de onde ele vinha, certamente demandaria animação em CGI, ou teria uma aparência simplesmente ridícula. Mas a ILM, a Pixar e a Digital Domain haviam feito trabalhos muito mais difíceis.

– Vai ser caro. É com isso que eles estão preocupados – disse Thomas, mais para si do que para Francesca.

– Não são só eles que estão preocupados com isso – argumentou ela. – Olha, se você não quiser ir, tudo bem, mas a ideia foi sua.

Outra vez, ele não respondeu de imediato. Sua cabeça travou na cena em que o malvado Chacal Lanterna, uma criatura alta e esguia, com o corpo parecido ao de um cachorro em pé nas patas traseiras e uma cabeça de abóbora talhada em forma de rosto, hipnotizava os Guardas-Florestais, uma brigada de heroicas árvores ambulantes, fazendo com que atacassem Penatesta, Risonho e os outros.

Mesmo com CGI, aquilo seria difícil de fazer.

Por um instante, Thomas ficou tentado a dizer “não”. Florestranha era o seu bebê, e sentia-se extremamente protetor em relação àquele mundo e seus personagens. Havia concebido a maioria deles quando tinha a idade de Nathan, e sua imaginação lhe dera todo um universo para explorar, algo que valia o tempo de uma vida.

A verdade, porém, era que adoraria ver seus personagens ganhar vida, de um modo que palavras numa página ou que a animação numa tela jamais poderiam fazer. E tinha de pensar em Nathan; não só agora, mas sempre. Isso sem mencionar que, naqueles tempos, metade do trabalho dele consistia em perpetuar o valor futuro de Florestranha como propriedade intelectual. Assim, o valor do material aumentaria ainda mais.

– Estarei no aeroporto – respondeu por fim, relutante, sentindo a

culpa rodopiar à sua volta, sugando-o para baixo em um turbilhão. Aquele era o pior momento para que aquilo acontecesse, mas desejava tanto! E, ainda mais importante, precisava fazê-lo por pensar no futuro.

Isso também era ajudar Nathan, não era?

– Vai estar mesmo? – perguntou Francesca, obviamente esperando maior resistência. – Ótimo! Vou mandar um e-mail para o Jorge dizendo a que horas vamos chegar. Acho realmente que isso vai levar você a um outro patamar, Thomas.

Ele ficou olhando pela janela acima da pia enquanto Francesca continuava a falar. Aparentemente, Nathan tinha se afastado da caixa de areia, ainda que já tivesse ouvido diversas vezes que deveria ficar onde seu pai conseguisse vê-lo. Aos cinco anos, ele era muito bom em fazer o que lhe mandavam.

Francesca começou dizendo algo sobre Florestranha passar de tendência quente do momento para clássico atemporal, porém Thomas já não ouvia mais nada. Foi até a porta de correr de vidro, e seus olhos percorreram o jardim. Não havia sinal de Nathan.

Ele tinha sumido.

– Frankie, preciso desligar – Thomas falou, parecendo anestesiado. – Vejo você de manhã.

– O quê?… Ah, claro. Também preciso desligar. Minha irmã vai fazer um… – Ela talvez tenha continuado a falar, mas Thomas desligou o telefone sem fio e abriu a porta, sentindo-se mais alarmado a cada instante. Seu coração batia loucamente, chocando-se contra suas costelas, e ele se viu quase incapaz de recobrar o fôlego. Não era lógico. Não era racional.

Não há medo maior do que o de perder um filho. Nada no mundo é como isso – tão irracional. “Você não sabe realmente o que é o amor até amar”, dissera certa vez a Emily. “E não sabe realmente o que é o medo até ter um filho.”

Thomas sabia que Nathan poderia estar em qualquer lugar. Mesmo que tivesse ouvido milhões de vezes que devia ficar por perto, poderia ter saído andando por aí. A mente das crianças vagava, e os pés iam atrás. Era natural. Entretanto, no pequenino canto sombrio de sua mente – um lugar já invadido pela culpa e pelo medo no que dizia respeito a Nathan –, formava-se uma imagenzinha: a de Nathan sendo levado por um estranho. De Nathan indo atrás de uma bola na rua e sendo

atropelado por um caminhão…

Aquilo era ridículo, e ele afastou as cenas, negando até para si mesmo ter pensado nelas – mas, na sua mente, havia a visão de Nathan morto.

– Nathan! – gritou, sem ter ainda entrado em pânico. Ninguém teria sentido aquilo na sua voz. A menos que o conhecesse muito bem. Correu até a varanda, olhando ao redor, depois desceu com passos pesados os quatro degraus de madeira.

– Nathan! – chamou de novo. O garoto provavelmente estaria do outro lado da casa, disse a si mesmo. Não havia necessidade de correr por aí gritando feito um idiota, dando show para os vizinhos. – Nathan! – gritou outra vez, um pouco mais nervoso.

Seu pé escorregou. Escorregou em algo. Thomas continuou andando, porém limpou o pé na grama, achando que o cachorro de algum vizinho havia feito outra visita a seu jardim. Por acaso, olhou para baixo e viu que aquilo em que tinha pisado não era um monte de cocô de cachorro, mas pegadas enlameadas. Lama? Ou alguma espécie de argila, pensou Thomas, considerando a cor estranha e a consistência da…

– Nathan! – gritou novamente, dessa vez sem se preocupar em parecer idiota. As pegadas enlameadas vinham do bosque atrás de sua casa, desapareciam por um trecho, reaparecendo outra vez ao retomar a trilha para dentro da floresta. – Deus do céu, Nathan!

A bile subiu à garganta, e ele quase vomitou. Seus olhos ardiam e se encharcavam com as lágrimas de terror e desespero que tentavam abrir caminho à força. Thomas conteve todo aquele ímpeto. Era um homem racional e não se entregaria a uma loucura frenética só porque algum adolescente ou pedestre da região tinha pisado numa poça de lama e depois atravessando seu jardim.

Mas em sua mente… as imagens.

Dobrou uma curva, lutando contra o próprio medo, e quase caiu de cara no chão ao avistar Nathan. Primeiro foi tomado de alívio. Queria chorar de prazer ao ver seu filhinho esticando as pernas, seguindo com cuidado as pegadas enlameadas, aquele barro esquisito e pegajoso aderindo a seus tênis. Ele parecia andar em uma corda bamba.

Porém, em seguida, o alívio deu lugar à raiva, e foi com raiva que Thomas apertou o passo.

– Nathan! – berrou, e dessa vez o garoto respondeu, provavelmente

devido à severidade na voz do pai. Ele se virou para encarar Thomas, perdeu o equilíbrio e caiu na grama. – O que é que deu em você? – Thomas rosnou. – Não me ouviu te chamar? Está surdo? Meu Deus, que susto você me deu!

Thomas se arrependeu de suas palavras no mesmo instante em que elas saíram da boca. O simples fato de levantar a voz, de usar aquele tom acusatório, machucava Nathan. Ele percebeu pelo modo como o garoto primeiro estremeceu, depois olhou ao redor, tentando encontrar outra coisa que servisse de foco. Aquela era a última coisa de que ele precisava, Thomas sabia. Era mais uma ferida, mais uma mácula na inocência do filho pela qual Thomas se culparia pelo resto da vida.

– Eu… – gaguejou, e se ajoelhou para pôr as mãos nos magros ombros de Nathan. – Desculpe, amigão, mas o papai já falou pra você não sair do jardim quando eu não estiver lá pra te ver. E aí gritei seu nome, você não respondeu, e eu fiquei apavorado. Fiquei apavorado por sua causa!

Nathan ainda não o olhava nos olhos; sempre odiara encarar qualquer um dos pais quando eles estavam com raiva.

– Desculpe, papai – falou bem baixinho. – Não queria te assustar.

– Está tudo bem, Nathan – disse Thomas, a voz tremendo de emoção. – É só que amo você e não quero que nada de ruim lhe aconteça. Por favor, não saia andando por aí, para algum lugar onde eu não consiga ver você, tá?

– Tá bom – Nathan assentiu com a cabeça. Depois ficou de pé, parou por um instante e voltou a seguir as pegadas.

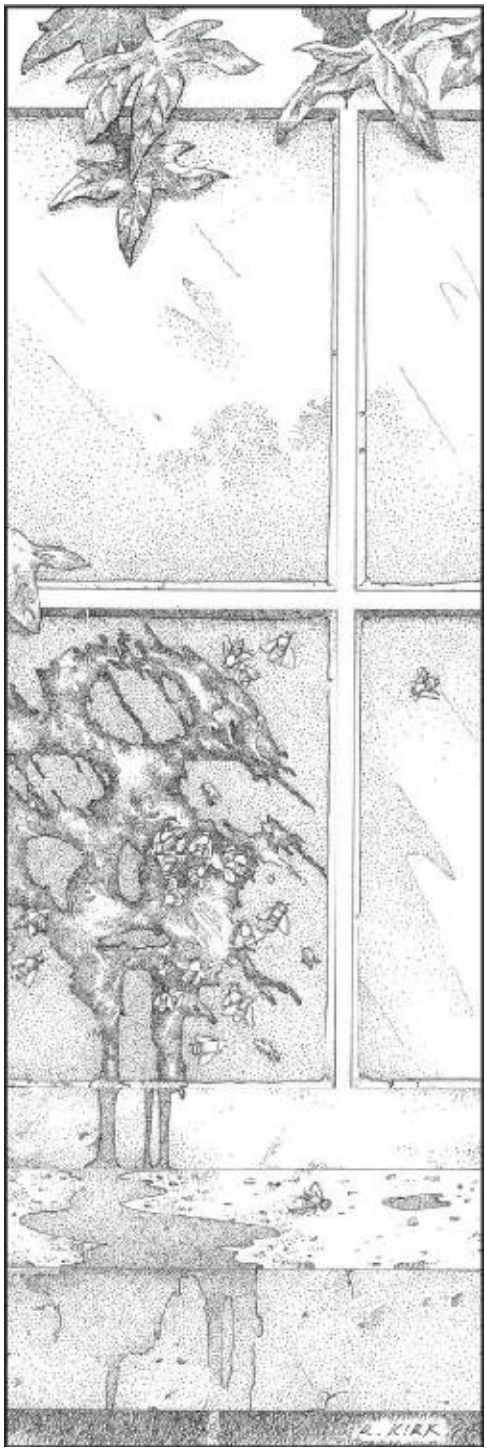
– Você viu alguém aqui atrás no jardim? – perguntou Thomas, outra vez preocupado com os óbvios indícios de um invasor.

– Não vi, papai, mas ele estava olhando pela janela – respondeu Nathan, sem se virar. – Se eu tivesse visto, claro que ia correr pra chamar você. Só você pode afugentar ele.

Thomas sentiu frio apesar do sol. Quantas vezes não havia escutado um barulho de noite e pulado da cama que dividia com Emily para fazer buscas na casa? Sempre fora vigilante, o protetor da família. Claro que nunca havia ninguém. Eram só ruídos de casa, os mesmos que todo mundo ouvia. Mas o medo de que alguma coisa efetivamente acontecesse… Aquelas imagens na cabeça…

– Como assim, *ele estava olhando pela janela*? – perguntou Thomas. –

Se você não o viu, como sabe disso?



Nathan riu com a leveza de um garotinho.
– Como você é bobo, papai – disse ele. – A janela da sala de TV, bem

ali – acrescentou, e apontou para mais adiante, para as pegadas.

Thomas andou energicamente até a janela à qual as pegadas enlameadas conduziam. Havia algumas abelhas na janela, e ele achou aquilo estranho. Elas costumavam vagar, pousar e voar de novo. Era esquisito vê-las aglomeradas num só lugar daquele jeito.

Também havia lama na janela, no lugar em que o invasor tinha apertado o rosto contra o vidro. Boca. Nariz. Olhos. As abelhas andavam por cima da impressão do rosto, cujos traços de lama encaravam Thomas Randall.

Ele conhecia aquele rosto. E então outra coisa que Nathan dissera voltou à sua mente: Só você pode afugentar ele.

Não era lama, claro. Deu uma fungada naquilo, como deveria ter feito desde que pusera os pés para fora de casa. As abelhas estavam adorando. Manteiga de amendoim.

Era o rosto do General Manteiga de Amendoim.

O que, é claro, era evidentemente impossível. Mas isso não significava que o medo nele, o perigo em si, não fosse real. Thomas agarrou Nathan e o arrastou para casa. Iriam se limpar e depois ir ao parque ou ao shopping, até que fosse hora de levá-lo de volta para a casa da mãe.

Em seguida, Thomas começaria a dar alguns telefonemas: polícia, Francesca. De manhã cedo, a editora. Alguém estava lhe pregando uma peça doentia. Só que não era engraçada. Se ele tinha alguma espécie de… perseguidor bizarro, ou algo assim, queria tentar descobrir quem poderia ser. Ao menos fazer com que a polícia se interessasse em dar uma passada em frente à sua casa enquanto estivesse em Los Angeles.

– Joe, você tem de ir embora! – disse Emily pela terceira vez.

Agora não falava só por falar. Era uma ordem.

– Não são nem quatro da tarde – observou Joe, franzindo a testa. – Nathan só chega às cinco e meia, não é? Por que a pressa?

– Eu só… – começou ela, e então mordeu o lábio. – Por que está dificultando as coisas tanto assim? Você disse que não ia fazer isso.

– Não quero me intrometer nessa outra parte da sua vida – disse ele. – Só acho que você está sendo paranoica demais. Até parece que a gente vai explodir se por acaso se esbarrar. Não tenho pressa nenhuma de conhecer seu ex-marido, mas também não sei por que você está me

pondo pra fora uma hora e meia antes de ele chegar. Você mesma disse que ele sempre se atrasa.

Emily encarou-o, zangada.

– É a minha vida – ela respondeu por fim. – Minha. As escolhas são minhas. E eu quero que vá embora agora. Se isso é um problema pra você, então talvez nem devesse ter vindo aqui.

Joe congelou, parecendo segurar o fôlego um instante, surpreso com o tom dela. Ele não devia ter vindo, pensou Emily. Depois de ter sido tão aberta e equilibrada, ao menos em teoria, a respeito de separar o relacionamento deles de sua vida "familiar", não esperava que ele fosse agir de maneira tão egoísta.

– Olha – disse ela –, não quero que pense que não o quero aqui, ou que você de algum modo vem em segundo lugar, mas tenho de pensar primeiro em Nathan. Sempre.

Joe balançou a cabeça em concordância.

– Eu sei – respondeu. – E sei que você provavelmente está nervosa e ficaria muito mais à vontade se eu fosse embora agora. Então eu vou. Embora, quero dizer. Mas detesto ficar escondido, como se fosse algo de que você tem vergonha.

– Não é isso, e você sabe – retrucou Emily, magoada.

– Eu sei, Em – disse ele. – Sei mesmo. Mas meu frágil ego masculino precisa ser tranquilizado às vezes, está bem?

Ele se aproximou dela, tocou seu ombro, e ela se entregou ao toque, abraçando-o por completo.

– Certo – falou ela, ainda abraçando-o, a cabeça em seu peito largo. – Certo.

Depois o afastou, sorrindo, e falou, ralhando com ele:

– Agora saia daqui antes que eu lhe dê um pontapé na bunda. Tenho de fazer o jantar e não preciso de você zanzando por aqui enquanto faço isso.

– Acho que precisa sim – disse Joe, também sorrindo –, mas não vou discutir a respeito.

Ele a beijou, e, um instante depois, a porta se fechou atrás dele. Joe deixou Emily com um sorriso no rosto, mas, em seu coração, ela se sentia terrivelmente ansiosa. Sabia que era importante, para todos eles, que contasse a Thomas que havia conhecido uma pessoa. Emily suspeitava que, em algum lugar dentro de si, Thomas não acreditava

realmente que tudo havia acabado; que se apegava a alguma fantasia de reconciliação.

Algo que não iria se realizar. Ela voltar a namorar era a melhor coisa que poderia acontecer a Thomas no longo prazo. Para ambos, no que dizia respeito a levar a vida adiante.

Já o impacto que aquilo teria em Nathan era outra questão. Emily não queria que seu filho descobrisse sobre Joe naquele momento, não até que ela estivesse segura de que ele ficaria por perto por um bom tempo. Mas tinha de contar a Thomas. Os últimos anos haviam sido difíceis para eles, porém ela ainda nutria um profundo carinho pelo ex-marido. Ele merecia ouvir de sua boca, antes que alguém contasse que a tinha visto com outro homem.

Sim, era preciso contar.

Mas pensar nessa conversa começou a lhe dar uma dor de cabeça infernal.

# Capítulo 4

– Por que você não me contou isso tudo logo que chegou aqui? – perguntou Emily num tom acusatório, familiar demais para ambos.

– Nossa, Emily, sei lá… – respondeu ele com um sarcasmo que não conseguia controlar, outro sintoma da doença do relacionamento de ambos que havia levado ao divórcio. – Talvez porque tivéssemos primeiro de fazer todas essas coisas estranhas e divertidas.

Thomas voltou os olhos para Nathan, que ensinava arquitetura a si próprio usando vagens e purê de batatas, e em seguida para a ex-mulher. Ela captou sua mensagem.

– Nathan, por que você não vai se arrumar pra dormir, hein? O papai e eu vamos te dar um beijo de boa-noite daqui a uns minutinhos – prometeu.

O garoto se iluminou com aquelas palavras tão familiares. Thomas estremeceu. Papai e eu… Era quase injusto fazer aquilo soar como se fossem uma família de verdade, pensou. Injusto com todos eles. Mas era assim que a vida seria a partir de agora. Perguntou-se se algum dia se acostumaria com aquilo, ou se deveria se acostumar.

– Tudo bem, mamãe – respondeu Nathan com um sorriso. Ele afastou a cadeira, abriu um enorme sorriso para os dois e disse: – Papai, você rega o meu jardim?

Thomas já concordava, mesmo antes de perceber que Nathan falava de sua construção de vagens e batatas. Aquilo não era arquitetura; era algo mais como um pomar de vagens.

– Claro, amigão – disse ele, e cutucou Nathan na barriga. – Agora vamos lá. Coloque o pijama e escove os dentes.

Olhou de novo para o prato de Nathan e sorriu. A imaginação era uma coisa extraordinária. Era impossível saber o que as crianças

pensavam, e quase sempre se tornava impressionante quando contavam.

– Estou preocupada, Thomas – disse Emily quando Nathan saiu. – Não vou ter nenhuma reação exagerada, nada disso, mas, por favor, mantenha-me a par dos acontecimentos. Será que você não devia viajar com o Nathan no próximo fim de semana?

Thomas já havia pensado nisso. Não gostava da ideia de fugir de quem o estivesse assediando, mas dar ao perseguidor – ou a quem quer que fosse – uma semana fora do ar poderia desapontá-lo o bastante para estragar sua alegria.

– Vou pensar – respondeu. – Vamos ver o que acontece.

Calaram-se novamente, os dois. E Thomas teve um momento para se lembrar de uma época em que o silêncio entre eles nunca dava a impressão de afastá-los. Na verdade, era exatamente o contrário. Mas agora o silêncio estava carregado com o peso da dor e da desconfiança.

Era sempre daquele jeito entre eles agora. Sempre que se encontravam, sobretudo quando ele trazia Nathan para casa aos domingos, havia o desconforto dos cumprimentos, a maneira cautelosa de perguntar um ao outro como estavam. As coisas vinham melhorando, mas Thomas suspeitava que aquilo jamais desapareceria. Mesmo assim, naquela noite, a tensão estava pior do que o habitual. Emily estava com alguma coisa na cabeça. Thomas queria que ela simplesmente dissesse logo o que era e os livrasse daquela ansiedade horrível.

Claro que ele também tinha alguma coisa na cabeça, além do seu provável perseguidor.

– Parece que, no fim das contas, vocês tiveram um fim de semana agradável – disse ela enfim.

– Bom, tirando o fato de ter sido espionado pelo General Manteiga de Amendoim – respondeu ele, rindo –, com certeza não foi um fim de semana ruim. A gente se divertiu. Mas… olha, Emily, é óbvio que você tem alguma coisa pra me dizer, e eu quero ouvir – acrescentou, cansado do silêncio dela. – Mas também tem algo que quero contar pra você.

Thomas mencionou o que a Irmã Margaret havia dito sobre Nathan estar tendo um comportamento estranho, e que ele achava que aquilo poderia ter algo a ver com o divórcio. Contou a ela também sobre Macieira e o pesadelo de Nathan. Por fim, achava que deviam levar seu garotinho, seu único filho, de volta à terapia.

Emily olhou para Thomas, e ele pôde ver o que estava por vir, como

sempre fora capaz. Ela começou a chorar. Não com soluços altos, mas um choro delicado, triste.

Thomas abraçou a ex-mulher, a quem ainda amava profundamente e imaginava que sempre amaria. Após alguns instantes, ela fungou um pouco, afastou-se e o estudou, como se verificasse se era mesmo Thomas Randall, o homem que ela um dia amara e cujo filho havia gerado. Emily procurava por algo. Talvez pelo passado, pensou Thomas.

– Odeio termos feito isso com ele.

– Não podemos voltar no tempo, Emily – falou Thomas. – A única coisa que podemos fazer agora é amá-lo da melhor maneira que pudermos e trabalhar juntos para garantir que ele sempre saiba disso.

– Terapia, então? – perguntou ela.

– De novo a doutora Morrissey, acho – respondeu Thomas. – Ela já conhece a situação, por isso…

Emily concordou com a cabeça.

– Mas esta conversa não vai acabar aqui, vai? – perguntou Thomas. – Você tem alguma coisa para me dizer.

– Oh, Thomas, não sei se… – começou Emily, mas ele a interrompeu.

– Não precisamos fazer joguinhos, Em – disse-lhe Thomas. – Há coisas importantes demais entre nós para isso. O que foi? Está saindo com alguém?

Emily empalideceu, seus olhos se arregalaram, e ela o encarou por um segundo antes de desviar o olhar.

Era isso. Sua esposa – ex-esposa – tinha um namorado. Thomas queria dizer: Que bom pra você, Emily. Curta a vida. Comece de novo. Ele realmente queria.

Mas não conseguiu.

– Bom, então acho que o Nathan vai voltar para a terapia na hora certa, não? – comentou Thomas, antes que conseguisse evitar. – Tenho certeza de que é exatamente disso que ele precisa, da mãe por aí com algum cara.

Ela o encarou, zangada.

– Deus do céu, o cadáver ainda nem esfriou! O menino só tem cinco anos! Pelo amor de Deus, dá um tempo pra ele! – continuou Thomas, desejando apenas calar a boca, mas vencido pela pressão nas têmporas, a falta de ar e o cubo de gelo no estômago.

Ele a amava. E conseguia perceber nos olhos dela que a havia

machucado. Outra vez. Tinham se machucado muito, e salvar Nathan daquilo era a razão do divórcio.

– Já acabou? – rosnou ela.

Thomas olhou para longe e suspirou, com vergonha de si mesmo, porém incapaz de ignorar a dor.

– Nathan não sabe que estou saindo com alguém, e não vai saber até eu achar que é a hora certa. Eu daria a minha vida por ele, e sei que você faria o mesmo. Só que tenho de construir um futuro pra mim também. Você devia estar fazendo a mesma coisa – disse Emily, séria. – Agora, se *já* terminou, por que não volta logo pra casa e vai ver se acha o filho da puta que passou manteiga de amendoim na sua janela? – acrescentou.

Emily levantou da cadeira e foi para a pia bater raivosamente pratos e panelas. Thomas ficou esperando o som de um prato quebrando, mas nada aconteceu. Sempre ficava impressionado, quando ela fazia aquilo, que os pratos nunca quebrassem.

– Por que você não vai dar um beijo de boa-noite no seu filho? – perguntou ela bruscamente, sem se virar. – Diga a ele que eu já vou.

Thomas arrastou a cadeira para trás e levantou-se lentamente. Andou até Emily, que ainda estava de costas para ele. Beijou-a no topo da cabeça e sussurrou um pedido de desculpas, que ela ignorou. Thomas sabia que ela se sentia culpada, e que ele usara sua culpa e seu amor por Nathan contra ela. O pedido de desculpas era genuíno.

Deixando-a a sós com os pratos, andou pelo corredor da ampla casa, situada num terreno de vários níveis, rumo ao quarto do filho.

– Ei, garoto, hora de ganhar beijos do papai! – anunciou ao atravessar a soleira da porta.

Nathan não estava lá. Thomas arqueou uma das sobrancelhas. De modo sutil, bem no fundo de sua mente, recordou o susto no jardim naquela manhã. Porém, o pensamento se foi tão logo apareceu. Agora eles estavam em casa. Nathan não precisava temer nada ali, sobretudo com o pai e a mãe do outro lado do corredor.

Deve estar no banheiro, pensou Thomas. Ao voltar para o corredor, ouviu a água correndo na pia. Thomas sorriu. Nathan era um bom menino. Ele escovava os dentes sozinho, pela manhã e à noite. Claro, às vezes era malcriado, egoísta e ranzinza, mas todas as crianças agiam assim de vez em quando. Em muitos outros aspectos, os mais

importantes, Nathan era o filho dos sonhos de qualquer pai.

– Oi, amigão, preciso ir agora – disse, abrindo a porta do banheiro.

Nathan usava peças de pijama aleatórias: camiseta do Mickey e calça com desenhos de aviões. Estava de pé num banquinho que Thomas havia comprado quando ele tinha três anos, apoiando a escova cheia de pasta contra os dentes da frente, os lábios repuxados numa careta bizarra. A pasta pingava do queixo. A água escorria na pia.

Mas Nathan não fazia nenhum movimento.

O garoto só olhava o espelho, sem piscar, a mão que segurava a escova, imóvel.

– Nathan? – chamou Thomas, a voz fraca.

O filho não se virou nem respondeu – seus olhos nem sequer se moveram para olhar o pai. O choque transformou-se em horror. A curiosidade tornou-se um medo desesperador, martelando e castigando seu peito.

Thomas foi rapidamente até o filho e o pegou pelo ombro, sacudindo-o, a princípio com delicadeza. Em qualquer outro dia, teria esperado para ver qual era a piada. Mas só de olhar para o garoto sabia que não havia fingimento.

– Nathan! – gritou, e virou o corpo do filho para poder encarar seus olhos e capturar sua atenção.

Thomas conseguia ouvir, muito tênue, em algum lugar de algum outro mundo, a voz da ex-mulher, a mãe de Nathan, gritando para ele, perguntando o que estava errado. Conseguiu ouvi-la correr até o banheiro. Mas Thomas não registrava mais nada. Tudo em que conseguia pensar naquele momento era na saliva misturada com pasta de dente que escorria do queixo do filho num filete branco-esverdeado de baba espumosa.

– Meu Deus! – gritou Emily atrás dele. – O que ele tem?

Ela gritou o nome do filho e se aproximou, afastando o menino do alcance do pai. Emily chamou Nathan de novo, e de novo, cada chamado mais desesperado que o anterior. Após alguns instantes, voltou a se dar conta da presença de Thomas e rugiu para ele num pânico cego:

– O que é que há com você? – gritou ela. – Chame uma ambulância, pelo amor de Deus! Ele entrou em choque, sei lá!

Ao correr para o telefone, Thomas sentiu-se anestesiado, como se fosse ele quem estivesse em uma espécie de choque.

Depois de desligar, mal conseguia se lembrar de ter falado com alguém na emergência. Esperava ter dito as coisas certas, contudo não conseguia efetivamente se lembrar. Não conseguia tirar Nathan da cabeça. O olhar dele. Ou, mais precisamente, a ausência de qualquer consciência discernível nele. Seus olhos estavam… vazios. Era como se as luzes estivessem acesas, mas não houvesse ninguém em casa.

De algum modo, seu filho tinha ido embora.

*Nathan ficou à deriva por muito tempo. Flutuando, como se estivesse deitado numa jangada em um rio que corria suavemente. Diversas vezes ouviu grunhidos, respirações pesadas e o canto dos pássaros. Havia também um cheiro. Como de fumaça.*

*Suas pálpebras começaram a tremer.*

* * *

Nathan acordou no escuro, debatendo-se contra o pano grosso que havia sido amarrado em volta de seus pulsos e tornozelos. Gritou pelos pais, tanto pela mamãe quanto pelo papai, porque, ainda que não estivessem mais casados, estavam juntos na hora em que ele tinha ido escovar os dentes. Antes…

Antes daquilo.

– Maaaanhêêêêêêêê! – gritou, e lágrimas brotaram de seus olhos, escorrendo rápidas bochecha abaixo para dar lugar a novas.

Lutava contra os grilhões de pano e batia a cabeça, num som estridente, contra o metal em que estava deitado. Metal frio e macio. Fungou, olhou para o céu negro onde imensas estrelas alaranjadas cintilavam, para as altas árvores amarronzadas e retorcidas, inclinadas como que para olhá-lo passando embaixo. Aquelas árvores pareciam estar com dor.

Em algum lugar, Nathan sentiu o cheiro de fogo ardendo.

Gritou pela mãe novamente.

– Cale a boca, seu pessstinha! – rosnou uma voz grave.

Nathan esticou o pescoço para olhar atrás do recipiente metálico dentro do qual estava sendo carregado sob as estrelas. Nas trevas, olhos verdes brilhavam. Olhos de gato. A luz alaranjada das estrelas era refletida por dentes longos, pontiagudos, afiadíssimos.

– Você não é de verdade – sussurrou Nathan.

Imediatamente parou de se mover, e sua carruagem de metal – um carrinho de mão, percebeu – caiu no chão com um som estridente. Os olhos verdes se aproximaram, e Nathan agora conseguia vê-lo, o imenso homem-tigre com dentes de sabre de que sempre tivera medo nas histórias do pai. Mas ele não era esperto e brando, como nas histórias. Era cruel, em vez de esperto. Imundo e de pelo emaranhado, e não macio.

Nathan fechou os olhos e começou a chorar com maior intensidade. Queria afastar aquilo tudo. Não era real. Sabia que não era, porque o pai sempre havia dito – garantido! – que as histórias não eram reais. Eram apenas inventadas para crianças, para meninos e meninas como ele.

– Esssstá ouvindo, Caracrânio? – perguntou Bob Dentelongo na escuridão, além das pálpebras comprimidas de Nathan. – O pessssstinha está dizendo que não somosss reaisss.

Uma pata longa, quente e peluda pousou no rosto de Nathan, que gemeu e fez xixi na calça, coisa que há mais de um ano não fazia. Uma garra afiada o arranhou no rosto, e ele gritou, tremendo descontroladamente.

– O garoto poderia fazer Cristo descer da cruz – uma voz grave murmurou por perto, como o som de um trovão ribombando.

Mas Nathan não ouvia. Nathan gritava. Abriu os olhos e arfou, ofegante, enquanto o carrinho de mão voltava a se movimentar.

– Bu! – rugiu Bob Dentelongo, e o volume dos gritos de Nathan ganharam outro patamar. – Está achando real agora, pessstinha?

Os dois então voltaram a rir, e Nathan continuou a berrar, virando-se no carrinho para desviar do rosto de Bob Dentelongo. Ele agora via Caracrânio, um homem feio, de ombros tão largos que era quase desumano, mais baixo do que sua mãe. Com a barba e o cabelo longos e sujos, sua cabeça era repartida acima do olho esquerdo, e um vapor asqueroso saía de dentro dela.

Caracrânio era sempre malvado nos livros, mas era burro também. A burrice o tornava engraçado. Só que Nathan não mais o achava engraçado agora. O garoto gemia, lágrimas escorriam pelo seu rosto, e ele ficou se mexendo no carrinho até que os pés se aproximaram da extremidade que Bob Dentelongo empurrava. Sentou-se ligeiramente, e seus olhos se precipitaram em várias direções, absorvendo tudo o que

viam.

Estava em Florestranha, de fato. Mas não era a Florestranha dos livros do pai. Nathan achou que estavam na Via Sinuosa, uma estrada mágica que dava voltas, cortando toda a paisagem de Florestranha. E ali seria… deveria ser… o Grande Pomar de Sempre, onde cresciam imensas macieiras, e todas eram boas para subir e se balançar. As maçãs gigantes eram mais vermelhas do que o alcaçuz e mais suculentas do que qualquer outra maçã já sonhou ser – algo para se vangloriar, num mundo em que as maçãs provavelmente sonhavam.




Entretanto, aquele não era o Grande Pomar de Sempre. Não mesmo. Até poderia ter sido, mas há muito tempo. Agora tinha deixado de ser. As árvores estavam retorcidas e escuras, assustadoras demais para subir nelas. Perigosas, até. E não havia mais maçãs, exceto por coisas murchas que cobriam o chão dos dois lados da Via Sinuosa.

Nathan era só um menino, porém conhecia o cheiro de fruta podre. E

de cocô. Conseguia sentir ambos de onde estava, ainda que só houvesse uma brisa leve, e se esforçou para não respirar pelo nariz.

Enxugou as lágrimas, ainda gemendo baixinho, sem sequer se dar conta de que o fazia. Dentelongo e Caracrânio não pareciam querer machucá-lo, desde que ficasse de bico calado. Não que isso fizesse alguma diferença; estava assustado demais para falar qualquer coisa. Assustado demais para fazer qualquer coisa que não fosse olhar ao redor, aterrorizado e triste.

Era como se Florestranha estivesse morta. Como se alguém a tivesse matado. Se eles continuassem seguindo pela Via Sinuosa, acabariam chegando à Terra dos Sinos e Apitos e depois ao Cima-Rio, e Nathan não queria nem pensar no que poderia ter acontecido a todas as pessoas que moravam naqueles lugares.

A menos… Bem, sempre havia a possibilidade de encontrar alguém que o salvasse de Bob e de Caracrânio. Olhou ao redor, esperançoso, examinando o pomar arruinado em busca de algum sinal de que o socorro pudesse estar a caminho.

– Nem pensssse nisssso, garoto – sibilou Bob Dentelongo. – Agora você é nosssso. O chefe tem planossss para você.

Nathan ignorava o homem de dente de sabre o máximo que podia… O que não era muito significativo, considerando quanto Bob o assustava. Examinava o bosque, ouvindo os ruídos da noite de estrelas alaranjadas, esperando algum sinal de que o socorro estivesse chegando.

Foi então que começaram os gritos. Um choro pesaroso e horrendo surgiu à direita, das profundezas das árvores mortas do Grande Pomar de Sempre. E Nathan sentiu o cheiro penetrante e ácido de laranjas frescas.

– Ah… – disse. – Ah… Não, por favor…

Caracrânio tapou a boca de Nathan com força, segurando uma faca rente à sua garganta. Quando falou, sua voz áspera era um sussurro tão baixo que Nathan mal conseguia identificar as palavras.

– Eles não estão do nosso lado – sussurrou Caracrânio, e Nathan quis gritar ainda mais naquele momento. As criaturas que berravam na floresta talvez pudessem socorrê-lo, salvando-o daquelas outras.

– E também não essstão do seu lado, pessstinha – acrescentou Dentelongo num murmúrio, e todos ficaram em silêncio até o cheiro de laranjas desaparecer.

– Os Repiques Laranja não estão do lado de ninguém – concordou Caracrânio. – São apenas uns selvagenzinhos perversos que cheiram bem.

Após um instante, Bob Dentelongo pegou o carrinho e voltou a empurrá-lo. Ele e Caracrânio tentavam fazer o mínimo possível de barulho; Nathan sentia vontade de gritar de novo, porém não o fez. Não tinha nem seis anos, mas já era esperto o bastante para sentir medo de qualquer coisa que amedrontasse os próprios monstros.

Eles o olhavam de tempos em tempos, e Nathan simplesmente desviava o olhar. Não gostava de encará-los; não queria pensar sobre onde estavam, nem no que havia acontecido àquele lugar. Era grande o suficiente para saber que Florestranha não era de verdade. Pelo menos era isso o que o pai lhe tinha dito, e papai nunca mentia. Mas talvez, pensou, talvez, quem sabe, papai não soubesse mesmo.

Nathan começou a chorar de novo ao pensar nisso – ao pensar nisso, e também ao sentir o cheiro do xixi que encharcava sua calça e já começava a secar. Se papai não sabia, não poderia vir atrás dele. Nunca.

E se papai não pudesse achá-lo em Florestranha, ninguém mais poderia.

– Por que raios ele está chorando, Bob? – resmungou Caracrânio. – Eu mal tinha começado a apreciar esse silêncio, e o garoto tem de vir arruinar tudo. Vou arrebentar a cabeça dele feito uma noz e sugar seu cérebro como se estivesse num concurso de comer empada de couve-flor.

– O Chefe não ia gostar, Cara – grunhiu Dentelongo. – Melhor não.

– Você é mesmo um estraga-prazeres – retrucou Caracrânio, porém sem dizer mais nada sobre comer o cérebro de Nathan ou empadas de vegetais.

Falavam dele como se o garoto não estivesse ali, o que não incomodava Nathan. Ele não queria mesmo estar ali, e ficava fechando os olhos na esperança de acordar em casa ou se teletransportar para algum outro lugar, exatamente como havia visto nos desenhos, exceto talvez por *Scooby-Doo*.

Após mais uma curva na Via Sinuosa, subitamente o céu se iluminou. Por um momento, teve a esperança de que o sol pudesse aparecer, mas depois ouviu a crepitação. Sentiu um forte cheiro de fumaça. Havia um incêndio, e era grande.

Rapidamente sentou-se e sentiu o estômago revirar ao ver as chamas

consumindo uma cidadezinha que um dia fora vibrante e colorida. O fogo também era repleto de cores – das casas, das lojas e das pessoas… até o Engenho Melódico ardia, com suas sacadas e entalhes de ferro e madeira em chamas.

Era a Terra dos Sinos e Apitos, e, tirando o rugido do fogo, estava em total silêncio.

– Caramba! – sussurrou Dentelongo, acariciando o bigode e lambendo os longos dentes.

– Mas que beleza! – exclamou Caracrânio, deleitando-se.

Com o coração batendo forte, Nathan percebeu que as duas criaturas não prestavam atenção nele naquele instante. Era hora de fugir, por isso se esgueirou pelo lado direito do carrinho.

– Ei! – gritou Caracrânio com raiva, a voz ampliando-se num grunhido furioso.

Mas Nathan já corria, tão rápido quanto permitiam suas perninhas de menino, voltando pelo caminho que haviam seguido ao longo da Via Sinuosa. Não se lembrava do que havia lá atrás, exceto, talvez, a caverna de Rabeca, a cabana de Resmungo e as casas de alguns outros. Mas bastava ser na direção oposta àquela que Dentelongo e Caracrânio queriam que ele fosse.

– Peguei! – vociferou Dentelongo, e Nathan sentiu um puxão nas costas de seu pijama.

Porém continuou a correr, e ouviu Bob Dentelongo praguejando atrás de si. Seu pijama com pezinhos tombou na superfície dura, e as lágrimas continuaram a escorrer; mas não iria parar. Nathan soltava gritos altos e longos, como se aquilo fosse de algum modo protegê-lo.

– Pesssste! – berrou Dentelongo.

– Vou matar você! Quanta dificuldade está criando! – acrescentou Caracrânio, e Nathan quase diminuiu o passo ao ouvir aquela risada terrível e ressonante. Aquilo lhe tirou as forças por um segundo.

Mas, ainda assim, não parou. Continuou correndo. Dobrou uma curva e rezou para encontrar alguém. Gritou por socorro, chamando pelo pai que nunca o encontraria ali; e, se seu pai não o encontrasse, ninguém jamais o faria.

Sentiu o bafo quente do homem de dente de sabre atrás dele e depois ouviu Bob Dentelongo rugir, suas garras rasgando-lhe as costas. Nathan Randall quase desmaiou por causa da dor e do choque.

O garoto ficou deitado de barriga no chão, pedindo a Deus que a mãe e o pai chegassem naquele instante. Que viessem para levá-lo para casa. Sua casa. Não existia mais uma casa para todos eles, mas seu quarto ainda estava nela. Seu quarto, onde estaria seguro.

– Eu… quero… a minha… mãe! – arquejou histericamente em meio a doloridos soluços.

– Aaaahhhnnn – disse Caracrânio atrás dele, a voz trovejante, próximo de onde Dentelongo havia pregado Nathan na terra; terra cujo gosto ele sentia na boca. – Coitadinho, quer a mamãe! Vamos, Bob, pode levantá-lo.

Bob Dentelongo rapidamente içou Nathan, as garras no couro cabeludo e na bochecha do garoto, e aproximou o rosto do garoto da cara horrenda, fumegante e fedorenta de Caracrânio, que se moveu de modo a colocar o nariz podre e retorcido perto o bastante de Nathan, para que ele pudesse… lambê-lo, se quisesse… e Caracrânio soltou outra risada.

– Também queremos sua mãe, pestinha – esclareceu Caracrânio. – Se conseguirmos botar as mãos naquela mulherzinha, algo que não é tão fácil quanto parece, vamos arrancar o coração dela e comer, se você não se importar. Essa porcaria toda é quase mais por culpa dela do que de qualquer outra pessoa.

Aquilo foi a gota d'água para que Nathan cruzasse o limiar da histeria e não fosse mais capaz de pensar. Mal respirava. Agora não havia mais lágrimas, apenas gritos e a sensação de que vomitaria se não parasse de gritar – e ele não conseguia parar.

Sentiu de novo o cheiro de laranjas.

– Larguem a criança – falou uma voz gorgolejante e pegajosa que soou próxima de seu ouvido. – Larguem Nathan e se afastem, seus bandidos. É uma ordem.

Dentelongo deixou o menino cair no chão e junto com Caracrânio voltaram-se para a colina atrás de Nathan. Dolorido, com as costas ainda sangrando, Nathan se virou e olhou para o caminho repleto de sujeira para se deparar com a forma horrível, derretida, os traços escorridos do General Manteiga de Amendoim.

O General parecia um soldado de uniforme das antigas, só que coberto de manteiga de amendoim e abelhas. Quando abria a boca, fios de manteiga de amendoim se estendiam como teias de aranha de um

lábio a outro.

Em volta de seus pés, tagarelando, havia quatro ou cinco Repiques Laranja, monstrinhos perversos que eram laranjas com pernas e imensas bocas com presas em formato de agulha. As bocas se abriram, e os Repiques começaram a gritar.

– Nós… nós o pegamos… de maneira justa! – Caracrânio gritou corajosamente.

Os Repiques berraram ainda mais alto e partiram colina abaixo.

– O garoto… – disse a voz gorgolejante do General – …é meu.

– Oh, Deus – disse Thomas, olhando a figura indefesa de seu único filho deitada na cama do hospital, com máquinas ao redor fazendo bipes, um indício de que o garoto ainda estava vivo. – Nathan.

A equipe do hospital o levara para o quarto numa maca com rodinhas, e os braços e pernas do garoto jaziam largados como se não houvesse mais nenhuma centelha de vida nele. A enfermeira tinha tirado a roupa de Nathan, vestindo-o em seguida com a bata do hospital. Ela tivera alguma dificuldade para amarrar a parte de cima em suas costas, mas acabou conseguindo. Emily e Thomas se ofereceram para ajudar, porém, tudo parecia acontecer em volta deles, como se fossem um obstáculo, e não os pais do garotinho mole e sem vida deitado naquela cama.

– Nathan – sussurrou Thomas.

Emily foi chamada no corredor. Aparentemente, havia um telefonema para ela. Thomas só pôde presumir que se tratava do novo namorado, cujo nome ela ainda não tivera a cortesia de mencionar.

Ela devia ficar aqui, pensou, enfurecido. O resto do mundo podia esperar. Não queria sentir inveja de sua nova vida, mas a vida real, seu filho, precisavam dela agora. Sua recente vida amorosa não devia sequer fazer parte de sua lista de prioridades.

Thomas piscou.

Alguma coisa… estranha no ar. Alguma coisa… um cheiro.

Sentiu cheiro de laranjas.

A fragrância foi ficando cada vez mais intensa, até tomar o quarto inteiro. Houve um momento em que ficou tão forte que ele só conseguia prestar atenção nela. Andou pelo quarto, tentando entender de onde o cheiro vinha e onde era mais forte. Aquilo o deixara perplexo, mas por

fim desistiu e voltou para perto de Nathan.

Foi aí que percebeu que a fragrância emanava do filho. Nathan estava com um cheiro forte de laranja. Thomas ficou impressionado e profundamente perturbado por aquele fenômeno peculiar. Estendeu a mão a fim de apertar o botão para chamar a enfermeira.

Ouviu um som de *arranhões* na janela. Thomas virou rápido, a mente a mil, e viu um lampejo verde e laranja do lado de fora. Mas eles estavam no quinto andar! Quem poderia ser…? Um pombo ou algo assim, certo? Em seguida, ouviu um bater de asas. Não ouviu? Não tinha ouvido um bater de asas, como faria um pombo ao voar para longe?

Sim.

E, depois, a música. Sinos de vento. E o som de alguém tocando um violino. Uma rabeca.

Ou talvez só o som das asas de um dragãozinho.

# Capítulo 5

Um longo suspiro escapou dos lábios de Emily Randall. Tinha parado de chorar, mas permaneciam os vestígios úmidos de lágrimas em suas bochechas e um leve odor salgado no ar. Com toda a sua força ela abraçou Joe Hayes, fechou os olhos e saboreou a sensação dos vigorosos braços ao redor de si. Por mais que tentasse, Emily não conseguia trazê-lo perto o suficiente.

Seu coração o empurrava para longe.

Ela abriu os olhos e os ergueu para Joe.

– Você não devia estar aqui – falou.

– Eu tinha de vir – respondeu ele, e a olhou com tanta preocupação e piedade mal disfarçada que Emily sentiu-se, ao mesmo tempo, grata por conhecer um homem de tamanha bondade e desconfiada de tanta emoção.

Não importava. Ali não era lugar para ele. Ela só havia telefonado para dizer o que estava acontecendo, para ouvir sua voz e, francamente, porque era isso que se devia fazer. Ele era parte da sua vida. Ela o amava, ao menos um pouco. Por isso tinha ligado para lhe dizer o que havia acontecido e falara que o veria no dia ou na noite seguinte.

Não esperava que ele viesse ao hospital. Joe tinha pedido a uma das enfermeiras que lhe dissesse que havia um telefonema, e, quando Emily saiu do quarto de Nathan e se dirigiu ao posto das enfermeiras, lá estava ele. Ela sorriu, chorou e o abraçou, e falou com ele com a voz trêmula. Durante a conversa, porém, sentiu um calafrio infiltrando-se cada vez mais e mais profundamente em sua carne, em seus músculos e ossos.

Devia ter ficado radiante por ele ter vindo. Em vez disso, sentia-se incomodada com sua presunção. O garotinho, seu garotinho, deitado naquele lúgubre quarto fedendo a amônia no fim do corredor, era o

centro de sua vida. Cada fibra de seu ser, o sangue que corria em suas veias, o ar que respirava… ela o fazia por Nathan. Ele precisava dela, e não havia nada que pudesse fazer para ajudá-lo, e a dor dessa impotência era a agonia mais atroz que já havia experimentado.

Foi só então, quando olhava nos tempestuosos olhos cinzentos de Joe, enquanto ele aguardava que ela explicasse suas palavras, que Emily começou a entender.

Joe era um espectador inocente. Nada daquilo tinha relação com ele. Era evidente que se preocupava com ela, isso era inquestionável, mas não sabia nem por onde começar a imaginar quanto ela sofria naquele momento. Era como se Emily estivesse sendo exibida numa vitrine, a ferida exposta, e Joe fosse um mero observador casual, como um turista num museu, capaz de reconhecer a bela cor num trabalho artístico, porém completamente incapaz de entender a arte em si.

Ali não era lugar para ele. Ela gostava de Joe, contudo, não desejava estar com ele naquele momento. Ela queria… precisava estar com Thomas. Só Thomas conseguia entender.

Emily começou a piscar, mordendo o lábio superior, e balançou a cabeça, incapaz de encarar Joe.

– Desculpe – disse ela, e depois ficou com raiva de si mesma por ter pedido desculpas. – Não tem nada a ver com você. Mas quero que entenda…

– Sssshhh – sussurrou ele, os olhos límpidos e arregalados, colocando um dedo nos lábios dela. – Não precisa explicar. Sei que isto tudo, entre nós, está só no começo. O que quer que tenha que acontecer entre nós acontecerá depois. Agora você precisa se preocupar com Nathan e consigo mesma. Posso entender isso.

Um par de enfermeiras com cerca de quarenta anos sussurrou entre si na hora em que um telefone tocou ali perto. Emily sentia a maravilhosa fragrância de violetas de um arranjo floral disposto em cima de um balcão azul-pálido. Mas não importava quantas flores os entes queridos – porque é isso que sempre haviam sido: entes queridos – trouxessem, tampouco quantos produtos de limpeza fossem usados para esfregar cada superfície, os hospitais para Emily tinham sempre o cheiro da morte.

Bem, talvez não tanto a morte quanto o morrer em si.

Detestava aquele cheiro de desinfetante. A ideia de que Nathan teria de passar a noite ali, de que teria de ficar até que os médicos

descobrissem o que havia de errado com ele… Ela já podia sentir a bile subir no fundo da garganta.

Tão baixinho que ela mal ouviu, Joe disse seu nome.

– Desculpe – ela respondeu, ainda que não tivesse muita certeza se pedia desculpas por ter se fechado para ele um instante ou por ter ficado aérea daquele jeito. Talvez as duas coisas. Tinha a sensação de ter passado tempo demais na vida pedindo desculpas. Aos outros. A si mesma.

Um enfermeiro apareceu empurrando uma nova paciente, uma menina de não mais de treze anos, cujo rosto e braços estavam cortados, machucados e repletos de pontos, e contou a história de um acidente de carro ou alguma tragédia similar. Os olhos da menina estavam abertos, mas não parecia que ela estivesse olhando para alguma coisa. Havia uma pequena corrente de ouro em volta de seu pulso com um peixinho ou um golfinho pendurado. Emily imaginou ser um presente do pai ou de outro familiar, ou talvez de um namorado, se a menina já tivesse idade para ter um.

Mas, enfim, o que era ter idade suficiente nesses dias?

– Melhor você voltar para o quarto, não é? – perguntou Joe. – Sei que está distraída. Você deve ficar com Nathan agora.

– Sim, é verdade – concordou ela, mas não fez menção de se mover.

– Se precisar de mim, só para conversar, ou para resolver alguma coisa, dar uma passada na sua casa por qualquer razão, você sabe que pode me ligar a qualquer hora – Joe lembrou.

Emily fez que sim com a cabeça.

Quando ele se curvou para beijá-la, seus lábios passaram de leve pela boca anestesiada dela, como se percebessem que não eram bem-vindos.

– Obrigada por ter vindo – disse ela, mal percebendo o que falava, a mente repleta de violetas, enfermeiras, suturas e odores fúnebres.

Quando piscou e olhou de novo para cima, esperava que Joe já tivesse ido embora. Tinha se distanciado da realidade outra vez e imediatamente sentiu-se culpada por isso. Mas ele não havia partido; estava a apenas um ou dois passos de distância. Cabelos loiros, com mechas que chegavam ao avermelhado. Aqueles olhos acinzentados que ao sol podiam ficar azuis ou verdes. Um professor universitário de vinte e seis anos, inteligente e ambicioso. Ele ergueu o queixo dela com dois dedos e se inclinou para lhe dar outro beijo, no qual ela repararia.

Ela de fato o percebeu. Fechou os olhos e o retribuiu.

– Obrigada – disse ela outra vez, sussurrando em sua boca, e dessa vez falava de coração. Sentia-se contente por ele ter vindo e igualmente feliz por estar indo embora. – Ligo pra você de manhã – prometeu.

– Telefone quando puder – disse ele, a testa enrugada de preocupação.

Joe se virou e andou corredor afora, e Emily se deteve para contemplar sua partida. Depois se voltou, concentrando-se outra vez na visão de Nathan deitado e imóvel naquela cama, desejando o inesperado conforto que sentia na presença do pai do seu filho. Pelo menos, com Thomas ali, não estava sozinha em sua angústia.

Emily voltou o olhar para a porta do quarto de Nathan.

Thomas estava ali, de pé, postado no chão com um pé de cada lado da soleira, olhando-a fixamente.

– Então é ele?

Com um triste aceno de cabeça, os cabelos loiros caindo sobre os ombros, ela abriu a boca para responder e explicar a Thomas o que sentia. Mas apenas suspirou, balançando a cabeça em um gesto quase imperceptível, e passou por ele, adentrando o quarto em que Nathan estava.

– Sei que você curte caras mais jovens, Em, mas ele já é um pouco demais, não é? – provocou Thomas, amargo.

Ignorando o emaranhado de cores num mural na parede atrás dela, Emily afundou numa cadeira próxima à cama do filho. Quando enfim respondeu ao ex-marido, não conseguia encará-lo – não por vergonha, mas por ter se rendido.

– Sei que você quer falar disso agora, Thomas – murmurou Emily, a voz fraca. – Talvez você precise disso, não sei, para se distrair. Sei lá. Quando o Nathan… quando o Nathan acordar, ficarei contente em perder meu tempo dizendo a você que aquilo que faço da minha vida não é da sua conta.

Então o encarou, e viu que algo da raiva se esvaíra de seu rosto, de sua postura.

– Agora simplesmente não tenho forças – concluiu.

Virou-se para o outro lado e estendeu a mão para Nathan, acariciando sua pálida bochecha com o dorso da mão, correndo os dedos por seu cabelo sempre desgrenhado, desejando que olhasse para ela. Que

sorrisse. Que soltasse uma risada. Qualquer coisa que lhe permitisse saber que ele ainda estava ali.

Lentamente encostou a cabeça no peito de Nathan, ouviu as batidas de seu coração e sentiu seu peito subir e descer sob seu rosto. Agora as lágrimas corriam livres. Ainda que não tivesse ouvido nem sentido sua aproximação, Emily não emitiu qualquer resposta quando Thomas colocou as tão familiares mãos em suas costas, num gesto de conforto.

Pelo menos essa tinha sido a intenção dele. Em vez disso, o calor daquelas mãos, a lembrança delas, só a fizeram se sentir ainda mais sozinha. A comunhão que esperava ter com Thomas, o compartilhar conjunto da dor, agora parecia ter sido apenas uma tola esperança.

Nunca havia se sentido tão sozinha.

– Preciso ligar para Francesca – avisou Thomas, a voz falhando, e pigarreou ruidosamente. – Vou pedir que cancele minha viagem a Los Angeles amanhã. Quero passar a noite aqui com você e Nathan, se não se incomodar.

No corredor, ouviu-se um grande estrondo. Um enfermeiro havia se atrapalhado com algumas bandejas de metal, que caíram no chão de ladrilho. Emily nem sequer reagiu ao barulho.

– Tudo bem – disse ela, e depois foi tomada por uma ponta de divertimento que jamais ficou evidente em seu rosto. – Seu perseguidor vai ficar muito decepcionado.

Foi só quando ouviu o súbito suspiro acima de si e sentiu o aumento da pressão da mão direita de Thomas em seu ombro que pensou no que havia acabado de dizer. De olhos arregalados, virou-se para ele e fitou seus olhos penetrantes e contemplativos. Mas Emily sabia que aqueles olhos não enxergavam nada naquele momento. Thomas estava pensando.

– Você não acha que… – começou ela.

– É absurdo – admitiu –, mas não impossível.

Thomas levou a mão à pequena mesa de cabeceira e pegou o telefone. Apertou 9 para obter linha externa e depois discou para a telefonista.

– Preciso do número da polícia de Tarrytown – falou, a voz firme e brusca.

Enquanto esperava o número, Thomas olhou para Emily, fazendo um gesto com a cabeça para o longo fio com um botãozinho na ponta.

– Aperte aí para chamar a enfermeira – pediu. – Ele precisa de

exames para verificar se foi envenenado… ou algo assim.

Seus dedos entrelaçaram-se nos dela, e ela os apertou com força, segurando sua mão. Juntos, aguardaram.

Choveu na manhã de segunda; uma tempestade mais comum para a primavera do que para o verão, e, ainda assim, teria sido incomum. Ao nascer do sol, estava quente e apenas um pouco nublado, com pouquíssimo vento. Às nove horas, o clima já era outro. A brisa estava consideravelmente mais forte, nuvens negras varriam o céu, e a temperatura começara a cair com rapidez.

Às nove e meia, a temperatura estava um pouco acima dos vinte graus, e o horizonte parecia doente, como se o pior dos tumores estivesse sob ele. Estava quase tão escuro quanto de noite, mas o céu tinha a estranha qualidade do ocaso, a coloração bizarra de um eclipse solar. O ar parecia tremeluzir com a expectativa de… algo.

O primeiro relâmpago estendeu dedos elétricos da terra ao céu logo antes das dez, e o estrondo do trovão que o acompanhou foi alto e duradouro, fazendo estremecer as janelas da cantina do hospital. No terceiro trovão, começou a enxurrada. A chuva martelava as janelas com imensas gotas, uma tempestade vigorosa que imediatamente passou a gerar poças largas e profundas no estacionamento e nas ruas próximas.

Diante do volume quase surreal de chuva chicoteando o prédio, Thomas franziu tensamente a testa, olhando com raiva para o outro lado da mesa, onde estava Walt Sarbacker, o detetive mandado pela polícia de Tarrytown para tomar seu depoimento a respeito do perseguidor.

O “suposto” perseguidor, segundo a polícia. Era essa a palavra que deixara Thomas com raiva. Mas logo ele percebeu que sua raiva era contraproducente.

Sarbacker era um homem magro, de óculos, com fios acinzentados nas têmporas e brancos no restante da cabeça. Empurrou os óculos nariz acima, aguardando algum comentário de Thomas, e em seguida deu uma olhada na chuva ininterrupta, tendo aparentemente percebido que o comentário não viria. O detetive era mais jovem do que o cabelo grisalho dava a entender, ainda que Thomas não conseguisse estimar sua idade.

Perguntava-se se o detetive Sarbacker teria filhos.

O homem havia erguido a sobrancelha diversas vezes enquanto

Thomas lhe contava as esquisitices que vinham acontecendo: o modo como Nathan se comportava, as preocupações do garoto com os personagens de Florestranha, que, segundo ele, queriam lhe fazer mal, a insistência de que haviam estado fisicamente em sua casa… o que agora parecia ainda mais assustador do que antes.

Quando Thomas contou sobre as pegadas e as marcas de um rosto de manteiga de amendoim no vidro, Sarbacker efetivamente grunhiu. Thomas decidiu tomar aquilo como um sinal de consternação por parte do detetive, e, sob esse aspecto, uma boa notícia. Desejava que o homem o levasse a sério. Queria que o detetive ficasse verdadeiramente preocupado.

Sarbacker fazia anotações num caderninho enquanto Thomas falava. O alarido da vida cotidiana continuava ao redor deles na cantina. Os pacientes que tinham permissão para caminhar pelo hospital, e já não aguentavam ficar no quarto, de algum modo conseguiam levar bandejas para as mesas. Famílias e indivíduos aguardando resposta para questões da mortalidade ficavam sentados em silêncio ou numa irreverência dolorosamente produtiva. Um par de pais "frescos" trocava observações enquanto pegava um almoço antecipado para levar para cima, às mulheres a quem agora estavam perpetuamente unidos.

Afinal, não importava o que acontecesse, pensou Thomas, sempre teriam um filho em comum. Sempre teriam um bebê que haviam trazido ao mundo juntos.

Qualquer coisa diferente era impensável.

Thomas sacudiu a cabeça. Tinha a impressão de que andava, enxergava e, em especial, pensava através de uma névoa desde que surpreendera Nathan no banheiro na noite anterior. Mas agora devia prestar atenção. O policial estava falando com ele.

– Desculpe?

O detetive fez um leve aceno de cabeça.

– Falei que para mim não faz sentido nenhum – repetiu Sarbacker. – Imagino que qualquer um possa ter um perseguidor. E entendo qual a relação disso com seu trabalho, é óbvio. Só não entendo a razão. É evidente que você ganhou algum dinheiro, mas esse tipo de coisa não tem a ver com dinheiro. Se alguém o estiver perseguindo… – o *se* não passou despercebido a Thomas – …então é uma questão de obsessão. E, por mais que a história de Florestranha seja maravilhosa, o que haveria

numa série de livros infantis que poderia inspirar esse tipo de obsessão?

Apesar de ter procurado uma resposta irônica, Thomas não achou nenhuma. O que poderia responder?

– Talvez nem seja isso – sugeriu Thomas. – Talvez seja alguém que me conhece. Que quer se vingar de mim por alguma coisa, sei lá. Pode ser um profissional. Algum psicopata… Meu Deus, eu não sei.

Ele quase falou *esse não é o seu trabalho?*, mas decidiu calar a boca. Teve de lembrar a si mesmo diversas vezes que Sarbacker estava do seu lado. Supostamente.

– E quanto ao meu filho? – perguntou Thomas, repetindo uma pergunta que já havia feito duas vezes, sem resposta. – Alguma coisa na pasta de dente, você acha? Como foi que esse cara entrou na minha… quer dizer, na casa da minha ex-mulher?

Outra vez, com aquele leve aceno de cabeça que Thomas rapidamente compreendeu que não significava nada, Sarbacker franziu o semblante.

– Não vejo nenhuma razão para acreditar que ele tenha entrado lá, senhor Randall. Não havia indícios de arrombamento, e ninguém relatou ter visto alguém suspeito perto da residência de sua esposa. E, segundo os médicos, Nathan não foi envenenado.

Thomas empalideceu.

– O quê? Não foi… Então que raio de coisa o deixou assim?

– Quisera eu saber – respondeu Sarbacker. – Mas o doutor Gershmann foi bastante claro ao dizer que o exame toxicológico não apontou a presença de nenhum veneno… de fato, nada fora do comum no organismo do seu filho.

Thomas mordeu o lábio e balançou a cabeça, recusando-se a compreender as palavras do homem.

– Desculpe, detetive… – começou, mas deixou as palavras sumirem. Que absurdo estar chamando alguém de *detetive*. Nunca precisara usar aquele termo antes, e agora parecia levemente ridículo.

– Senhor Randall? – arriscou Sarbacker.

– Não é nada – respondeu Thomas, cobrindo os olhos, como que para protegê-los.

De súbito, deixou as mãos penderem, endireitou-se na cadeira, estreitou os olhos e encarou o detetive.

– Você esteve no quarto do meu filho, não esteve? – perguntou

Thomas.

– Só por um instante, falando com sua esposa – respondeu Sarbacker. – Por quê?

– Você notou alguma coisa… Não sei, algo estranho enquanto estava lá?

Sarbacker ergueu levemente o queixo, a testa enrugada demonstrando confusão.

– Estranho em que sentido?

– Não sentiu nenhum cheiro?

O detetive começou a piscar. Thomas arregalou os olhos e inclinou a cabeça, incitando o homem a lhe dar uma resposta.

– Flores, acho – respondeu Sarbacker. – O cheiro normal de hospital.

– Pense bem – insistiu Thomas.

Por um instante, o homem efetivamente fechou os olhos. Abriu a boca, inspirando devagar. Quando os olhos se abriram, ele olhava para Thomas de um jeito estranho.

– Senti um outro cheiro – recordou Sarbacker. – Acho que o descartei, imaginando que fosse o perfume de sua esposa, um xampu ou algo assim.

– Minha ex-esposa? Ela não toma banho desde ontem de manhã – respondeu Thomas rapidamente. – Que cheiro você sentiu?

Com um diminuto dar de ombros, Sarbacker falou:

– De laranja.

– Laranja – concordou Thomas. – O cheiro vai e vem, mas é de Nathan que está saindo, como se o expelisse na respiração. Achei que talvez fosse alguma reação química do veneno ou… mas você está dizendo que ele não foi envenenado.

– Não até onde os médicos conseguem determinar.

– Laranja – repetiu Thomas, apoiando o queixo nas mãos.

– De onde é que está vindo esse cheiro, então? – perguntou o detetive.

Thomas não tinha resposta.

*Ele ouvia bipes. Bipe, bipe, bipe, bipe. Não como os do Papa-Léguas, mas ininterruptos, como os de um robô. Mais rápido. Mais rápido. Mais…*

*Ele chorava. Conseguia sentir o gosto salgado das próprias lágrimas.*

O coração de Nathan martelava em seu peito. Ele mal conseguia respirar, tal era o vigor com que chorava. Sabia que, se não parasse, iria vomitar, mas não importava.

– Ele… ele é nosso, por direito! – rosnou Caracrânio.

Mas ele e Dentelongo não se aproximaram de Nathan, nem um centímetro. Durante um longo instante ninguém disse nada, até os Repiques Laranja tinham parado de urrar e o vento havia cessado. Uma cintilante luz alaranjada de estrelas brilhava sobre o caminho. O cheiro de fogo – da Terra dos Sinos e Apitos ardendo em cinzas não muito longe dali – impregnava o ar.

O General Manteiga de Amendoim estava no topo da colina, enxameado de abelhas. Deu um passo à frente, e os Repiques Laranja precipitaram-se alguns metros colina abaixo, na direção de onde Nathan jazia, caído no chão.

– Bob? – murmurou Caracrânio em um tom repleto de ansiedade, uma fumaça verde saindo de cima do olho esquerdo, onde seu crânio se repartia em dois. Isso acontecia sempre que ele estava com raiva ou com medo.

Ao lado do troll que soltava fogo pela cabeça, Bob Dentelongo deu um corajoso passo à frente e levantou o queixo em um gesto de desafio, encarando o General Manteiga de Amendoim.

Nathan Randall vomitou no chão, e o cheiro fez com que chorasse ainda mais enquanto se afastava para o lado, tentando evitar que o vômito respingasse em suas roupas. Queria fazer xixi de novo e mordeu o lábio para tentar segurar. Sua calça já fedia a urina.

– Mamãe – suspirou, a respiração vindo em espasmos. – Pa-pai?

– Vai ficar tudo bem, garoto – falou o General Manteiga de Amendoim, a voz gorgolejante, a boca cheia de manteiga de amendoim. Corria um fio de manteiga do lábio superior para o inferior, e as abelhas zumbiam, entrando e saindo toda vez que ele abria a boca.

Nathan parou de respirar e só observou, os olhos arregalados. O General talvez quisesse ajudá-lo, mas Nathan sentia ainda mais medo dele e das abelhas do que de Dentelongo e de Caracrânio.

– Traidor – grunhiu enfim Dentelongo, encarando o General. – Você ssssabe que é assssim que tem de sssser. O Garoto tem de sssser devolvido. O bosque precccisa dele. O que for neccccessário fazer, sssserá feito.

– Não assim – replicou o General Manteiga de Amendoim. Então estendeu uma das mãos e apontou para Nathan. – Peguem-no!

Os Repiques Laranja gritaram, e Nathan achou que pareciam quase felizes. Corriam com suas perninhas colina abaixo, fileiras de dentes-agulha rangendo e lanças sendo brandidas. Dirigiram-se para Nathan, e o garoto fechou os olhos, alienando-se por completo. Não era capaz de olhar.

Então, Bob Dentelongo cerrou o punho em seu braço e começou a levantá-lo. Os olhos de Nathan abriram-se de súbito, exatamente quando Dentelongo começou a guinchar, combinando um grito e um rugido. Eram as abelhas. Elas se agrupavam em torno da cabeça de Dentelongo, que deixou Nathan cair novamente, bem com a cara no chão.

Os homenzinhos em forma de fruta gritavam e afundavam os dentes nas pernas de Bob, alguns deles pulando para morder e apunhalar Caracrânio. Por um instante, Caracrânio tentou golpeá-los, mandando-os para longe, enquanto tentava se desvencilhar das abelhas. Mas Bob Dentelongo virou-se e correu, e, no momento em que Caracrânio o viu, fez a mesma coisa.

– Traidor! – rugiu Caracrânio enquanto desaparecia entre as árvores mortas e retorcidas às margens do caminho.

Nathan não sabia como, mas tinha parado de chorar. Assustado demais até para isso, respirava com rapidez, o terror comandando a entrada de ar em arquejos irregulares, enquanto olhava ao redor, os olhos arregalados. Os Repiques Laranja fizeram um círculo à sua volta, só que a maioria ficou de costas para ele, de lança em punho, berrando em desafio para as trevas além do caminho.

Eles estavam… protegendo-o?

Aquilo não fazia nenhum sentido. O General Manteiga de Amendoim dissera que ele ficaria bem, porém não dava para confiar nele. Ele era do mal. Aliás, era o mais malévolo de todos, exceto talvez pelo Chacal Lanterna. E os Repiques Laranja… eram selvagens, tipo lobos ou algo assim. Aquilo não estava certo. Não era para ser assim. Até Nathan sabia disso.




Mas, enfim, nada em Florestranha estava sendo como deveria.

– Olá, Nathan – falou uma voz que zumbia.

Nathan teve um sobressalto, virando-se, febril, para ver quem tinha falado com ele.

Eram as abelhas, claro. Havia centenas delas, agora numa nuvenzinha; aliás, numa nuvem bem atrás dele. O garoto ficou olhando

para elas, temendo que fossem atacá-lo, aferroá-lo, a qualquer momento. Nathan nunca fora aferroado por uma abelha, mas tinha pavor delas.

– Não vamos machucar você, Nathan – disse outra vez a voz zumbidora.

De algum modo, Nathan percebeu que aquela voz não era real. Era a voz das abelhas, as abelhas falando – o zumbido do enxame inteiro cumprimentando-o.

Os Repiques Laranja fizeram silêncio.

Um som que parecia de pés presos no barro fez Nathan subitamente virar a cabeça. Bem na sua frente, o General Manteiga de Amendoim ficou de cócoras e o estudou. O garoto se encolheu.

– Falei que ia ficar tudo bem, garoto – lembrou o General. – Nunca falo nada de brincadeira.

– Nunca, nunca – zumbiram as abelhas.

Nathan, a princípio, evitou o olhar do General Manteiga de Amendoim, porém chegou um momento em que sentiu que precisava ver. Lenta e temerosamente, olhou nos olhos do General, nos quais fios de manteiga de amendoim estendiam-se de sobrancelha a sobrancelha. Mas, para além daquilo, os olhos transmitiam bondade. Até uma certa tristeza.

– Posso… – começou Nathan, as palavras presas na garganta. – Posso ir pra casa agora? Eu quero a minha mãe.

O General Manteiga de Amendoim refletiu um instante e, em seguida, fez um gesto rápido com a mão para espantar algumas abelhas do quepe militar com cobertura de manteiga de amendoim. Nathan se encolheu de novo, assustado. Depois estremeceu de dor e mordeu o lábio para não chorar outra vez. Suas costas ainda sangravam, pensou, sentindo a umidade na pele.

– Calma – disse o General bruscamente. – Deixa eu dar uma olhada nisso.

Ele foi para trás de Nathan, e o garoto começou a gemer. Mas, quando a pegajosa mão do General Manteiga de Amendoim tocou suas costas, a dor pareceu ir embora. A manteiga de amendoim era como um bálsamo gelado.

– Melhorou? – perguntou a voz gorgolejante.

– Sim, obrigado – respondeu Nathan, incerto. – Meu nome… Eu me chamo Nathan. Moro em Tarrytown.

O General Manteiga de Amendoim sorriu para ele.

– Sim, meu filho – disse. – Eu sei quem você é. E, assim que eu entender como você veio parar aqui, farei tudo o que puder para garantir que volte para casa.

Com isso, o General lentamente pôs as mãos sob Nathan, sem ligar para o xixi nem para o vômito, mas tomando todo o cuidado para não assustá-lo ainda mais, e ergueu-o em seus braços gosmentos e engordurados. As abelhas zumbiam ao redor das pernas do General e às suas costas, algumas delas criando um halo insectoide acima da cabeça do homem de manteiga de amendoim, mas sem se aproximar de seu rosto nem de seu peito – mantinham distância de onde estava Nathan.

– Você vai ter de achar alguma outra coisa para vestir – falou o General, e depois baixou os olhos para os Repiques Laranja. – Cuidem disso – pediu.

Diversos Repiques gritaram alto, um som que parecia o ruído do metrô chegando à estação, e correram para a floresta. Os outros continuaram com o General.

Nathan ainda estava aterrorizado. Seu coração ainda batia, agitado, e os olhos se precipitavam para todos os lados, atentos a qualquer perigo que pudesse surgir à sua frente. O cheiro de manteiga de amendoim era tão forte que ficou ao mesmo tempo faminto e ainda mais nauseado. Mas do General ele não tinha mais medo. Os livros deviam estar errados, pensou. Claro que estavam.

Tinha olhado nos olhos do General Manteiga de Amendoim, e eles eram muito gentis.

Enquanto voltavam pela Via Sinuosa, a mente de Nathan foi relembrando todas as histórias que o pai havia lido ou contado sobre Florestranha. Pensou em todos os lugares dali e percebeu que Florestranha era terrivelmente grande. Não demoraria muito, pensou, para que todos chegassem à cabana de Resmungo e depois à Ponte Bamba.

Com um calafrio, Nathan pensou no que estava à espreita sob a Ponte Bamba, e aconchegou-se nos braços do General Manteiga de Amendoim. Antes que percebesse, suas pálpebras estavam pesadas.

Nathan Randall adormeceu nos braços de um monstro que já conhecia muito bem.

Enquanto um auxiliar trocava a roupa de cama de Nathan, um enfermeiro chamado Frank Pearlman segurava o garoto em seus braços fortes.

– Coitado – disse o auxiliar. – Não sabem o que há de errado com ele?

– Ainda não – respondeu o enfermeiro. – Até agora, nem ideia.

# Capítulo 6

Thomas não conseguia pensar.

Em vez disso, chorou.

Num pequeno pontão feito de imensas pedras de cantaria que se projetavam sobre o rio Hudson, sentou e chorou de frustração. Nada em sua vida o havia preparado para os sentimentos que o invadiam naquele momento. O pesar pela perda de entes queridos, a dor física – nada podia se comparar à angústia e ao desespero que agora o aniquilavam.

Era manhã de terça, e nada tinha mudado. Havia passado a noite numa rígida cadeira reclinável de plástico, no quarto de Nathan no hospital, a pouco mais de trinta centímetros da cama de armar em que Emily dormia. Naquela manhã, Nathan ainda jazia imóvel em sua cama dura e sem nenhum conforto. O antigo casal Randall tinha declarado uma espécie de trégua, baseada nos sentimentos que um dia haviam tido um pelo outro e em certas coisas que nunca passariam: um afeto confuso e resistente e uma devoção conjunta a Nathan.

Emily ofereceu-se para ficar enquanto Thomas foi para casa tomar banho e trocar de roupa, de modo que pudesse fazer o mesmo por ela. Assim, Nathan nunca ficaria sozinho, ainda que o dr. Gershmann não pudesse dizer se ele sabia que os pais estavam presentes. Com certeza o garoto não conseguia vê-los. Os médicos tinham sido obrigados a grudar as pálpebras de Nathan para impedir que seus olhos secassem. O efeito era enervante, ele parecia um horrendo experimento humano.

Quando Thomas chegou em casa, em Ardsley, havia sete mensagens na secretária eletrônica. Ele não as ouviu. Não olhou as cartas ao despejá-las na mesa da cozinha. Coisas que tinham importância quase ritualística em sua vida já não possuíam valor nenhum. Tomou seu banho, sem se dar ao trabalho de fazer a barba, e colocou uma

desbotada camiseta verde com gola V e uma calça jeans limpa.

Mas, na volta para o hospital, foi obrigado a se desviar do caminho. Ainda não podia voltar para lá. Sabia que precisava de um momento a sós, um tempo para entrar em comunhão com seu *id* ou algo assim. Tudo o que ele realmente sabia era que ficara tão anestesiado pelos acontecimentos dos últimos dois dias que mal conseguia pensar.

Assim, chegara até ali, depois de um rápido desvio com o Volvo. Ficou observando o rio Hudson, as ondulações da superfície denunciando a força profunda que espreitava sob ele ali. Thomas tinha pago quatro dólares para estacionar perto de uma área de piqueniques arborizada, em Philipse Manor, um subúrbio um tanto esnobe ligeiramente ao norte de Sleepy Hollow. Só tinha alguns minutos – não queria que Emily achasse que estava se aproveitando dela –, mas a tranquilidade valia quatro dólares. Exceto por alguns idosos, não havia muita gente com tempo para gastar no parque no fim de uma manhã de terça. E os idosos não ficariam andando numa formação rochosa com o rio passando a centímetros de distância.

Ele estava só.

– Meu Deus, Nathan, me desculpe – sussurrou para o rio.

Nunca na vida sentira-se tão frágil. Ele precisava desesperadamente fazer alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar Nathan: encontrar o médico certo, rastrear a pista que faltava, achar o perseguidor e enchê-lo de porrada. Todas essas coisas aparentemente não tinham relação entre si, mas Thomas não conseguia deixar de sentir que havia alguma conexão que ninguém estava enxergando. E como teria apreciado a violência naquele momento…

Com um suspiro, percebeu que era hora de ir andando. Passou o dorso da mão pelo rosto, esfregando as lágrimas, mas sem removê-las por completo. Postou uma das mãos na extremidade de uma enorme pedra, e tinha acabado de se erguer quando ouviu um *chape-chape* distante no rio.

Thomas resmungou consigo mesmo e se virou, assumindo naquele instante uma posição ridícula, para ver algo largo e negro desaparecer na superfície do rio, cortando a água como uma cauda de baleia.

– Como assim? – murmurou, imóvel, limpando a terra sobretudo imaginária do traseiro.

Curioso, apertou os olhos e observou a superfície da água, esperando

que o que quer que fosse aquilo emergisse de novo. Que se mostrasse. Em sua mente, tentava imaginar que aparência teria aquilo, mas não conseguia. Era só sua imaginação, agora, tentando despejar uma ideia subconsciente que se sobrepusesse à realidade. Aliás, aquilo parecia estar acontecendo bastante nos últimos tempos.

Quase um minuto se passou com ele parado ali. Thomas pôs a mão no bolso esquerdo, onde sempre guardava as chaves, e as puxou pelo controle do alarme. Relutante, virou-se para ir embora, ainda perguntando-se que tipo de peixe de água doce podia ter aquele tamanho enorme, mesmo que só o tivesse visto por um momento.

Com um dar de ombros, olhou ao redor para verificar se estava de fato sozinho; apenas dois senhores jogando xadrez sob um carvalho enorme, que parecia sustentar o próprio céu. Ninguém mais vira aquilo, pensou, e começou a escolher com cuidado o caminho pelo pontão até a grama verde do parque. No fim daquele prolongamento rochoso, logo antes de pisar na grama, virou-se para olhar de novo.

Parou por um momento.

A água irrompeu quando algo surgiu na superfície. Larga, achatada e negra, medindo facilmente um metro e vinte, a criatura era escorregadia como uma borracha molhada, tendo a mesma consistência. Uma cauda longa e fina arrastava-se atrás dela, e a criatura parecia flutuar na superfície da água como um esquilo voador pairando de árvore em árvore. Depois ela mergulhou de novo, repartindo o rio e desaparecendo na corrente vigorosa.

Thomas observou por um momento as ondulações da água no lugar onde a criatura tinha afundado. Em seguida, levantou os braços, uma mão sobre o rosto enquanto se abraçava com a outra. Os dedos cobriam um dos olhos, como se não suportasse ver o que acabara de ver, e seu coração batia forte demais, rápido demais no peito.

A mente deu à criatura um nome. Era uma arraia voadora, claro. O que mais poderia ser? Mas, por outro lado, não podia ser uma arraia voadora, porque isso não existia.

Não fora de Florestranha. Meu Deus, estava ficando louco.

No bolso direito, seu celular vibrou. Sobressaltado, deu um passo à frente, seu pé escorregou, e ele quase caiu na água rasa da margem do rio. Em vez disso, bateu o joelho direito na quina de uma pedra com força o bastante para rasgar a pele, mesmo com a proteção da calça.

Thomas uivou de dor. No parque, os eternos jogadores de xadrez deram uma olhada, viram que ele estava bem e voltaram para o jogo.

O telefone vibrou de novo.

Com um palavrão que teria feito corar até mesmo seu falecido pai, militar de carreira, Thomas arrancou o telefone do bolso, quase deixando-o cair na água, e por fim o abriu.

– Sim?! – falou, rude.

– Estou ligando numa hora ruim?

Thomas respirou fundo; baixou a cabeça.

– Não, Francesca – disse à agente. – Não existe hora boa esses dias; como esta poderia ser uma hora ruim? Acho que estou perdendo a cabeça, só isso.

– Não o culpo por isso – ela respondeu.

Thomas sabia que Francesca achava que ele se referia a Nathan e a como as coisas vinham se desenrolando. Deixou que ela pensasse aquilo. Tinha de voltar para o hospital de qualquer jeito, pensou. Depois, considerou se não deveria conversar com alguém na ala psiquiátrica. Ou pelo menos arrumar uma indicação de um psiquiatra.

– Estou voltando agora para o hospital – falou. – O que posso fazer por você?

Ela fez silêncio por um instante do outro lado da linha. Quando falou, o questionamento a respeito de sua sanidade não estava apenas nos pensamentos do próprio Thomas, mas também na voz da agente.

– Daqui a pouco vou para aquela reunião na Fox – disse. – Antes, só vou tomar o que quer que chamem de café da manhã aqui na Cidade dos Anjos. Depois vou lá fazer um caminhão de dinheiro para você. Realmente, não sei se vou conseguir sem sua presença.

– Vai conseguir mais dinheiro se eu não for, você sabe disso – replicou ele com desdém.

– Talvez – considerou ela. – Escuta, não quero parecer fria em relação a isso, Thomas, mas será que tem algum jeito de você participar de uma teleconferência daqui a pouco? E preciso saber o que dizer se eles perguntarem se você pode vir aqui para dar continuidade à reunião. Mesmo que queiram fechar o negócio, podem querer encontrá-lo pessoalmente.

A princípio, Thomas não respondeu. Depois, quando abriu a boca e a primeira sílaba começou a sair, Francesca cortou-o de imediato.

– Olha, eu sei que Nathan vem em primeiro lugar – ela disse rapidamente. – Pra mim também. De verdade. Mas os médicos já disseram que ele vai ficar bem…

– Eles não acham que ele vai morrer, Frankie – respondeu Thomas, estreitando os olhos enquanto massageava as têmporas, observando os senhores que jogavam xadrez. – Mas isso não significa que esteja melhorando. Não significa que não vá passar o resto da porra da vida dele desse jeito. Merda, qual é o seu problema?

Frankie fez *humpf*, Thomas ouviu, mesmo pelo telefone.

– Estou aqui trabalhando pra você, Thomas. Talvez você devesse pensar em trabalhar pro Nathan também. Olha, quer que eu cancele tudo? Tenho amigos em San Diego que adorariam passar a semana comigo, e férias cairiam muito bem agora.

– Não – disse Thomas no mesmo instante. – Desculpe, Francesca. Você só precisa entender…

– Eu entendo. Mesmo que você ache que não. Mas a vida precisa seguir adiante, Thomas. O mundo não para de girar quando você quer. E, sério, talvez Nathan precise de você agora mais do que nunca. Eu entendo. Realmente entendo. Mas a Fox quer isso agora. Daqui a uma semana, talvez mesmo daqui a um dia, eles podem não ter mais interesse. É assim que esse negócio funciona. Você sabe disso. Existe um valor aqui, um seguro. E, se vai ficar sem trabalhar por um tempinho, não preciso lembrar que os direitos de Florestranha são tudo o que você tem para sustentá-lo.

Aquelas palavras eram muito sensatas. Thomas tinha de admitir. Francesca não era uma agente sanguessuga que estalaria um chicote só para ganhar sua comissão. Era amiga dele. E, por mais horrível que aquilo fosse, tinha razão.

Até certo ponto.

– Olha, não posso fazer nada nas próximas horas. Tenho de trocar de turno com Emily, para ela poder tomar banho, mudar de roupa. Esta tarde, se quiserem falar comigo, a gente combina. Mas agora, agora, não. E não vou a Los Angeles.

– Thomas…

– Desculpe, Frankie, mas não. Se quiserem me encontrar, podem vir até Manhattan – ele respondeu com seriedade. – Já ferrei com a vida e com a cabeça do meu filho o bastante com esse divórcio. Se eles não

entenderem que meu filho precisa de mim agora, então fodam-se todos eles. Meu plano é estar aqui quando Nathan acordar.

Após uma breve pausa, Francesca disse apenas:

– Ligue se alguma coisa mudar. Depois eu conto como foi a reunião.

Houve um clique, e ela se foi. Thomas fechou o celular, colocou-o no bolso e, com esforço, fez o caminho de volta, contorcendo o rosto devido à dor no joelho. Uma pequena mancha escura de sangue, não maior do que uma moeda de dez centavos, havia atravessado o tecido da calça. Mas ele ficaria bem. Com tudo o que vinha acontecendo em sua vida, Thomas não voltou a pensar naquele ferimento.

Lançando uma olhadela para os jogadores de xadrez – o mais velho dos dois, um elegante latino, estava habilmente arrasando o outro –, Thomas foi meio que mancando pela grama sob as árvores, até chegar ao caminho de terra que conduzia ao estacionamento. Ainda que não tivesse visto ninguém além dos jogadores de xadrez nos últimos vinte minutos, mais ou menos, havia outros cinco carros no estacionamento. A duas vagas de distância estava um Jeep Cherokee Laredo verde, e Thomas admirou o veículo. Havia algum tempo que queria um, e ele sabia que Nathan iria adorá-lo.

Só pra você, amigão, pensou em uma silenciosa promessa para o filho. Quando Nathan acordasse, ele compraria o jipe para os dois.

Quando contornou o jipe, Thomas viu seu Volvo. Estava coberto de cocô de passarinho. Não apenas uma ou duas gotas brancas, marrom-esverdeadas, mas dúzias delas. Parecia que havia deixado o carro embaixo de uma árvore por semanas, e não por meia hora.

– Meu Deus! – grunhiu Thomas, e depois olhou para cima, como se implorasse ajuda aos céus. Mas os céus eram exatamente o problema, pensou. E começou a rir. Não durou muito, mas foi bom rir. Mesmo das próprias piadas idiotas.

Revirando os olhos e balançando a cabeça, tirou outra vez a chave do bolso. Foi até a porta do motorista e já a destrancava quando um imenso corvo pousou no teto do carro. O pássaro talvez fosse inocente, mas Thomas acreditava de todo o coração na culpa por associação, em particular se envolvesse animais como cães, gatos, pássaros e crianças pequenas.

– Sai, seu merdinha! – disse Thomas. – Fora. Xô! Sai de cima do carro!

O corvo limitou-se a olhá-lo ameaçadoramente, os olhos negros brilhando, refletindo o rosto de Thomas como a mais polida das pedras preciosas.

Thomas sacudiu as mãos, tentando assustar o pássaro. Nada funcionava. A ave simplesmente não se movia. Por fim, sem conseguir pensar em mais nada, Thomas tirou do porta-luvas um mapa e o agitou diante do pássaro. O corvo agiu como se fosse Cleópatra, deleitando-se com a brisa do mapa que o ventilava loucamente.

Thomas olhou zangado para o corvo.

– Tudo bem! – rosnou. – Foda-se, então. Vamos ver se você fica aí a noventa por hora.

Com a chave na mão direita, Thomas segurou a porta aberta e já ia se sentar, quando o corvo falou:

– Ele precisa de você, o Nosso Garoto. Você é o único que pode salvá-lo agora.

Por um momento, Thomas congelou. Depois voltou-se para encarar o corvo, horrorizado. Seu bico estava fechado. Não era possível que tivesse dito alguma coisa. Não mesmo. Tinha de ser obra da sua cabeça.

Mas o jeito como o corvo o observava, com aqueles olhos enormes, negros, como os monstros dos piores filmes de terror…

Sentindo-se o maior dos idiotas, Thomas inclinou a cabeça para o lado a fim de observar o pássaro.

– Davi? – perguntou.

*Cuá!*, gritou a ave e, com o bater de suas grandes asas de ébano no ar, elevou-se na direção do céu. Thomas ficou olhando até o pássaro estar fora de visão. Depois deslizou para trás do volante do Volvo, pôs a chave na ignição e deu a partida. Assim que o motor rugiu para a vida, olhou de novo pela janela.

– Não – disse a si mesmo. – De jeito nenhum.

No caminho para o hospital, colocou o rádio no volume máximo, e mesmo assim mal conseguia escutar a música.

Não havia exatamente uma bela vista da janela do quarto de Nathan no hospital. Da cadeira em que Thomas havia dormido na noite anterior, Emily via as janelas das outras alas e o telhado de algo que devia ser a recepção, vários andares abaixo. O telhado estava coberto de pedras, quase como um estacionamento, prática que Emily muitas vezes

observara sem nunca entender. Qual era o propósito de cobrir a parte de cima de um prédio com um tapete de pedrinhas? Aquilo a irritava.

Também era entediante. Um pecado capital. Até o próprio estacionamento teria proporcionado uma visão mais interessante. Pelo menos poderia ver as pessoas indo e vindo.

Com as bochechas subitamente coradas pela culpa, Emily virou o rosto para olhar Nathan. Nada havia mudado. Estava deitado ali, tão doce, quase como se estivesse dormindo. Se ao menos fosse esse o caso… Ela via Nathan como um bebê, o finíssimo cabelo castanho que tinha quando criança e a maneira como seu rosto animado, sempre balbuciando algo, ganhava uma inocência angelical quando sua mente vagava. A boca se abria levemente, numa exaustão desesperadora proveniente apenas do esforço de ser um bebê.

Nathan ainda tinha covinhas. Quando sorria, elas bastavam para fazer qualquer pessoa abrir um grande sorriso em resposta. Mas agora ele não sorria. Não dormia. Em vez disso, estava simplesmente congelado em alguma espécie de estado intermediário — aqui, mas também em algum outro lugar, um lugar bem distante.

Não havia nada que Emily pudesse fazer além de olhar o peito do filho subir e descer toda vez que ele respirava, assistir à horrenda programação diurna na televisão do hospital ou ficar vendo pela janela o cascalho inexplicavelmente disperso no telhado. E, quando já havia olhado pela janela por tempo demais, se preocupado demais, sem no entanto isso fazer a menor diferença, além de ter ficado cansada da própria ansiedade, tudo o que mais desejou foi poder sair dali.

Baixou a cabeça, sofrendo com a culpa, e as mechas loiras de seu cabelo derramaram-se, cobrindo-lhe o rosto.

Volta e meia dizia a si mesma que aquele era seu filho, que seu lugar era ali, ao lado dele. Emily sabia que isso era verdade, e teria feito qualquer coisa por Nathan. Mas parte dela queria apenas escapar, só por um tempinho. Ficar longe dali.

– Desculpe, meu amor – sussurrou ela para Nathan, sentando-se na beirada da cama, ignorando os tubos.

Era uma tolice, na verdade. Sabia que qualquer pessoa lhe diria isso. Afinal, ninguém podia passar todo aquele tempo num quarto de hospital, sem contato, sem atividade, sem nenhuma emoção, exceto o medo do futuro. Mas isso não fazia a culpa ir embora.

Emily levantou-se e foi para o pequeno banheiro privado fora do quarto de Nathan. Usou o vaso sanitário, lavou as mãos e jogou água no rosto. Quando terminou, inclinou-se sobre a pia e deu uma boa olhada no espelho. O contrário, o oposto de Emily; sempre pensara assim, ora achando a ideia divertida, ora repugnante. Havia pés de galinha em torno dos olhos castanhos, mas não em excesso. E, ainda que os círculos escuros em particular não fossem muito atraentes, sabia que normalmente não eram tão feios. Ali, olhando no espelho, Emily enfim começou a despertar, a sair da névoa anestesiante que a havia encoberto desde a noite de domingo. Ela estava no hospital, com seu filho, e ele precisava dela mais do que nunca desde o dia em que havia deixado seu útero. Isso era tudo o que importava.

Mas, para poder cuidar direito de Nathan, para que ele pudesse contar com ela, para que estivesse pronta para enfrentar o que quer que pudesse surgir no caminho, Emily sabia que precisava viver. Teria de continuar a ser Emily, a mulher no espelho. Seu falecido pai uma vez lhe tinha dito, numa rara expedição ao país da filosofia, que as pessoas se definiam, para melhor ou pior, pelo próprio reflexo nos olhos dos outros. Emily precisava do apoio moral e intelectual das pessoas em sua vida: do ex-marido; de sua mãe – se ao menos fosse possível tirá-la do nevoeiro do Alzheimer; dos médicos de Nathan; de seus colegas de trabalho; e de Joe. Ela também precisava de Joe.

Passando os dedos pelo cabelo um tanto oleoso, Emily voltou para o quarto de Nathan. Sentou-se ao seu lado na cama, beijou a testa do filho e olhou para o relógio. Thomas já estava ausente havia quase três horas. Muito tempo, pensou ela, esperando que voltasse logo. Precisava de um descanso, caramba, e que se danasse a culpa gerada por aquele pensamento.

De algum modo, mesmo sem a chuveirada, sem a mudança de roupas e sem o sono pelo qual ansiava com tanta força, Emily se sentiu reenergizada. Pegou o telefone e, após diversas tentativas frustradas de obter linha, ligou para o trabalho.

Como diretora de Recursos Humanos na Sentinel Software, e considerando as circunstâncias atuais, percebeu que tinha sorte de estar num trabalho em que havia dois gerentes subordinados a ela, pessoas que de fato sabiam o que faziam. Isso lhe permitia trabalhar menos horas, possibilitando pegar Nathan na escola toda tarde e ter uma vida

com ele. E agora a competência de seus subordinados lhe permitiria ficar com o filho no momento em que ele mais precisava dela.

– RH, Lorena falando.

– Aqui é a Emily – disse.

– Meu Deus, Emmy, como está seu filho? – perguntou Lorena, inquieta, e só pela voz dela ao telefone, Emily conseguiu imaginar a expressão de preocupação da moça.

– Nada de novo – admitiu, endireitando a coluna, um sinal físico de sua resolução em ser forte para o filho. – Fizeram uma tomografia do cérebro no domingo à noite, tipo um mapa computadorizado. Ontem fizeram uma ressonância magnética, que mostra muito mais detalhes, mas ainda não descobriram o que há de errado com ele. Mas tenho certeza de que é só uma questão de tempo. Como vão as coisas por aí?

– Vamos demitir o Mark Caligiuri ou não? – perguntou Lorena.

– Vamos. Pode mostrar a ficha se ele quiser. Só espere até o fim do dia. E não quero que ele leve nada delicado. Pode ficar com o Rolodex, mas nada de carregar arquivos de clientes – respondeu Emily, ponderada. – Já tivemos resposta daquela mulher, Paula… como é mesmo o nome dela?

– Paulette – corrigiu Lorena. – Hobson. E sim, ela fez uma contraproposta. Pediu mais sete mil, bônus proporcional e uma semana a mais de férias.

– Pode oferecer seis – decidiu Emily. – Isso está dentro dos parâmetros do comitê executivo para novas contratações no terceiro trimestre. Algo mais?

– Nadinha.

– Vou ficar aqui algum tempo, Lorena – disse-lhe Emily. – Bem, entre o hospital e a minha casa. Vou pegar o celular quando for tomar banho, e aí pode me ligar a qualquer hora.

– Não vou ligar, a menos que…

– Ligue sim – Emily a interrompeu com rapidez. – Se tiver perguntas, se precisar de mim, se não tiver certeza de alguma coisa, pode ligar. Se houver documentos que eu precise assinar, mande alguém trazer ou me avise, e vou pegá-los quando puder. Não vou jogar minhas responsabilidades para o alto, Lorena. Mas preciso estar aqui.

– Claro que precisa – respondeu Lorena. – Eu só quis dizer que…

– Eu sei. Obrigada. Vou passar em casa daqui a pouco. Nas próximas

horas você me encontra lá, mas acho que às duas estou de volta. No máximo às três.

Elas se despediram e Emily desligou, grata por poder contar com o apoio de alguém tão gentil e competente quanto Lorena. Lembrou a si mesma de que deveria efetivamente lhe dizer isso na próxima vez em que se falassem. Por alguma razão, no entanto, suspeitava que esqueceria.

Atrás dela, a porta fez um clique e se abriu.

– Desculpe – disse Thomas.

Emily contraiu os lábios, preparando uma severa censura pelo atraso dele. Depois notou a expressão de arrependimento de Thomas e ficou abalada. Contudo, havia na aparência dele mais do que o desejo de desculpas. Quando ele atravessou o quarto e caiu na cadeira, seus olhos pareciam se mover distraidamente. Não a encarava, quase como se fosse culpado de alguma coisa. Mas não era exatamente aquilo. Emily sabia que não era, porque já tinha visto a cara culpada de Thomas antes. Parecia preocupado.

Assombrado.

– Parei no parque por alguns minutos, só para pensar um pouco – contou apressadamente. – Acho que perdi a hora.

Ainda assim, parecia perturbado. E Emily não deixou de notar que sabia a que parque Thomas se referia sem que ele tivesse de explicar. Havia dezenas de parques na região. Mas, quando se conhece alguém tão intimamente por tanto tempo, muitas coisas não precisam mais de explicação. Ela se perguntava se aquilo era realmente uma coisa boa ou se servia apenas para enfraquecer um relacionamento. Uma parte dela ansiava por uma explicação simples para o fracasso de seu casamento com Thomas: não conseguíamos nos comunicar. Seria tão conveniente poder resumir tudo assim!

Como agora.

– Que foi, Thomas? – perguntou ela, estudando sua testa franzida, os visíveis fios grisalhos nas têmporas. Era dois anos mais novo do que ela, mas Emily sabia que Thomas ficaria cada vez mais bonito conforme fosse envelhecendo, e ficou com um pouco de inveja ao pensar nisso. – O que está te incomodando?

No olhar surpreso, seguido por um franzir de testa, um sorriso acanhado e sem grande convicção e um balançar de cabeça, Emily viu

que sua comunicação com Thomas era na verdade melhor do que teria imaginado. Ela o conhecia. E, por conhecê-lo, estava preocupada.

– Thomas?

Ele se levantou de novo, incapaz de ficar parado, e deu alguns passos para observar Nathan. Seu filho estava deitado naqueles lençóis brancos ásperos, sem graça e estéreis, como o resto do quarto. Thomas levou os dedos à testa do menino, como se fosse verificar se ele estava com febre. Em seguida, fez algo estranhíssimo: farejou o ar. Por fim, voltou o olhar para Emily, ainda distraída, mas um pouco mais concentrada.

– Você não está sentindo nenhum cheiro estranho? – perguntou.

– Só do seu comportamento – respondeu ela com firmeza. – O que é que está te assombrando, Tommy?

Ele franziu o nariz ao ouvir o apelido, porém não a corrigiu, o que fez Emily ter certeza de que sua suspeita tinha fundamento.

– O cheiro… falo sério – disse ele, encarando-a com sinceridade.

Com um ligeiro dar de ombros, Emily suspirou e farejou o ar do quarto. Havia um cheiro estranho, doce e familiar. De início não conseguiu perceber qual era, mas depois ficou claro: manteiga de amendoim. Sem hesitar, com a voz firme, ela olhou para Thomas e mentiu para ele.

– Não estou sentindo cheiro de nada – falou.

O que quer que o estivesse incomodando, era obviamente algo bizarro. Não importava o que estivesse passando pela cabeça dele, ela não embarcaria naquilo. Desse modo, tinha esperanças de que ele ao menos lhe contaria o que o assombrava.

Em vez disso, ele soltou um palavrão incompreensível, olhou-a diretamente nos olhos e confessou:

– Acho que preciso conversar com alguém.

Emily não era o tipo que se fazia de idiota, nem pelo bem de um ente querido. Sabia exatamente o que Thomas queria dizer e não ia fingir.

– Talvez todos nós precisemos às vezes – respondeu. – Estamos enfrentando muita coisa aqui, Thomas. Não faria mal consultar alguém.

– Isso não tem nada a ver com Nathan – ele falou, mas as palavras soaram ocas, incertas. – É só… Acho que vi uma arraia voadora hoje. No Hudson.

Ela o encarou, o semblante franzido.

– Não existem…

– …criaturas assim, eu sei – concordou, e foi tudo o que disse.

Para Emily, era óbvio que Thomas estava omitindo alguma coisa. Havia algo mais naquilo tudo. Mas a questão principal fora exposta: ele começara a ter alucinações.

– Provavelmente tem a ver com o estresse, Thomas – ela o tranquilizou. – Todo mundo dá uma pirada às vezes. E pessoas criativas piram de maneiras criativas. Ou de um modo relacionado à sua arte, sei lá.

Levantou-se e se aproximou dele, pegou suas mãos e as segurou entre as dela. Emily fitou os olhos do ex-marido com sinceridade, mas nada além disso. Havia uma linha traçada entre eles, e ela não queria que ele interpretasse mal esse gesto, como se a linha tivesse sido cruzada.

– Procure alguém, Thomas, imediatamente – aconselhou. – Nathan precisa de você inteiro. Precisa da sua força. E eu também.

Abraçaram-se por um instante. Em seguida, Emily pegou a bolsa.

– Me dê algumas horas – falou. – Volto o mais rápido que conseguir. Você precisa de alguma coisa?

– Só que me examinem a cabeça – respondeu Thomas, com um sorriso autodepreciativo esboçando-se no rosto. – E nosso filho de volta.

# Capítulo 7

Dirigindo de volta para casa em Tarrytown, Emily recebeu uma multa por dirigir a setenta quilômetros por hora numa área em que a velocidade máxima permitida era cinquenta. O policial não estava nem aí para o fato de o filho dela estar no hospital. Lei era lei, segundo ele.

Por mais que tivesse decidido permanecer como parte integrante do mundo, manter-se em dia com o trabalho e as pessoas em sua vida, Emily sentia-se horrivelmente alheia a tudo. A multa por excesso de velocidade foi só mais um evento numa longa sequência que lhe provava que o mundo não estava nem aí. O mundo seguia adiante, com pouco ou nenhum interesse pelo que tinha acontecido a Nathan, indiferente a como aquilo a tinha afetado. O mundo não precisava dela.

Emily, todavia, precisava terrivelmente do mundo para manter os pés no chão. A qualidade já surreal dos acontecimentos, o mistério terrível da doença de Nathan – se é que aquilo poderia mesmo ser chamado de doença – haviam conseguido bani-la para uma espécie de zona cinzenta fronteiriça, um limbo do qual observava a vida das outras pessoas prosseguir, ininterrupta.

Dirigindo pela Broadway no sentido sul, Emily tinha a sensação de que seu Honda Accord era uma bolha que a conduzia através do mundo real. Era uma sensação horrível, e sentiu a bile subir-lhe pela garganta. Tinha passado por Philipse Manor e pela saída que levava ao parque de que Thomas tanto gostava. Em Sleepy Hollow, passou por diversas igrejas, pela escola secundária e pelo Horsefeathers, o restaurantezinho onde conhecera Joe.

Aquilo era a vida real. Uma lembrança que não tinha nada a ver com Nathan nem com Thomas. Emily agarrou-se a ela com um desespero que nunca havia sentido. De certo modo, a lembrança a acalmou. Ela freou o

Honda para parar num sinal; piscou diversas vezes, respirou fundo e deixou a tensão ir embora. Testou a firmeza das mãos no volante, sentiu sua solidez sob as palmas e acenou com a cabeça para si mesma.

Estou pirando, pensou, e de imediato sua mente se transportou para um dos desenhos de que Nathan tanto gostava. *Freakazoid*, talvez fosse esse o nome. A imagem do rosto do filho formou-se em sua mente, o cabelo loiro-areia desgrenhado e as bochechas sulcadas por um sorriso escancarado.

Emily respirou de novo, endireitou a coluna e projetou o maxilar em um gesto desafiador. Mal prestou atenção às lágrimas que começaram a correr pelo rosto. Lágrimas reais. Tinha todas as razões do mundo para chorar. Aos prantos, dirigiu por várias quadras, até o centro de Tarrytown, onde a rua Principal levava para oeste, rumo à estação de trem, e, mais além, para o Hudson. Ali, virou à esquerda, no sentido leste, subindo a colina para o Marymount College, na direção de casa.

Poucos minutos depois, estava na rampa de acesso da casa que dividia com Nathan. Por longos instantes após ter desligado a ignição, ouvindo o motor parar e esfriar, não foi capaz sequer de olhar para cima. A casa estaria morta para ela naquele momento, vazia como uma cidade fantasma. Teve medo de entrar, e prometeu a si mesma que não iria ao quarto de Nathan.

Então levantou os olhos e viu a bicicleta encostada em seu apoio, perto da garagem. Uma bicicleta de corrida, levíssima, de doze marchas, cor de refrigerante de uva. Era de Joe.

Fazia pouco mais de um mês que eles estavam saindo. Mesmo medido em semanas, parecia tão pouco tempo! Emily jamais teria previsto a onda de alívio e de gratidão que a acometeu ao ver a bicicleta. Sabia que suas emoções estavam descontroladas. Sem dúvida. Mas, por mais que precisasse que Thomas fizesse parte de sua vida naquele momento, sobretudo no hospital, com Nathan, percebeu que Joe era o que precisava para se ancorar ao resto do mundo.

Precisamente pelas mesmas razões pelas quais desejou que ele fosse embora do hospital no dia anterior, agora queria vê-lo.

Saiu do Honda, e, quando bateu a porta do carro, Joe se levantou do banco da varanda. A preocupação e a relutância estavam esculpidas em seu rosto, mas ele não disse nada enquanto esperava ela se aproximar.

Emily caminhou rapidamente degraus acima.

– Desculpe, Em – disse Joe, apressado. – Mas, quando liguei para o seu trabalho, Lorena me contou que você estava vindo para casa tomar um banho, e eu apenas tinha que…

Praticamente lançando-se para cima nos degraus, Emily envolveu Joe em seus braços com toda a força que possuía. Era isso. Sem beijo. Nem lhe ocorreu beijá-lo. Só a pressão do corpo dele bastava para lhe dar aquilo de que precisava naquele momento – a segurança de seu próprio eu. Emily Randall nunca fora uma mulher que se definisse pela presença de um homem, mas, naquele caso, ter alguém que gostava tão apaixonadamente dela, e só dela, era uma absoluta necessidade.

– Que bom que você está aqui – disse ela num fio de voz.

Juntos, eles entraram.

– Não tenho mais aulas hoje – Joe lhe contou. – Pensei em pedalar por aí, então liguei para o seu escritório e… aqui estou eu. Fiquei com medo de que se zangasse.

Mesmo que estivesse morrendo de vontade de tomar um banho, Emily sentou com Joe e tentou explicar seus sentimentos da melhor maneira possível, o redemoinho de emoções que a havia tomado nas últimas quarenta e oito horas.

– O resumo de tudo – disse ela no final – é que eu preciso de você. Preciso mesmo, Joe. Mas agora, por mais egoísta que pareça, preciso de você nos meus termos. Será que isso é uma coisa horrível?

Dessa vez o tom de Emily era hesitante, os olhos castanhos voltados para ele.

– De jeito nenhum – respondeu Joe com suavidade, e então a beijou profundamente, por um longo tempo.

Enfim Emily se levantou, jogou o cabelo para trás e falou:

– Estou me sentindo péssima; preciso tomar um banho. Sozinha.

Os dois sorriram.

– Se você tiver tempo, por favor, fique. Pra mim é mais fácil quando não estou sozinha. Não vou demorar – disse Emily.

– Não vou sair daqui – prometeu Joe.

Ele cumpriu sua palavra. Quando ela saiu do quarto, os cabelos úmidos do banho, e começou a aplicar uma leve maquiagem, Joe estava sentado na sala de estar vendo *The Gossip Show* no Canal E!. Quando reuniu tudo de que precisava, já com os cabelos secos, Emily saiu porta afora com Joe, deu-lhe um beijo de despedida e o viu pedalar para

longe, os músculos das vigorosas pernas movimentando-se.

Esgueirando-se para dentro do Honda, ela deixou para trás a casa fantasma. O tempo todo, enquanto estava lá, nem sequer espiou pela porta do quarto de Nathan.

*Estranhos odores preenchiam o ar. Seus olhos pareciam grudentos. Grudentos e apertados. Havia vozes. Ou talvez só o vento nas árvores.*

Embalado no peito pegajoso do General Manteiga de Amendoim, Nathan dormia um sono intermitente enquanto percorriam a Via Sinuosa. Acordava um pouco, semiconsciente, os olhos agitando-se, depois piscando, depois abrindo-se por completo antes de adormecer novamente. Ele via, naquele momento, a clareira em frente à cabana escura de Resmungo e o lago mais além, a luz alaranjada das estrelas refletida em sua superfície.

Sabia o que isso significava: passavam pelo outro lado do Caminho Arranhoso. Mas não ocorreu a Nathan se perguntar o que poderia acontecer se se encontrasse no Caminho Arranhoso, andando com cuidado pelas sarças até chegar ao lugar onde supostamente ficaria a casa d'O Garoto. Antes que sequer pudesse refletir sobre onde poderia estar o próprio Garoto, Nathan voltou a dormir.

Passaram-se mais vinte minutos de solavancos grudentos e de uivos distantes dos Repiques Laranja antes que uma voz grave e viscosa sussurrasse em seu ouvido:

– Acorde, menino. Pode ser que eu precise lutar, e aí não vou poder carregar você.

Enquanto era colocado no chão, Nathan esfregou os olhos para espantar o sono. Para ele, era esquisito ter de acordar quando ainda estava escuro do lado de fora, e não conseguiu se equilibrar direito até entender bem onde estava. Estranhamente, não havia manteiga de amendoim em nenhuma parte dele, nem na roupa, nem na pele, exceto onde o General havia aliviado os ferimentos deixados em suas costas por Bob Dentelongo. Era como se o General conseguisse controlar o fluxo dela – e por que não? Era parte dele, afinal de contas.

Nathan levantou os olhos para o General Manteiga de Amendoim e se perguntou se havia alguém lá dentro ou se ele era mesmo todo feito de manteiga de amendoim.

Diversos Repiques Laranja vieram gritando pelo caminho atrás deles, rangendo os dentes enquanto corriam para assumir posições ao lado de Nathan, os olhos percorrendo todas as direções, espreitando em meio às trevas do bosque qualquer sinal de ataque. Nathan mordeu o lábio. Ainda tinha medo dos Repiques, mas eles pareciam muito mais interessados em protegê-lo do que em usar nele aqueles brilhantes dentes de agulha e suas pequeninas lanças.

Nathan olhou ao redor. O bosque escuro era denso dos dois lados da Via Sinuosa, mas ali não havia árvores frutíferas, arruinadas ou não. Não sabia que tipo de árvores eram aquelas, mas pareciam boas de subir. Ou teriam sido, não fosse pelos feiosos arbustos espinhentos alinhados do lado esquerdo do caminho. Ainda que não houvesse brisa nenhuma, os sinistros ramos balançavam para a frente e para trás, e Nathan teve certeza absoluta de que não queria nem chegar perto daqueles arbustos.

Então se lembrou de ter passado pela cabana de Resmungo e o que aquilo significava. Por um instante quis voltar, mas tinha apenas cinco anos e meio – o meio ano havia se tornado importantíssimo para ele – e não queria ir sozinho. De um jeito estranho, o General Manteiga de Amendoim era o único adulto por perto.

Com os olhos dirigindo-se, inquietos, para todos os lados, Nathan inconscientemente tentou dar a mão ao General. As abelhas permaneciam afastadas do garoto, o que era um bom sinal. O General pareceu surpreso quando os dedos de Nathan tocaram os dele, mas, após um instante, apertou com força a mão do garoto, e começaram a andar juntos pela Via Sinuosa.

– Por que você vai ter que lutar? – perguntou Nathan de repente, ainda que na verdade repassasse a afirmação do General em sua mente desde o momento em que fora posto no chão. – Eles vão… eles vão voltar?

Haviam chegado a um ponto em que a Via Sinuosa se tornava uma pequena colina, uma inclinação que venceram com rapidez. Nathan teve de se apressar para acompanhar as largas passadas do General. Os Repiques Laranja, ao contrário, pareciam confortáveis com o ritmo, que para eles era uma corrida. Nathan sentiu de novo o cheiro de laranjas e, claro, o do General.

– Florestranha tem cheiro de café da manhã – proclamou, feliz de que o pensamento lhe tivesse ocorrido.

Mas o General Manteiga de Amendoim não havia esquecido sua pergunta.

– O único jeito que consigo imaginar de mantê-lo seguro é levando você para a minha casa – explicou. – A viagem é longa, e há muitos perigos no caminho: aqueles que gostariam de tentar nos impedir de chegar a nosso destino.

– Por quê? – perguntou Nathan, os olhos arregalados, sem entender muita coisa. Dentelongo e Caracrânio queriam machucá-lo, mas ele não sabia por que mais alguém tentaria atacá-los, ainda mais atacar um… bem, um monstro como o General Manteiga de Amendoim.

O General se deteve. Tinham chegado a um ponto logo abaixo do topo da colina, e o caminho ali era de terra dura, pedras e gravetos. Quando o General se agachou ao lado de Nathan com uma mão em seu ombro, o garoto ouviu os joelhos dele estalar, exatamente como os de um velho, e passou um bom tempo só olhando o joelho do General. Isso aí tem osso, pensou.

Quando olhou de novo o rosto do General, Nathan estudou-o atentamente. Havia *sim* alguém ali. De alguma maneira. Não era só manteiga de amendoim.

– Meu filho – disse o General –, sempre houve coisas ruins no bosque. Gente ruim, lugares ruins. Perigos. Mas, desde que seu pai parou de vir aqui, as coisas só pioraram. Não é mais seguro. Você conhece as histórias, como as coisas sempre terminavam bem. Agora isso acabou. Aqui reina a lei da selvageria. Você conhece essa palavra? É uma loucura, meu filho, e só existe uma pessoa no mundo que pode fazer algo para resolver isso.

Nathan mordeu o lábio.

– Meu pai? – perguntou.

O General sorriu levemente e acenou com a cabeça. Depois, levantou-se novamente e segurou a mão de Nathan com firmeza, e juntos alcançaram o topo da colina, com os Repiques Laranja espalhados ao lado deles, cobrindo todo o largo caminho, até onde as árvores jorravam da terra. A pele irregular do General tinha um brilho esquisito à luz das estrelas, cuja cor combinava com a dele.

No topo da colina, Nathan olhou para baixo. O caminho descia bem íngreme e depois ficava plano. Em seguida, tornava-se sinuoso, mas só um pouco, e continuava por mais de quarenta metros conforme o bosque

ficava menos denso. Depois havia o Cima-Rio, que corria para o coração de Florestranha, à direita. Ainda que serpenteasse por toda Florestranha, quase como se a abraçasse, ele mudava consideravelmente no curso de sua rota. Ali, o Cima-Rio havia escavado para si, ao longo dos anos, um cânion com dez ou doze metros de profundidade. A Via Sinuosa levava direto à margem do rio e continuava dezessete metros adiante, do outro lado.

Cruzando a água, havia uma estrutura de madeira com três metros e meio de largura, que parecia ter sido emendada ao longo de várias décadas por um carpinteiro cego.

– A Ponte Bamba – suspirou Nathan.

– Vai ficar tudo bem – assegurou o General Manteiga de Amendoim, e começou a descer, ainda segurando a mão de Nathan, enquanto o garoto o acompanhava aos tropeções e os Repiques corriam loucamente dos dois lados. – Vai ficar tudo bem – repetiu o General.

Mas Nathan sabia o que vivia debaixo da Ponte Bamba.

Ele queria ir para casa.

O rio subia uma pequena inclinação, ignorando completamente a gravidade. Seguia murmurando, todo contente, falando a língua das águas. O General Manteiga de Amendoim colocou-se à margem da Ponte Bamba e ouviu todos os sons de Florestranha ao redor. Uma leve brisa agitava as folhas do caminho, redemoinhando-se num diabinho de poeira que parecia avançar em sua direção, sussurrando uma advertência, para depois fugir, afastando-se da Ponte com toda a rapidez de que era capaz.

A Ponte Bamba rangia com o vento que a açoitava, leve e persistente. O General escutou cuidadosamente os sons da floresta, do rio e da ponte, mas não conseguiu se concentrar por causa dos outros sons que se insinuavam em sua cabeça.

– Silêncio agora – disse, severo, os lábios quase se colando ao proferir as palavras. Ele correu a língua sobre os lábios para eliminar os fios de manteiga de amendoim.

Os Repiques Laranja obedeceram de imediato. Ainda que fosse de sua natureza gritar o tempo inteiro, quase como morcegos com seu sonar de guinchos, fizeram silêncio. Foram para trás do General e cercaram o garoto, que, como o General instruíra, deveria ser protegido a qualquer

custo.

Contudo, havia uma cacofonia de ruídos em volta do General, e ele não a toleraria.

Eram as abelhas.

– Fora! – ordenou, e estendeu o braço para apontar as árvores.

Num rompante, como se tivesse arrancado uma peça de roupa do corpo, as abelhas se afastaram do General Manteiga de Amendoim. Diversas delas zumbiram, saindo de sua cabeça, de dentro e depois de fora de sua boca. Moviam-se como uma única abelha, um enxame de amarelo enraivecido e negro furioso.

O General Manteiga de Amendoim aguardou até não mais ouvi-las, até que tudo o que chegasse a seus ouvidos fossem a linguagem do rio e o sussurro do vento. Sentiu uma ondulação a seu lado, o fluxo e o refluxo da manteiga de amendoim em seu quadril. Os dedos pareceram se flexionar por vontade própria, e ele estendeu a mão para pegar o cabo recoberto de manteiga de amendoim da longa espada de lâmina mortal que era parte de seu uniforme.

Foi preciso usar muita força para puxar a pegajosa espada da bainha.

– Senhor? – perguntou o garoto atrás dele. – General?

O General Manteiga de Amendoim virou-se em silêncio e levou o dedo indicador aos lábios, mandando o menino se calar. Os olhos de Nathan estavam arregalados num sinal de terror desesperado. Com um gesto para indicar ao garoto que ele deveria ficar com os Repiques, não importando o que acontecesse, o General virou-se e deu o primeiro passo na Ponte Bamba.

O rangido foi tremendo, o protesto de dobradiças sem óleo multiplicado por cem. O General mantinha a espada à frente. Havia tábuas faltando ou apodrecendo por toda a ponte, e, apesar de sua largura e estrutura robusta, o modo como balançava a fazia parecer perigosamente instável sob seus pés. O General manteve as pernas bem afastadas para se equilibrar enquanto a atravessava. Conseguia ouvir o *rame-rame* dos pezinhos dos Repiques Laranja no bosque atrás dele e sentia o realinhamento do peso a cada passo que Nathan dava para segui-lo.

Sem as árvores, as estrelas alaranjadas iluminavam a noite ao redor. A água negra do Cima-Rio corria dos dois lados da ponte, precipitando-se com rapidez sobre pedras e em volta das pontiagudas saliências das

profundas paredes do cânion, e, onde a água se fazia branca espuma, também esta era tingida de laranja pela luminosidade. A oeste o cânion despencava, e o rio seguia por quase dois quilômetros antes de se virar ao norte e desaguar integralmente numa subida d'água, onde milhões de galões do Mar Espumoso escalavam o paredão de um precipício para chegar ao leito do rio.

Em todos os seus anos em Florestranha, o General Manteiga de Amendoim nunca havia estado no Mar Espumoso. Por um momento, considerou que, caso sobrevivesse àquilo tudo – se Florestranha sobrevivesse –, gostaria de dar uma olhada naquelas águas agitadas.

A leste, o Cima-Rio corria para cima. A inclinação ia ficando cada vez maior, até enveredar pelas alturas das Montanhas Carecas e escalar os altos picos e a fortaleza do Chacal Lanterna.

O General deu diversos passos cautelosos sobre a ponte, sempre alerta. Não havia sinal de problemas em nenhum dos lados, nem embaixo. Faltavam apenas dez metros até o outro lado agora, onde a Via Sinuosa recomeçava e o bosque ficava um pouco menos espesso. E, depois disso, faltariam menos de três quilômetros até a fortaleza florestal que o General Manteiga de Amendoim vinha construindo havia seis anos – desde que Thomas Randall publicara o primeiro livro sobre Florestranha. Um bom soldado estava sempre preparado para o pior.

Aquele pensamento ainda ecoava em sua cabeça, acompanhado do rio corrente abaixo, quando a ponte balançou ameaçadoramente para um dos lados. Um lado da estrutura foi para baixo, e só por causa de sua postura o General não perdeu o equilíbrio. No momento em que se virou, viu alguns Repiques Laranja escorregar e rolar pela ponte até cair, gritando mais alto do que nunca, na água que corria sob eles.

– Socorro! – guinchou Nathan.

O General já ia gritar o nome do menino, preparado para pegá-lo, quando o garoto agarrou um apoio de madeira do outro lado – lado que agora estava para cima – da ponte. Diversos Repiques Laranja evitaram a queda no rio ao se segurarem nas roupas de Nathan.

Com um rugido de rachar os ouvidos, a besta que vivia embaixo da Ponte Bamba rodopiou e pousou com um pesado baque nas tábuas. Ela não perdeu o equilíbrio. Na verdade, o oscilar e o ranger da ponte lhe pareciam adequados.

Nathan começava a se dar conta da situação, a meio caminho entre o

General e o monstro.

– Corra, garoto! – disparou o General, e Nathan e os Repiques passaram por ele, chegando ao outro lado da ponte. Os Repiques agora haviam esquecido suas ordens e gritavam o mais alto que podiam.

Mas aquilo não tinha importância agora. Fora tolice do General Manteiga de Amendoim achar que a besta dormiria durante toda a sua travessia por uma ponte que fazia um barulho tão alto. Contudo, pelo menos a criatura não se esforçara para seguir a criança. Em vez disso, ficou só olhando para o General, a fumaça subindo de suas largas narinas.

Então ela bateu seu pé esquerdo, e a ponte balançou. A criatura usou seu peso para manter um movimento pendular. O General não ousava virar a cabeça para ver se Nathan havia chegado em segurança ao outro lado. Tendo a espada diante de si, passou a caminhar para trás, deslizando os pés sobre as tábuas podres, torcendo para não chegar a um pedaço em que a madeira tivesse desaparecido. Não era fácil manter o equilíbrio, mas o General Manteiga de Amendoim possuía uma vantagem que a criatura desconhecia: o solado de suas botas, coberto de manteiga de amendoim, aderia com firmeza à madeira.

– General – disse a criatura, rindo, sua voz um grave estrondo –, a que devo a honra?

– Para trás, Troll, ou vou usar suas vísceras para amarrar essa ponta direito – advertiu o General.

O Troll riu. Era uma coisa horrenda, com um metro de altura e quase um metro de largura. Robusto como um barril de madeira, a cabeça e as costas, a barriga, a virilha e os pés eram cobertos de pelos, enquanto o resto era de um couro marrom seco e rachado. Seu nariz laranja-escuro era imenso e bulboso, estendendo-se por quase metade do rosto. Dois dentes enormes saíam de trás de seu lábio inferior. Com quase quinze centímetros, terminavam ao lado do nariz da besta. A mandíbula era longa, e o queixo, pontudo, ornamentado por um tufo de barba que ficava pendurado como um rabo de cavalo.

Quando o Troll comia, sua mandíbula se abria de tal maneira que ele era capaz de engolir um porco inteiro.




– Não trouxe o pedágio, General? – rugiu o Troll, divertindo-se. – Para cruzar minha ponte em segurança, sabe que exijo um pagamento.

Os grandes olhos da criatura se dirigiram para trás do General Manteiga de Amendoim, rumo ao outro lado da ponte, e o Troll baixou o olhar. Qualquer sinal de que pudesse estar achando a situação engraçada havia abandonado sua voz quando voltou a falar.

– Se você não tiver mais nada – disse, sinistro –, acho que vou ter de ficar com o menino.

O General Manteiga de Amendoim estudou os grandes olhos amarelos do Troll, viu a fumaça jorrando de suas narinas, estimou o comprimento de seus braços de músculos espessos e veias como cordas, e então sorriu, a manteiga de amendoim ligando os lábios escancarados. Depois esperou. A ponte balançou para o oeste, e de novo para o leste. A madeira sob seus pés se inclinava, e o General assentia.

– Parece justo – foi a resposta.

O Troll piscou, surpreso. A Ponte Bamba interrompeu seu movimento, prestes a balançar de novo na outra direção. O General Manteiga de Amendoim lançou-se para a frente e cravou a ponta de sua espada bem fundo no ombro do Troll. À medida que a lâmina perpassava a carne da criatura, a manteiga de amendoim parecia sair dela, revelando uma ponta de aço embaixo, que brilhava à luz alaranjada das estrelas.

O aço furou a carne. O Troll gritou. Com imensas mãos de três dedos e ferozes garras nas pontas, marcou o peito do General Manteiga de Amendoim. O General caiu para trás na madeira podre, ouvindo o estalo de diversas tábuas se quebrando ou desabando sob ele. O Troll se aproximou correndo, mas o General levantou-se agilmente.

Ouviu os Repiques Laranja urrar. Naquele coro, julgou ter ouvido Nathan gritando também. Pelo garoto, ele tinha de vencer. O fracasso não podia sequer ser concebido. O Troll se lançou contra ele, mas o General se esquivou do ataque e outra vez perfurou sua carne com aço. Dessa vez, a lâmina passou pelo abdômen do Troll. Sangue azul começou a correr como um creme de leite espesso pela pélvis e pernas da besta.

O Troll recuou. O General aproveitou a vantagem, avançando contra a criatura. Antes de perceber seu erro, pisou numa das tábuas que haviam se quebrado em sua queda. Estilhaçando a madeira, o General Manteiga de Amendoim foi ao chão. Deixou cair a espada, e ela tilintou ao se encontrar com a madeira. Ele estendeu o braço, mal conseguindo se apoiar nas tábuas intactas ao redor, que ainda estavam presas à estrutura de madeira que percorria os dois lados da ponte.

Abaixo, o espesso entrelaçado que sustentava a ponte fora rompido em alguns lugares. Tábuas projetavam-se aqui e ali em diversos ângulos. Se não morresse ao bater o corpo contra a estrutura entrelaçada da

ponte, poderia acabar empalado. Ou, pior, em algum lugar daquela sombria armadilha ficava a toca do Troll, e quem poderia dizer que horrores haveria ali?

– Hum? – indagou o Troll, e pôs uma mão maciça na vasta área visceral onde a espada do General o havia trespassado. – Talvez você vá pensar duas vezes antes de não pagar um pedágio quando quiser cruzar a ponte de novo, não é, General? – resmungou, enfurecido.

A criatura ficou ali de pé, prestes a passar pelo General, mas deteve-se por um instante. Baixou os olhos para o homem, o sangue azul escorrendo-lhe entre os dedos.

– Acho que não quero o menino, pensando bem – concluiu o Troll brandamente. – Acho que vou ficar só com a espada.

Os olhos do General Manteiga de Amendoim se arregalaram diante do insulto.

– E com o seu quepe. Sempre gostei desse seu chapéu – acrescentou a criatura, estreitando os olhos para examinar o quepe militar com crosta de manteiga de amendoim.

O Troll lambeu os beiços.

– E, como estou com uma certa fome e o seu cheiro está muito, mas muito bom mesmo… – começou a dizer, e parou, estendendo a mão e pegando a mão direita do General, que agora se agarrava à ponte apenas com a esquerda, mas, então, cair tinha subitamente deixado de ser sua maior preocupação – vou me alimentar um pouco também – concluiu.

A criatura acocorou-se na ponte, que havia parado de balançar, e levou a mão do General Manteiga de Amendoim até sua boca, como se fosse uma coxa de frango. Com a mandíbula do Troll distendida, as presas desciam o suficiente para permitir que o braço inteiro do General passasse pelos dentinhos pontiagudos enfileirados dentro da goela da besta.

– Não! – gritou o General.

O Troll gargalhou, divertindo-se, e mais fumaça jorrou de suas narinas.

O General Manteiga de Amendoim estreitou os olhos, esforçando-se para manter o braço longe da boca do Troll.

– Não! – disse ele de novo, iradamente.

Perigosamente.

Em seguida disse outra palavra, numa voz tão baixa que sabia que o

Troll não ouviria. A palavra que disse foi:

– Enxame.

As abelhas precipitaram-se às centenas, uma enfurecida nuvem em negro e amarelo, o zumbido alto o suficiente para abafar o ruído do rio abaixo. Elas envolveram a cabeça do Troll num lençol impenetrável de fúria e ferrões.

Como a criatura começou a berrar, o General Manteiga de Amendoim pôs-se de pé. Pegou a espada e, empunhando-a com a mão direita, caminhou na direção do Troll, que ainda urrava.

– Fora! – ordenou com severidade, e as abelhas obedeceram.

Com o rosto cheio de calombos e todo inchado por causa dos ferrões das abelhas, o Troll levantou os olhos para o General, clamando por piedade. O General ergueu a espada.

– Espere! – falou o Troll, subitamente aterrorizado. – O que está fazendo? Você não pode… você não pode me matar! – gritou, a língua grossa e inchada. – Isto aqui é Florestranha.

Por um instante, o General Manteiga de Amendoim hesitou. Mas, depois, seus olhos se estreitaram até virarem diminutas fendas gosmentas, e ele ajeitou com firmeza a mandíbula.

– Isto aqui é uma guerra – rosnou o General.

A espada percorreu o ar, a manteiga de amendoim voando e deixando à mostra apenas a lâmina de metal brilhante. Cortou cartilagem e osso com um único golpe decidido, e a cabeça do Troll se separou do pescoço, rolando pelo ar até despencar pela lateral da Ponte Bamba e ser levada pelo Cima-Rio rumo às Montanhas Carecas, lá longe.

– Isto aqui é uma guerra – suspirou o General, enquanto o sangue saía aos borbotões do corpo decapitado do Troll, que se acomodou na madeira podre da ponte.

Profundamente entristecido, o General voltou-se para o outro lado, na direção de sua casa. Ergueu os olhos, e foi só então que percebeu que os gritos dos Repiques Laranja haviam quase sumido. Restara apenas um Repique gritando, e seu lamento era estridente e frenético.

Nathan havia sumido.

O General Manteiga de Amendoim atravessou a ponte com agilidade, mas também com cautela, e examinou a Via Sinuosa e a floresta em seu entorno, mas de nada adiantou. O restante dos Repiques Laranja havia desaparecido, assim como o próprio Nathan. As abelhas o seguiram e

começaram a se acomodar em seu corpo outra vez, mas ele não lhes deu atenção.

– Nathan! – gritou, a raiva contida apenas por seu pânico, cada vez maior. – Para onde? – perguntou, levantando o Repique remanescente nas mãos e segurando-o. – Para onde ele foi?

O Repique, rangendo os dentes num desprezo selvagem, apontou para o bosque ao lado da Via Sinuosa. Foi então que o General ouviu. A distância, o grito dos outros Repiques. Pousou a criatura cítrica e berrante no chão, e ela saiu correndo para a floresta. O General avançou tão rápido quanto possível, descendo por um íngreme declive até a extremidade de uma pedra que dava em um ponto além do Cima-Rio, onde a água negra se agitava.

Uma espessa corda estava amarrada a uma árvore, descendo beirada abaixo. Havia sangue espalhado pelo pedregoso limite do precipício onde os Repiques Laranja pulavam e gritavam, apontando para o rio. A corda estendia-se pelo precipício, chegando à água, e, quando o General olhou para baixo, julgou distinguir uma figura escura no rio.

Uma espécie de barco. E, nesse barco, ele sabia, estava Nathan.

– Quem? – grunhiu.

Os Repiques Laranja responderam correndo para as árvores, voltando ao lugar de onde tinham vindo. Quando reapareceram, traziam nas mãos um chapéu de feltro verde que o General conhecia muito bem.

– Resmungo… – falou, enojado. – Que canalha traiçoeiro!

# Capítulo 8

– Com certeza é diferente de tudo o que já vi até hoje – disse com sinceridade o dr. Gershmann, sacudindo a cabeça, consternado, ao voltar os olhos para Nathan. Com a mão esquerda alisava seu farto bigode, enquanto a direita repousava com familiaridade sobre sua prodigiosa barriga. – Só que é tão esquisito… – acrescentou.

Os odores estranhos tinham praticamente desaparecido, ainda que Thomas conseguisse sentir um resquício muito sutil de laranja. Ou achava que conseguia. Estava absorvendo a deprimente esterilidade do quarto – até as paredes pareciam ter sido lavadas tantas vezes que estavam desbotadas e sem cor –, mas agora piscava e apenas encarava o médico.

– Esquisito? – repetiu Emily, com uma expressão horrorizada no rosto. – Doutor Gershmann, ele está aqui há quase quarenta e oito horas. Como nenhum de vocês pode não ter, sequer, a menor ideia? Lamento se isso o insulta, mas que raio de coisa estamos fazendo aqui se vocês não podem ajudar? Será que a gente deve transferir Nathan para algum lugar onde ele vá conseguir ser tratado?

Uma enfermeira loira oxigenada bateu de leve à porta, colocou a cabeça para dentro e lembrou ao dr. Gershmann que ele tinha uma reunião com alguém chamado Challis em vinte minutos. Ele agradeceu, sem efetivamente dar atenção à sua presença, e em seguida voltou o olhar para o casal Randall.

– Vocês certamente têm liberdade para tomar quaisquer decisões que julgarem ser do interesse de seu filho, senhora Randall – disse o médico, a áspera luz do hospital refletindo-se em sua careca. – Mas posso garantir: neste momento, estamos fazendo tudo o que está a nosso alcance. Ele não está em perigo, e, se quiserem levá-lo para casa,

precisarão de alguém lá em tempo integral para monitorar sua condição e cuidar da medicação intravenosa, além, é claro, para limpá-lo.

– Faz cinco anos e meio que cuido da limpeza dele, doutor Gershmann – retorquiu ela no mesmo instante.

Thomas foi para o lado de Emily e colocou uma das mãos em seu ombro.

– Em, não foi isso que ele quis dizer, e você sabe.

Ficaram juntos, em silêncio, e ela pôs a mão sobre a dele. Thomas fechou os olhos por um instante, mordendo o lábio inferior. Queria estar em outro lugar. Por pior que aquilo o fizesse se sentir, ansiava pela quietude de seu escritório, por sua mesa e seu computador, pelo próprio ato da criação. É verdade que, havia um bom tempo, não vinha sentindo grande prazer naquilo, desde que a pressão para produzir começara a superar seu interesse pelos personagens. Mas, agora, só pensava em ter um momento daquela alegria…

Por um instante, perguntou-se o que teria acontecido com Francesca e o pessoal da Fox naquele dia, mas depois se recriminou pelo simples fato de pensar naquilo.

– Veja, doutor Gershmann – falou, já que Emily parecia não ter mais palavras –, não entendo como você pode ficar aí e nos dizer que não há nada de errado com nosso filho. Nada na ressonância magnética, nada tóxico no organismo dele. Parece até que Nathan está normal, mas, Deus do céu, olhe só pra ele! Parece normal, por acaso?

Todos olharam, então, para o garotinho com fitas adesivas segurando as pálpebras e cujo rosto parecia congelado e distante. Sem perceber nada ao redor. Sem perceber sequer a abelha que agora mesmo andava em seus lábios.

– Meu Deus, Thomas, tire ela daí! – pediu Emily, a voz sufocada de nojo e desespero.

Thomas já estava em ação. Espantou a abelha sem nem considerar a possibilidade de ser ferroado. Quando ela pousou em outro lugar, matou-a com uma revista *People* que Emily havia trazido.

– Como é que isso entrou aqui? – perguntou Thomas, olhando zangado para o dr. Gershmann, ainda que soubesse que dificilmente poderia culpar o homem por um inseto aleatório.

O dr. Gershmann não respondeu. Limpava os óculos na lapela do jaleco. Quando ergueu os olhos, Thomas conseguiu enxergar em sua

expressão que ele estava escondendo algo.

– O que foi? – insistiu Thomas.

– Você estavam falando de como Nathan parece normal – respondeu o dr. Gershmann, coçando letargicamente a parte de trás da cabeça, logo abaixo da larga porção careca que era parcialmente envolvida por um semicírculo de cabelos grisalhos desgrenhados.

– Oh, não – sussurrou Emily. – O que foi?

– Nada preocupante – tornou o médico. – Só um pouco esquisito, apenas isso.

– Esquisito como?

– Bom, mandei a Neurologia fazer um eletroencefalograma no Nathan hoje. Em geral, durante o coma, ou nos casos infrequentes de catatonia, a atividade das ondas cerebrais costuma ser muito baixa – explicou. – Mas as de Nathan estão altíssimas. O nível de atividade é extraordinário, como se ele estivesse não apenas totalmente desperto, mas muito, muito agitado. Vamos colocar um monitor aqui, mas essa condição parece ser constante.

Emily estendeu a mão para Thomas, e ele apertou com força os dedos contra os dela.

– O que significa isso? Ele está sonhando? – perguntou Thomas.

– Os sonhos acontecem em ciclos, senhor Randall – esclareceu o dr. Gershmann. – Se fosse um sonho particularmente lúcido, poderíamos ver resultados como esse, mas não de modo persistente. Estamos falando aqui de algo quase contínuo.

– Como você explica isso? – perguntou Emily.

– Não temos explicação – confessou o médico. – Pelo menos não até agora. Já consultei diversos chefes de departamento e, até o momento, acreditamos que essa condição reflete uma possível desordem psicológica. Pode ser que não haja nada de errado fisicamente com seu filho.

– Então deveríamos falar com um psicólogo? – perguntou Emily, incrédula, apontando para o corpo deitado de Nathan. – Para tratar disso?

O médico parou um instante, outra vez alisando o bigode. Thomas perguntou-se se o homem se ofendera com o tom de Emily. Mas concluiu que, na verdade, ele não se importava. Porém, após um instante, Gershmann olhou outra vez para Nathan e balançou a cabeça.

– Vamos continuar a monitorá-lo e faremos outro exame toxicológico, só para confirmar. Fora isso, acho que devíamos pedir que um psicólogo olhe o eletro e, talvez, examine Nathan. Se vocês não tiverem nenhuma objeção, é claro.

Thomas e Emily permaneceram calados.

– Amanhã, então – falou o dr. Gershmann, antes de se virar para sair do quarto. – Senhor Randall, senhora Randall, sou o médico de Nathan, e não de vocês dois. Mas acho que devo lhes dizer que a permanência aqui e a monotonia das vigílias ao pé da cama podem ser enlouquecedoras. Entendo perfeitamente que queiram ficar com seu filho, mas talvez possam considerar dividir essas tarefas. Acho que vocês dois se beneficiariam de um pouco de ar fresco, talvez de algum contato com o mundo lá fora.

Thomas de início franziu o cenho, mas depois sua expressão se abrandou. Era uma boa sugestão, e o médico não a havia feito por pura obrigação, com certeza.

– Obrigado, doutor Gershmann – Thomas falou.

– Por tudo – acrescentou Emily.

O homem assentiu com um gesto de cabeça, as duas mãos inconscientemente afagando seu semicírculo de cabelo, e se foi.

Quando Emily saiu do hospital, pouco depois das oito e meia na noite de terça, sentiu uma culpa terrível abater sobre si. Havia deixado seu filhinho para trás. Thomas ainda estava ali, sentado ao lado de Nathan, e passaria a noite no hospital. Mas ela era a mãe. Não importava a objetividade dos fatos; grande parte dela sentia que jamais deveria ter saído de perto dele.

Contudo, apesar de toda a inconveniência, a vida seguia adiante. O dr. Gershmann tinha razão. Não havia muito sentido em os dois passarem todas as noites nos estreitos limites de um quarto de hospital. Ambos tinham uma vida para levar, coisas que precisavam de atenção, independente da crise pessoal que havia surgido.

Além disso, havia o pequeno problema da privação de sono.

Naquela noite ela dormiria em casa, na seguinte, numa cama de armar ao lado da cama de Nathan, e assim por diante, durante um futuro assustadoramente desconhecido.

Com a noite lentamente espreitando Tarrytown, como acontece no

verão, Emily foi subindo para Tappan Hill. Foi só quando guiou o carro pela rampa de acesso à garagem que sentiu o gosto de sal nos lábios, a umidade nas bochechas, e percebeu que havia chorado.

As lágrimas eram por Nathan, claro. Mas sabia que também eram por ela mesma. Pela traição de sua consciência.

Emily sentia-se aliviada por estar em casa, prestes a passar uma noite na paz e no conforto da própria cama. A ideia de que a saúde de Nathan poderia sofrer uma reviravolta durante a noite, para o bem ou para o mal, era um forte contrapeso, mas, ainda assim, não conseguia negar seu prazer diante da ideia de estar na própria casa. De poder deitar na própria cama.

Ela também não podia negar o leve arrepio que sentiu ao notar que, outra vez, a bicicleta roxa de doze marchas de Joe estava apoiada na rampa, bem na frente da garagem.

O sentimento de culpa era enorme. Mas ela era uma mulher prática e sábia que, mesmo que aquele sentimento não passasse por completo, recuaria o suficiente para que continuasse vivendo. Já estava resignada a esse novo arranjo como se fosse um fato da vida, pelo menos até Nathan se recuperar do que quer que o afligisse. Mas esse era o problema, não era? O dr. Gershmann não fazia ideia do que Nathan tinha. Ele era um garoto engraçado, inteligente e imaginativo, e então alguém, de algum modo, o havia desligado – tão fácil quanto apertar um botão num controle remoto.

Com um suspiro e uma rápida olhada no retrovisor para ver quanto seus olhos estavam horríveis, vermelhos e inchados, Emily abriu com força a porta do carro e saiu. Ao passar a alça da bolsa por cima do ombro, não segurou direito a chave do carro, que caiu no chão. Abaixou-se para pegá-la e sentiu todo o fôlego se esvair de uma vez. Por um instante, a emoção a dominou, e Emily conseguiu apenas morder o lábio e agarrar a chave. Depois, inspirou profundamente, levantou-se e bateu a porta do carro.

Quando chegou à porta da frente, ouviu música vindo de dentro da casa. Música. Parte dela tinha esquecido que isso existia, e lembrar-se assim foi uma bênção. Tocava “You Bring Me Joy”, antiga canção de Anita Baker, uma de suas favoritas. Girou a chave na fechadura e abriu a porta de casa.

Joe estava na mesa da sala de jantar com um saco de biscoitos da

sorte na mão e um olhar apatetado no rosto. Usava jeans novíssimos e uma camisa de cambraia que quase parecia de brim pré-lavado. Seu cabelo estava um pouco despenteado, e ele deu de ombros, levantando uma das mãos, como se não tivesse respostas para nada – quando, na verdade, naquele momento, parecia ter a única resposta que ela desejava.

Sobre a mesa havia mais de meia dúzia de caixas brancas de comida chinesa em três tamanhos diferentes. Havia pratos e taças, sem mencionar a garrafa de vinho italiano. E velas. Ele tinha acendido velas.

– Desculpe – disse, sacudindo a cabeça, um olhar de total desespero no rosto agora. – Sei que é um pouco demais essa comida chinesa, mas, quando terminei de corrigir os trabalhos, já não tinha tempo para fazer nada além de comprar comida. Espero que goste de arroz frito, porque nem me ocorreu que você talvez preferisse o branco, pelo menos até depois de eu fazer o pedido, e…

Ignorando completamente essas palavras, Emily largou a bolsa, atravessou a sala e se desmanchou em seu abraço. Ele primeiro a abraçou timidamente, depois com maior convicção. Isso era tudo de que ela precisava: o calor dele. A força dele.

Com a fragrância da culinária chinesa e do arroz frito no ar, ela tirou as roupas dele com pressa, e em seguida suas próprias. Fitava seus olhos acinzentados sempre que podia, precisando da atenção dele, precisando dele.

O céu acima de Florestranha clareava. As estrelas alaranjadas tinham começado a desaparecer à medida que o negrume se transformava em azul-marinho acima deles, e depois, lentamente, em azul vigoroso. Não havia nenhuma nuvem à vista.

Nathan estava sentado na proa de um pequeno bote, observando as montanhas que se erguiam à volta deles. As Montanhas Carecas, e, em seu pico mais alto, onde o Cima-Rio se derramava pelas beiradas e voltava a correr para baixo, veriam a fortaleza do Chacal Lanterna.

Ele não estava mais com medo. Não mesmo. Agora sentia-se mais zangado que qualquer coisa, e ficou sentado ali, de braços cruzados, com a expressão mais ranzinza que conseguia exibir no rosto.

– Desculpe, garoto – falou Resmungo, a voz profunda e grave, áspera como a de um amigo do pai de Nathan que morava no Brooklyn.

O anão examinava os cortes nas costas de Nathan e balançava a cabeça, rosnando.

– O velho Lanterna não devia ter mandado Dentelongo. Aquele menino é um selvagem. Sempre foi – disse Resmungo com raiva. – Mas parece que vai ficar tudo certo. Essa manteiga de amendoim vai curar os ferimentos. Vamos botar a sua roupa.

Nathan estava com cueca e jeans cáqui limpos, que reconheceu do armário de casa. Resmungo havia trazido roupas para ele. De início relutara, mas, quando percebeu que o anão não ia feri-lo, tirou a roupa e usou um balde de água para se lavar da melhor maneira que conseguiu. Nem Resmungo nem Curbito Jerimum, o quieto espantalho que usava os remos para conduzir o barco pelo Cima-Rio, ficaram olhando Nathan enquanto ele se lavava. Depois, Curbito jogou as roupas sujas do menino no rio.

– Mas que fedor dos diabos – grunhiu o espantalho com cabeça de abóbora enquanto as roupas de Nathan rodopiavam pela corrente, ficando em seguida presas em alguns juncos às margens do rio.

Então Resmungo deu a Nathan uma camiseta do Batman que era um pouco grande demais. Aquilo também viera de sua gaveta em casa. Quando a vestiu, ele sentiu vontade de chorar. Estava tão exausto, tão cansado de sentir medo, que só queria se entregar e deixar as lágrimas descerem, para se afogar no lugar aonde ia quando chorava. Longe. Afogar-se na segurança da tristeza.

– Não acredito que perdi meu maldito chapéu – protestou Resmungo, infeliz, e sentou-se num banco que se estendia pelo centro do bote. – Levei sete anos para me acostumar com ele.

– Pare de falar do chapéu – reclamou Curbito.

Nathan o observava, nervoso. O espantalho parecia ansioso e com raiva de Resmungo, ainda que o garoto não soubesse por quê. Talvez quisesse que Resmungo remasse um pouco, pensou Nathan, mesmo que não fosse muito trabalhoso apenas guiar o barco, impedindo que batessem na margem.

Outra vez, o menino virou os olhos para as montanhas, piscou, e o medo começou a voltar. Então olhou Resmungo e sentiu-se triste. Nunca havia gostado do anão, nem quando seu pai começara a ler as histórias de Florestranha para ele. Resmungo sempre parecia furioso demais, além de um pouco assustador. Tinha menos de um metro e meio e usava terno

cinza com listras fininhas. Debaixo de cada braço havia coldres de couro nos quais carregava imensos revólveres Colt, exatamente como nos velhos filmes de faroeste.

E o chapéu. Agora perdido.

Sem o chapéu, Nathan achou o anão somente ranzinza e, talvez, um pouco triste também. Exatamente como ele, mas sem o medo. Na hora em que Nathan pensou nisso, perguntou-se se Resmungo na verdade não sentia medo também, nem que fosse um pouquinho.

– Por que o Lanterna quer me machucar? – murmurou Nathan, com medo da resposta.

Resmungo balançou a cabeça, e Nathan teve certeza, naquele instante, de que ele estava ao mesmo tempo amedrontado e triste. O garoto se sentiu melhor. Menos sozinho. Mas a sensação não durou, porque ele também tinha de pensar que, se Resmungo estava com medo, talvez todos eles estivessem em perigo.

– Ele não vai machucar você, garoto – explicou Resmungo. – A gente não vai deixar, mesmo que ele queira. Não é por isso que está aqui, Nathan. Você vai voltar pra casa um dia. Tenho certeza.

– A gente quem? – perguntou Curbito subitamente, e largou os remos por um instante, olhando Resmungo de um jeito que fez Nathan estremecer.

– Eu – Resmungo baixou a cabeça e lançou um olhar irado para Curbito, o sol da manhã brilhando no cabelo acinzentado do anão e lançando sombras escuras em seu rosto. – Eu. Penatesta. Mauro.

Curbito riu, e Nathan grudou ainda mais na extremidade da proa do bote. A embarcação estava à deriva na corrente, indo para a margem esquerda do Cima-Rio, mas ele mal percebeu. Pela primeira vez notou que a imensa abóbora amarela que era a cabeça de Curbito parecia mole.

Podre.

Tudo estava podre em Florestranha agora, pensou.

– Um nanico de merda, um pônei e um pássaro – retrucou Curbito ameaçadoramente, e sacudiu sua abóbora. – O que o Lanterna tem de fazer é abrir o moleque ao meio e espalhar suas vísceras pela Via Sinuosa. Isso sim vai botar o Nosso Garoto na linha, estou dizendo.

O espantalho se levantou na popa do bote. Um esgar de temerosa preocupação percorreu os traços de Resmungo.

– Curbito, sente-se! – ordenou o anão. – Você precisa guiar o barco,

senão vamos bater na margem. Pegue os remos.

Das costas, em meio aos rudimentares farrapos que constituíam o pouco que o espantalho tinha de roupa, Curbito tirou uma longa faca. A abóbora abriu um sorriso, e sementes podres escorreram do canto de sua boca.

– Pensando bem, não – retrucou Curbito. – Acho que é hora de alguém fazer algo de verdade por aqui. As coisas estão se deteriorando rápido demais.

Resmungo pôs a mão embaixo do paletó de casimira e sacou um longo Colt de ferro, tão rápido que Nathan mal viu sua mão se mexer.

– Pega a porcaria do remo – rosnou Resmungo.

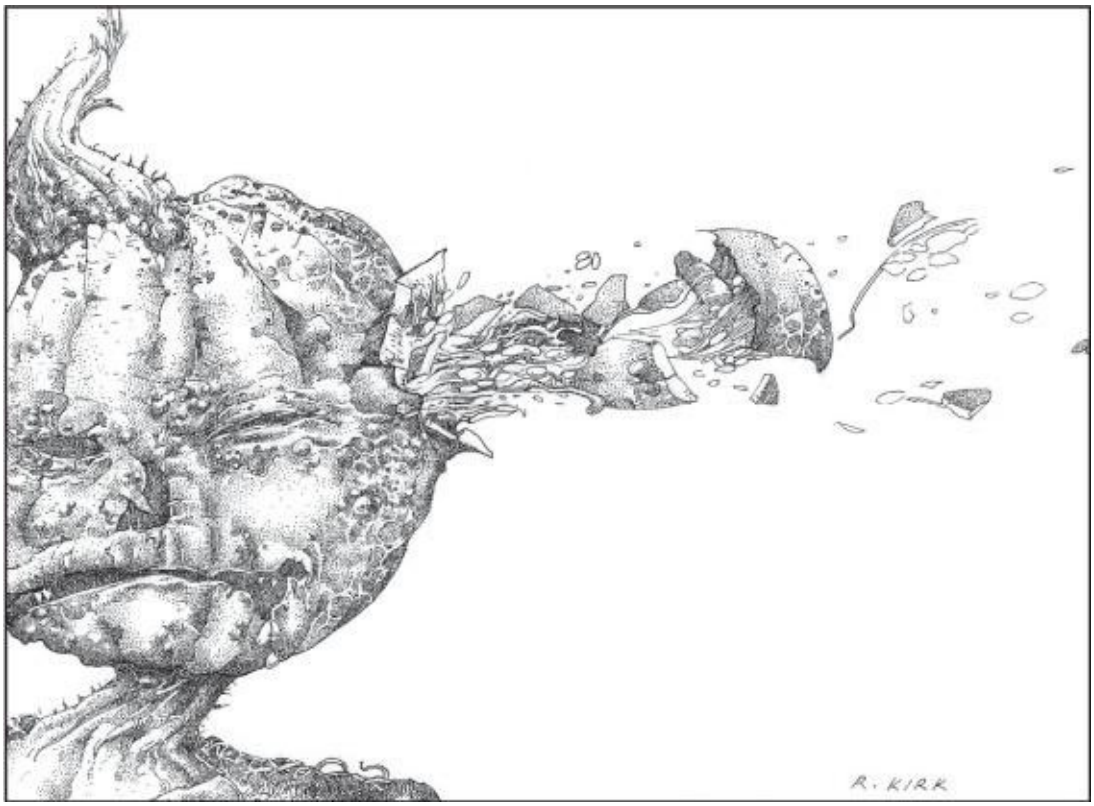
Nathan examinou a arma e o rosto tenso de Resmungo – o cabelo e as suíças grisalhas, e os olhos azuis que quase o faziam se parecer com uma pessoa de verdade, com um anão de verdade, um anão humano, alguém que se poderia ver na rua. Mas as orelhas pontudas entregavam tudo. Elas e o modo como os dentes se afinavam até ficar com pontas de agulha, uma boca repleta de presas afiadas.

Curbito riu.

Os olhos de Nathan estavam arregalados, e ele se envolveu em um abraço bem apertado.

O espantalho partiu para cima dele.

Resmungo ergueu o Colt e atirou, espalhando abóbora podre pela popa do bote e pela água. O que sobrou de Curbito quicou de volta com o impacto, tombou, e então foi escorregando pela lateral do barco até cair na água.




Nathan gritou e começou a balbuciar de modo incoerente. Algo saía de sua boca, mas não fazia sentido, nem mesmo para ele. Resmungo pôs a arma de volta no coldre e foi pegar os remos, que haviam caído no rio, trazendo-os de volta. Com cuidado, aproximou-se de Nathan, mas o menino se afastou dele, gemendo. Lentamente, contudo, o anão conseguiu pegar Nathan nos braços e depois o abraçou apertado enquanto chorava.

– Lamento, Nate – sussurrou Resmungo com sua voz grave. – Mas é assim que tem de ser. Não existe outra maneira.

Como o rio seguia reto um pouco e não havia muitos obstáculos na água, Resmungo ficou daquele jeito com o garoto por algum tempo. A manhã chegou rápida depois disso, o sol laranja brilhante no céu, e as árvores – ali ao menos – verdes como sempre. As montanhas erguiam-se em volta deles e o rio corria, corria e corria para cima, até que começou a esfriar.

Resmungo tirou seu paletó de casimira e o colocou em Nathan; o garoto deitou-se e chorou na proa do bote. Resmungo remava. Depois de um tempo o choro parou, e o anão percebeu que o garoto havia

adormecido. Sentia-se contente por Nathan. O menino provavelmente tivera poucas e preciosas horas de sono desde que chegara a Florestranha, e elas seriam para ele uma fuga abençoada.

Antes de o horror de verdade começar.

Antes de ele encontrar o Chacal Lanterna.

A cama de armar era praticamente intolerável. Thomas lembrou-se de um colchão de cama de armar, com motivos florais, que os pais deixavam numa malha de arame no porão quando ele era criança. Para dormir na casa dele, seus amigos sempre tinham de usar aquele negócio, que parecia um instrumento de tortura antigo, até para um garoto que pouco sabia dessas coisas. Pior ainda, porém, era quando um parente vinha passar uns dias, o que significava que era Thomas quem teria de "ficar com a cama de armar".

O que o hospital lhe dava para dormir era, pela aparência, um pouco mais próximo de uma cama do que aquele sádico pedaço de estofo e arame da sua infância, mas não se podia dizer que era mais confortável. Se ele estivesse algo menos do que completamente exausto, teria passado a noite inteira acordado.

Em vez disso, adormeceu antes do jornal das dez.

Dezenove minutos após seus olhos se fecharem, Thomas foi despertado por um som dos mais peculiares. De início achou que a TV estivesse fora do ar, mas, quando olhou para cima, viu que o jornal ainda passava, apesar de o volume estar baixo. Não, o chiado vinha de algum outro lugar no quarto escuro.

Virando-se para encarar a parede e colocando as pernas em posição fetal, primeiro tentou ignorar o som. Entretanto, ele incomodava por sua insistência. Era quase como um sussurro – se mosquitos fossem capazes de sussurrar.

Quando se deu conta de que não conseguiria dormir até que o barulho cessasse, Thomas cedeu e se sentou na cama. Passou os olhos pelo quarto, tentando encontrar a origem exata do ruído. Talvez o telefone estivesse fora do gancho. Mas, não… o som parecia vir do quarto inteiro.

– Mas o quê…? – começou, levantando-se, os pés nus e frios nos ladrilhos cheios de amônia do quarto de hospital.

Algo se movia sob o brilho azul da tela da TV. Thomas o olhou,

tentando se concentrar nele.

Enfim despertou por completo.

Tinha sido um idiota por não reconhecer o som. Agora, vendo uma delas andando pela tela, estalando com a eletricidade estática do aparelho, seus olhos se arregalaram, e ele congelou.

Abelhas.

Não podia afirmar quantas eram, mas faziam cada vez mais barulho. Thomas odiava abelhas, e sempre as odiaria. Mas Nathan também estava no quarto, respirando suavemente em sua cama, e proteger o filho era mais importante do que tentar não ser ferroado.

Como foi que elas entraram aqui?, pensou, enquanto arrastava os pés silenciosamente pelos ladrilhos até o interruptor de luz na parede. Mas o *como* era secundário, tendo em vista o que era preciso fazer em relação a elas.

Perto da parede, Thomas estendeu a mão, achou o interruptor e parou um momento antes de acender a luz. Parte dele imaginava que o quarto estaria repleto de abelhas – a parte que escorregava lentamente para fora da realidade. Essa parte ficou aliviada com o que foi revelado pela luz. O resto ficou horrorizado.

– Meu Deus, Nathan – sussurrou.

Thomas estava na porta um segundo depois. Ele a abriu, rápida mas silenciosamente, e saiu do quarto. A sala dos enfermeiros estava abandonada. Ficou examinando o corredor de um lado a outro e ouviu alguém rindo mais adiante, a um canto.

– Oi? – chamou, com medo de gritar e irritar as abelhas.

Por um momento, manteve-se estático na soleira, desejando desesperadamente obter ajuda, mas sem querer sair de perto de Nathan. Algum enfermeiro estaria por ali a qualquer segundo. Bastava deixar a porta aberta e o socorro viria. De repente, lembrou-se do botão que permitia chamar os enfermeiros. Se o apertasse, alguém logo viria.

Thomas voltou para o quarto do filho e mordeu o lábio ao ver Nathan novamente. As abelhas andavam pelos lençóis, zumbindo em volta da cama, detendo-se na janela e nos cantos do quarto. Algumas dezenas. Era mais que suficiente para fazer com que Thomas prendesse a respiração um instante enquanto as observava. Enquanto observava Nathan. Não parecia haver uma única ferroada na porção exposta da sua pele, e aquilo o acalmava um pouco. Contudo, não podia simplesmente deixá-

las ali. Tinha de fazer alguma coisa, mas o quê? Assim que começasse a atacá-las, as abelhas provavelmente reagiriam, ferroando-o diversas vezes.

Thomas era alérgico a abelhas. Ele incharia, talvez o bastante para fechar suas vias respiratórias. Nesse caso, poderia morrer. Seu único pensamento positivo foi que estava num hospital, então, pelo menos alguém poderia socorrê-lo a tempo.

Alguém.

Seus olhos acharam o fio branco e o botãozinho de plástico que deveria apertar para chamar um enfermeiro. Estava atravessado na cama de Nathan, ao lado das pernas do garoto. Para alcançá-lo, teria de pôr a mão no lençol com as abelhas.

Havia se tornado mais difícil respirar, como se já tivesse sido ferroado, e Thomas tentou afastar aquela sensação. Era só ansiedade, dizia a si mesmo. Mas, mesmo assim, não sabia o que fazer. Ficou olhando as abelhas andando na cama do filho, observando com cuidado seu rosto, procurando qualquer sinal de que ele pudesse acordar, sentindo a mínima pressão que fosse das abelhas sobre si.

Enquanto Thomas observava, uma abelha saiu da narina direita de Nathan e parou em seu lábio superior.

O som que Thomas emitiu naquele momento não foi realmente uma palavra. Foi mais uma exalação de ar, e cada partícula de medo e desespero foi expressa naquele único ruído. Devagar, deu um passo na direção de Nathan.

O zumbido cessou. As abelhas fizeram silêncio. Todas elas no mesmo instante. Thomas piscou, balançou a cabeça, perguntando-se se tinha ficado surdo, porque seria muito mais aceitável ficar surdo do que maluco – algo, aliás, que vinha imaginando bastante nos últimos dois dias. Talvez não estivesse acontecendo nada, era esse o problema. Poderia ser só a sua mente. E aí?

Um par de abelhas saiu em fila dos lábios entreabertos de Nathan.

– Chega! – gritou Thomas. – Chega! Saiam do meu filho! Saiam já daqui!

Ensandecido, agitava os braços como se enxotasse gado, e continuava a berrar com as abelhas. Formando um único bloco, cada uma saiu de seu lugar, indo a um ponto do quarto, e todas zumbiram ali. Ouviu-se uma leve batida na porta aberta, e um preocupado rosto masculino

apareceu. Como se tivessem percebido a deixa, as abelhas dirigiram-se para a porta.

– Ah, merda! – exclamou o enfermeiro, perdendo a compostura profissional ao correr para fora e ficar olhando o pequeno enxame de abelhas que saiu zumbindo do quarto e voou pelo corredor, antes de se dispersar em diversos quartos, cantos escuros e rachaduras.

Thomas encarou o enfermeiro. O homem o encarou em resposta.

– Você viu? – perguntou Thomas, percebendo imediatamente quanto aquela pergunta devia parecer idiota.

– De onde elas vieram? – perguntou o enfermeiro.

Thomas pensou nas abelhas saindo da boca aberta de Nathan e sacudiu a cabeça.

– Não faço ideia – respondeu. Depois de um tempo, até acreditou na própria mentira, tentando imaginar quem poderia ter sido capaz de soltar as abelhas no quarto.

O perseguidor? Decidiu telefonar para o detetive Sarbacker logo cedo. Naquele momento estava agitado demais para falar com qualquer pessoa.

– Olha, estou dormindo no quarto do meu filho – disse ele. – Mas, depois dessa, realmente preciso de um pouco de ar fresco. Só vou dar uma caminhada ali na frente e já volto. Pode ser?

– Avise o guarda quando sair – falou o enfermeiro, agora parado na porta do quarto de Nathan e passando os olhos pelo seu interior. – Se ele ficar em dúvida, peça que ligue ao LaMarre, e eu explico.

– Obrigado – agradeceu Thomas, e, após uma olhadela na figura tranquila do filho, rapidamente dirigiu-se ao elevador. Precisava sair. Atrás dele, LaMarre murmurava qualquer coisa bem baixinho. Algo sobre as abelhas.

Do lado de fora, sob as estrelas, com uma leve brisa soprando fresca por seu rosto e nas árvores acima, Thomas tentou afastar aquela horrível sensação na boca do estômago. Mas não conseguia. Estava mais convencido do que nunca de que alguém o estava perseguindo, e também a Nathan. Mesmo agora ele poderia estar em perigo. E, no entanto, estava muito mais preocupado com o filho. Os médicos não haviam descoberto nada no exame toxicológico, mas ele exigiria uma segunda opinião. Devia haver alguma espécie de veneno, alguma razão

para os odores no quarto.

As abelhas não tinham aparecido ali por mágica, isso era certo.

Fora do hospital, com o ar fresco arejando-lhe a mente, perguntou-se se suas bizarras alucinações daquele dia não podiam ter alguma espécie de origem química. Era possível que ele também tivesse sido envenenado de algum modo. Nesse caso, deveria fazer um exame de sangue imediatamente. Thomas tinha um histórico de convulsões. Havia anos não sofria nenhuma, mas guardava um frasco de fenobarbital no armário de remédios, só por precaução.

A ideia de ter outra convulsão, após tantos anos, bastava para fazê-lo esquecer as abelhas. Eram assustadoras quando vinham. Estremecendo, Thomas fez uma anotação mental para fazer o exame de sangue.

Algum tipo de veneno… Quanto mais considerava aquela possibilidade, andando pela verdejante colina na frente do hospital, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, mais percebia que devia ser verdadeira. Era a única resposta que fazia algum sentido. A única resposta sã.

Quando era garoto, Thomas adorava Sherlock Holmes, e sempre havia professado uma das máximas do detetive. Uma vez que você tivesse eliminado o impossível, acreditava Holmes, o que quer que sobrasse, não importava o quanto fosse improvável, tinha de ser verdade.

Conversaria com os médicos pela manhã. Saiu do gramado e foi para o asfalto do estacionamento, dirigindo-se às imensas portas automáticas da emergência. Tudo parecia bem quieto, mesmo para uma noite de terça. Seu pensamento foi para as ambulâncias.

E, porque pensava em ambulâncias, a primeira impressão foi de que o som alto e cadenciado era de uma sirene.

Mas não era uma sirene. Era um som que achava ter ouvido na noite de domingo, do lado de fora do quarto de Nathan. Agora o ouvia de novo, como se alguém tocasse sedutoramente um violino, enquanto a brisa acariciava um imenso conjunto de sinos de vento.

Thomas parou. Balançou a cabeça. Sussurrou *não* e começou a chorar.

Simplesmente não podia ser. Acabara de entender havia alguns segundos. Não era possível, de jeito nenhum.

Devagar, Thomas olhou para o céu, as folhas murmurando com a

brisa nas árvores ao redor. Mas não havia árvores acima de sua cabeça naquele momento. Só as estrelas e o infinito azul, e, pairando acima do estacionamento, um dragãozinho de barriga laranja, cujas asas produziam uma bela melodia enquanto voava.

Rabeca desenhou dois círculos no ar, muito acima do estacionamento. Na mente de Thomas, suas asas nunca haviam sido tão belas.

# Capítulo 9

Enquanto Thomas dirigia para a casa que um dia compartilhara com Emily e Nathan, trovões ribombavam pelo céu. Com um som que parecia a noite sendo rasgada em duas, a tempestade começou para valer, atacando Tarrytown com uma chuva densa e punitiva. Os limpadores de para-brisa do Volvo precisavam ser trocados havia meses, mas ele convenientemente esquecia de resolver isso toda vez que o sol saía.

Agora estava arrependido. Mal conseguia enxergar um palmo à frente. A luz projetada por seus faróis era estilhaçada e refratada pela cortina de chuva. Virando para subir para Tappan Hill, bateu no meio-fio, quase acertando uma robusta caixa de correio.

Um ano antes, sua vida estava tão próxima da perfeição quanto se poderia desejar: uma bela casa, uma esposa maravilhosa, um filhinho meigo brincando no jardim atrás da casa e uma carreira em ascensão numa área criativa, embora brutal, que esmagava a maioria daqueles que se aventuravam por ela. Todos o queriam. A revista *Time* o havia chamado de "A. A. Milne do novo milênio".

Uma semana antes, ele ainda era invejado por quase todo mundo que conhecia. Divorciado, sim, mas em paz com a ex, passando tempo com o filho, podendo escolher seus contratos de cinema e de TV e diante do luxo de repousar sobre seus louros.

Claro que tudo isso era só a aparência externa. Por dentro, Thomas sempre fora Thomas. O mesmo garoto que havia sido arrastado de um quartel a outro, com o pai sendo transferido de posto a cada poucos anos. Filho de militar, perdia-se em livros e filmes, e era assim que arrumava todos os seus melhores amigos. Quando seu filho Nathan criou um amigo imaginário, Thomas não viu nada de estranho naquilo. Macieira era a criação de uma mente fértil, e ele conseguia entender.

Parte dele sempre seria como aquele garotinho cujos melhores amigos eram encontrados em bibliotecas, em revistinhas compradas por uma moeda na farmácia e no alquebrado Motorola preto e branco que carregavam de um canto do mundo a outro.

TJ Randall. Thomas Randall. Tommy, era assim que sua mãe o chamava, e era a única pessoa que ele nunca corrigia. Por dentro, ainda sentia toda a insegurança, toda a ansiedade e todo o maravilhamento que sentira vinte anos antes.

Emily o havia tocado ali, tinha sido parte daquele amor inocente que ainda existia lá no fundo. Mas só Nathan havia vivido naquele lugar. Desde o momento em que respirara pela primeira vez, desde o primeiro instante em que Thomas segurara o filho nos braços, Nathan tomara por completo aquele lugar no seu coração.

Em essência, Nathan era seu coração; ele era tudo o que fazia Thomas ser ele mesmo.

Agora, com Nathan deitado naquela cama e com o futuro tão sombrio e obscuro, Thomas tinha a sensação de ter perdido o rumo. Tudo desabava, tudo o que já soubera ou no que acreditara ou confiara a respeito da vida. Estavam ocorrendo coisas que ele não tinha capacidade de compreender. Sua mente vinha lhe pregando peças, claro. Aquela era a única resposta possível.

Mas era tudo tão real…

Por mais reais que fossem os amigos que criara a partir da ficção quando era um garotinho, esses episódios, alucinações, ou o que quer que fossem, eram mais reais ainda. Não era a imaginação irresponsável de uma criança, que um pai jamais entenderia. Não, essa pitada de insanidade tinha textura de vida, podendo ser reconhecida e compreendida por qualquer homem.

Precisava de ajuda. Sabia disso. Mas era tarde, e a única ajuda em que conseguia pensar era a única pessoa que talvez conseguisse entender, nem que fosse só um pouquinho.

Os inúteis limpadores de para-brisa tiravam chuva do vidro aos borbotões, mas não dava nem para começar. Bateu no meio-fio ao virar na rampa de acesso da casa de Emily, e quase bateu na traseira do carro dela ao pisar no freio. Thomas saiu, pôs a chave no bolso e bateu a porta. Seguiu de olhos semicerrados sob a chuva até a entrada da casa. Ainda havia algumas luzes do lado de dentro.

Por um instante não se moveu, ficando apenas parado ali, encharcando-se na chuva, os cabelos e as roupas completamente ensopados. Sentiu saudade por um momento enquanto olhava a casa, e se perguntava se não havia deixado um pedaço de si mesmo ali ao se mudar.

Correu até os degraus da porta da frente, a água pingando do casaco ensopado. O som da chuva estava tão alto que ele não conseguia dizer se a campainha havia tocado quando a apertou, por isso começou a bater na porta.

Desesperadamente.

Thomas ouviu a tranca girar, e a porta se abriu. Emily estava apenas de roupão, desgrenhada, a maquiagem manchada, e Thomas percebeu que a havia tirado da cama. A maneira como seu cabelo estava emaranhado e caído numa desordem rodopiante sobre os ombros provocou nele uma onda de nostalgia tão forte que mal conteve a urgência de abraçá-la.

– Thomas, meu Deus! – disse ela freneticamente, tirando-o da chuva. – O que foi? O que aconteceu com Nathan?

A sala aparecia em *flashes* à sua volta: estampas asiáticas que havia trazido para ela de Los Angeles, uma enorme planta que ela comprara uma semana antes da separação, um cabideiro que ele tinha desde a faculdade e nunca havia pensado em levar consigo, o confortável sofá com estampas de rosas em que ele se deitava, abraçado com Nathan, vendo filmes antigos de Abbott e Costello enquanto o embalava.

– Não – disse ele, uma só palavra saindo de sua boca como um pesaroso resmungo. Ele não podia culpá-la por sua reação. Sabia qual deveria ser sua aparência, o que a rendição e a angústia em seu rosto deviam tê-la feito pensar. – Desculpe, Emily – disse ele, tentando se concentrar. – Não foi… Quer dizer, Nathan está bem.

Ao ver a esperança surgir nos olhos dela, Thomas disse:

– Nada mudou.

Emily apertou os lábios, pequenas linhas se formando nos cantos, e os olhos endureceram. Ela endireitou a coluna, apertou bem o roupão e observou as gotas que caíam da roupa de Thomas pingando no tapete. Thomas começou a falar, tentando explicar, mas foi distraído por um súbito movimento captado por sua visão periférica.

– Hã? – ele se virou com rapidez, perguntando-se o que seria agora.

Alguma outra alucinação ou um perseguidor de carne e osso na janela?

Mas o homem com cabelo loiro-avermelhado não estava na janela. Tampouco era um perseguidor. Pelo que Thomas sabia, era um professor de literatura chamado Joe Hayes, que no momento dormia com sua ex.

– Droga, o que é que você está fazendo aqui? – perguntou Emily. – Não devia estar com Nathan?

Thomas fez o melhor que pôde para recuperar a dignidade. Endireitou a coluna e deu uma ajeitada no pescoço para realinhar o restante do corpo. Com grande deliberação, passou as mãos pelo cabelo ensopado, ajeitando-o da melhor maneira que podia. Antes de se voltar novamente para Emily, deu uma rápida olhada em Joe.

– Entendi agora por que você estava com tanta pressa de começar a passar algumas noites em casa – disse Thomas.

Bem no momento em que falou essas palavras, sentiu o estômago revirar. Aquilo não era apenas cruel e infantil; era errado. Ela ir para casa havia sido ideia do dr. Gershmann, e tinham decidido juntos que seria Emily a ter a primeira noite de descanso. Não importava. Às vezes, as palavras eram nada mais – ou menos – do que palavras. Considerando sua ocupação, ele entendia aquilo melhor do que a maioria das pessoas.

– Thomas… – começou Emily.

Joe a interrompeu.

– Não há necessidade disso – disse o professor, dando um passo adiante para oferecer a mão a Thomas. – Joe Hayes.

Thomas ficou olhando a mão dele por um instante, sem saber o que fazer. Notou expressão similar em Emily. Hayes não fazia nenhum joguinho. Thomas o examinou com cuidado e percebeu que se sentia muito mais um idiota do que um santo árbitro da moralidade.

– Thomas Randall – respondeu, um segundo antes de perceber que estendera o braço para apertar a mão do outro homem.

Hayes não sorriu. Thomas apreciou isso nele. Zero de hipocrisia presente naquele cumprimento.

– Lamento que vocês tenham se conhecido assim – falou Emily. – Mas é tarde, Thomas. Eu nunca teria…

– Deixa pra lá – disse Thomas, dispensando o pedido de desculpas. – Você tem razão.

Sentiu os olhos de Hayes nele, sem conseguir encarar o homem outra vez. Não naquele momento. Thomas estava cercado pelos fantasmas

felizes da casa. Com certeza também havia ali fantasmas de dor e tristeza, mas os que via naquele instante eram os dos bons tempos. Em sua mente havia um mapa da casa, de cada palmo do corredor, da disposição da mobília, do número de degraus que levavam ao sótão. Recordava da maneira como o suporte de toalhas no banheiro principal sempre fazia barulho, e exatamente até que ponto girar a torneira para chegar à temperatura perfeita para o banho de Nathan.

Thomas sentou-se pesadamente na cadeira de balanço feita de junco que tinha comprado para Emily na Pier 1, logo depois de terem ido morar juntos. Passou as mãos pelo cabelo outra vez, depois pelo rosto, e por fim conseguiu esboçar um sorriso ligeiro, melancólico.

– Desculpe – falou, e em seguida ergueu os olhos para Emily e viu a preocupação que invadira seu rosto no lugar da raiva. Ela ficava bonita assim, claro. Aliás, estava sempre bonita. No entanto, mais do que qualquer outra coisa, precisava apenas falar com alguém que realmente o conhecesse. – Acho que estou pirando, Em – confessou Thomas. – Acho que esse negócio todo vai me fazer pirar de vez.

Emily virou-se para olhar o novo amante. Thomas desviou o olhar, observando o arranjo de flores desidratadas do outro lado da sala. Ele ficava num antigo aparador, ladeado por uma cadeira de balanço antiga, mas robusta, e pela enorme planta que tinha notado ao entrar. Na parede, acima do aparador, havia um espelho antigo todo ornamentado. Nele, Thomas conseguia ver a sala inteira refletida à frente. Ou quase. Podia ver a si mesmo na cadeira de junco e a Hayes na outra extremidade da imagem. Entre eles, Emily.

A casa era dela.

– Joe, você se importa de esquentar um pouco de água para fazermos um chá? – perguntou Emily delicadamente.

Pelo tom de voz, Thomas pôde notar que ela não tinha certeza da resposta que receberia. Ele a conhecia há tempo suficiente para saber a medida de suas mais sutis inflexões. Isso quando prestava atenção. E aquele tinha sido o problema, não tinha? Não prestara atenção suficiente.

Hayes suspirou profundamente e fez um aceno de cabeça tão leve que Thomas se perguntou se o sujeito estava mesmo consciente. Seus olhos tinham uma cor esquisita, uniforme, e lhe davam um ar de sabedoria. Ele tinha só cinco anos a menos que Thomas, mas, olhando agora para

ele, Thomas teve a impressão de que a diferença era muito maior. O peso de seu medo e de sua ansiedade o fazia se sentir bem mais velho. Hayes ainda estava numa idade em que se portava com a atitude descuidada dos jovens e dos tolos.

Thomas fizera sua avaliação. Hayes não parecia um idiota. De jeito nenhum.

– Por que vocês dois não conversam? – sugeriu Joe, após um instante de hesitação. – Estarei na cozinha com o chá pronto quando terminarem.

Emily sorriu. Thomas piscou.

De algum modo, perdera o rumo. Estava fora de si. O entendimento do que havia acabado de acontecer demorou a vir, mas, agora que tinha chegado, ele mal podia acreditar. Não queria o amante de Emily lhe fazendo chá. Não queria Joe Hayes na sua casa, não importava qual fosse a opinião do sujeito sobre isso.

– Não, eu… – começou Thomas, e Emily franziu o semblante, voltando-se para ele. Thomas parou de falar, e em seguida fechou a boca.

A casa não era mais dele.

– Muito obrigado – disse a ambos, à ex-esposa e ao homem que agora dividia com ela o que um dia fora o leito nupcial de Thomas e Emily Randall.

Joe virou-se e atravessou a porta vaivém da cozinha. Thomas observou as dobradiças funcionando com um grande grau de apreciação. Gastara muito dinheiro para instalar aquela porta. E os detalhes em verde-escuro tinham sido feitos pela própria Emily. Na época em que ela tinha tempo para essas coisas.

Quando a porta parou seu movimento de ir e vir, Emily se aproximou dele. Sentou-se no braço do sofá e pousou as mãos nos joelhos, curvando-se para encará-lo, do mesmo modo que fazia com Nathan quando queria a atenção dele.

– Thomas – disse ela com ternura –, o que é que está acontecendo?

Então ele contou. Contou tudo a ela.

Quando a chaleira começou a apitar, Joe Hayes já tinha passado os olhos por cada pedacinho do jornal, incluindo as partes que já havia lido de manhã. Checou a posição dos times favoritos, quando normalmente olhava só os placares dos jogos do dia anterior. Tinha ficado revirando

as coisas e achara um pacote de biscoitos de aveia que estava prestes a se tornar vítima do bolor, mas os comeu mesmo assim. Era uma distração, e qualquer distração era bem-vinda no que dizia respeito àquela situação.

Era absurdo. Surreal, na verdade. O termo que procurava era esse. Não podia culpar Thomas Randall por estar sendo meio maluco naquele momento, não com o que vinha acontecendo com Nathan. Também não podia culpar o homem por seu desconforto. Caramba, provavelmente ainda pensava naquele lugar como a *sua* casa, e em Emily Randall como *sua* esposa. Ao menos uma parte dele faria isso. Nada mais natural.

Aquilo tudo também fazia Joe se sentir imensamente desconfortável, e, enquanto lia uma resenha na seção de artes sobre um filme estrangeiro que sabia que nunca veria, permitiu-se indagar o que, pelo santo Deus, fazia ali. No passado, evitara envolver-se com mulheres divorciadas ou mães solteiras. E mulheres mais velhas também. Sempre acreditara que, naquela idade, ele precisava começar do zero com alguém.

Nada de assombrações do passado. Era isso que procurava. Afinal, estava apenas começando. Estivera à frente a vida toda, acima da média em termos acadêmicos e, depois, também profissionalmente. Tivera suas tragédias, como todo mundo – seu irmão mais velho havia quebrado o pescoço ao dar um mergulho infeliz num acampamento de verão quando ainda eram meninos, e Joe fora o primeiro a perceber que ele estava morto. A mãe, naquele exato momento, travava com valentia uma guerra contra o câncer de mama, guerra essa que os médicos diziam que tinha todas as chances de vencer. A seu modo, Joe também era tomado por assombrações.

Mas sempre havia pensado que ficaria com alguém na mesma posição, alguém que tivesse acabado de começar. Terminara a faculdade aos vinte anos, o mestrado aos vinte e dois, e, agora, como professor associado do curso de Letras do Marymount College, fazia o doutorado. Tinha só vinte e seis anos. Jamais tivera um carro novo, nem casa própria – nem um bicho só seu tivera na vida. Havia imaginado que dividiria essas coisas todas com alguém que também teria essas experiências pela primeira vez.

Isso tinha sido antes de Emily. Antes de ter se apaixonado.

Quando a conheceu, sabia que ela tinha um passado. Ela não

escondera nada dele. Ex-marido, filho, carreira indo bem. Dívidas. Dúvidas. Afetos nos quais ele nunca poderia esperar interferir.

Mas isso tinha sido, também, antes de tudo acontecer. Antes de Nathan ir para o hospital, antes dessa história maluca de perseguidor, antes de Thomas ter começado a agir feito um lunático. Sentado ali, numa dura cadeira de carvalho, mal captando as palavras de Ann Landers na TV, Joe Hayes pensou seriamente em procurar algo menos complicado. Aliás, bem que poderia fazer isso. Simplesmente ir embora. Ninguém o culparia. Nem mesmo Emily, ainda que tivesse certeza de que ela ficaria magoada. Ele não havia pedido toda aquela dor, toda aquela aflição, sem mencionar o constrangimento geral.

Pelo amor de Deus, ele só tinha vinte e seis anos! Aquela novela não era para gente da idade dele. E agora, Thomas estava tendo um colapso, talvez pra valer. A situação podia ficar muito mais feia do que já estava.

Joe enterrou o rosto nas mãos, os cotovelos apoiados na beirada da mesa da cozinha. Estava exaurido, frustrado, além de apaixonado demais. Quando imaginava Emily, quando corria o olhar pela cozinha, quando pensava em Nathan – cujo rosto só tinha visto em retratos – deitado naquela cama de hospital… simplesmente não conseguia partir.

Não era assim que Joe Hayes agia.

A chaleira ainda apitava; ele a havia deixado apitar, presumindo que isso seria suficiente para chamar Emily e o ex para a cozinha. Depois de alguns instantes levantou-se, tirou a chaleira do fogão e preparou para si uma xícara de chá. Era de camomila, algo que ele já associava a Emily.

Quando a chuva começou a bater na janela do outro lado da cozinha, Joe sentou com a xícara de chá quente nas mãos para esperar a tempestade passar. Não importava o que acontecesse, jurou; estaria ali para o que desse e viesse. Ou, pelo menos, para ficar enquanto Emily quisesse.

Uma fria brisa soprava do amplo lago atrás da cabana de Resmungo. Na clareira em frente à cabana, ao longo do caminho da Via Sinuosa, o General Manteiga de Amendoim segurava o chapéu de feltro verde de Resmungo na mão direita, enquanto a esquerda repousava sobre o punho da espada embainhada.

Ao menos daquela vez os Repiques Laranja estavam quietos.

– Por que deveríamos acreditar em você? – rugiu Brigadeiro.

Os outros, um por um, murmuraram ou apenas demonstraram com um aceno de cabeça que concordavam com o urso. O General piscava, a visão fragmentada por uma teia de manteiga de amendoim que se estendia entre as pálpebras. Ele mal percebeu, claro, porque não havia nada de excepcional naquilo. Com um grave grunhido de incômodo, examinou aqueles que estavam reunidos na clareira: o urso, claro, o urso dançante que todos haviam considerado um paspalho por tanto tempo; o dragãozinho musical – o General achava que o nome dele era Rebenco ou… ah!, Rabeca; Davi, o Corvo; o sr. Sinibundo, o homenzinho sinoforme que talvez fosse o único sobrevivente da tempestade de fogo que envolvera a Terra dos Sinos e Apitos. O sinoforme não sorria, e o General achou aquela atitude inédita em se tratando dele. E havia, claro, Risonho, que era mais hiena do que humano.

Todos o encaravam, e o General Manteiga de Amendoim os encarava de volta. A brisa soprava pelas árvores que cercavam o círculo. Sinos de madeira pendurados num dos lados da cabana de Resmungo faziam música ao tilintar, recordando-lhes que o anão havia sumido. Fora isso, a clareira ensolarada estava em silêncio.

– Davi? – perguntou o General Manteiga de Amendoim. – Cadê seu irmão?

O corvo grasnou, bateu as asas negras de aparência oleosa e, depois de voar brevemente, pousou no ombro de Brigadeiro.

– Não sei! *Cuá!* – respondeu o corvo Davi.

– Bom, eu sei! – vociferou o General. – Está no mesmo lugar que o anão e aquele cavalinho pentelho.

Referia-se a Penatesta, o pônei que tinha penas verdes crescendo no cocuruto, e também a quantas vezes o bicho havia escapado dele no passado.




– No mesmo lugar – continuou ele, zangado – em que você vai achar Bob Dentelongo e Caracrânio.

O suspiro coletivo deu-lhe grande satisfação. As asas de Davi Corvo esvoaçaram, e Brigadeiro soltou um grunhido grave e movimentou o pesado corpo. Rabeca manteve-se completamente imóvel, e Risonho não deu sequer uma risadinha.

– E alguém tem visto Curbito? – perguntou em tom funesto o sr. Sinibundo, que também se movimentou, o badalo dentro de seu corpo fazendo um delicado *bong* antes de silenciar outra vez.

– Ssshhh! – disse Brigadeiro rapidamente.

– Ah! – observou o General – Então Jerimum também está com eles. Vejam, todos vocês sabem o que aconteceu. O menino, Nathan, foi levado. Agora mesmo, Resmungo o está levando para a fortaleza do Chacal Lanterna. É preciso salvar Florestranha, eis algo com que todos concordamos. Mas esse não é o jeito certo de fazê-lo. Além de ser inaceitável, isso provavelmente vai trazer ainda mais destruição, e não um retorno aos dias idílicos que dividíamos antigamente. Na verdade, talvez já seja tarde demais para retornar àqueles tempos inocentes. O impensável aconteceu. Agora, eu sei que vocês estão tentando entrar em contato com Thomas…

Outra vez, ele os chocou com sua franqueza.

– Nosso Garoto – grunhiu Brigadeiro.

– Sim, sim – replicou o General, ignorando-o com um aceno de mão. – Também venho tentando contatá-lo, mas romper a barreira não é

pouca coisa, como já devem ter percebido. Os esforços nessa área vão continuar, claro, mas não podemos confiar em Thomas… no Nosso Garoto… – o General fez uma pausa esquisita nesse exato momento, parecendo ter esquecido o que ia dizer. Em seguida, apressou-se, esperando que os demais não percebessem. – Os Repiques Laranja juntaram-se à causa, e outros mais virão. Assim como alguns dos seus amigos juntaram-se ao Lanterna, também outros que os incomodaram no passado agora se tornam seus aliados.

O General fixou o olhar em Brigadeiro.

– Não estou pedindo que confiem em mim – falou com toda franqueza. – Só estou dizendo o que deve acontecer caso vocês queiram salvar aquela criança; caso tenham esperança de que seja possível salvar Florestranha e a si mesmos. Se o garoto morrer, todos morreremos – concluiu o General em tom grave.

A bizarra coleção de personagens circundando a clareira não deu nenhuma resposta de início, limitando-se a trocar olhares entre si. Todos, menos Rabeca. O dragãozinho permaneceu sentado, como se fosse feito de pedra, no centro do pequeno grupo no qual o General agora punha suas esperanças para o futuro. Muitos começaram a sussurrar, mas ainda não havia nem sinal de resposta. O General estava prestes a repreendê-los, a exigir uma ação, quando Rabeca resolveu se mexer.

O dragãozinho endireitou-se um pouco sobre as patas traseiras e agitou as asas. Contudo, a música que agora vinha delas não era o som leve e delicado de harpas, sinos e violinos. O som de suas asas, que se moviam lentamente em suas costas, era sombrio e funesto. Finalmente o dragão acomodou-se de novo, mas agora tinha a atenção de todos na clareira. De súbito, ficou claro para o General – para sua grande surpresa – que o simpático dragãozinho era o mais próximo de um líder que as criaturas de Florestranha já haviam tido. Ele teria imaginado antes Resmungo, ou até Brigadeiro.

Rabeca encarou o General Manteiga de Amendoim.

– Se for para salvar o menino – falou –, estamos às suas ordens.

Na quarta pela manhã, Emily ficou no deque dos fundos tomando sua segunda xícara de café. O roupão estava frouxo em volta do corpo, e a curta camisola sob ele deixava sugestivamente à mostra parte dos seios,

mal chegando, embaixo, a cobrir sua calcinha. De ambos os lados, os vizinhos poderiam tê-la visto perfeitamente de suas varandas ou janelas laterais. Não que ela não se importasse; apenas não tinha cabeça para aquilo.

Sua mente estava ocupada com outras coisas. Olhava fixamente para o balanço do jardim, os duros assentos de borracha tão terrivelmente imóveis, impassíveis diante da leve brisa. A chuva tinha parado horas antes, mas o sol ainda não vencera por completo as nuvens, e havia pequenas poças de água no deque. Ao que tudo indicava, Thomas escolhera a coloração certa quando o deque fora construído. Teria de reaplicá-la por si mesma naquele verão, pensou.

Ouviu um leve rangido vindo de trás. Teve a impressão de conseguir sentir a perturbação no ar. Com os olhos da mente, podia ver a casa: a cor era areia de Chatham; as portadas, de um verde profundo. A porta de correr estava aberta, e, através dela, era possível ver grande parte da cozinha de que tanto se orgulhava.

Se Joe não estivesse na frente.

Sem se virar, Emily perguntou:

– Você não precisa dar aula hoje?

Ela praticamente pôde ouvi-lo ranger os dentes.

– Por que está jogando isso em cima de mim? – ele perguntou. – O problema não é meu. Não é sequer algo em que deva me meter.

– Não, não mesmo – respondeu ela bruscamente. – A vida não é preto no branco, Joe. Não me entenda mal. Seria maravilhoso se as coisas fossem tão simples quanto você parece achar que são.

Pausa.

– Tanto faz.

Um rangido, e ele voltou para dentro de casa. Ela ouviu o chiado da porta de correr se fechando.

Mas ele não tinha terminado. Ela sabia disso. Já o conhecia o suficiente para saber que não iria embora até que tivesse certeza de que ela havia entendido suas intenções.

Emily esperou, tomando seu café e imaginando Joe vestindo-se, amarrando os tênis. Poucos minutos depois, ouviu a porta da frente bater e piscou de surpresa. Sorveu um grande gole do café e começou a se virar para a casa.

– Escute.

Emily teve um sobressalto e derramou café no rosto inerte de Snoopy, encharcando sua camisola. Virou-se e lançou um olhar zangado para Joe, que tinha dado a volta na garagem, a bicicleta a seu lado.

– Não faça mais isso comigo! – disse ela, sem muita convicção.

Joe preferiu ignorar. Apenas suspirou e apoiou a bicicleta na perna.

– Emily, não vou discutir com você a esse respeito. Não me cabe fazer isso, e, com tudo o que está acontecendo, não sei se você consegue ser objetiva.

Ela começou a protestar, zangada, mas ele ergueu a mão para interrompê-la, e a dolorida expressão em seu rosto a convenceu a deixá-lo continuar.

– O pouco que você me contou sobre o que Thomas está passando dá a entender que é algo maior do que uma mera alucinação. Já ouvi falar de gente estressada que imagina coisas, mas nunca nesse nível – explicou Joe. – Você mesma disse que acha que ele precisa de ajuda.

– Também falei que ele *vai procurar* ajuda – respondeu ela com frieza. – Não sei se estou entendendo essa sua reação, Joe, mas Thomas ainda é uma parte importante da minha vida. Não estou apaixonada por ele, mas o amo, e ele é pai de Nathan. Neste momento, tenho certeza de que ele está correndo para ver algum médico, por Nathan e também por si mesmo. Você não tem direito nenhum de…

– Eu sei – respondeu Joe em tom brusco, e agora era a vez dele de revelar sua raiva. – É isso que estou dizendo, se você ao menos me escutasse!

Eles olharam zangados um para o outro. Joe passou as mãos pelos cabelos e suspirou, balançando a cabeça.

– Olha – falou –, tenho de dar aula, e, se Thomas hoje estará fora de ação, você precisa ir ao hospital. Só estou dizendo que, se ele estiver perto assim de ter um colapso, não é pecado nenhum você começar a considerar os interesses de Nathan e se Thomas está ou não em condições de fazer a mesma coisa.

Emily mordeu o lábio, e as lágrimas começaram a surgir nos cantos de seus olhos.

– Acha que já não pensei nisso? – disse ela, a voz embargada. – Mal consegui dormir ontem à noite, porque fiquei pensando nisso tudo. Só que não dá pra tomar decisões instantâneas sobre custódia. Mesmo que ele esteja com problemas mais sérios, que não possam ser resolvidos com

uma boa noite de sono, não posso simplesmente questionar o acordo de custódia assim, do nada. Isso acabaria com ele, entendeu? – argumentou ela. – Se o fato de Nathan estar doente já o está deixando à beira da loucura, esse assunto o enlouqueceria de vez.

Joe não conseguia encará-la. Aparentemente já havia dito o que tinha a dizer.

– Dane-se – resmungou Emily. – Você tem razão. Não cabe a você dar palpites sobre isso.

Ela se virou na direção da casa, mas caminhava devagar, derrotada. Nathan esperava por ela no hospital, mas tudo o que Emily queria fazer era cair de novo na cama, sozinha, e dormir.

– Em – chamou Joe com delicadeza –, podemos nos ver mais tarde?

Enquanto deslizava a porta de tela, Emily o fitou, tentando encontrar a resposta em seu coração.

– Hoje não – respondeu por fim.

As calçadas da cidade de Nova York eram uma profusão de ternos e moradores de rua, vendedores de faláfel e cachorro-quente, policiais. O sol havia aparecido, e o céu assumira um azul brilhante. A umidade que tinha permanecido no ar se esvaía com rapidez enquanto Francesca Cavallaro seguia apressada pelo lado oeste da rua 47. Deu mais uma olhada no relógio, quase tropeçando num garoto que tocava percussão num balde virado de cabeça para baixo.

Frankie xingou de leve ao virar a norte para subir a Broadway. O restaurante ficava do outro lado da rua, na diagonal, e ela olhou para os dois lados antes de atravessar. Isso não era algo que sua mãe lhe tivesse ensinado. Era algo que Nova York havia lhe ensinado. Até os ônibus atropelariam você, caso estivesse atravessando a rua sem considerar o semáforo.

Um táxi corria em sua direção, descendo a Broadway, e Francesca apertou o passo. Ficou de olho na entrada do restaurante, que nem parecia ter nome, ao menos não do lado de fora. Achou que se chamava Cleo's, mas não tinha certeza. O importante naquele momento, no entanto, era que ela estava quase vinte e cinco minutos atrasada para encontrar Thomas, e isso já vinha se tornando um hábito. É verdade que tinha ficado surpresa ao ter notícias dele naquela manhã, pedindo que o encontrasse para um café da manhã tardio, às dez e meia. Ele estaria

pela cidade – não havia dito para que –, mas aquilo era providencial da sua perspectiva. Precisava de um tempo com ele e, de qualquer modo, não sabia exatamente como abordá-lo.

Ele havia lhe poupado trabalho ao chamá-la para uma reunião no restaurante.

Com um suspiro, estendeu a mão para a porta semiaberta do Cleo's. Foi só por acaso que olhou para o lado. Um par de táxis duelava, buzinando um para o outro, pneus cantando, vozes gritando, por isso Francesca se voltou para olhar.

Thomas estava na esquina da Broadway com a 48, a mão levantada para chamar a atenção de um táxi que não participava do duelo.

– Merda! – Francesca virou-se para ele, apertando o passo. Bem quando se aproximava de Thomas, um táxi, a três faixas de distância, atravessou o tráfego e começou a desacelerar.

– Thomas, espere!

Ele se virou, e Francesca ficou chocada com sua aparência. Parecia acabado; não tinha sequer feito a barba. Havia círculos escuros sob seus olhos, e parecia rir consigo mesmo quando ela correu em sua direção.

– Me atrasei, desculpe – falou ela, e ficou esperando. Em circunstâncias normais, teria esperado que Thomas ralhasse do seu jeito amigável e depois voltasse com ela para o restaurante. Em vez disso, ele apenas deu de ombros.

– Tarde demais, Frankie. Preciso ir – respondeu, os músculos do rosto imóveis. Parecia estar morto.

O táxi parou no meio-fio, o motor ligado, e Thomas estendeu a mão para a porta.

– O quê? Mas eu preciso falar com você!

– Tenho um compromisso – replicou o zumbi que um dia fora um de seus maiores clientes.

– Escuta, o pessoal da Fox aceitou sua sugestão – ela despejou apressadamente. – Quando contei o que houve com Nathan, eles concordaram em vir pra cá. Chegam amanhã à tarde. Eles têm outras reuniões, mas querem se reunir com a gente na sexta de manhã.

Ele a fitou por um momento, como se não tivesse entendido uma única palavra do que dissera.

– Ei, cara, ou entra ou vai embora! – reclamou o motorista.

Francesca inclinou-se e fez uma careta para o homem, um motorista

das antigas de Nova York com um boné dos Yankees levemente torto na cabeça.

– Liga o taxímetro, babaca – rosnou. – A gente paga a conversa.

O motorista relutou, porque isso era contra as regras, mas ligou o taxímetro mesmo assim. Frankie ficou surpresa por ele não ter simplesmente acelerado e partido. Thomas pareceu nem ter reparado.

– É importante, não é? – perguntou.

Francesca o encarou.

– Thomas, tudo bem com você? – perguntou ela. – Você sabe que é importante.

– Sexta, meio-dia. Almoço no Keen's – respondeu Thomas mecanicamente. – Você faz a reserva. Não consigo pensar nisso agora.

– O que foi, Thomas? – ela indagou. – Você teve más notícias a respeito de… a respeito de Nathan?

Thomas entrou no táxi.

– Faça a reserva, Frankie. Desculpe. Tenho de ir.

Ele fechou a porta e o táxi partiu.

– Minha nossa – Francesca murmurou consigo. – O que é que eu vou fazer com você?

Depois da consulta com a dra. Mizell, Thomas sentia-se bem melhor. Não completamente são, mas não tinha alucinações havia alguns dias.

Primeiro, ele telefonara para Rachel Morrissey, que havia sido a terapeuta de Nathan quando ele e Emily se divorciaram. A dra. Morrissey era especializada em pediatria e se lembrava bem de Nathan e de seus pais. Quando Thomas começou a explicar a natureza de suas preocupações, ela o informou que na verdade tinha marcado uma consulta para ele com a dra. Mizell, naquele mesmo dia. Num favor a Morrissey, Mizell o atenderia em seu horário de almoço.

Thomas se indagara se ela cobraria em dobro.

Porém, a dra. Mizell acabou se revelando totalmente diferente do que ele tinha esperado. Era jovem, além de muito bonita, mas não de acordo com a definição das revistas de moda. Seu cabelo negro era cortado bem curto, e a pele morena tinha algumas sardas, o que ele achou intrigante. Sua risada era despreocupada, o que o acalmou imensamente, e Thomas começou a se abrir minutos depois de se acomodar numa poltrona em frente a Lee Mizell.

– Alguém além de você e de Nathan testemunhou qualquer uma dessas singularidades antes da catatonia dele? – perguntara-lhe ela.

Thomas sabia qual seria a próxima questão.

– Não – admitira. – E Nathan não falou com mais ninguém a respeito delas, até onde sei. Mas elas aconteceram, doutora.

Mizell assentiu com um gesto delicado de cabeça, os olhos castanhos transbordando compreensão. Ela usava um vestido vinho que era absolutamente profissional, mas Thomas não pôde deixar de ficar distraído com ela. O escritor nele fez uma anotação mental sobre como era verdadeiro, verdadeiro até demais, o velho ditado de que era muito fácil se apaixonar pela médica ou terapeuta.

O trabalho dela consistia em ser simpática. Em se preocupar com o bem-estar dele.

Thomas sentiu-se imensamente reconfortado com aquilo.

Após uma longa pausa, ela prosseguiu:

– E, contudo, todos esses outros exemplos, que você afirma terem sido alucinações, foram tão reais quanto as coisas que você diz que Nathan também testemunhou.

Thomas ficou surpreso.

– O que você está sugerindo? – perguntara-lhe, quase zangado. – Existe uma diferença enorme entre algum engraçadinho, ou mesmo um perseguidor, vir espalhar manteiga de amendoim no meu gramado e na minha janela e eu ouvir os pássaros falarem comigo, ou ficar vendo os personagens da minha série ganharem vida.

– Claro que há – concordara a dra. Mizell. – Estou apenas ilustrando quanto pode ser difícil enxergar o limite entre realidade e fantasia quando esse limite começa a ficar enevoado. Certa vez, tive uma paciente que estava convencida de que era assombrada por fantasmas. Via fantasmas o tempo todo. Por fim, passou a ver o fantasma da mãe, uma senhora de oitenta e três anos, mas cheia de energia, que estava perfeitamente viva. Semanas depois, quando a mãe da paciente morreu, a coitada botou a culpa em si mesma, como se ter visto o “fantasma” tivesse, de algum modo, causado a morte da mãe.

Thomas franzira a testa.

– O que aconteceu com ela?

A dra. Mizell ergueu as sobrancelhas e inclinou levemente a cabeça, como que desejando poder ter evitado aquela questão. Enfim, respondeu:

– A paciente se suicidou.

Sentindo-se mórbido, mas sem conseguir se conter, Thomas riu ao ouvir aquilo.

– Bem – disse –, ao menos não estou tendo desejos suicidas. Imagino que isso seja um bom começo.

Mizell sorriu e concordou.

– Senhor Randall, não é tão incomum assim que indivíduos criativos se distanciem da realidade em momentos de forte pressão e tentem encontrar refúgio nos mundos que julgam ser mais seguros. Sua situação é um pouco diferente, um pouco mais hostil, mas, nessas circunstâncias, verificamos um padrão. Você se sente incapaz de curar seu filho, e os produtos da sua imaginação ficam aparecendo para insistir que apenas você pode "salvá-lo". Trata-se, muito provavelmente, de um produto deslocado da própria culpa. Se tentarmos abordar isso e talvez discutir seu apego a esses personagens, poderemos pôr um fim definitivo a esses episódios.

– *Se*… Há um *se* aí – observou Thomas.

– Prefere que eu lhe diga que é completamente pirado e o mande para o hospício? – perguntou a dra. Mizell com doçura.

Depois disso, as coisas correram muito bem.

Logo Thomas teria de ligar para Emily e lhe dizer que iria rendê-la naquela noite. Depois do dia que tivera, seria quase relaxante ficar sentado perto de Nathan. Precisava ficar com o filho, cuidar dele. Não importava o que a dra. Mizell tivesse dito, ainda era pai de Nathan, e a urgência de protegê-lo era enorme. Talvez não houvesse nada que ele pudesse fazer para acelerar a recuperação do filho, mas ao menos poderia ficar por perto, falar com ele um pouco… Quem sabe ele não pudesse ouvir?

Cantaria, pensou de súbito. Exatamente como costumava ninar Nathan quando ele era bebê. James Taylor, Bonnie Raitt e Eagles. Na época, sabia as letras de cor. Mas arranjaria algo para cantar.

Apesar de sua preocupação com Nathan e com a dor que a condição dele havia lhe trazido, seu coração estava mais leve do que estivera em muitos dias. Comprou uma *kielbasa* de um carrinho no parque enquanto caminhava por uma via larga e pavimentada sob o sol, que o fazia suar. Estava bem quente, mas ele não se importava. O suor lhe parecia

terapêutico. Quando a *kielbasa* acabou, Thomas comprou uma limonada e virou num caminho estreito que, segundo achou, o levaria de volta à Quinta Avenida, onde, supunha, não ser difícil arrumar um táxi.

O caminho dava algumas voltas, e havia uma grande quantidade de árvores e arbustos onde um agressor poderia se esconder. Thomas sentiu-se um pouco ansioso. Se o Central Park costumava ser seguro durante o dia, aquele trajeto era um convite à brutalidade e ao roubo, ou coisa ainda pior, durante a noite. Porém, mesmo durante o dia, poderia haver gente suspeita escondida ali por perto.

Apressou o passo.

Ali por perto, ouviu um sussurro.

Em vez de parar, Thomas se apressou ainda mais. Não queria dar a impressão a quem estivesse ali de que estava prestando atenção ao que fazia. Podiam ser namorados, ou viciados em drogas, ou qualquer outra pessoa, mas, fosse o que fosse, não queria ver.

O sussurro parecia acompanhá-lo, soando como o vento entre as árvores. Mas havia uma voz ali. Podia ouvi-la. Sílabas que não tinham nenhuma relação com o sopro do vento. Depois de mais alguns segundos, reconheceu a única palavra que era repetida sem parar.

Seu nome.

– Thomas – sussurrava o parque.

– Deixe-me em paz! – gritou, colocando as mãos nos ouvidos e apertando os olhos o máximo que podia sem tapar a visão por inteiro.

Lutou contra a vontade de correr, recordando quase como um mantra as palavras da dra. Mizell. *Ansiedade, culpa, estresse. Tudo isso pode causar alucinações se as circunstâncias ajudarem. As suas são muito fortes, mas pode ser apenas a força da sua imaginação. E as alucinações são como os desmaios: uma vez que a primeira tenha acontecido, os processos químicos do seu cérebro seguem determinado caminho, e torna-se provável que voltem a acontecer.*

Thomas se conteve, recusando-se a correr. Com grande esforço, bloqueou o sussurro até não ouvir mais nada. Nada mesmo.

Com um profundo suspiro, recompôs-se e continuou seu caminho, esperando chegar logo a uma das rotas principais e, depois, à Quinta Avenida.

– Thomas!

Ele congelou, mordeu o lábio e fechou os olhos. Uma lágrima correu

por sua bochecha esquerda. Estava ficando louco. Era isso. Sabia que estava perdendo o controle.

Lentamente, Thomas Randall se virou. No meio do caminho, atrás dele, havia uma árvore. Mas não era uma árvore qualquer. Não como as outras que cresciam no parque. Para começar, não estava enraizada, mas sim sobre fortes raízes à mostra. A árvore inclinava-se muito devagar, de modo que os olhos esculpidos em seu tronco conseguiam se voltar para ele, galhos e folhas obstruindo o sol acima. Era Galholargo, o capitão dos Guardas-Florestais.

– Nosso Garoto – falou ele solenemente –, você precisa retornar a Florestranha. Se não voltar, seu filho certamente morrerá.

Com um ganido, Thomas desabou no chão e ficou ali chorando, até que um jovem casal que corria pela área passou por ali. O homem ficou com ele enquanto a mulher foi buscar ajuda. Após algum tempo, o homem o ajudou a ficar em pé e o acompanhou pelo caminho; mas foi forçado a levar Thomas pelo ombro até que estivessem outra vez nos amplos gramados do Central Park.

Thomas só abriria os olhos quando estivesse longe das árvores.

# Capítulo 10

A cantina do hospital estava relativamente deserta quando Emily se acomodou numa cadeira perto da janela mais distante. Largou a bolsa na cadeira ao lado e apoiou o copo de papel com caldo de galinha que havia pego na máquina que servia água tanto para a infusão quanto para café ou chocolate quente. O caldo estava salgado e quente demais, e queimou sua língua, mas Emily adorava, porque lhe trazia lembranças da infância.

Era algo de certo modo perverso. Seu avô morrera de câncer quinze anos antes, uma experiência horrenda e debilitante para todos que o tinham amado. Mas ela recordava com deleite do caldo de galinha que comprava de uma máquina por vinte e cinco centavos. Aquele não era exatamente igual, mas o sabor era bem próximo. Talvez fosse ainda mais salgado.

A urgência de voltar ao quarto de Nathan veio, e ela a afastou de imediato. Sem pequenas pausas como aquela, o quarto logo ficaria intolerável, por isso forçava-se a sentar ali e tomar o caldo, olhando para o gramado no qual os carvalhos lançavam longas sombras vespertinas. Alguém riu, e Emily se virou, vendo um par de enfermeiras dirigindo-se a uma mesa e levando pouco mais que saladas e café. Reconheceu uma das enfermeiras – que julgava chamar-se Nancy – e ofereceu à mulher um polido aceno com a cabeça. A enfermeira sorriu gentilmente, e Emily se perguntou o que passaria pela cabeça dela: Ah, lá vai a pobrezinha cujo filho teve um ataque. O coitado sumiu dentro da própria cabeça. Eu morreria se algo assim acontecesse com o meu…

Emily encolheu-se, virou para o outro lado e voltou a olhar através da janela, enquanto o dia ia morrendo devagar. Aquele era um caminho que não desejava trilhar. Nem sabia se a enfermeira Nancy tinha filhos,

para começar. E, no que dizia respeito a compaixão, ela preferia contar com ajuda efetiva. Emily não precisava de assistência nenhuma para sentir pena de si mesma.

Um suave ruído a interrompeu, fazendo-a sentir-se grata. Não estava gostando do rumo dos seus pensamentos. Enquanto as enfermeiras, que conversavam, olhavam em sua direção, ela tirou o celular de dentro da bolsa, abriu-o e disse:

– Thomas?

– Não, desculpe – respondeu uma voz feminina.

Por um momento, Emily ficou sem saber quem era. Não ouvia aquela voz havia quase um ano, afinal. Depois percebeu.

– Francesca – falou. – Obrigada por retornar meu telefonema.

– Fiquei um pouco surpresa por ter notícias suas, Emmy – disse a agente de Thomas. – Mas também estou contente. Fiquei um pouco preocupada com Thomas. Mas antes… e o Nathan?

Emily franziu a testa.

– Na mesma. E quanto ao Thomas? Falou com ele? Já devia ter chegado aqui há quase duas horas. Deixei meia dúzia de mensagens para ele, mas… Bem, foi por isso que eu liguei.

– Estive com ele hoje de manhã. Ele parecia bem disperso.

– Ele ia na terapeuta hoje – respondeu Emily, preocupada por estar revelando mais do que Thomas gostaria.

– Fico contente – tornou Francesca. – Não quero parecer fria, Em, mas ele está precisando de certo senso de proporção das coisas. Thomas pode acabar detonando o negócio com a Fox se não começar a prestar atenção. Sei que essa não é a prioridade número um, mas estamos falando de um investimento para o futuro, sabe?

Emily arqueou uma das sobrancelhas.

– Negócio com a Fox?

Silêncio. Depois, um suspiro.

– Ah, merda. Eu não devia estar falando essas coisas com você. Vocês têm o Nathan, mas não significa que não estejam mais divorciados. Estou falando mais do que devo.

– De jeito nenhum, Francesca – insistiu Emily. – Thomas e eu temos nos comportado muito bem. Não entramos naquele joguinho em que tantos casais entram quando se separam. E agora, com isso…

Emily não queria se estender naquele assunto.

– Escuta, Frankie – prosseguiu –, se ele falar com você, peça pra me ligar imediatamente. É minha noite com o Nathan, então, se ele não vier hoje, tudo bem. Mas estou preocupada. Ele… anda meio nervoso.

– Se ele telefonar, eu aviso.

A conversa continuou por menos de trinta segundos, depois Emily fechou o telefone. Ela o colocou na mesa de fórmica e pegou seu caldo, que já estava ficando frio. Ali dentro, o que quer que tivesse sido misturado na água para criar a infusão havia começado a sedimentar no fundo do copo. Seu estômago revirou, e Emily pôs o caldo de volta na mesa.

Por um momento ela mordeu o lábio inferior. Tamborilava distraidamente na mesa com os dedos – algo próximo da velha música-tema do *Cavaleiro solitário* – quando resolveu pegar o telefone outra vez e apertar a discagem rápida para o número da casa de Thomas.

A secretária eletrônica atendeu. *Oi, aqui é o Thomas. Pode falar, fique à vontade.*

Ela contou nove bipes; portanto, havia pelo menos três mensagens além das seis que já havia deixado. Emily quase desligou; de que adiantava? Mas, em vez disso, esperou até o fim e fez um esforço para não soar tão preocupada quanto se sentia.

– Thomas, sou eu de novo. Olha, só queria saber como foi sua consulta hoje. Vou ficar a noite toda no hospital, e você pode ligar pro meu celular se eu não estiver no quarto. Eu… – Emily quase não articulou as palavras – …estou preocupada com você.

* * *

Na sala de estar de sua casa em Ardsley, Thomas Randall estava deitado no sofá, a cabeça apoiada num par de travesseiros esverdeados. O volume da secretária eletrônica estava alto o suficiente apenas para que conseguisse entender as palavras de Emily. Mas não se moveu. Não se movia, na verdade, havia quase meia hora. Em vez disso, apenas ficara lá, deitado, o controle remoto da TV na mão, zapeando ociosamente os canais a cabo.

Enfim, deparou com um velho episódio de *Além da imaginação* e parou um instante. Recordou-se imediatamente; era um de seus favoritos. O título era “Uma parada em Willoughby”.

O frasco que continha o fenobarbital prescrito estava ao lado, na mesa de centro, vazio. Thomas o olhava enquanto sua mão deslizava por seu peito e se dependurava, roçando o chão. Após um instante o controle caiu de seus dedos, mas Thomas nem reparou.

Seus olhos fecharam-se lentamente.

O Cima-Rio aplainou-se e corria em linha reta, atravessando o pico mais alto das Montanhas Carecas. Àquela altura, não havia árvores, nem mesmo algum tipo de vegetação. Apenas rochas e água, que as tinham cortado havia muitas eras, antes que existissem histórias para contar. Suas águas corriam pelo topo da montanha até chegar a um genuíno precipício que despencava do outro lado, no Nada Nebuloso. A uma pequena distância, uma fonte d'água irrompia do próprio chão. Era a nascente do Cima-Rio. Dali ele começaria o longo circuito que o faria retornar ao pico, para então espiralar-se pelo mundo como o filho-serpente de Loki.

Apesar do sol brilhante e cruel, o vento soprava gélido pelas rochas, golpeando a água sem piedade. À beira d'água havia um pônei zangado, o pelo coberto de sujeira, os ossos batendo por causa do frio. Um tufo de penas verdes que nasciam de sua cabeça precipitava-se ao léu na brisa, e ele batia os cascos com impaciência.

– Maldito anão – murmurou o pônei, os grossos lábios curvando-se para revelar imensos dentes. Bateu de novo os cascos, a cauda de um verde profundo balançando de um lado para outro.

O nome do pônei era Penatesta. Esse nome era uma das coisas que lhe causavam embaraço, e uma das quais o haviam levado também a ficar ao lado do Chacal Lanterna naquele momento. Afinal, Penatesta sabia que aquele nem sempre tinha sido seu nome. Até um cavalo era esperto o bastante para saber que uma égua não paria um potro e simplesmente lhe dava o nome de Penatesta. Era muito provável que as penas não estivessem ali quando nasceu, e a mãe devia ter outra coisa em mente naquele momento.

Não, algo ou alguém lhe dera o nome de Penatesta, e com certeza não tinha sido sua mãe. Mas, se não havia sido ela, quem teria sido, então?

A questão era como uma estaca atravessando dolorosamente sua cabeça, e ele escoiceava e fungava, emitindo em seguida um relincho

que poderia ser ouvido acima até do assobio do vento sobre as rochas e do ribombar do rio. Pensar naquilo o machucava. Penatesta tinha dúvidas se queria mesmo uma resposta para aquela questão. Na verdade, estava quase certo de que não queria.

Mas o fato era que a questão nunca havia lhe ocorrido até que O Garoto parou de vir. Parou de se importar. E ele achava, assim como o Chacal Lanterna, que Florestranha precisava ter de volta O Garoto a qualquer custo. Nem que fosse para afugentar aquela dúvida.

Para afugentar a dor.

Suas fartas narinas se abriram ainda mais, e Penatesta levantou a cabeça. Havia um cheiro no ar, levado pela brisa. Era o cheiro d'O Garoto, mas não era ele. Não propriamente. Acompanhando o cheiro vinha o asqueroso odor corporal do melhor amigo de Penatesta, também conhecido às vezes como "anão maldito", ou algo significativamente mais colorido.

Estreitando os olhos, Penatesta avistou o pequeno bote assim que chegou ao topo da montanha e começou a flutuar no rio rumo à queda no Nada Nebuloso. À medida que o barco se aproximava, com Resmungo remando furiosamente para chegar ao calmo redemoinho perto do barranco, Penatesta imediatamente notou a ausência do chapéu favorito do amigo.

Ocorreu-lhe que aquele talvez não fosse o melhor momento para reclamar com Resmungo por seu atraso. A menos que quisesse uma bala de alto calibre atravessando seu cérebro equino.

Também notou algo mais – algo sobre o qual não seria capaz de perguntar. Enquanto Resmungo saltava do barco para a parte mais rasa perto da margem do rio, levando o bote para o barranco, Penatesta o fitava com ansiedade.

– Estou com o menino – anunciou Resmungo, arquejando com dificuldade enquanto puxava a popa do barco pela margem pedregosa da água.

Penatesta tinha visto o garoto. Que notícia maravilhosa. Ainda que o menino estivesse dormindo naquele momento, aquele era sem dúvida Nathan Randall. O Chacal Lanterna ficaria contente. Porém…

– Onde está Curbito? – perguntou Penatesta, olhando para Resmungo e depois para o bote e seu cativo, antes de se voltar para qualquer outra parte.

Resmungo rosnou, empurrando o bote:

– Pirou. Meti uma bala nele.

Penatesta relinchou.

– Ele nunca foi mesmo o jerimum mais maduro da horta, não é?

Resmungo voltou-se para encará-lo, os olhos estreitados de raiva. A mão direita sob o casaco, a ponta dos dedos roçando o cabo de um de seus Colts.

– Eu não queria fazer aquilo, seu cabeça de titica! – cortou Resmungo em um rompante. Em seguida, balançou a cabeça e deu as costas para o pônei, indo até o bote para pegar nos braços o garoto adormecido. – Juro por Deus, poneizinho, parece que não o entendo mais. Às vezes acho que seu microcérebro está tão podre quanto o daquele cabeça de abóbora. Melhor tomar cuidado para eu não acabar com você também.

Resmungo baixou os olhos quase amorosamente para o rosto adormecido do menino e, em seguida, dirigiu-se à fria rocha do topo da montanha, com o sol, severo, batendo em sua cabeça nua, enquanto o vento desarrumava seus cabelos. Penatesta observou-o caminhar com o filho d'O Garoto nos braços.

A distância, depois da dura extensão de pedra irregular, erguia-se a fortaleza de pedra e madeira do Chacal Lanterna. Quando o tempo era jovem, havia terra no alto das Montanhas Carecas, e árvores cresciam ali. Ou pelo menos era isso que diziam as lendas. Todas aquelas árvores haviam sido usadas na construção da fortaleza.



Penatesta estremeceu, e dessa vez não foi o vento, mas a visão daquela construção, que fez um calafrio percorrer sua espinha. Em cada parapeito, em cada portão, em cada muralha, em cada torre, em cada pedra amaldiçoada, a fortaleza emanava uma força maléfica. Assim como a luz infernal que ardia dentro da cabeça larga demais do Chacal Lanterna, o mal era um farol atrás das ameias.

O pônei sempre tivera medo do Velho Chacal, mas agora não havia nada que pudesse fazer. O mal era a única coisa que O Garoto podia perceber; a única coisa que poderia trazê-lo de volta. Bem ou mal, era uma questão de vida ou morte para todos eles agora.

Enquanto descia a Broadway por Tarrytown e Irvington a caminho da casa do ex-marido em Ardsley, Emily ficava cada vez mais agitada. O rádio tocava canções de amor inofensivas e insensíveis que feriam seus ouvidos. Muito antes de virar no ajeitado bairro familiar para o qual Thomas havia se mudado após o divórcio, Emily desligou o rádio.

No silêncio do carro, enquanto a última luz do dia era consumida pela noite e a escuridão varria o mundo, sua mente começou a se agitar com todas as coisas que Thomas havia lhe contado. Todas as coisas que ele tinha visto em suas alucinações.

Seus faróis cortavam a penumbra adiante. O poste na frente da casa de Thomas estava queimado, ou ainda não havia se acendido, em sua obediência predeterminada. Três casas abaixo, Emily percebeu que seus dedos doíam e olhou para baixo, a fim de ver se as juntas estavam brancas e com que força agarravam o volante.

Olhou para cima.

Uma forma negra e indefinida vinha em disparada contra seu vidro da frente.

Emily gritou, girou o volante e pisou no freio. Tarde demais. A coisa acertou o vidro com um baque úmido e um ruído horripilante, que poderia ser de osso se quebrando, mas era, quase com certeza, vidro. Os pneus cantaram.

Com o coração em dolorosas convulsões no peito, Emily tentou recuperar o fôlego, pôs a mão no rosto e viu, surpresa, que chorava. A histeria quase tomou conta dela, mas ela resistiu. Seu peito doía, e ela se perguntava com que força tinha batido contra o volante. Então lembrou-se do som da buzina e ficou surpresa por não tê-lo percebido antes.

A extremidade direita do vidro era agora uma teia de caquinhos. Olhá-la fez com que Emily se sentisse terrivelmente vulnerável, por isso desviou o olhar. Respirando fundo, abriu a porta e saiu do carro, olhando ao redor para ver exatamente o que havia colidido contra seu carro.

Presa sob o limpador do para-brisa, havia uma única pena negra.

No chão logo à frente do carro jazia o cadáver desfigurado de um imenso corvo negro, o sangue formando uma poça ao redor.

Absurdamente, Emily lembrou-se da história de Thomas, o corvo que tinha visto e que acreditava ter realmente falado com ele. Chegou a pensar que era Davi Corvo, um dos pássaros gêmeos de *Aventuras em Florestranha.* Por um instante, sua mente trilhou um caminho que não seria benéfico a nenhum deles. Mas não era incomum. Qualquer pessoa que tivesse andado num cemitério à noite ou escutado um galho de árvore raspar a parede externa de uma casa de madrugada poderia ter pensado a mesma tolice. Emily era mais inteligente. Portanto, descartou aquilo, sorriu para si mesma e olhou com desdém para o vidro quebrado.

– Espero que não haja nada de errado com você, Thomas – disse ela para a noite. – Porque, com certeza, não vou pagar por *isto*.

O motor ainda estava ligado, e, quando Emily abriu a porta, ouviu um *cuá* bem acima dela. Torceu o pescoço para olhar para cima e viu uma silhueta negra cruzar em frente à lua. Poderia ter sido um morcego, não fosse pelo grasnado. Mas não era um morcego. Era outro corvo, exatamente como aquele que havia estilhaçado seu vidro, morrendo ao fazê-lo.

Era um corvo gêmeo.

Enquanto pairava acima da casa d'O Garoto, o coração de Mauro Corvo pesava de culpa e angústia. Davi era seu irmão, seu gêmeo. Todas as lembranças de sua vida incluíam Davi.

Mas Davi tentara se aproximar da mulher. Ele poderia ter falado com ela. Aqueles que tinham se aliado ao General haviam percebido que era ela o que ancorava O Garoto àquele mundo. Se ela acreditasse nele e insistisse, O Garoto poderia voltar a Florestranha, junto com Nathan. Mas o plano do Chacal Lanterna não a incluía. Não havia espaço para ela na história que preparava, por isso não deveria acreditar em tudo aquilo.

Se Davi tivesse falado, talvez ela nem o tivesse escutado. Florestranha

nunca a tocara de fato, portanto, ela poderia ter sido incapaz de compreender o que se pedia dela. Mas não podiam correr nenhum risco. A mulher não poderia ser envolvida.

Ela não deveria acreditar nunca.

Mauro grasnou, e uma pena desprendeu-se dele e foi com suavidade até o chão, como se uma lágrima tivesse caído de sua asa.

Tirara a vida do irmão para que Florestranha pudesse viver.

Emily bateu mais de dez vezes antes de ousar utilizar sua cópia da chave para ter acesso à casa de Thomas. Ao cruzar a soleira, gritou o nome do ex. As sílabas voltaram para ela como um eco num cânion, como o rugido do oceano numa concha vazia.

A casa estava destituída de vida.

Mas não vazia.

Ela encontrou Thomas no carpete, na sala de estar, numa poça do próprio vômito já seco. Seus olhos estavam virados para o alto, só o branco aparecendo, e sua respiração era superficial, com intervalos excessivamente longos entre cada tomada de ar. A faixa de cabelo cinza que corria acima de sua orelha esquerda era uma crosta de sangue, e Emily percebeu que ele devia ter batido a cabeça em algum lugar.

A menos que tivesse sido atacado.

Com um sobressalto, Emily deu um passo para trás e correu os olhos pela sala. Thomas acreditava que alguém o perseguia, e agora Emily estava sendo forçada a se perguntar se não estaria certo. Por um instante ficou paralisada acima do corpo imóvel de Thomas, hesitando entre o medo e a preocupação com o homem com quem havia trazido Nathan ao mundo.

Então, fez um movimento. Não importava se ele tinha sido atacado ou não. A única coisa que importava era que precisava de ajuda. Emily foi até o telefone, viu a luz vermelha piscante e o numerozinho dez – o número de mensagens que ele tinha recebido e ignorado, ou mesmo nunca chegado a ouvir.

Ao tirar o telefone da base, Emily foi acometida por uma taquicardia. Tinha a impressão de que o mundo sumira sob seus pés e que caía no vácuo, no nada.

Primeiro Nathan, e agora Thomas.

Minutos depois, viu-se sentada nos frios ladrilhos do chão da cozinha,

ainda com o telefone na mão. Não se lembrava de ter falado com alguém, mas sabia que devia ter falado, porque conseguia ouvir o lamento da sirene da ambulância que se aproximava.

Uma súbita onda de raiva a invadiu, e olhou encolerizada para Thomas prostrado no chão da sala de estar, talvez à beira da morte.

– Não – disse ela bem baixinho, mas furiosamente. Em seguida gritou: – Não!

Atirou o telefone na direção dele. O objeto desenhou um arco da cozinha à sala, quicando no carpete a alguns metros de distância. Luzes vermelhas brilhavam de modo intermitente pelas janelas da frente, transformando o interior da casa num caleidoscópio infernal.

Emily enterrou o rosto nas mãos e murmurou o nome do ex-marido, e, depois, o de seu único filho.

Nathan foi acordando lentamente. Sua consciência, a princípio, estendia-se só até o interior do próprio corpo: sua língua contra os dentes; a respiração, suave, percorrendo suas narinas; a sensação de luz do sol nas pálpebras. Um bocejo pegou-o de surpresa, e ele esticou o corpo inteiro enquanto a boca se escancarava para deixá-lo sair.

As roupas de cama, com as quais agora enxugava a baba que havia escorrido da boca durante o sono e eram sempre macias, pareciam-lhe agora um pouco ásperas. Virou-se. Sua mente ainda se aquecia e, distraída pelo conforto do entorno tão sugestivo de casa, ainda não havia recordado o caminho que o levara até ali.

Uma brisa soprou pela janela aberta, movimentando as finas cortinas e transformando-as em espíritos brincalhões. Nathan os via pela fresta fininha de suas pálpebras entreabertas, preguiçosamente ameaçando se fechar outra vez.

A brisa estava fria.

Não apenas friazinha, como em certas manhãs de verão, mas fria de verdade, muito mesmo.

Aquilo não estava certo.

Nathan abriu os olhos, sentou-se rapidamente e examinou a construção de madeira e pedra do quarto ao redor. Era limpo, com certeza. Como se alguém tivesse limpado tudo no dia anterior e esfregado até brilhar. As roupas de cama, porém, estavam imundas.

A porta era de madeira grossa, com faixas de metal e uma maçaneta

de ferro acima da antiquada fechadura. Não fosse pela janela, poderia ser uma masmorra.

O covil do Chacal Lanterna. Nathan soube de imediato que aquele era o lugar onde estava. Como poderia ser outro? Parte dele sussurrava que não deveria ficar assustado; que, se o Chacal Lanterna o quisesse morto, qualquer um de seus lacaios poderia tê-lo matado. Mas o Nathan real, a voz de menino em sua mente, disse-lhe que o Chacal Lanterna bem poderia querer comê-lo no jantar. Literalmente. E ainda chupar a carne de seus ossos.

O General Manteiga de Amendoim dissera que ninguém o feriria, mas Bob Dentelongo tinha feito um machucado feio nas suas costas. E, além do mais, ele não estava com o General. Depois, Resmungo prometera que ele não seria ferido, mas Resmungo era, supostamente, amigo do papai, e mesmo assim ali estava ele trabalhando para o Chacal Lanterna. Sendo assim, como Nathan poderia confiar nele?

Era tudo tão confuso!

O menino estava com medo desde que despertara em Florestranha. Sentia medo ainda agora. Mas, ao sair da cama, Nathan passou a sentir outra coisa. Algo que o fez voltar muitos anos atrás, a pirraças petulantes, a ataques em horas inadequadas. Nathan tinha cinco anos e meio, e estava muito assustado.

Mas também sentia muita, muita raiva.

Foi até a janela e olhou para fora, ficando boquiaberto ao contemplar a paisagem. Além da fortaleza ficavam as Montanhas Carecas e, ainda mais além, o resto de Florestranha. Dali, Nathan tinha a impressão de conseguir ver tudo. Tudo em Florestranha. Aquilo, é claro, era impossível, e parte dele sabia disso. Mas a ilusão era um conforto, de certo modo. Ali fora, na vasta floresta, ou em algum lugar ao longo do Cima-Rio, havia pessoas e criaturas que não queriam que ele se ferisse. O General Manteiga de Amendoim queria protegê-lo.

– Por favor, venha – sussurrou Nathan, toda a raiva indo embora, voltando a ser um garotinho assustado.

Ele não acreditava realmente que o General Manteiga de Amendoim viesse buscá-lo. Mas, enquanto seu cérebro dava voltas como as águas mais inquietas do Cima-Rio, deu-se conta de que não pensava de verdade no General. Pensava no pai. Resmungo dissera que o Chacal Lanterna queria que seu pai viesse a Florestranha. Não sabia como aquilo era

possível, mas a verdade é que ele não sabia nem mesmo como tinha chegado ali.

– Por favor, venha – sussurrou de novo.

Um vento frio soprou pela cordilheira nua e pela janela da sua cela. Nathan estremeceu e voltou rapidamente para a cama. Procurou até achar as roupas que Resmungo lhe dera – as coisas que o anão e o pônei tinham roubado de seu quarto na noite em que mataram Macieira – e logo se vestiu.

Vestido, foi até a porta. Sabia que estaria trancada. Como poderiam esperar mantê-lo ali se não estivesse trancada? Mesmo assim segurou a maçaneta. O ferro era frio ao toque; porém, quando a girou, houve um clique pesado quando a grossa tranca recuou e a porta se abriu para dentro.

Nathan piscou, surpreso. Deu um passo para o corredor. Estava úmido, a penumbra era profunda, e havia uma luz laranja bruxuleante que vinha das tochas enfileiradas nas paredes de pedra. A fortaleza era feita principalmente de imensas pedras que pareciam ter sido retiradas da própria montanha. A única madeira parecia estar nos contrafortes que escoravam os arcos no corredor ou na moldura das portas. Nathan estremeceu. Por nenhuma razão em particular, baixou os olhos para os pés calçados com tênis azuis e notou que os cadarços estavam desamarrados. Seu pai sempre o alertava a respeito, tentando fazê-lo amarrar os sapatos. Aquilo nunca lhe tinha parecido muito importante.

Ajoelhou-se e, com certa dificuldade, amarrou os cadarços. Depois, ficou de pé, deu uma última olhada – ou o que ele esperava que fosse uma última olhada – na cama em que havia dormido e avançou para o corredor.

Nathan, é claro, estava com medo; mas o medo dera um passo para o lado e abrira espaço à empolgação. Ali estava ele, perambulando num lugar que era quase um castelo e aparentemente sozinho. Era fácil, por um momento, esquecer o restante. Sua imaginação correu naquela direção por um tempo, tinindo com o bater das espadas e rodopiando com cavaleiros… e até mesmo piratas.

Então, chegou a uma larga escadaria de pedra, com janelas em arco incrustadas na parede curva, em que os degraus se espiralavam, descendo as profundezas da fortaleza. Nathan olhou em volta outra vez e, como não viu nada nem ninguém, começou a descer. Na primeira das

janelas, inclinou-se bem para fora, tentando ver mais da construção, para ter uma ideia da altura em que estava. Uma sutil alfinetada de dor despontou em suas costas, logo abaixo das escápulas. Nathan gritou, o rosto assumindo uma expressão de pânico.

Lembrou-se dos cortes nas costas, no lugar onde Bob Dentelongo pusera suas garras. Ao se inclinar pela janela, os havia forçado. Apesar das propriedades balsâmicas e curativas da manteiga de amendoim do General, os cortes ainda estavam lá, e Nathan os esticara demais.

Mordendo o lábio, o garoto forçou-se a não chorar enquanto descia lenta e cautelosamente a escada. Em sua opinião de garotinho de cinco anos e meio, já houvera choradeira demais. Outra vez a irritabilidade voltou, e ele se viu tomado mais por raiva que por terror.

Aquela era sua fuga, percebeu. Quanto mais raiva sentia, menos medo tinha. Não era boa a sensação de raiva. O pai sempre lhe dizia para não ficar com raiva das coisas, e sim lidar com elas, mas, naquele momento, Nathan não conseguia fazer nada a respeito. A raiva dava muito mais segurança do que o medo.

A luz das janelas acima desapareceu quando Nathan chegou ao andar abaixo daquele onde tinha sido instalado. Havia mais tochas ali, e ele tinha a impressão de estar ouvindo vozes em algum lugar. O que precisava encontrar, sabia, era outra escada. Se pudesse continuar descendo, em algum momento chegaria à parte de baixo da fortaleza. Não temiam que ele fugisse, pensou, ou teriam trancado a porta.

Iam ver só uma coisa. Ele correria o mais rápido possível, e jamais o encontrariam em Florestranha.

Aquela ideia o fez parar. Se o Chacal Lanterna e seus súditos não conseguissem achá-lo, como seu pai ou o General Manteiga de Amendoim o encontrariam? Por outro lado, se ficasse na fortaleza, eles saberiam exatamente onde procurar. Saberiam onde procurar se o General já tivesse entendido que havia sido Resmungo quem o raptara. Aquilo era tudo muito confuso, e sua cabeça doía um pouco.

Enquanto tentava repassar os fatos na cabeça, Nathan adentrou o corredor e passou a descê-lo, procurando a escura passagem que levaria ao andar abaixo dele, e, se tudo desse certo, ao andar ainda mais abaixo. Passou por diversas portas em seu caminho, todas de madeira pesada, como a do quarto em que ficara. Todas estavam fechadas, e não deixavam nem um tiquinho de luz do sol entrar no úmido túnel de

pedra. Foi só quando Nathan estava no meio do corredor que percebeu que não havia tochas no final. Não havia luz nenhuma, exceto pela tênue luminosidade do dia, que parecia subir do lado esquerdo.

Mais escadas, pensou. Mas, para chegar a elas, teria de passar pela escuridão. Escuridão mesmo. Escuridão suficiente para que fosse quase impossível lembrar que o sol brilhava lá fora.

Nathan seguiu adiante, os tênis quase sem fazer barulho na pedra fria. Conseguia ouvir a própria respiração, e ficou surpreso com seu volume. Passou pela última tocha, e as sombras rodopiaram em volta dele como que tomando-o pela mão. A luz recuava lá atrás, e a respiração ficava cada vez mais alta. O garoto corajoso e encolerizado começava a ceder, vencido pela escuridão.

A tímida luz das escadarias não bastava para manter sua bravura. Seu coração batia forte no peito. Conseguia sentir as veias pulsando nas têmporas e nos pulsos, e sua respiração se acelerou. Ainda que não pudesse ver direito o chão de pedra, começou a correr. Seus pés calçados batiam contra a pedra sob eles, e o menino se lembrou, muito claramente, de sua cozinha.

Da cozinha de casa. Antes. Antes de mamãe e papai terem se separado, e antes de ele estar no meio daquilo tudo. Antes de as brigas ficarem realmente feias e de ele chorar muito. Era uma criancinha na época; mal havia entrado na pré-escola.

O estalido úmido das solas de borracha o levou de volta ao momento presente. A mãe gritando, o pai pisando duro. E a mão da mãe no rosto do pai. A única vez em que a vira bater em qualquer pessoa, e tinha sido no rosto do papai; forte o suficiente para que ficasse todo vermelho.

Eles haviam se encarado por alguns minutos, enquanto Nathan ficara sentado no chão da cozinha, chorando como se ainda fosse um bebê, praguejando contra eles com palavras que ninguém conseguia entender.

Alguns dias depois, os pais de Nathan lhe disseram que não iam mais viver juntos. E lhe contaram que, mesmo assim, ainda eram uma família.

Ele acreditara.

Uma única lágrima abriu caminho à força, e Nathan a enxugou, encolerizado, da bochecha. Havia prometido a si mesmo que não choraria de novo, e agora estava com raiva da escuridão, dos pais e de si mesmo por estar tão assustado.

Diminuiu o passo ao se aproximar de outra escada. Seu coração

desacelerou, e, de repente, sua respiração não parecia mais tão alta.

Alguma coisa cheirava muito mal. Pior do que dez gambás. Tentou tapar o nariz, mas o cheiro estava por toda parte. E ele o reconhecia.

Quando se virou para olhar escada abaixo, sabia que cheiro era aquele. De *quem* era aquele cheiro.

– Olá, fracote – falou a horrenda criatura, e, ainda que não risse, havia um traço de riso em sua voz. – Eu tinha esperança de que a gente passasse um tempinho a sós.

O vapor fedido que vinha da fenda acima do olho da feia criatura subitamente se manifestou, uma chama verde jorrando do espaço em que deveria estar seu cérebro.

Nathan congelou, mordeu o lábio e recusou-se a gritar. Recusou-se a chorar. Em vez disso, apenas sussurrou o nome do homem-monstro:

– Caracrânio.

# Capítulo 11

Sentada na parte de trás da ambulância, Emily estava imóvel, sendo jogada a cada solavanco enquanto corriam para o hospital pela Broadway. A sirene gritava, e, ainda que o técnico da emergência lhe tivesse oferecido algumas respostas vagas, sabia que havia uma razão para estarem correndo tanto. Thomas estava mal.

– Por quê? – murmurava.

O técnico, que monitorava continuamente o estado de Thomas, nem desviava os olhos para ela. Não havia se alterado com nada que ela dissera, e aquela era uma pergunta que tinha feito ao ex-marido inconsciente mais de dez vezes desde antes mesmo de ele ser colocado na ambulância.

O rímel tinha deixado faixas negras, como pinturas de guerra, em suas bochechas. Emily sabia que estavam ali, mas preferiu ignorá-las. Não havia nada com o que limpar o rosto naquele momento, e haveria ainda mais lágrimas, tinha certeza.

– Canalha! – gritou ela de repente, a voz frágil, pondo a mão espalmada sobre o peito de Thomas.

Enfim, obteve a atenção do técnico. O homem alto e desengonçado ficou de pé o melhor que pôde na traseira apertada do veículo e estendeu as mãos para segurá-la delicadamente.

– Senhora, eu sei que está fora de si neste momento – disse ele em voz baixa, porém muito sério –, mas faça isso de novo, e eu a coloco na rua.

Emily queria gritar com ele. Explicar-lhe exatamente o que havia acontecido ali. Como Thomas a tinha desapontado, e a Nathan. Ambos precisavam dele agora. Agora! Mais do que nunca, Nathan precisava do pai. Mais do que nunca desde que tinham se casado, Emily precisava do

apoio de Thomas.

Sabia que não era um ataque de um suposto perseguidor. O técnico havia assegurado que não. O ângulo deixava claro que tinha sido uma queda, provavelmente resultado de um desmaio. Desmaiara devido à overdose de barbitúricos acompanhados de um copo cheio de uísque Wild Turkey. Era aquilo que Thomas havia feito consigo mesmo.

– Por quê? – a voz era um sussurro áspero, e ela olhava a expressão inerte de Thomas, sua total ausência de consciência. Não havia movimento sob as pálpebras,. Sonho nenhum, ao menos. Ele não merecia.

Emily ergueu as mãos para cobrir o rosto, suspirou profundamente e se obrigou a parar de chorar. Sabia que a raiva que sentia dele era apenas um mecanismo de defesa. Saber disso, no entanto, não contribuía para diminuir sua cólera, porque a raiva era a única coisa que a impedia de ter um colapso. Não queria mais viver com Thomas, não queria ser esposa dele. Isso não significava, porém, que estivesse preparada para o fato de ele sumir por completo de sua vida. Sem tirar as mãos do peito dele, falou de novo com Thomas, ainda sussurrando:

– Não posso enfrentar isso sozinha – disse a ele e a si mesma. – Não posso perder vocês dois.

Florestranha nunca ficava em silêncio. Nem esperáva-se que ficasse. Havia tanta vida e tanta cor no lugar e nas criaturas que ali viviam, que o silêncio seria equivalente à morte.

Mas havia sim um grande silêncio em Florestranha.

Os olhos do General Manteiga de Amendoim se estreitaram em finas fendas gosmentas, e as narinas subitamente se abriram. Cada um dos sentidos se aguçou, sensível a qualquer mudança no entorno. Ele foi abrindo caminho em meio às árvores, indo sempre para leste, ainda que na verdade não houvesse trilhas naquela parte da floresta.

Os Repiques Laranja, lendários por seus gritos, moviam-se pela densa folhagem e acima das raízes sem emitir um só ruído. O único som que faziam ao passar pela parte mais profunda e central de Florestranha era o ranger de dentes e o arranhar de ramos e folhas na pele cítrica.

Selvagens. A maior parte dos habitantes de Florestranha achava que os Repiques não passavam disso. E o General Manteiga de Amendoim compartilhara essa opinião por bastante tempo. Mas, quando explicara

aos Repiques Laranja o que estava em jogo, a tribo oferecera a própria vida pela causa. Diversos deles já tinham pago o preço definitivo.

Agora marchavam a seu lado. Afinal, se o General fracassasse, todos eles poderiam morrer.

Contudo, o silêncio dos Repiques Laranja, mesmo que impressionante, não era nem de perto tão extraordinário quanto o do pequenino dragão laranja e verde alojado no ombro do General Manteiga de Amendoim. O General havia pedido a Rabeca que viesse junto, sobretudo porque, caso fosse necessária uma orientação, as asas do dragãozinho se mostrariam indispensáveis. Seria necessária uma emergência, porém, para que se chegasse a tal ponto, porque, quando Rabeca voava, fazia música. Era impossível saber precisamente quais agentes e monstros o Chacal Lanterna poderia ter colocado à espreita em Florestranha, vasculhando o ataque inimigo. E a melodia do dragão quase com certeza atrairia uma atenção indesejada.

Sendo assim, por ora, Rabeca ficava no ombro do General, as garras presas pela pasta de manteiga de amendoim. Apesar do comportamento habitualmente educado do dragão, ele já havia reclamado desse fato nada menos que meia dúzia de vezes desde que a jornada se iniciara. O General havia lhe prometido que, quando chegasse a hora de o dragão voar, nem um grama da pegajosa substância ficaria em seus pés. Rabeca não parecia nem um pouco tranquilizado com aquelas garantias.

O General, por sua vez, estava ficando cansado de oferecê-las.

Na verdade, estava cansado de muitas coisas relacionadas à situação. Ainda que nada fosse mais importante para ele do que a segurança do menino, esgueirar-se pela floresta não era, em sua opinião, o procedimento adequado a um soldado. Talvez fosse para um terrorista, mas não para um soldado.

Entretanto, conhecia soldados e selvas bem o bastante para permanecer alerta.

Viajaram em silêncio por cerca de mais um quilômetro e meio, seguindo lentamente em meio às árvores, até que a floresta ficou menos densa e havia mais espaço para movimentação. Nada parecido com um caminho aberto, porém o espaço era suficiente para permitir passos livres sob o dossel de árvores tecido acima deles pela natureza, ou pela imaginação. O General nunca tinha certeza de quem estabelecia as regras naquele lugar.

As asas do dragão balançaram por um instante enquanto ele se reacomodava no ombro do General, e, só por um momento, foi como se alguém corresse os dedos levemente pelas cordas de uma harpa. O General rosnou, frustrado, mas não disse nada. Apesar de tudo, Rabeca havia sido um excelente companheiro de viagem. Ficava em silêncio quando lhe era solicitado e era muito mais inteligente do que o General teria imaginado.

As escamas do dragão repousavam sobre a manteiga de amendoim, e sua cauda estendia-se ao longo das costas do General, que sentia tudo. A marca de cada escama, o delicado ponto de interrogação deixado atrás quando a cauda de Rabeca se movia para assumir outra posição. As garras na manteiga de amendoim moviam-se de leve, ainda que dessa vez o dragão tivesse controlado suas asas.

Havia algo estranho no ar.

– Perturbado com alguma coisa, dragão? – perguntou o General.

Os Repiques estavam em meio às árvores dos dois lados, um bem adiante, fazendo o reconhecimento, e outro mais atrás, protegendo a retaguarda. Mas diversos deles por perto olharam para o General, a surpresa explícita no caos insano de seus olhos amarelo-limão arregalados. O General os encarou, zangado, e eles se desviaram em outra direção.

– Eu não devia estar perturbado, General? – retrucou Rabeca, sem a alegria que costumava aparecer em sua voz.

– Neste momento, há muito com que ficar perturbado – concordou o General Manteiga de Amendoim. – Temos de fazer coisas que, tenho certeza, você e seus amigos nunca imaginaram.

Rabeca ficou em silêncio um instante. Depois, com um tom confessional na voz, mas sem malícia, disse com seriedade:

– Nunca pensei que pousaria em seu ombro, aliado numa mesma causa. Não depois das vezes em que você tentou me matar.

Houve um súbito guinchado acima deles, e uma coruja robusta bufou, desgostosa diante da passagem deles, abriu as asas e, preguiçosamente, mergulhou de um espesso galho só para deslizar até uma árvore a poucos metros, onde se acomodou outra vez. Já tinham visto toda espécie de criatura enquanto avançavam pelo trecho mais profundo da floresta. Haviam passado pela imensa e destruída figura de pedra de um ogro que se afastara demais de sua caverna e não

conseguira voltar para casa a tempo de evitar o sol. Havia lebres e pássaros em grande número, e eles tinham, na opinião do General, visto uma pequena patrulha de esquilos voadores abrindo caminho pelas árvores. Mas eram rápidos demais para que conseguissem vê-los de perto o suficiente.

Havia vida em Florestranha.

Isso era algo a considerar.

Existia mais em jogo ali do que a vida de Nathan Randall. Ou do que a sanidade de seu pai. Havia a própria Florestranha. E cada criatura dela tinha as próprias preocupações. Assim como o dragão a quem todos chamavam Rabeca.

– Nunca quis te matar, dragão – admitiu o General, ainda que com hesitação. – Veja bem, é o meu papel. Todos temos um papel a desempenhar neste mundo, e o meu era ameaçar as criaturas mais gentis, as mais simples. Você estava entre elas.

Rabeca riu.

– Nada pessoal, não é?

O General Manteiga de Amendoim riu também.

– Nada pessoal – repetiu.

Após um instante, Rabeca suspirou.

– Só estou preocupado com os outros, imagino. Brigadeiro e o senhor Sinibundo provavelmente vão ficar bem, desde que fiquem onde estão. Mas gostaria que tivéssemos mandado alguém mais além de Risonho…

– Não havia mais ninguém – replicou o General asperamente. – Aquela maldita hiena teria rido na hora errada ou sido cabeça-dura demais para dar ouvidos a uma simples ordem. Ele era o único que podíamos perder.

As asas de Rabeca bateram, e ele se ajeitou sobre o próprio traseiro nos ombros do General. Esticou o pescoço, desenhando um semicírculo, para olhar direto nos olhos do General, uma sutil fumaça saindo das narinas. Seus olhos de pálpebra dupla se fecharam e depois se abriram.

– Quer dizer que ele é dispensável?

O General congelou e virou a cabeça para poder encarar diretamente o dragão.

– Nenhum de nós é indispensável, Rabeca. Nenhum de nós. Sem Nosso Garoto, não existe Florestranha. Se Nathan morrer, Nosso Garoto nunca mais voltará aqui. Ao tentar nos salvar, Lanterna vai matar a

todos nós. Somos todos dispensáveis.

Ele voltou a andar, com os Repiques correndo loucamente pela relva sob as árvores. Passaram por um lobo cinzento inacreditavelmente obeso que dormia no chão, roncando alto enquanto o pouco sol que as árvores deixavam passar marcava seu pelo.

– Que bom que somos todos dispensáveis – replicou Rabeca, depois de o silêncio ter se estendido por tempo demais.

O General franziu a testa.

– Isso é algo terrível de dizer. Como isso pode ser bom?

Ele conseguiu sentir o dragão dar de ombros.

– Bem – respondeu Rabeca –, se continuarmos seguindo diretamente para o leste desse jeito, provavelmente vamos esbarrar na Rainha da Floresta. E ela não costuma ser gentil com visitantes.

Inquieto, o General permitiu que sua mão esquerda repousasse com suavidade sobre o cabo da espada.

* * *

Caracrânio segurava Nathan com força pelos ombros. E abria um sorriso enorme, exibindo seus imundos dentes verdes. A barba estava mais suja do que nunca, e o cabelo, todo desgrenhado. Nathan fechou a boca e tentou não respirar. Perto assim de Caracrânio, teve a impressão de que corria o risco de vomitar.

O monstro de crânio fendido riu.

– Está com medo, garotinho? – provocou. – Vai mijar nas calças outra vez?

Nathan sacudiu a cabeça vigorosamente e tentou recuar para o corredor. Caracrânio, que estava alguns degraus abaixo dele, continuava a segurá-lo com força. Por um instante, Nathan desejou que aquela criatura maléfica escorregasse no limo que havia entre as pedras.

Então, Caracrânio o levantou e o jogou por cima do ombro, e o estômago de Nathan se contorceu por estar tão perto dele. A princípio, fechou os olhos, mas, por fim, quando foi forçado a respirar para não desmaiar, os olhos se abriram novamente. A centímetros de seu rosto, alguma coisa preta e viscosa rastejava no cabelo de Caracrânio.

Nathan gritou, sem nem notar mais o fedor.

Caracrânio deteve-se no meio da descida, deixando Nathan cair

dolorosamente com o traseiro na superfície de pedra, e depois lhe deu um violento tapa na cara. Os olhos de Nathan se arregalaram, encarando a chama verde que saía da fenda na cabeça daquele canalha. Canalha era uma palavra que ele não tinha permissão para usar nem na casa do pai nem na da mãe. Mas Caracrânio não era só um monstro, era também um canalha.

– Doeu? – perguntou Caracrânio, esticando o rosto num sorriso insano que fez Nathan gemer. Podia até sentir o calor da chama verde.

– Doeu – admitiu Nathan bem baixinho.

Caracrânio enfiou a cara bem na frente do rosto de Nathan, olho no olho, nariz com nariz, boca a boca, e gritou com seu fétido bafo:

– ÓÓÓÓÓTIMO!

Nathan encolheu-se e mordeu o lábio.

– Não vou chorar, seu canalha feio e fedido! – berrou, os olhos umedecendo-se na mesma hora. Mas parou por ali. Nada de choro.

Caracrânio uivou de júbilo.

– Escute, seu merdinha – escarneceu o monstro –, você foi convidado para jantar. A menos que queira ser a comida, sugiro que cale essa matraca infantil e guarde todo aquele mijo, cocô e vômito dentro do seu corpo. Chorar, tudo bem. O Velho Chacal gosta de ver criancinhas chorando.

Pegou Nathan pelo pulso e passou a arrastá-lo rudemente escada abaixo. O garoto corria para manter os pés onde deveriam estar. Pôs a mão na parede de pedra, mas logo a recolheu. Limpou a gosma da parede na calça e foi adiante, ainda mordendo o lábio, ainda recusando-se a chorar.

Nathan desejava que Caracrânio morresse. Odiava pensar nisso, porque sabia que era errado. Mas não conseguia evitar.

Ao pé da escadaria, Caracrânio o levou pelo braço por um longo corredor e, enfim, a um grande conjunto de portas duplas de madeira com pesados anéis de ferro. Com uma mão forte, Caracrânio empurrou a porta do lado direito, que se escancarou, abrindo-lhes passagem.

O que quer que Nathan tivesse esperado – alguma espécie de masmorra ou câmara de tortura – não correspondia àquilo. Ao contrário do resto da fortaleza, aquele salão não era de pedra. O chão era de madeira, e o teto e as paredes tinham vigas de madeira entrecruzadas. Em um canto, chamas vermelhas e amareladas crepitavam numa grande

lareira repleta de toras. Uma pilha de lenha cortada estava ao lado. Cada canto da sala era ornamentado com um tapete largo e colorido, diferente de tudo o que Nathan já tinha visto, a não ser nos filmes.

Não havia janelas. Nenhuma luz entrando. Apenas o fogo e as tochas, duas em cada parede. O salão era vasto, e em seu centro havia uma longa mesa feita de troncos cortados de modo rudimentar, sem o mesmo talento que orientara a construção do restante da fortaleza. Mas era uma mesa, e servia como tal. As cadeiras ao redor tinham sido feitas apenas com um pouco mais de cuidado.

O que chamou a imediata atenção de Nathan, porém, foram os pratos de comida espalhados sobre a mesa. No centro estava o maior peru assado que já vira. Conseguia sentir seu cheiro, mesmo com o fedor de Caracrânio, e sua boca ficou cheia de água. Não se lembrava da última vez que tinha comido. Avistou imensas jarras de ferro que, pensou, deviam estar cheias d'água, ou ao menos de algo que ele pudesse beber. Também viu pratos de batatas cozidas e de alguma espécie vegetal verde que ele nem pensaria em comer caso não estivesse tão faminto. Havia ainda outras coisas, mas Nathan as ignorou.

Lentamente, ele foi andando para a mesa. Caracrânio não tentou impedi-lo. O monstro apenas ficou parado perto da porta aberta e observou Nathan fazer para si um prato de peru e batatas, além de uma espécie de torta que jamais tinha visto. Sentou-se numa das cadeiras desconfortáveis e começou a comer. Não havia garfos nem facas à vista, exceto uma imensa faca fincada no peru, mas Nathan não se importava.

Já tinha comido com as mãos.

A maior parte do peru já se fora, e também algumas das batatas, quando Nathan parou de comer por um instante. Olhou o peru. A imensa faca projetando-se de seu peito.

Uma das portas se abriu com força atrás dele, com um estalo que o fez saltar da cadeira, virando o prato e derrubando batatas no chão. Nathan voltou-se para observar que, pelas imensas portas duplas de madeira, Bob Dentelongo tinha entrado e agora estava ao lado de Caracrânio. As imensas presas do homem-tigre com dentes de sabre projetavam-se para baixo da mandíbula superior, enquanto Dentelongo rangia os dentes, estalando os lábios.

Nathan não sabia se Dentelongo reagia à sua presença ou à visão da comida. Tampouco desejava saber. Com rapidez, correu para baixo da

mesa e saiu do outro lado. Seus olhos se arregalaram enquanto olhava Dentelongo, e os cortes nas costas começaram a arder como uma lembrança-fantasma. Mas não precisava de nada para lembrá-lo de quem tinha feito aqueles cortes.

– Oi, garoto – rosnou Dentelongo, feliz. – Parecccce que o General não te ssssalvou, no fim dassss contassss.

Com toda a sua força, Nathan tentou responder àquilo. Defender o General. Mas o que poderia dizer? Enfim, falou, da maneira mais desafiadora possível:

– Ele vem me buscar.

Do corredor além das portas de madeira, duas figuras escuras apareceram. Ouviu-se uma alta bufada, e Dentelongo e Caracrânio apressaram-se em ir para os lados e abrir caminho. Então, Nathan viu que não eram duas, mas três escuras figuras, que agora se impunham com tranquilidade pelo salão, bufando e rosnando, arranhando o chão de madeira com suas patas.

As Irmãs Símias. Nathan piscou duas vezes. Assustado.

– Elas… não deviam estar aqui – disse o menino, quase para si mesmo, enquanto olhava as três gorilas idênticas.

Contudo, mesmo enquanto as observava, sabia o que viria a seguir, e recuou ainda mais ao olhar para o corredor. Apenas se deteve quando chegou a uma parede coberta por um tapete, sem poder recuar ainda mais.

O Chacal Lanterna adentrou o salão.

Nathan sabia qual era a aparência do Chacal Lanterna. Seu pai tinha lido os livros e lhe mostrado as ilustrações. Mas vê-lo de verdade… Não sentia mais raiva. Tentou ficar com raiva, mas não conseguiu. Sua respiração ficou curta, em arquejos irregulares, mas sequer prestou atenção. Mal conseguia pensar, completamente consumido pela luta contra seu medo e a sensação quente, escaldante, das lágrimas iminentes que agora vinham.

O movimento dele era como o de um grande cachorro, ainda que as patas da frente fossem mais como mãos do que qualquer coisa que um cachorro pudesse ter. Porém, para um cachorro, era terrivelmente desengonçado e magro, e Nathan sabia que, na verdade, ele era um chacal, tipo um coiote africano ou algo assim.

Chacal Lanterna caminhou pelo salão e apoiou-se nas patas traseiras,

cruzando os braços na frente delas para encarar Nathan da melhor maneira possível. Afinal, Chacal Lanterna não tinha exatamente uma cabeça. Num tempo distante, segundo as histórias, ele tivera uma cabeça de verdade. Mas agora só tinha uma abóbora, um rosto talhado nela com uma expressão maldosa e selvagem. E, dentro da abóbora, brilhava uma luz laranja tão forte que parecia que uma lamparina iluminava toda a sala.

Ele encarava Nathan, que olhou para baixo e viu que o rosto do Chacal – olhos, nariz e boca – era projetado em sua camiseta por aquela luz forte.

Então não conseguiu mais olhar. Sabia que, se olhasse de novo, se abrisse os olhos, começaria a chorar, e não tinha certeza se conseguiria parar. Por isso não olhou mais. Apenas envolveu o corpo nos próprios braços e estremeceu, tentando fingir que estava em qualquer lugar, menos ali.

– Não está sendo gentil, jovem Nathan – comentou o Chacal Lanterna. Havia um eco esquisito em sua voz profunda, como se viesse não só de sua boca, mas também da chama dentro da cabeça de abóbora.

– As Irmãs Símias não lhe fizeram nada, garoto, e você as insulta? – insistiu Lanterna.

Nathan mordeu o lábio. Em seguida, após uma pausa, repetiu o que tinha dito:

– Elas não deviam estar aqui – e acrescentou: – Meu pai me falou delas, mas ainda não as colocou em nenhum dos livros.

Diante daquilo, o Chacal Lanterna riu, e o movimento de sua cabeça projetou uma imagem bruxuleante de seu rosto nas paredes enquanto andava, divertindo-se.

– Se você não fosse uma criança nem jovem demais para responder por suas tolices, eu comeria seu coração ensanguentado no jantar – esclareceu o Lanterna cruelmente, porém, depois, sua voz voltou a assumir um tom de divertimento: – Mas, claro, o jantar já está servido, não é mesmo?

O corpo de Nathan enrijeceu, achando que o Chacal Lanterna ia se aproximar. Mas não se aproximou. Em vez disso, fez um gesto com a mão para uma das Símias, e a gorila saiu imediatamente do salão.

– Você não entenderia nada, garoto, mas uma coisa vou te dizer: o que o idiota do seu pai escreve naqueles livros não tem nada a ver com o

que realmente acontece aqui.

A Símia voltou, e Nathan ficou atônito ao ver que ela trazia nas mãos uma grande pilha de livros. Livros de seu pai; cópias de todos os livros da série Florestranha. Quase perguntou como podiam estar ali, na própria Florestranha. Mas então lembrou-se de que *ele* estava ali. E que Resmungo havia roubado algumas de suas roupas e *as* trouxera para aquele mundo também.

A um aceno de cabeça do Chacal Lanterna, Símia deixou os livros cair numa pilha na frente da lareira. O Velho Chacal, como alguns o chamavam, caiu de quatro e andou relaxadamente até a pilha de livros. Sua cabeça de abóbora pendia exatamente como a cabeça de um cão penderia de seus ombros, mas, onde deveria haver uma língua projetada, preguiçosa, arfante, havia apenas um jorro de luz alaranjada da chama no interior de sua cabeça.

Chacal Lanterna era a coisa mais apavorante que Nathan já vira. Enquanto o garoto observava, ele trotou até os livros, levantou a perna e soltou um jato de urina fumegante, com cheiro ácido, que foi imediatamente sugado pelos livros. Os livros de seu pai. Todo o amor que ele poderia ter dado a Florestranha.

Lanterna outra vez sentou-se sobre as patas traseiras e voltou os olhos para Dentelongo.

– Bob, o menino parece achar que o General virá buscá-lo. Quero que Nosso Garoto venha, mas o General pode causar problemas. Duvido que venha, mas, para garantir, pegue aquele pônei idiota e vá atrás dele na floresta. Se ele chegar a esta fortaleza antes de você, não precisa voltar. E, quando encontrar o anão, diga-lhe que também quero vê-lo.

Com um aceno e uma breve reverência, Bob Dentelongo retirou-se. Depois, seguindo as instruções do Chacal Lanterna, Caracrânio e as Símias sentaram-se para se banquetear com o que ainda havia na mesa.

Apoiado na parede, Nathan observava a pilha de livros úmidos de urina. Lágrimas corriam por seu rosto. Estava furioso.

Chacal Lanterna o havia feito chorar.

Eram quase onze da noite quando o telefone de Francesca Cavallaro tocou. Ela tirou os olhos do manuscrito de um cliente – um livro que esperava conseguir vender quando ele lhe falara a respeito e que, agora que lia, estava achando um lixo total – e notou que era a linha comercial

que utilizava nos dias em que não queria ir ao escritório.

– Como assim? – murmurou, zangada.

Francesca tinha regras estritas a respeito do horário comercial. Deixava isso claro para os clientes. Antes das dez ou depois das seis estavam por conta própria, com poucas exceções, e essas eram exceções que *ela* fazia.

Ainda irritada, propositalmente ignorou o toque e voltou ao manuscrito. Mesmo que não soubesse por que continuava a lê-lo. Só porque dissera que o leria, talvez. Embora já soubesse que não haveria um único editor na cidade que fosse comprar aquela droga sem que fosse totalmente reescrita.

Depois do quarto toque, a secretária eletrônica assumiu. Era o seu trabalho.

– Você ligou para o escritório domiciliar de Francesca Cavallaro. Deixe uma mensagem, ou telefone para meu escritório no centro da cidade – anunciou, e então fez um bipe no ouvido de quem telefonava.

– Francesca? – uma voz feminina, sufocada de emoção, começou. Ela não reconheceu a voz, nem mesmo quando disse: – Deus… Deus do céu! – Ergueu os olhos e ficou observando a máquina outra vez. Houve uma longa pausa, e depois: – Aqui é Emily Randall. O Thomas está… ele está no hospital. Está em coma, e eu… eu precisava falar com alguém próximo dele.

Em um salto, Francesca voou para o telefone, tirou-o do gancho e disse:

– Emily? Emily? Alô?

Mas Emily já havia desligado.

Com uma agitação nauseante no estômago, Francesca desligou. Olhou para o relógio e pensou em ligar de volta, mas logo se deu conta de que não tinha ideia de para onde ligar. Talvez o hospital em que estava Nathan, qualquer que fosse seu nome.

– Thomas, que merda – sussurrou, colocando a mão na testa.

O dia seguinte seria muito longo.

O sol se punha quando Thomas recobrou a consciência, mas mal conseguiu ver o céu através do emaranhado de galhos acima de sua cabeça. Teve de se agachar para poder se movimentar no caminho à frente. Por todos os lados havia arbustos espinhosos, e diversas vezes

prendeu a camisa neles, além de arranhar o rosto e o couro cabeludo, por isso se agachou ainda mais.

Então entendeu.

Entendeu onde estava.

Em todas as outras vezes que havia estado ali, era pequeno o bastante para andar incólume pelo caminho. O Caminho Arranhoso. Mesmo adulto, ao voltar, voltava como garoto. O Garoto.

Tudo parecia tão diferente. O ar em sua pele, a noite ao redor, tudo tão irreal! Não como um sonho, mas como as poucas vezes em que atravessara a noite na faculdade, quando ficava acordado até bem mais tarde do que todas as outras pessoas e o mundo parava de girar, exceto por ele e o que quer que estivesse buscando. Até o ar ficava diferente naquelas longas noites. Não era surreal, mas hiper-real.

Sentia como se tivesse nove anos outra vez, e tudo era novo, e perigoso, e inacreditável. Era uma aventura.

Mas essa aventura não era para ele. A única coisa que importava agora era Nathan.

Assim, quando Thomas enfim deixou o Caminho Arranhoso e pôde ficar de pé na terra dura da Via Sinuosa, com Florestranha estendendo-se por todos os lados, não teve, de jeito nenhum, a sensação de chegar a um lugar novo e assustador. Na verdade, Thomas Randall tinha a sensação de ter voltado para casa, para os lugares onde havia brincado quando garoto, vendo que a árvore ainda tinha suas iniciais gravadas no tronco e que nunca ninguém derrubara a casa na árvore que ele e Lainey Levenson tinham construído aos onze anos.

Thomas retornara à sua imaginação de menino. Tudo lhe era familiar.

E aquilo tudo havia roubado seu filho.

Virou-se para seguir rumo ao norte pela Via Sinuosa, sem muita certeza de por onde avançar, ainda que tomado por uma confiança que jamais teria imaginado. Mas, então, ficou petrificado ao ver a pequenina cabana de pedra e madeira de Resmungo, com seu telhado de colmo e o lago ao fundo.

A cabana tinha sido totalmente incendiada, e as vigas ainda fumegavam. As pedras haviam caído, e só a pequena chaminé ainda estava devidamente em pé.

Atrás, o lago estava negro e estagnado, e peixes prateados jaziam

mortos na água parada e plana.

Sob as estrelas alaranjadas de Florestranha, Thomas Randall sentiu sua imaginação desabar, a saudade virar náusea e a força e a confiança se transformar em desespero.

Ele olhou para o norte na Via Sinuosa. Depois, para o sul. Em seguida percebeu que não fazia ideia de por onde começar, agora que estava ali, num mundo que deveria ser quase parte dele, mas era, na verdade, um território estrangeiro em que os amigos eram inimigos e a inocência matava, onde os amigos imaginários de seus sonhos queriam seu sangue e o de seu filho.

Petrificado, sem rumo, Thomas Randall gritou o nome do filho, mas não obteve resposta.

# Capítulo 12

Com a parte de trás da cabeça repousando desconfortavelmente contra a cabeceira, Joe Hayes lutava para manter os olhos abertos. Na escuridão de seu quarto bagunçado, estava deitado sob um lençol azul-claro, olhando para as imagens em preto e branco piscando na tela. Há horas devia estar dormindo – tinha de dar aula às 8h50 da manhã –, mas encontrou no canal AMC uma maratona de filmes de Sherlock Homes com Basil Rathbone, e pronto.

À pálida luz da TV, com o filme em preto e branco sugando toda a cor do quarto, como se seu próprio mundo tivesse sido sugado pela Hollywood dos anos 1930, ele enfim começou a sucumbir às incessantes demandas de seu corpo. As pálpebras fecharam uma última vez e logo adormeceu, a cabeça ainda num ângulo que lhe daria uma terrível dor no pescoço pela manhã.

Na TV, Rathbone e Nigel Bruce zumbiam e zumbiam. *O cão dos Baskerville* uivava. Em algum lugar, alguém batia numa porta de madeira. Depois a esmurrava. Bem alto.

Dormindo, Joe encolheu-se. Aonde quer que sua mente adormecida tivesse ido, parte do seu inconsciente sentiu-se perturbada pelo barulho. Ele devia ter desligado a TV e se deitado de maneira mais confortável. Alguma parte dele estava ciente disso, e escorregou um pouco mais para baixo do lençol e se virou de lado, abraçando apaixonadamente dois travesseiros sob sua cabeça.

Sono.

Watson, Lestrade ou outro personagem esmurraram outra porta.

Holmes tocou a campainha.

Os olhos de Joe se abriram subitamente.

A campainha tocou de novo, e ele deu uma olhada no despertador, já

temendo o que encontraria quando abrisse a porta. Passava das duas da manhã. Quando alguém bate à sua porta no meio da noite, pensou, nunca é boa notícia. Colocou um short verde de ginástica e andou rapidamente pelo corredor.

O apartamento de dois andares ficava em cima do Antiquário Trachtenberg, na íngreme colina da rua Principal que descia para o Hudson. Era dureza pedalar subindo aquela colina, mas Joe havia se apaixonado imediatamente pelo apartamento. O primeiro andar tinha uma sala de estar, uma sala de jantar e uma cozinha, todas de bom tamanho e com móveis de madeira lindamente restaurados. O segundo tinha dois quartos e um banheiro, além de um enorme *closet*, que havia sido acrescentado numa reforma recente.

Era perfeito para um solteiro. Mais do que perfeito, e talvez mais do que ele deveria ter gastado num apartamento para uma única pessoa. Mas o segundo quarto dava um escritório maravilhoso, e ele tinha bastante espaço para receber visitas.

Embora não mais recebesse muita gente ali desde que tinha conhecido Emily.

Enquanto se movia desajeitadamente e descia a estreita escada até a porta de entrada, já havia despertado por completo. Imagens de Emily tinham afastado o último resquício de sono de sua mente, e, quando abriu a porta e a viu ali, não ficou nem um pouco surpreso.

Tinha começado a chover. Emily usava um short vinho e uma camiseta verde-escura, e era óbvio que os tinha vestido sem pensar muito sobre isso. O cabelo loiro estava encharcado pela chuva, e diversos fios espalhavam-se por seu rosto e cobriam seus olhos. Uma pequenina gota de chuva pendia de seu nariz.

Joe fez menção de abrir a boca, levantando uma das mãos para colocá-la para dentro. Como se aquela fosse toda a reação pela qual esperava, Emily se lançou em seus braços, cruzando a soleira da porta e desabando sobre seu corpo em um abraço.

– Tentei dormir – disse ela, a voz embargada pelas lágrimas que já havia chorado e também pelas que ainda viriam. – Não conseguia pensar em nenhum outro lugar para ir. Eu… não quero ficar sozinha. Desculpe.

– Ssshhh – sussurrou Joe em seu ouvido enquanto afastava uma mecha de cabelo úmida do seu rosto. Ele beijou seu cocuruto e a abraçou, usando a força de seus braços e o escudo de seu corpo para lhe

dar calor e estabilidade, um abrigo seguro que ela obviamente buscava com desespero.

Enquanto segurava o bíceps esquerdo de Emily, Joe estendeu a mão e fechou a porta, deixando a noite e a chuva do lado de fora. Passou o trinco e envolveu Emily outra vez em seus braços, abraçando-a apertadamente, e em seguida deu um leve passo para trás e encarou seus olhos suplicantes.

– Vamos subir – falou, conduzindo-a naquela direção com delicadeza. Ela se arrastava como se fosse desabar a qualquer momento, e ele temia que isso acontecesse.

Na sala de estar, sentou-se com ela, tocou sua bochecha e perguntou:

– O que aconteceu?

Enquanto Emily falava, sua voz sufocada por soluços, sacudia a cabeça em desespero repetidas vezes. Suas mãos não paravam um minuto, como se lançasse seu destino ao vento. E, de certo modo, era o que fazia. O coração de Joe se partiu ao ouvir sua história, como ela tinha encontrado Thomas, as emoções que a haviam possuído e como o ex-marido agora estava numa cama de hospital, a apenas alguns andares de distância do filho.

Ela se deteve. Os olhos avermelhados e úmidos procuraram os dele.

– Eu… eu não queria vir aqui – confessou. – Não sabia se você entenderia. Desculpe se eu…

– Pare de se desculpar – respondeu ele, sorrindo, num gesto de simpatia. – Sou eu que peço desculpas. Por não ter sido tão compreensivo antes, como deveria. Se eu tivesse sido mais maduro em relação a tudo, talvez você tivesse vindo aqui primeiro, em vez de ter ido para casa dormir.

Emily revirou os olhos.

– Não conseguia dormir. Não naquela casa. Agora há fantasmas demais nela.

De repente, seus olhos se arregalaram, e uma expressão de horror atravessou seu rosto.

– Não foi isso que eu quis dizer – emendou com rapidez. – Quer dizer, não fantasmas, mas…

Consternado pelo desespero dela, Joe puxou-a para si outra vez e a abraçou apertado. A voz de Emily sumiu no meio da frase, e ela ficou em silêncio. Assim ficaram, sentados no sofá, abraçando-se em silêncio, por

quase vinte minutos.

– A única coisa que você pode fazer agora é entregar a situação para os médicos – disse-lhe Joe, as palavras soando vazias até para si mesmo. – É esse o trabalho deles. Você não é responsável por sei lá que psicose o Thomas tenha, e não existe nada que pudesse ter feito para impedi-lo de fazer o que fez.

Emily o encarou, assentiu com a cabeça e sorriu, só um pouco.

– Quero estar de volta ao hospital amanhã cedo. Tenho que conversar com os médicos de Nathan e com os de Thomas. Além disso, eu…

– Você precisa ligar para o seu advogado – Joe concluiu para ela.

Como se sua resolução fosse a mais insubstancial das máscaras, o rosto de Emily desabou diante daquilo. Ela acenou, enquanto as lágrimas outra vez brotavam de seus olhos, rolando pelas bochechas.

– Não quero fazer isso, mas… Até eu saber que ele está bem, não posso ficar presa a sei lá que intenções ele tenha para Nathan. Eu… Nathan precisa de mim agora mais do que nunca. Seu pai não está fazendo porra nenhuma que preste para ele!

Ela disse isso com tanta veemência que Joe piscou por um momento, mas, depois, ao ver a dor nos seus olhos, compreendeu.

Do ponto de vista de Emily, Thomas a havia abandonado, deixando-lhe toda a responsabilidade por Nathan e, agora, também a responsabilidade por ele.

– Thomas tem algum parente pra quem você possa ligar? – perguntou Joe.

Emily fez que sim, enxugando os olhos.

– Ele tem uma irmã, Tricia, que mora na Califórnia. Eu entrei em contato, mas ela tem sua própria família. Se Thomas não estiver correndo risco imediato…

– Caramba, que frieza – Joe falou baixinho.

– Eles nunca foram muito unidos – respondeu Emily, como se aquilo explicasse tudo. Então estremeceu. – Não sei se consigo enfrentar isso.

– Consegue, sim. Vai enfrentar. Vai fazer o que for preciso – Joe a tranquilizou. – Enquanto isso, vou estar ao seu lado o tempo todo.

Ele beijou de novo a cabeça dela, e dessa vez Emily levantou a boca para encontrar a dele, e os lábios de ambos se tocaram. Havia ali amor e ternura, mas também uma estranha sensação de alívio. Ele a ajudaria a passar por aquilo. De algum modo.

Juntos, foram subindo as escadas e, chegando ao segundo andar, viraram para o quarto dele, onde apenas a luz fraca da TV projetava uma frágil iluminação. Emily pôs a mão no botão do short, desabotoou-o e o deixou cair, dando um passo para fora dele em seguida. Parecia etérea à luz instável, uma deusa da tela que tinha ganhado vida tridimensional.

Mas, quando colocou os braços em volta do próprio corpo, abraçando a si mesma, o encanto se quebrou. Não restou nenhuma ilusão. Só a dor.

– Eu só… só quero dormir com você, Joe. Só quero que me abrace. Tudo bem?

Ele lhe estendeu a mão.

– Claro que sim – respondeu.

Deitaram-se juntos na cama e ela se enroscou nele, os dois formando uma conchinha. Ele colocou uma perna no meio das dela e um braço sobre sua barriga, e foi nessa posição que ele pegou no sono outra vez.

Quando acordou, pouco tempo depois, a mão dela estava nele, excitando-o antes que estivesse verdadeiramente desperto. Por um pequeno instante, olhou para o rosto de Emily, para a dor e o desespero nele estampados, e abriu a boca para falar, mas ela o interrompeu com um beijo de paixão e fome. Com fervor. Febril.

Ela beijou o pescoço dele, sussurrando-lhe:

– Estou tão perdida… – confessou. – Não sei mais quem sou, o que devo sentir, quem devo amar.

Outra vez ele fez menção de falar, mas parou quando ela tomou sua mão e a colocou em sua coxa nua, instando-o a ficar de frente para ela.

– Isso não vai acabar, Joe – afirmou ela. – Não tão cedo. Eu só…

Seu rosto se levantou, e ela o encarou. Ele viu ali a verdade do que Emily dizia. Ela estava perdida.

– Só preciso saber, só por hoje, quem eu sou. Onde estou. Preciso me encontrar. Lembrar quem é a Emily.

Ele fez amor com ela de maneira doce e delicada, fingindo não notar suas lágrimas. Depois que Emily adormeceu, Joe ficou acordado observando-a, alisando seu cabelo e se apaixonando ainda mais profundamente.

O eco do seu grito ainda não tinha sumido por completo quando Thomas ouviu o *bong* metálico de um sino ao lado do caminho. Virou-se com

rapidez, contemplando os restos queimados do que um dia fora a cabana de Resmungo. A pouca madeira que restava no chão estava chamuscada e retorcida, e até os tijolos haviam ficado pretos e tostados.

Atrás da chaminé algo se moveu, e os olhos de Thomas se arregalaram quando ouviu outra vez o som do sino. Impressionado, estreitou os olhos. Então, quase sem conseguir acreditar que dizia aquelas palavras, abriu a boca e, com voz abafada, chamou:

– Sinibundo, pode sair daí.

Em algum lugar no fundo de si mesmo, Thomas sabia o que ia acontecer em seguida. Contudo, o homem que ele era, o ser que eclipsara o garoto que tinha ido a Florestranha pela primeira vez havia tantos anos, ficou só olhando. Olhos arregalados, a boca aberta só um pouco, enquanto o diminuto homem em forma de sino saía de trás da chaminé. Ele era careca, e sua pele, azul-clara, lisa como a melhor porcelana. Uma faixa lilás dava a volta em seu corpo na altura do peito, e outra logo acima de onde começavam suas pernas. Era ligeiramente inclinado, quase como um corcunda, e, ainda que seu peito e sua barriga fossem bastante lisos, suas costas se projetavam como se ele fosse um vaga-lume ou uma vespa. E, quando começou a andar na direção de Thomas, o badalo ali dentro – o coração de todo sinoforme – tinia feliz e sonoroso de um lado a outro.

– Sinibundo? – sussurrou Thomas, a mente rodopiando.

Florestranha era real, claro. Sempre soubera disso, desde sua primeira visita. Mas o conhecimento verdadeiro fenece com o tempo, assim como as feridas se curam. Aquele tinha sido um conhecimento, uma verdade que guardara para si – para se proteger de acusações de insanidade – por tanto tempo, que se passaram semanas, talvez até meses, em que aquela verdade lhe havia escapado. Períodos em que o conhecimento da realidade de Florestranha tinha simplesmente fugido de sua mente. Até que ele a esqueceu por completo.

Quando garoto, sabia com grande certeza que Papai Noel era real. Assim como os elfos. Os vampiros. O amor eterno. Tinha fé naquelas coisas, até sua fé ser despedaçada. Mas aquelas eram coisas que jamais vira. Florestranha era algo totalmente diferente. Estivera lá. Ele a tinha visto. Cheirado. Tocado. Ela não tinha sido simplesmente descartada, como os mitos da infância. E, contudo, com o tempo, até a realidade podia ficar tão borrada que só era lembrada como sonho.

Thomas piscou. Com espanto nos olhos e no coração, olhou para o sr. Sinibundo e não pôde deixar de sorrir.

A expressão no rosto azul do pequenino era de pura alegria.

– Nosso Garoto! – gritou. – É verdade. É verdade! Você voltou!

O sr. Sinibundo trotou na sua direção, o sino oscilando de um lado a outro, o som ecoando pela Via Sinuosa, e subitamente Thomas teve medo. Não necessariamente de Sinibundo, mas de Florestranha. É verdade que ele não aparecia ali – realmente, não apenas em sonho – desde que era garoto. No entanto, aquela não era a Florestranha de que se lembrava. E por certo não era a Florestranha que tinha criado em seus livros.

Ficou olhando o pequenino e sorridente sinoforme. Thomas queria que seu coração se elevasse à mesma alegria, a alegria de se reunir com uma parte de si que tinha deixado para trás havia muito tempo. Mesmo nos tantos sonhos em que tinha se baseado ao longo dos anos, nas vezes em que visitara Florestranha, dormindo ou acordado, ela nunca parecera tão real. Não desde aquela primeira vez.

Ele ficou olhando Sinibundo e se lembrou de que, quando Nathan começara a dizer maluquices, a manifestar seus temores em relação a Florestranha, tinha dito que Resmungo e Penatesta haviam matado Macieira, seu amigo imaginário.

Pela primeira vez desde que a insanidade tinha começado, ocorreu-lhe que talvez tivessem mesmo. Temor e raiva percorreram Thomas Randall, e agora seus sentidos pareciam estar apuradíssimos. Aquele lugar não era mais seguro. Não se podia confiar em nada.

Quando o sr. Sinibundo se aproximou, jogou as mãos para cima como uma criança esperando para ser levantada bem alto e jogada no ar como se estivesse voando. Thomas limitou-se a ficar olhando para ele.

O sorriso foi lentamente sumindo dos traços azul-claros de Sinibundo.

– Cadê meu filho? – perguntou Thomas, desconfiado. – Cadê o Nathan?

– Podemos ajudar você a encontrá-lo – disse Sinibundo, acenando vigorosamente com a cabeça, fazendo o badalo tinir junto. – Vamos, Nosso Garoto, não temos muito tempo.

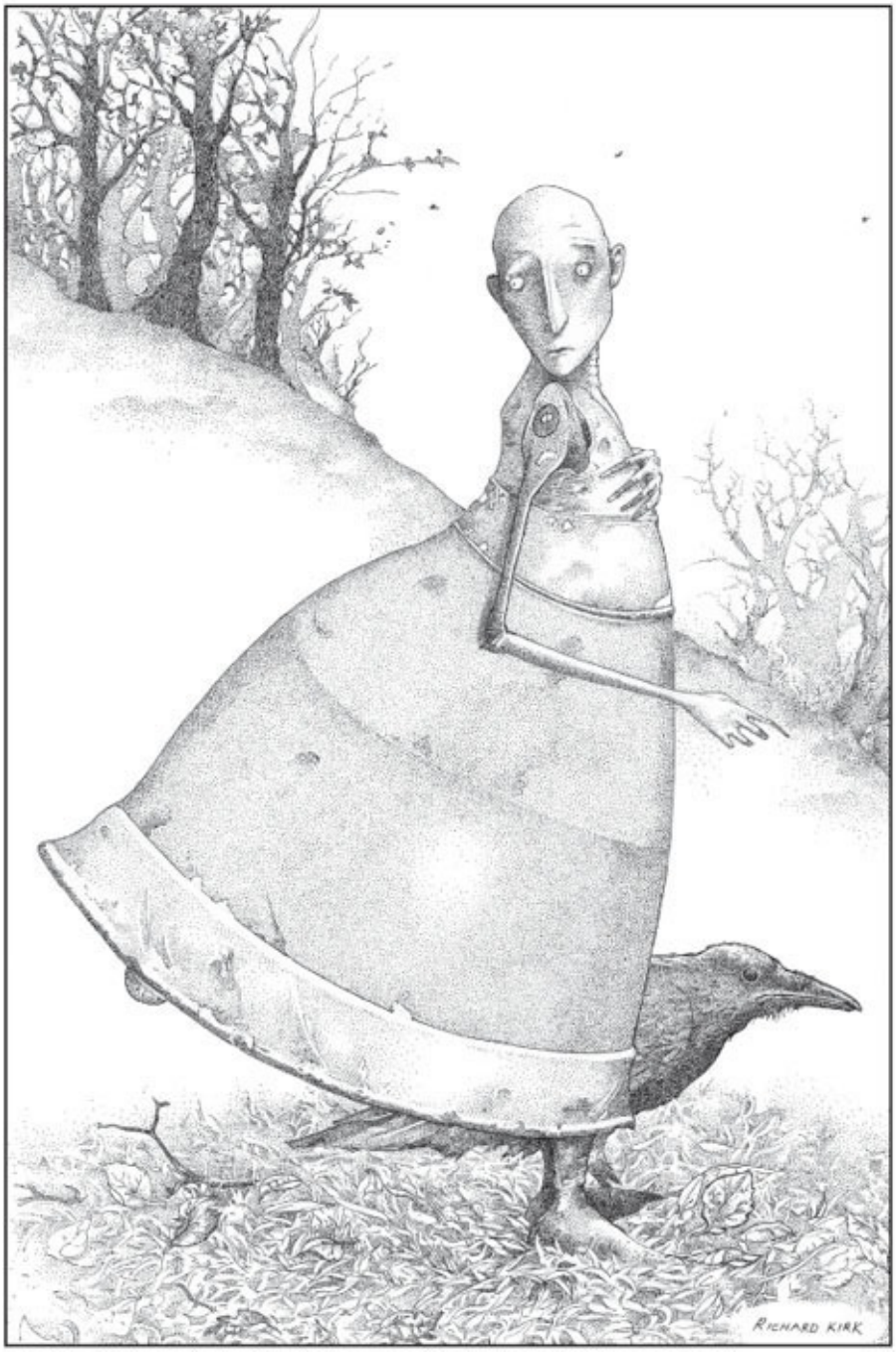
Sinibundo agora parecia entristecido, mas contente por ser útil. Thomas não acreditava, ou melhor, não podia acreditar. Em vez disso, estendeu a mão e pegou Sinibundo por aquilo que deveria ser chamado

de seu pescoço, tirando-o do chão. Os bracinhos de Sinibundo batiam fracamente nas mãos de Thomas.

– Nosso Garoto! – gritou aterrorizado o sinoforme. – Você… Você não pode nos machucar!

– Claro que posso! – Thomas cortou rapidamente.

Por dentro, seu coração doía terrivelmente. Ele não tinha ideia de como podia fazer algo assim, ainda mais com uma criatura que sempre julgara tão delicada, tão gentil.




– Não posso confiar em você! – rugiu Thomas. – Não posso confiar em nenhum de vocês. Só quero Nathan de volta, é apenas isso que importa.

Nas mãos de Thomas, Sinibundo pareceu se curvar, ferido por aquelas palavras.

– Quer dizer que *nós* não importamos. Nós, os esquecidos, não

importamos.

Houve uma longa pausa, e Thomas começou a se sentir horrível pelo modo como havia tratado Sinibundo. Então, o sinoforme o encarou com raiva nos olhos.

– Talvez o Chacal Lanterna esteja certo, Nosso Garoto – falou ele devagar. – Você deixou as coisas assim. Você arruinou tudo, e nos deixou aqui. Agora está tudo arruinado, só porque você não prestou atenção. Mas você voltou pelo filho, não foi? Talvez o Lanterna esteja certo.

As últimas palavras saíram fracas, tristes, e a fúria havia deixado seus olhos, substituída por uma tristeza terrível e pesada. As manchinhas azuis e douradas nos profundos olhos azuis começaram a se avermelhar, e Thomas achou que ele ia chorar. Seu lábio tremeu levemente, e os olhos começaram a se dirigir para todos os lados, como se ele quisesse olhar para tudo, menos para Thomas.

Thomas colocou o sinoforme no chão. Ajoelhou-se no sujo caminho ao seu lado, com o próprio rosto suplicando perdão em silêncio.

– Desculpe, Sinibundo – disse, com toda a delicadeza possível. – Eu só… só preciso achar Nathan. Por favor, meu único desejo é que ele volte em segurança para casa. Então… se eu for responsável pelo que aconteceu aqui, prometo que farei qualquer coisa para que tudo fique bem novamente.

Quase como um cão molhado se secando, Sinibundo começou a sacudir o corpo inteiro de tanta empolgação. Seu sorriso era escancarado e contagioso, e seu corpo badalava com o som mais feliz que Thomas jamais o ouvira fazer.

– Nosso Garoto! Nosso Garoto! Você realmente voltou! Sei que você consegue, sei que sim! Você pode ajeitar tudo! Claro que vamos ajudar, e quando o menino tiver voltado para o outro lugar, você vai ficar aqui conosco, e Florestranha ficará segura e bonita outra vez!

Naquele momento, Thomas começou a questionar a sanidade de Sinibundo, e por isso não corrigiu a presunção do sinoforme quanto ao rumo que as coisas tomariam no futuro. Naquele momento, tudo o que importava era salvar Nathan. Depois ele faria o que pudesse para salvar Florestranha; o que quer que fosse.

Desviou os olhos do ofuscante sorriso de Sinibundo e os concentrou novamente no caminho. A cabana queimada, o lago, a Via Sinuosa que levava a um mundo maravilhoso além. Enquanto conversava com

Sinibundo, a noite caiu, e tudo ficou realmente escuro. Agora, as estrelas alaranjadas brilhavam no céu, e Thomas percebeu que estava exausto. Precisava descansar.

Mas não haveria descanso. Não por algum tempo. Não a menos que fosse absolutamente necessário.

Franziu a testa e se voltou outra vez para Sinibundo.

– Onde estão todos os outros? – perguntou, percebendo na mesma hora que ainda não havia descoberto nada com o sinoforme, tirando o fato de que o Chacal Lanterna estava entre seus inimigos.

– Outros? – perguntou Sinibundo.

Então o sinoforme começou a tremer um pouco, como se estivesse com frio. Porém Florestranha estava quente aquela noite.

– Sinibundo? – Thomas insistiu

Mas o homenzinho não respondia. Estremeceu, olhando para o céu de estrelas alaranjadas, e Thomas teve a bizarra impressão de que de algum modo ele estava sendo eletrocutado. Era o jeito como ficava ali, quase petrificado, tremendo.

Um grunhido grave veio de trás de Thomas. Depois, as palavras:

– Está desse jeito desde que sua aldeia pegou fogo. Rabeca queria deixá-lo pra trás, mas não permiti.

Thomas virou-se e olhou para cima, para cima, e para cima, para encarar o focinho e os olhinhos brandos de Brigadeiro, o Pardo. Suas garras eram imensas, os dentes, punhais, mas Thomas não estava nem um pouco assustado. Confiou em Brigadeiro imediatamente. Talvez, pensou, sua ansiedade quanto a Sinibundo tivesse a ver com a questionável sanidade do sinoforme. E com a sua própria.

Brigadeiro era outra história.

Assim como fazia quando tinha oito anos, Thomas encurvou-se no abraço macio, úmido e peludo do Pardo, e sentiu-se seguro. Sussurrou seu nome, e Brigadeiro lhe deu tapinhas nas costas, como havia feito todas as vezes, em todas aquelas noites quando Thomas chorava.

– Nosso Garoto – sussurrou Brigadeiro –, vamos encontrar Nathan. Você não está sozinho nessa. Vai ficar surpreso quando descobrir quem ficou ao seu lado.

Aquilo deteve Thomas por um momento. Sentiu os braços do urso apertar-se em volta dele e perdeu o fôlego um pouco. Então, afastou-se do urso, encarou-o, encarou de novo o sininho maluco, e em seguida fez

um gesto com a cabeça.

Ele estava em Florestranha. Estavam com seu filho, Nathan, mas ele não era impotente ali. Florestranha não era realmente sua criação, porém, aquela Florestranha… aquela, ele tinha criado. Tudo o que havia feito contribuíra para lhe dar forma, para esculpi-la. Suas lembranças a tinham modificado, suas palavras a tinham ordenado. Sim, e, deixada por conta própria, ela começara a cair de novo no caos, de novo na própria lei, na própria consciência.

Mas ele conhecia aquele lugar. E conhecia todos eles. Havia um poder naquilo, e Thomas estava determinado a usá-lo contra Chacal Lanterna. Ele precisaria.

– Os Guardas-Florestais – disse, severo –, de que lado estão?

Brigadeiro soltou um grunhido grave. Sinibundo deu uma risadinha, e seu badalo tiniu duas vezes.

– Os Guardas não ajudaram nenhum dos dois lados, até onde sei – respondeu Brigadeiro, seu tom revelando desgosto.

– Não. Galholargo veio falar comigo, no meu mundo, e me advertiu – admitiu Thomas. – Se o capitão deles aliou-se a mim, os Guardas têm de se aliar também.

– E se eles recusarem? – perguntou o sr. Sinibundo, um franzir nervoso no rosto sinalizando sua preocupação.

– Então vou queimá-los todos – respondeu Thomas.

O Pardo chegou a estremecer.

Thomas virou-se e começou a caminhar para o sul, e os outros o acompanharam.

– Não acho que seja boa ideia levar Sinibundo pelos restos da aldeia – sussurrou Brigadeiro, olhando para o sinoforme que badalava alegremente bem abaixo deles.

– Não vamos tão longe – respondeu Thomas.

O urso ficou olhando para ele, mas Thomas não disse mais nada.

O fogo queimava, azulado.

Aquela foi a primeira pista que o General Manteiga de Amendoim teve de que as coisas não estavam muito bem. Com Rabeca sentado em seu ombro, o General havia avançado incansavelmente pela parte mais antiga da floresta. As árvores eram um pouco mais distantes entre si, e muito mais altas e grossas do que em outros lugares. Algumas tinham a

largura de quatro homens lado a lado, e eram mais altas do que os olhos do próprio General conseguiam enxergar, mesmo com o brilho das estrelas alaranjadas.

Aquele estranho par de viajantes passou quase o tempo todo em silêncio. O pouco que tinham em comum vinha de suas preocupações com o menino Nathan e com a própria Florestranha. E com sua jornada. A jornada era tudo o que importava agora. Ela e o sangue que correria ao seu término.

A vida selvagem era escassa, tirando diversos pássaros noturnos e um encontro inesperado com Fox Trote. Ainda que o General e Fox Trote tivessem trabalhado juntos diversas vezes para frustrar as melhores intenções do Garoto e daqueles que viviam na floresta perto da cabana de Resmungo, o General nunca havia confiado nele. Tampouco passara agora a confiar naquele pele-vermelha.

Mesmo assim, Fox Trote não era de modo algum amigo do Chacal Lanterna, nem faria nada que não fosse beneficiar a si mesmo diretamente. No conflito atual, o General tinha certeza de que era possível contar que aquela besta quadrúpede ficaria de fora de tudo. Na verdade, suspeitava que, tendo Fox Trote os avistado na floresta e percebido que provavelmente uma batalha se aproximava, ele se esconderia em algum lugar até que o pior passasse.

Inteligente e ardiloso, sim, mas a raposa era covarde.

Seguiram a jornada após aquele breve encontro e não esbarraram em nenhum outro companheiro de viagem. Os Repiques Laranja permaneciam em silêncio, como ordenara o General, passando por entre as árvores dos dois lados. Após um tempo, o General passou a vê-los tão raramente que quase se esqueceu de que estavam por perto.

A noite veio, e, enquanto a escuridão se esgueirava de árvore em árvore e de galho em galho, o silêncio varreu Florestranha. Fox Trote, ao que tudo indicava, não era o único que se escondera.

– Rabeca? – perguntou o General. Era a primeira vez em uma hora que rompia o silêncio. – Por que você faz isso?

O dragão inquietou-se e fez as asas musicais esvoaçar pela primeira vez em longos, longos minutos, fazendo com que o General outra vez lhe pedisse silêncio. Mas Rabeca torceu seu longo pescoço incrustado de escamas para poder olhá-lo diretamente em seus olhos de teias de manteiga de amendoim.

– Do que você está falando? – perguntou o dragãozinho.

O General acenou com a cabeça, percebendo que tinha se expressado inadequadamente.

– Se o Lanterna te pegar, ou, aliás, se Dentelongo ou Caracrânio te pegarem, eles vão te matar, meu amigo de barriga laranja. Está entendendo que vai morrer?

A cabeça de Rabeca se abaixou ainda mais, e ele olhou zangado para o General, os olhos apertados a poucos centímetros do rosto dele, fungando labaredas das narinas e chamuscando seu nariz.

– Meus pais estão mortos, não estão? – perguntou o dragão.

O General Manteiga de Amendoim arqueou as sobrancelhas diante daquela pergunta, ainda que ninguém que o visse fosse capaz de reconhecer a expressão, de tão coberto que estava. Ele olhou de volta para o dragão. Tantas perguntas lhe vinham à mente, mas, em vez de fazer uma única delas, apenas acenou devagar com a cabeça e disse:

– Sim, claro.

– Amor – disse Rabeca um instante depois. – Estou aqui por amor ao Nosso Garoto, e por amor ao filho dele e a Florestranha. Não consigo pensar em nenhuma outra razão.

O dragão se aproximou tanto que o calor de suas narinas parecia derreter a manteiga de amendoim no nariz do General.

– O que eu gostaria de saber, General, é por que *você* está aqui.

– Não tenho escolha – respondeu o General. – O que, creio, faz de você o mais corajoso.

Em seguida, olhou mais de perto o dragão por um longo momento antes de afastar os olhos, como que para indicar que sua pergunta seguinte não significava nada.

Mas o General Manteiga de Amendoim não era dado a conversas sem sentido.

– Permita-me perguntar, Rabeca – começou – Você se lembra de uma época antes de eu chegar? Uma época em que não havia um General Manteiga de Amendoim?

– Que perguntas mais estranhas você faz – respondeu o dragão.

Após essa troca, ficaram em silêncio outra vez. Até a floresta estava quieta. Haviam caminhado por entre as árvores. Às vezes, parecia que tinham chegado a uma trilha, mas logo viam que era só a topografia da região. Então, alcançaram um riachinho, aparentemente um afluente do

Cima-Rio, pois subia o íngreme paredão de um barranco e depois sumia na floresta.

E, momentos depois, o fogo. Uma luz azul, bruxuleante, que projetava sombras fantasmagóricas pelas árvores. E, nos galhos acima deles, em toda parte na floresta, coisas se mexiam; o General não achava que fossem os Repiques Laranja. Asas batiam como mariposas enxameando-se em torno de uma lamparina. Folhas farfalhavam. O General sentiu Rabeca agitando-se em seu ombro e rudemente sussurrou para o dragão ficar quieto.

À frente, talvez a uns sete metros de distância, a floresta abria-se numa clareira. Ali estava a chama, azul e branca, crepitando com uma fome destrutiva. Além da clareira, no seu limite extremo, havia a árvore mais larga que o General Manteiga de Amendoim jamais vira. Ele tinha estado naquela parte de Florestranha só uma vez até então, mas nunca havia passado por aquela clareira.

Que devia ser evitada.

– O fogo – subitamente sussurrou Rabeca, apontando um de seus finos braços para o círculo. – São pedras. Estão queimando pedras.

O General viu que era verdade. Na presença de toda aquela madeira, o que quer que tivesse acampado ali tinha feito uma fogueira de pedras. Como aquilo havia sido feito, o General não sabia. Mas não duvidava que fosse possível, porque estava vendo naquele momento.

– Devíamos voltar – sugeriu o dragão.

Com o canto dos olhos, o General viu como o pescoço de Rabeca estava virado, e conseguia sentir o modo como o dragão estava retesado para fugir. Calmamente, o General moveu sua mão direita para o cabo da espada e falou com o dragão sem se virar.

– Vamos seguir adiante – disse. – É a única direção que podemos tomar agora. Se você tentar fugir, eu mesmo vou cortar esse seu coração flamejante.

Rabeca não disse mais nada depois daquilo. Com o dragão no ombro, o General dirigiu-se cuidadosamente à clareira. Asas batendo, alguma coisa esvoaçou dos galhos acima deles e precipitou-se contra o rosto do General. Ele se abaixou, levantou uma mão para se defender, e diversas outras coisas como a primeira apareceram e imediatamente partiram para o seu rosto.

– Para trás! – gritou o General, e atacou. Ele atingiu alguma coisa e a

ouviu batendo em algumas folhas, espatifando-se na superfície da floresta.

Outra coisa veio para cima dele, agora a via claramente, na mesma hora em que Rabeca dizia seu nome.

– Ninfas de madeira!

E eram mesmo. Criaturinhas elementais, com corpos feitos de madeira e casca de árvore e asas de folhas. Seu rosto era selvagem, e luzes raivosas brilhavam em seus olhos.

Muitas estavam cobertas de polpa de laranja, e nelas o cheiro estava forte. Os olhos do General se arregalaram de horror. Aquelas criaturas os vinham seguindo, ladeando-os, e tinham matado os Repiques Laranja em silêncio. Nenhum deles tinha sequer gritado.

– General, está sentindo…? – começou Rabeca.

– Estão todos mortos – respondeu ele sombriamente.

As narinas do dragão expeliram fogo.

As ninfas de madeira então vieram num enxame, e o General tirou a espada da bainha com um movimento brusco e gosmento. A manteiga de amendoim foi arremessada da lâmina coruscante, e ele desferiu um golpe à sua frente. A lâmina acertou, atravessando a madeira. A manteiga de amendoim em seu ombro se desfez, exatamente como ele havia prometido, e Rabeca alçou voo, a música de suas asas cortando a escuridão, pulsando com o bruxulear da chama azul adiante.

Ao virar-se para encarar outro ataque, o General Manteiga de Amendoim deu um passo para trás, o corpo procurando naturalmente um espaço mais amplo a partir do qual se defender, e adentrou a clareira.




As ninfas de madeira não o seguiram.

Ficaram à espreita no limite da clareira, com uma luz feia e avermelhada brilhando em seus olhos enquanto o fitavam raivosamente por um instante. Depois, se viraram para ajudar as companheiras de armas a atacar Rabeca.

– Dragão, para cá, agora! – gritou o General. – Elas estão com medo deste lugar!

Imediatamente Rabeca se mexeu. Ouviu o General e, com o tilintar de sinos de vento, atravessou os galhos. Diversas ninfas de madeira se agarravam a suas asas, mas ele as jogou contra os troncos antes de pairar acima da clareira. Momentos depois, acomodou-se não muito longe dos pés do General Manteiga de Amendoim.

A três metros das pedras ardentes.

Ao redor de toda a clareira, as ninfas de madeira espreitavam. Para todos os fins, estavam presas.

– Criaturas malignas – observou o General.

– Muito – concordou Rabeca. – Mas o que eu gostaria de saber é por que criaturas tão horríveis têm medo desta clareira.

Soldado e dragão encararam-se, e o General sentiu um temor esquisito tomando forma dentro de si. Outra vez olhou para as pedras ardentes e, depois, observou a enorme árvore do outro lado da clareira. Rabeca também se virou para olhar a árvore.

– É ela, não é? – perguntou o dragão.

– Acho que sim – respondeu o General.

Juntos, andaram lentamente pela clareira e se aproximaram da enorme árvore. Dirigindo um último olhar ao dragão, o General se ajoelhou no chão diante dela.

– Rainha da Floresta – disse baixinho, com um respeito profundo e duradouro. – Por favor, ouça nossas vozes suplicantes. Um menino está em apuros, vítima do Chacal Lanterna. Porém, não se trata de um menino qualquer. E, se ele morrer, toda a Florestranha poderá morrer junto.

Como que esperando alguma resposta, o General ergueu os olhos para a árvore imóvel e inexpressiva. A seu lado, Rabeca também parecia olhá-la em busca de respostas. Após muitos minutos se passarem e o General se cansar de parecer um tolo, se levantou.

– Você costuma rezar para as árvores? – perguntou uma voz.

Uma voz muito feminina, de um jeito que o General jamais teria imaginado que seria a voz de uma árvore. Ergueu os olhos para o lugar de onde achava que a voz tinha vindo, e de fato lá estava ela.

No mais largo dos galhos mais baixos da árvore estava sentada uma jovem, balançando as pernas. Estava nua, ainda que essa condição, pensou o General, parecesse razoável quando se considerava que era feita de madeira. Quando encarou seus perturbadores olhos brancos, que brilhavam como estrelas – se é que as estrelas eram mesmo brancas – o General sabia que o assunto entre eles ainda não estava encerrado.



Com um mínimo impulso, a Rainha da Floresta caiu da árvore na dura terra da clareira. Agora ele a via com maior clareza, à luz bruxuleante da fogueira de pedras. Longos fios de galhos de salgueiro pendiam em suas costas, e ele teve a impressão de que aquilo pretendia ser cabelo. Sua pele era coberta de uma casca tenra, jovem e perfeita, com verticilos e nós que eram sedutores por si sós. Seu rosto parecia um pouco verde, como se fosse primavera, talvez.

Ele a achou muito bonita.

– Você blasfema vindo aqui, sabe disso – falou ela num tom suficientemente suave. – Mesmo entrar nesta clareira o condenará. Mas, então, você me insulta com a história de um menino em perigo. Um menino cuja vida coloca a própria floresta em perigo.

Delicados dedos-galhos que repetiam a forma sedutora de seu corpo começaram a crescer e a se mover. Estavam mais afiados agora. Os galhos de salgueiro que, segundo achou, não passavam de cabelo, pareciam balançar. Maciços espinhos começaram a irromper de seu corpo como bolhas.

– Nada acontece nesta floresta sem que eu saiba. Se o Chacal

Lanterna tiver sucesso ou fracassar, isso não me diz respeito. Mas não tolerarei afrontas – afirmou a Rainha da Floresta.

– Você está louca – contestou Rabeca, as asas já tocando uma melodia discordante. – Se não impedirmos o Lanterna, pode ser que não sobre nada. Talvez nem existamos mais!

– Eu sou a Rainha da Floresta! – proclamou. – Sempre vou existir. Mas vocês… vocês dois vão morrer por seu sacrilégio.

Com seu corpo de madeira encrespando-se em maciços espinhos, ela se dirigiu ao General. Ele manteve sua espada em guarda, e, além do círculo, as ninfas de madeira chilreavam empolgadas.

– Por Nathan – murmurou o General para si mesmo.

Mas, mesmo com a música, Rabeca o ouviu.

– Por Nathan – repetiu o dragão. – Por Florestranha.

Na manhã de quinta, Emily acordou antes do sol e não conseguiu, por mais que tentasse, voltar a dormir. Ela nunca tinha dormido na casa de Joe antes, e a peculiaridade daquilo, a estranha liberdade que vinha de não ter de dar satisfação a ninguém, só serviu para que pensasse com ainda maior desespero em Nathan e em Thomas.

Mas então ela observou Joe dormindo. O suave ir e vir de seu peito e o movimento dos olhos sob as pálpebras. Ele estava sonhando.

– Sonhe comigo – sussurrou ela, beijando seus olhos, antes de vestir um espesso roupão de algodão de Joe e descer para a cozinha.

Ela fez um café bem forte e acrescentou apenas um tiquinho de leite. Ainda estava escuro, mas já havia uma mínima insinuação de luz no horizonte, e o céu assumira uma qualidade surreal e bidimensional que a fascinava. Depois de passear pela sala de estar, vendo os CDs da coleção de Joe e olhando os livros numa estante alta, Emily decidiu subir e voltar para a cama.

Estava nua sob o roupão. Se ele acordasse, tanto melhor. Se não, ficaria igualmente contente por se aconchegar a ele, sentindo seu calor. Mesmo com o café, era possível que adormecesse outra vez.

Ao voltar para o quarto, ela deixou cair o roupão, mas hesitou. Ainda fascinada por aquela hora do dia, quando a luz lentamente vencia as trevas, Emily foi até a janela e espiou o lado de fora. Havia pouca chance de que fosse vista, mas, mesmo assim, sentiu-se um tanto ousada. Uma mulher nua emoldurada por uma janela. Havia algo um pouco excitante

naquilo.

Ela voltou os olhos para o céu, para as estrelas brancas que sumiam, para o modo como a lua parecia um fantasma, agora que um pouco de azul tinha começado a infectar a negritude da noite. Examinou a copa das árvores atrás do apartamento, depois observou o telhado e as janelas das casas atrás do prédio de Joe, que também poderiam ter pessoas admirando a manhã, pegando-as de surpresa.

Um fardo terrível repousava sobre os ombros de Emily. Não apenas um, muitos. O maior deles era o bem-estar do filho, e era essa a prioridade que a conduziria por ora. Tinha muito o que fazer, e faria, não importava o que acontecesse.

Mas, naquele momento, bastava a paz da aurora.

Pássaros haviam começado a cantar enquanto ela fazia o café. Agora já compunham um verdadeiro coral da manhã. Diversos pardais piavam e levantavam voo dos galhos de um carvalho atrás do apartamento, e Emily os observava partir com o coração cheio, tanto de dor quanto de alegria. Seus olhos permaneciam na árvore, em seus galhos e no modo como as folhas pareciam se mover, mesmo sem uma brisa.

Na massa escura em meio aos galhos.

Nos olhos, encarando-a através das folhas.

Olhos de fera. Um rosto de barba espessa. Ou pelo.

Com um grito de surpresa e medo, Emily recuou até seus calcanhares acertarem a cama e ela se sentar pesadamente no colchão, no momento em que Joe virava os lençóis para ir para o seu lado.

– Em, meu Deus, o que…

– Lá fora! – respondeu ela bruscamente, e sua mente disparou. – Ele estava na árvore, logo ali. Me observando. Observando este quarto, Joe!

Ela via a dúvida começar a nublar o olhar dele, e ficou zangada.

– Que droga, Joe, logo ali! – rosnou ela, e o levou à janela para apontar para a árvore onde vira o rosto. Os olhos.

O observador tinha sumido.

– Ele estava ali – disse Emily.

– Escute, Em – começou Joe –, talvez você esteja apenas… – ele parou ali. A expressão em seus olhos, como Emily sabia, bastou para que não prosseguisse.

– Veja, podemos chamar a polícia se quiser – Joe acrescentou por fim. – Mas cuidado para não se deixar levar.

Tarde demais, pensou. Porque Emily já havia se deixado levar, carregada pelas loucas suspeitas e pelos acessos de paranoia de um homem que tinha acabado de tentar se matar. Nathan tinha visto alguém no quintal de Thomas. Thomas achava que havia um perseguidor. Agora Nathan e Thomas estavam no hospital, e, se os médicos podiam arriscar alguma estimativa do que havia sido a causa do problema deles, a ausência de qualquer sinal de recuperação era desconcertante até para os médicos mais perspicazes ou arrogantes.

– Ele estava ali – insistiu Emily, enquanto Joe pegava o telefone para ligar para a polícia.

E, ainda que seu temor por Nathan e por Thomas fosse extraordinário e a consumisse totalmente, Emily não conseguiu evitar um único instante de preocupação com outra pessoa. Com ela própria.

Se havia um caçador à solta, acabara de se tornar o alvo.

# Capítulo 13

Debaixo de um cobertor pesado e bolorento, Nathan dormia um sono irregular. Tinha chorado muito antes de finalmente adormecer. Agora estava no colchão duro, a barriga redonda de garotinho estirando-se para fora, entre a camiseta amarrotada e a única cueca que tinha. Quase as tinha tirado para dormir nu, mas o cobertor era sujo e fedido, e ele ficara com nojo. Preferia não ter precisado dele, mas estava frio demais para não usá-lo.

Seu pé direito escapava sob o cobertor, nu e redondo, ainda com a maciez e o rosado da infância. Rosado, mas ficando pálido e talvez um pouco cinza, porque Nathan não se sentia bem. Nada bem. Mesmo em seu sono, fungava e tossia um pouco, a garganta apertada por uma espessa camada de muco que se acumulara ronco a ronco.

Em seu sono, sonhava com sua casa. Antes de enfim ceder a João Pestana, pensou em seu quarto em casa. Não na casa do pai, ainda que também tivesse um quarto ali, do qual gostava bastante. Mas não era seu quarto de verdade. Ele sonhava com seu quarto em casa, e com os pais, quando costumavam sorrir um para o outro. Isso não estava tão perdido no passado para que tivesse esquecido. Ainda se lembrava daqueles sorrisos, lembrava-se de causá-los.

No sonho, Nathan também estava na cama, mas não dormindo. Em vez disso, discutia a respeito do sono, afirmando que as regras do João Pestana, que sua mãe detalhava exaustivamente, não se aplicavam a ele. Ela se deitava ao seu lado na cama, alisando seu cabelo e tentando não rir, para que Nathan entendesse que ela falava sério. Tudo o que ele queria era aquele sorriso, e ele trabalhara duro até consegui-lo.

No sonho, seu pai estava do outro lado, o que era impossível, já que a cama era pequena. Mas era um sonho. E, nele, o pai cantava, baixinho,

suavemente, do modo como sempre cantava quando ele não conseguia dormir. Ou quando estava doente. Havia muitas canções que o pai cantava, mas, no sonho, só conseguia ouvir uma delas. “Além do arco-íris”, a música cantada por Dorothy em *O mágico de Oz* durante a parte chata em preto e branco.

Nathan adorava aquele filme. Sobretudo os macacos com asas. E ficara muito decepcionado ao descobrir que não existiam macacos com asas.

Em seu sono, Nathan tossiu forte, liberando um fio de muco marrom-escuro que incomodava sua garganta, e o sonho acabou. Acordou com um ligeiro sobressalto. Os olhos ficaram abertos um momento antes de conseguir reconhecer o ambiente. O cheiro do cobertor bolorento, o vento frio batendo contra os parapeitos da fortaleza. A aparência ameaçadora das frias e escuras paredes de pedra ao redor. Sentiu, viu e ouviu aquilo tudo, e, outra vez, mal pôde acreditar que fosse real. Não era para ele estar ali.

Novamente tossiu, dessa vez expelindo um naco de muco do fundo da garganta. Fraco, levantou a cabeça e o cuspiu no chão de pedra no canto do quarto.

Nathan respirou fundo e depois sentiu o rosto desmoronar. Seu lábio inferior tremia muito e fazia bico. Seus olhos se estreitavam, as sobrancelhas se aproximando como se estivesse com raiva. As lágrimas vieram sem aviso-prévio, e os lábios que faziam bico se abriram, prensando-se contra os dentes, e ele enfim soltou tudo, um choro ribombante de medo, ódio e solidão que vinha se acumulando desde que despertara em Florestranha.

Um choro torturante tomou conta dele. Houve um momento em que recordou a promessa que fizera silenciosamente a si mesmo – a promessa de não chorar. Mas ele tinha cinco anos e meio, e essas coisas não o perturbavam excessivamente. Choramingava, tossia e chorava, e usava o cobertor fedido para enxugar os olhos e o nariz fungante porque era tudo o que tinha.

Um súbito calafrio tomou seu corpo, e ele estremeceu sob o cobertor, voltando a tossir. Sua garganta doía. Quando o calafrio se foi, notou, surpreso, que se sentia aquecido.

Após as lágrimas cederem, fechou os olhos e tentou dormir. Trouxe as pernas para perto de si, virando uma bolinha debaixo do cobertor.

Logo o sono voltaria. Estava com medo, mas queria dormir. Era a única maneira de ficar longe do medo, da tosse e de Florestranha.

Então, logo antes de cair no sono mais uma vez, ouviu os passos de grossas patas e o clique de garras afiadas no chão de pedra da sua cela. Seus olhos se abriram de súbito, mas não ousou se mexer. Na parede, viu a luz bruxuleante projetada pelo sinistro brilho que vinha de dentro da cabeça de abóbora do Chacal Lanterna, que se refletia na parede, com sombras no lugar dos olhos, do nariz e da boca do Velho Chacal, mas retorcidas desproporcionalmente. Se fosse possível, era algo ainda mais horrível do que o rosto verdadeiro do Lanterna.

– Sei que está acordado, garoto – disse o Lanterna, cuja voz crepitava como lenha seca na lareira.

Nathan não disse nada. Não queria olhar a coisa. Não conseguia olhá-la. Quando o couro da sola de uma pata tocou a carne exposta de suas costas, Nathan se encolheu. Três garras afiadas espetaram sua pele, e ele ficou petrificado. Uma delas apertou sua carne, furou-a, tirou sangue.

– Me deixe em paz! – gritou Nathan, a histeria superando o medo. – Me deixe em paz, senão meu pai vai matar você!

Em seguida, mordeu o lábio, o coração batendo ensandecidamente enquanto aguardava o Chacal Lanterna arranhá-lo, matá-lo. Uma parte sua já nem se importava, aterrorizada demais para sobreviver ao medo um segundo a mais.

Sentia o hálito quente e úmido do Velho Chacal à medida que o cão de cabeça de abóbora se aproximava dele. Conseguia ouvir a respiração irregular do Lanterna e sentir o calor daquele fogo esquisito em sua nuca. Nathan fechou os olhos bem apertados. O silêncio era demais. Ele só queria ir para casa. Para sua casa, sua cama, suas espaçonaves e seus vídeos, e o trator amarelo em que andava por horas na rampa da garagem da mãe.

– Jamais ouse me ignorar – sussurrou o Chacal Lanterna, e um fiapo espesso de baba quente foi se derramando pela nuca de Nathan.

Nathan achou que ia vomitar. Em vez disso, passou a tossir novamente, cuspindo um muco escuro. Ainda se recusava a abrir os olhos.

– Só vim aqui dizer que seu pai está a caminho.

Com um sobressalto, Nathan abriu os olhos. Não se virou para encarar o Lanterna, ficou observando a parede, atônito. A esperança

surgiu em seu coração.

– Talvez demore um pouco – acrescentou Lanterna –, mas ele enfim está aqui em Florestranha. Outra vez conosco. Enquanto ele fizer o que for mandado, você talvez possa viver, jovem senhor Nathan. Isso é bom. A floresta precisa de um herdeiro.

Depois disso o Lanterna se retirou. Não havia mais hálito quente nem baba caindo. O pisar e o arranhar de suas patas na pedra foram se afastando, e Nathan ouviu a porta se fechar. Ficou esperando em silêncio por muitos minutos antes de ousar abrir a boca. Quando a abriu, tossiu outra vez. Mas, quando a tosse cedeu, permitiu-se um mísero e fraco sorriso.

– Papai, por favor, venha logo – sussurrou.

E não mais dormiu depois disso.

Emily deixou a casa de Joe logo depois das sete da manhã. Dirigiu lentamente até sua casa, onde tomou banho e se vestiu sem nenhuma sensação de urgência. Nathan estava no hospital. Thomas estava no hospital – e ela ainda não sabia qual era sua condição. Mas não tinha pressa. Havia tempo o bastante naquele dia para tratar das tarefas desagradáveis que se anunciavam.

Com toda a sua força, tentava não pensar no rosto que achava ter visto do lado de fora do apartamento de Joe ao amanhecer. Não conseguira dormir depois, mas mesmo assim aquilo tinha assumido uma espécie de qualidade estranha, onírica. Poderia ter sido qualquer coisa. Qualquer um. Um morador de rua. Uma criança subindo numa árvore. Mas, ao amanhecer, quantas crianças estavam por aí? Nada disso era mais provável do que suas primeiras conjeturas a respeito de um perseguidor.

Mas esse negócio de perseguidor também não fazia tanto sentido. Os médicos já haviam descartado o veneno no caso de Nathan, e era óbvio que Thomas fizera aquilo contra si mesmo. Mesmo assim, ela prometeu a si própria que telefonaria para aquele detetive, Walt alguma coisa, que tomara o depoimento de Thomas sobre suas suspeitas e sobre a possibilidade de atividades criminosas no caso da catatonia de Nathan.

Aquilo, porém, teria de esperar. Emily já tinha coisas demais para pensar naquele dia. Coisas que precisavam ser feitas.

Coisas que não queria fazer.

Revigorada pela ducha e sentindo-se muito mais confortável num jeans limpo e numa blusa magenta de algodão, foi para trás do volante, girou a ignição do motor e ficou olhando o celular. Estava inclinada a trabalhar no carro, usando aquele tempo – que de outro modo se perderia – da melhor maneira possível.

Tirando os olhos do telefone com determinação, Emily engatou a ré e saiu da rampa de acesso. Durante toda a viagem seguindo a Broadway a norte até o hospital, estava consciente dos telefonemas que precisavam ser dados. Mas, antes que pudesse fazê-los, precisava ver o filho. E precisava ver Thomas.

No quarto de Thomas, que ficava dois andares abaixo do de Nathan, Emily observava os traços pálidos do ex-marido. A vontade de xingá-lo havia diminuído, mas não podia evitar a ansiedade provocada por sua condição. Ela queria lhe perguntar novamente, sussurrar-lhe novamente, ainda que soubesse que ele não era capaz de responder. Precisava saber por que ele havia feito aquilo. Mas não estava sozinha, por isso não disse nada.

– Como ele está? – perguntou ela.

O dr. Gershmann, que cuidava de Nathan, pareceu esvaziar quando Emily fez a pergunta. Eles tinham entrado juntos havia apenas alguns momentos, e o médico obviamente estava esperando aquela pergunta. Em vez de respondê-la, porém, inclinou a cabeça para passar a questão à moça a seu lado, que tinha a pele mais negra e perfeita que Emily já vira. Quando ela sorriu, foi impossível para Emily não sorrir em resposta.

– Meu nome é Callie Cardiff – disse a mulher num tom agradável, dando um passo à frente e estendendo a mão. Emily apertou-a, notando ao mesmo tempo a surpreendente firmeza de seu toque e o fato de que era muito mais baixa do que parecera a princípio. Carisma, pensou Emily. O carisma operava prodígios.

– Sou eu a médica responsável pelo seu marido – prosseguiu a dra. Cardiff. – Para responder à sua pergunta, ele está estável. Não vou dizer que esteja bem. Está longe disso.

Emily voltou os olhos para Thomas.

– Foram os comprimidos? – perguntou, já sabendo a resposta.

– Barbitúricos – respondeu a dra. Cardiff. – Tomados com uísque,

aparentemente. Se houvesse mais comprimidos naquele frasco, provavelmente já estaria morto. Segundo a ficha, ele tinha os remédios para convulsão, e isso significa que deve ter recebido as advertências usuais. Mas devia saber que o que tomou não seria suficiente para matá-lo, por isso seu ato me causa certa perplexidade. Ninguém toma um monte de barbitúricos junto com uísque, a menos que o objetivo seja suicídio.

Emily ficou olhando para ela. Qualquer encanto que a mulher possuísse havia sumido. Ela quase fez um comentário sobre como o verdadeiro enigma era a delicadeza da dra. Cardiff, mas ficou em silêncio. Entendendo o silêncio como deixa para continuar, a médica dirigiu-se para a cama de Thomas.

– Quase o perdemos esta noite – disse.

Com um sobressalto, Emily olhou para Thomas e depois para o dr. Gershmann. Sentia-se muito mais tranquila com ele do que com Cardiff, mas Gershmann era pediatra.

Contudo, foi Gershmann quem explicou, as mãos na barriga, como sempre, como se tentasse impedir que ela inchasse ainda mais.

– Seu ex-marido teve insuficiência respiratória logo depois de você trazê-lo. Agora ele está estabilizado, então provavelmente isso não vai acontecer de novo.

– Provavelmente? – perguntou Emily.

– Neste momento estamos fazendo tudo o que podemos para tirá-lo desse estado – explicou a dra. Cardiff. – Talvez esteja sendo otimista, mas, considerando o número de comprimidos que tomou, achei que já teria acordado. Quanto mais tempo ficar em coma, menos chance haverá de simplesmente acordar. A verdade é que agora a situação se resume a esperar para ver o que vai acontecer.

Emily sacudiu lentamente a cabeça e suspirou, tentando segurar as lágrimas.

– Exatamente como Nathan – falou.

– Não exatamente – respondeu o dr. Gershmann. – Essa é uma das razões pelas quais eu quis descer aqui e falar com a senhora. O caso de Nathan é significativamente distinto do de seu pai. O senhor Randall fez algo radical com seu corpo. A reação é severa, talvez fatal.

Emily piscou ao ouvir aquilo.

– Nathan tem ótima saúde – acrescentou Gershmann. – Todos os

nossos testes confirmam isso. Mandamos o resultado do eletro e outros exames para especialistas em Boston e Chicago, e ninguém nunca viu nada assim. Para todos os propósitos, Nathan está bem. Sua atividade cerebral mostra um padrão bastante normal, bastante desperto. Agora, não é anormal que uma pessoa em coma demonstre muita atividade cerebral; a imaginação e o subconsciente são coisas poderosas. Mas o nível aqui é extraordinário.

– O que, em resumo, significa que você ainda não sabe o que há de errado com meu filho – Emily acrescentou, amarga. – Não há nada de errado com ele, tirando o fato de que não acorda. Está só esperando a visita da Princesa Encantada, não é?

Gershman franziu a testa, parecendo desconfortável, e a dra. Cardiff pegou a ficha de Thomas, ignorando Emily por completo.

– Veja, senhora Randall – explicou, mal-humorado, o dr. Gershmann, alisando seu bigode –, não há necessidade de…

– Não há necessidade? – perguntou Emily, mentalmente esgotada. – Você me diz que a única coisa que me importa na vida foi tirada de mim e não consegue entender por que, e a única pessoa que poderia entender como me sinto decide tomar uma overdose… e aí você quer que eu fique calma e ainda por cima seja gentil, porra?

Parte dela ficou revoltada com esse desabafo. Os médicos vinham fazendo o máximo que podiam. Ela sabia. Mas outra parte precisava daquilo desesperadamente. Precisava descarregar em alguém. Gershmann e Cardiff a olharam por um instante, combinando em ambos os rostos expressões diversas de preocupação. O que só piorava tudo.

– Eu… peço desculpas, eu… – começou Emily. Então acenou para o nada, como se um inseto a assediasse.

– Não se preocupe, senhora Randall. – O dr. Gershmann deu um passo na direção dela, efetivamente eclipsando Cardiff, que pareceu aliviada com a atitude. – A senhora gostaria de subir para ver o Nathan agora?

Emily mordeu o lábio inferior. Sua bolsa estava numa cadeira estofada marrom, no canto do quarto de Thomas. Observou-a por um longo instante. Seu celular estava na bolsa. Assim como sua agenda telefônica.

– Vou subir daqui a pouco – disse ela, ensimesmada. – Preciso resolver umas coisas primeiro, e vou resolvê-las aqui mesmo.

Emily sentou na cadeira ao lado da cama de Thomas. Havia um cheiro estranho no quarto, como se alguma coisa estivesse queimando. Franziu a testa e inclinou-se na direção de Thomas, por alguma razão não se surpreendendo ao perceber que o cheiro vinha dele. Ele nem sequer havia se aproximado de uma fogueira, claro, mas suas roupas estavam com cheiro de fumaça.

Os médicos pediram licença e se dirigiram à porta. Quando Gershmann segurou-a para Cardiff, Emily deu uma olhada em Thomas e se perguntou quais as chances de algo assim acontecer com qualquer pessoa. Seu filho e seu ex-marido, tão próximos um do outro, e no entanto tão distantes de todo mundo.

Quais eram as chances?

– Doutora Cardiff? – chamou de repente, fazendo com que os dois médicos parassem na porta do quarto.

Longe da luz direta do quarto, a pele da dra. Cardiff parecia ainda mais escura. Uma negritude tão reluzente que a fascinava tanto, a ponto de, por um instante, querer tocar seu rosto. Os olhos tão negros, o nariz tão aquilino e perfeito, as maçãs do rosto proeminentes.

Parecia um pássaro.

Um corvo.

Emily piscou diversas vezes, depois pigarreou.

– Já fizeram eletro no Thomas?

– Ele tem um eletroencefalograma marcado para hoje mais tarde – respondeu a dra. Cardiff. – Queremos ter uma ideia de quanto mal ele pode ter causado a si mesmo.

– Gostaria de saber os resultados – pediu Emily. – Também gostaria de monitorar as ondas cerebrais dele, para ver se há padrões similares aos que você está encontrando no Nathan.

O dr. Gershmann entrou no quarto, e ambos olharam para Emily de um jeito esquisito.

– Senhora Randall – disse ele –, já disse que não há semelhança entre a condição de seu filho e a do pai dele.

– E, mesmo que houvesse – advertiu a dra. Cardiff sem nenhuma ternura –, a senhora é ex-mulher dele. Precisaríamos do parente mais próximo para atender a esse tipo de pedido.

Emily os encarou.

– Meu divórcio foi bastante amigável. Thomas e eu nunca revogamos

nossos mandatos nem nossas procurações para questões de saúde. Parece pouco ortodoxo, mas Thomas é assim. Essa procuração de saúde faz com que o pedido venha como se fosse do próprio paciente. Por favor, façam o que estou pedindo.

– Para ser sincera, como aparentemente não teremos uma recuperação rápida, vamos monitorar a atividade cerebral de qualquer jeito – respondeu a dra. Cardiff. – Mas não existe razão nenhuma para esperar alguma semelhança. Você conhece alguma razão que talvez estejamos ignorando?

– Apenas me mantenham informada, por favor – repetiu Emily, sem querer responder à pergunta. Fazer isso significaria fazer a ela própria a mesma pergunta. E aquilo era algo que simplesmente não podia fazer.

Não agora.

– Tudo bem – concordou Cardiff. Depois, virou-se e saiu do quarto, lançando um estranho olhar para Gershmann. Um olhar que, Emily teve certeza, questionava a estabilidade mental dela.

Bem, não precisavam se preocupar, pensou. Ela não faria nada insano nem idiota como tomar uma overdose de barbitúricos e álcool. Outra vez, olhou para Thomas e sentiu cheiro de fumaça, como se houvesse lenha queimando numa lareira. Quando ergueu os olhos, o dr. Gershmann também havia saído, e ela estava sozinha com o ex-marido.

Emily ficou um momento de pé e foi até a feia cadeira marrom para procurar o celular na bolsa. Seu primeiro telefonema foi para Lorena, no trabalho. As coisas estavam indo bem, segundo sua assistente. Não tão bem quanto estariam se Emily estivesse no escritório, mas eles estavam levando. Havia questões a responder, e fazia-se necessária a confirmação de Emily a respeito de novas contratações. Lorena mandaria a papelada para sua casa, e Emily assinaria tudo lá. A assistente tinha esperança de tirar férias em outubro, e assim Emily lhe prometera, mesmo que as coisas não tivessem mudado com Nathan. Àquela altura, supunha, já estaria de volta ao trabalho, de qualquer modo.

Nathan estava deitado, os olhos fechados com adesivos, numa cama dois andares acima dela, e a vida continuava ao redor. Os médicos ainda não tinham dito nada, mas Emily suspeitava que, se Gershmann e seus colegas não conseguissem descobrir nada em breve, acabariam sugerindo transferi-lo para um serviço de cuidados crônicos.

Esses pensamentos sobre o futuro eram um luxo que Emily mal podia

dar a si mesma naquele momento. Não daquele jeito, com os olhos ardendo por lágrimas não derramadas. Não daquele jeito, com o coração parecendo crescer em seu peito.

Mas eram questões que precisavam ser enfrentadas. E, como percebia agora, como verdadeiramente entendia pela primeira vez, eram assuntos que teria de enfrentar sozinha, mesmo que Thomas se recuperasse.

Dúvidas demais, pensou. Thomas não era mais seu marido, mas a ideia de ele vir a morrer era demais, por isso a afastou.

– Seu burro idiota – sussurrou.

Então tirou a agendinha preta da bolsa e olhou o número de Chris Lebo, o advogado que a representara no divórcio. Discou o número no celular, e ele atendeu no terceiro toque.

– Savage e Winter – falou.

– Oi, Chris, aqui é Emily Randall – respondeu, deixando os olhos percorrer a figura imóvel de Thomas e a vista da janela. – Como vai?

– Só trabalho e nenhum descanso, Emily – respondeu Lebo. – Como posso ajudá-la?

Emily parou. Seu olhar se voltou para Thomas. Ela examinou seu rosto. Suas pálpebras sem movimento. Thomas não sonhava – não agora. Talvez nunca mais sonhasse.

– Aconteceram algumas coisas que você deveria saber – começou. – Preciso preparar imediatamente a papelada para ter a custódia total do Nathan.

Quase conseguiu ouvir Lebo ofegar de surpresa.

– Caramba – disse o advogado. – Melhor você começar do começo.

Nas últimas horas da tarde, a maioria das quais passada no quarto de Nathan lendo para ele um livro de contos de fada dos irmãos Grimm, Emily se deu conta de que havia passado o dia inteiro sem verificar suas mensagens. Abrindo outra vez o telefone, ligou para casa. Havia sete mensagens: duas de Joe; duas de Lorena; uma da irmã de Thomas, pedindo notícias; e duas de Francesca Cavallaro, que ainda tentava fechar o negócio com a Fox e precisava saber com quem falar. Dizia que se sentia mal por incomodar Emily num momento tão difícil, mas o negócio era importante para o futuro de Nathan.

Ou ao menos era isso que ela dizia.

E Emily não tinha dúvida de que ela acreditava mesmo naquilo. Mas,

para Francesca, havia mais em jogo. Havia a própria comissão, claro. E também o fato de que, até onde Emily sabia, Frankie nunca tinha participado de uma negociação tão grande. A Fox era muita coisa, e ela queria garantir que o negócio não fosse azedar. Emily não podia culpá-la.

Com um longo suspiro e um menear de cabeça, telefonou para Francesca, achando que a secretária eletrônica atenderia. Não estava preparada quando um ser humano de verdade respondeu do outro lado:

– Francesca Cavallaro.

– Ah. Oi, Frankie. É a Emily.

– Emily, obrigada por ligar de volta – disse Francesca imediatamente. – E o Thomas?

– Estável, por ora. Ainda não sabem qual é o prognóstico no longo prazo – respondeu.

Francesca soltou um longo suspiro, que pôde ser ouvido através do telefone.

– Por favor, mantenha-me informada, está bem? Quanto ao outro negócio, desculpe, mas não sei mais pra quem ligar, e isso é…

– …muito grande. Pois é. Entendo. – A voz de Emily estava fria, mais por distração do que propriamente alguma hostilidade.

Houve uma longa pausa do outro lado. Por fim, Francesca disse:

– Sabe de uma coisa? Isso pode esperar. Eu não devia ter ligado. Só achei que era algo que devia ser resolvido.

Emily ouviu a dor na voz da outra mulher, e aquilo acabou com a frieza que a invadira. Que tola tinha sido. Frankie se importava com Thomas. Não só com o trabalho dele ou com as comissões dela. Estava realmente com medo do que poderia lhe acontecer.

– Escute, Frankie, o negócio é o seguinte – falou Emily, a emoção começando a se infiltrar de novo em sua voz –, ainda tenho autoridade pra isso – revelou. – Você faz o melhor negócio que conseguir, e eu assino por Thomas. Vou querer a aprovação da advogada dele, mas não acho que a Kym vá reclamar. Só tem um detalhe: todas as pessoas envolvidas no negócio, ou na produção da série, precisam ler os livros.

Francesca resmungou.

– Não posso colocar isso no contrato – objetou.

– Precisa colocar – disse-lhe Emily. – Nem é pedir muito, Francesca. Quem vai trabalhar em Florestranha tem de, pelo menos, conhecer o

material original. O que fizerem depois é problema deles.

– E como você pensa em aplicar essa regra? – perguntou a outra mulher, incrédula.

– Não tenho como aplicá-la. Mas, se descobrir depois que ninguém leu os livros, processo todo mundo.

– Nem Thomas pediu isso.

– Deveria ter pedido. Existe mágica em Florestranha. E um certo toque de gênio. Cheguei a um ponto em que tenho de me perguntar se isso vai ser tudo o que Thomas Randall deixará.

Então Emily não conseguiu mais falar. As palavras fugiram-lhe por completo. Thomas sempre considerara Nathan o seu legado. Talvez aquilo não fosse mais possível.

Balbuciou um adeus em meio aos resmungos de Francesca e desligou o telefone. Tinha encerrado. Já bastava por aquele dia. Encarar a realidade era uma necessidade horrível. Emily gostaria de poder submergir em alguma espécie de ignorância, mas não havia nenhum modo de escapar da terrível verdade do que acontecera com sua família já dividida.

Nenhum modo – exceto o que Thomas tinha escolhido.

E Emily o odiava por isso. Ou, pelo menos, queria odiá-lo. Mas como odiar alguém a quem se ama?

Joe tinha deixado uma mensagem mais cedo, dizendo que ela deveria encontrá-lo no Horsefeathers para jantar, se quisesse. Às sete. Eram cinco e meia quando Emily saiu do hospital, e agora dirigia, sem na verdade prestar muita atenção. Já tinha feito aquela viagem tantas vezes, que podia passar um ou dois quilômetros sem perceber. Seu subconsciente era capaz de guiar o carro, assim como guiava seus dedos ao digitar.

O sinal vermelho na rua Principal com a Broadway trouxe-a de volta à realidade. Piscou diversas vezes, percebeu que detestava a música que estava tocando e mudou de estação para extirpá-la de sua vida. A estação que escolhera tocava um rock suave e inofensivo, e ela deixou a mente voltar ao piloto automático.

Uma curva à esquerda após o sinal levou-a outra vez à subida que dava em Marymout. Foi quando diminuiu para virar à direita, no caminho que conduzia para Tappan Hill, que Emily notou um

movimento nas árvores à esquerda. Galhos se mexendo sem nenhuma brisa, mas, mais do que isso… algo passando rápido pelas árvores.

Ela diminuiu a velocidade, fitou as árvores e tentou focar no que quer que tivesse se mexido ali. Poderia ter sido qualquer coisa, mas, ainda que os horrores daquele dia tivessem tirado sua mente daquilo, o acontecimento singular da manhã agora retornava à sua mente. O estranho rosto do lado de fora do apartamento de Joe.

Contudo, nada parecia se mover em meio às árvores. Um carro vinha rápido atrás de Emily, por isso ela virou e seguiu pela via que passava pela escola. Alguma coisa se precipitou pela rua em seu retrovisor, porém, quando tentou focalizar a coisa, já havia sumido.

Depois disso, cuidadosa e observadora como era, Emily não viu mais nada.

– Já está ficando meio paranoica, hein? – disse a si mesma ao entrar com o carro na rampa de acesso à garagem de casa.

Mas, assim que entrou em casa, trancou a porta atrás de si. E, quando voltou ao carro para ir ao Horsefeathers Bar, dirigiu com pressa, com receio das sombras.

Na escuridão do quarto de Nathan Randall, o dr. Frederick Gershmann piscava os olhos para ver a ficha do garoto à tênue luz do luar. Não havia nada de novo, nada que já não tivesse visto. Colocou a ficha de volta na cavilha e ficou olhando o garotinho, a lamentável figura com fita adesiva nos olhos.

Deveria estar acordado. Não havia razão para ainda estar em coma. No entanto, simplesmente continuava deitado ali.

– Será que você consegue me ouvir? – perguntou a Nathan. – Será que tem alguma ideia do que está acontecendo aqui, no mundo real?

Nathan deveria estar desperto, e, de acordo com sua atividade cerebral, estava. Não dissera exatamente isso para a mãe do garoto, mas essa era a verdade. Embora não respondesse a nenhum estímulo externo, e, para todos os propósitos, estivesse em coma.

Porém, de algum modo, Nathan Randall estava acordado.

Quando Thomas tinha ido parar no Caminho Arranhoso algumas horas antes, mal notara o cantar onipresente dos grilos, que parecia tomar conta da floresta. Mas, à medida que caminhavam, o barulho diminuiu

bastante, e, enfim, enquanto seguiam pela Via Sinuosa até a parte mais profunda do Grande Pomar de Sempre, parou por completo.

O Pomar tinha sumido. Fora queimado e transformado numa extensão infernal de troncos enegrecidos que se projetavam para o céu. Era uma cena horrenda, que o silêncio só fazia piorar.

Thomas andava ao lado de Brigadeiro, acompanhando o ritmo do enorme urso, enquanto olhava os músculos ondularem sob seu pelo. Aquilo sim era poder, uma força que Thomas não conseguia sequer conceber. E, no entanto, Brigadeiro era tão afável, que ele se perguntava se, quando chegasse a hora de fazer o que devia, o Pardo seria capaz de transformar aquela força incrível em violência. Thomas esperava que aquilo não fosse necessário. Isso acabaria com o Pardo, com certeza. Mas, se fosse esse o preço para trazer Nathan de volta… bem, esperava que Brigadeiro estivesse pronto.

– Nosso Garoto! – disse empolgado o sr. Sinibundo, correndo para alcançá-los, como vinha fazendo naquela primeira etapa da jornada. – Você ficaria muito orgulhoso de Brigadeiro se o visse dançar. Ele se lembra de tudo o que você ensinou, e faz isso muito bem.

O sinoforme se apressava atrás deles, badalando ao correr pela Via Sinuosa. Thomas tinha conseguido ignorar o som do sino, mas não a voz da criaturinha com listras lilases. Algumas das coisas que ele dizia não tinham o menor sentido, porém outras eram realmente úteis. Essa tagarelice em particular perturbou Thomas profundamente.

Era culpa dele, como sabia. Ou, pelo menos, era em grande parte. Não que ele fosse responsável, isso não. Poderiam ter impedido que aquilo tudo acontecesse se tivessem simplesmente tentado. O que quer que sucedesse com eles agora não era de fato sua culpa, contudo, ele poderia ter feito alguma diferença.

– Adoro dançar valsa – disse Brigadeiro, confirmando as palavras de Sinibundo. – Mas estou mesmo é com vontade de aprender tango.

Por um instante, a tristeza ameaçou tomar conta de Thomas outra vez. Depois, o maravilhoso absurdo do momento o chamou à consciência, e ele escancarou um sorriso. Uma risadinha escapou de seus lábios, e ele sacudiu a cabeça enquanto dava um tapinha nas costas de Brigadeiro.

– Deixe primeiro eu resgatar meu filho – disse ele. – Depois, prometo que vou ensiná-lo a dançar tango.

Brigadeiro abriu um sorriso imenso, revelando longas fileiras de dentes enormes, afiados, reluzentes. Qualquer pessoa teria corrido, aterrorizada por aquele sorriso. Thomas apenas riu de leve e sacudiu a cabeça.

– Vamos salvá-lo, Nosso Garoto – garantiu Brigadeiro, o sorriso esvanecendo um pouco.

Seguiam em silêncio. Apenas o badalo de Sinibundo perturbava a quietude. O pomar morto e enegrecido de cada um dos lados exibia uma aparência fantasmagórica, quase como se o espectro das próprias árvores assombrasse agora a floresta noturna. Não demorou muito para que qualquer vestígio de divertimento abandonasse a mente de Thomas, desaparecendo também de seu rosto.

Uns quatrocentos metros depois, ele se deteve e olhou de um lado para outro.

– Aqui é o primeiro posto, não é? – perguntou. – Estou reconhecendo.

– É sim, é sim, Nosso Garoto – confirmou Sinibundo. – O primeiro posto dos Guardas. Ou era. Antes de…

O sr. Sinibundo perscrutava a Via Sinuosa com o olhar, como se tivesse acabado de lhe ocorrer que, caso continuassem naquela rota, chegariam aos restos fumegantes de sua cidade natal, onde os cadáveres de amigos e familiares seriam agora meras cinzas. Ele parou no meio da frase, pôs as mãos sobre a barriga azul e não disse mais nada.

Thomas não insistiu na conversa. Em vez disso, olhou zangado ao redor. À luz das estrelas alaranjadas, viu que diversas cascas de árvores chamuscadas haviam tombado para a esquerda. Sem perder um segundo, saiu do caminho e entrou no pomar morto. Um instante depois, Brigadeiro e Sinibundo seguiram-no calmamente.

Após andar menos de cinquenta metros pela floresta incendiada adentro, Thomas parou. Olhou em volta as árvores derrubadas, depois ergueu os olhos para Brigadeiro. O olhar delicado do Pardo encontrou o seu, neles, a pergunta óbvia, mas silenciosa.

– Sei que o odor do incêndio está forte demais – falou Thomas a Brigadeiro –, mas será que você consegue sentir o cheiro do Rubrafolha?

O urso endireitou-se para assumir sua altura máxima, que era de imponentes dois metros e sessenta centímetros, e farejou o ar. Correu os olhos pela copa ressequida das árvores que nunca mais dariam maçãs. Sinibundo parou de se mexer, ficando em silêncio.

Após algum tempo, Brigadeiro voltou a se curvar.

– Por perto, a nordeste – confirmou. – A menos de um quilômetro.

Rubrafolha chorava. Estava de pé num riacho que outrora separava o Grande Pomar de Sempre do restante de Florestranha e servira como barreira para o incêndio. Rubrafolha tremia só de pensar no que poderia ter acontecido sem ele. A devastação era horrível.

Pior, porém, era a incerteza. Rubrafolha não conseguia decidir o que fazer. Se retornasse a seu posto, será que o fogo não poderia voltar? Achou que talvez devesse se apresentar ao Capitão Galholargo, mas havia escutado no vento que Galholargo fora embora. Deixara Florestranha. Algo que os Guardas-Florestais não tinham permissão para fazer. Abandono do dever, esse tipo de coisa.

Mas, agora, olha só quem é que estava falando…

No fim das contas, porém, Rubrafolha só se sentia temeroso. Tinha diversas e ótimas razões para temer, mas a ideia de que poderia ser um covarde lhe era tão alheia, que nada conseguia fazer além de ficar petrificado, as raízes na corrente líquida, enxugando suas lágrimas de árvore. Não viu a estranha companhia que surgiu do pomar queimado perto do riacho onde estava. Nem sob as profundezas de sua autopiedade os ouviu se aproximarem pela margem do riacho.

– Você abandonou seu posto, Rubrafolha – veio uma voz.

Sobressaltado, Rubrafolha farfalhou um pouco as raízes ao se virar para encará-los. Brigadeiro estava entre eles. Sempre gostara de Brigadeiro, mas, naquele momento, o Pardo parecia muito descontente, até mesmo encolerizado. Em seu ombro havia um sinoforme, e Rubrafolha ficou imensamente aliviado por vê-lo. Achava que todos os sinoformes haviam morrido após a tempestade de fogo que destruíra a Terra dos Sinos e Apitos.

Não lhe ocorreu perguntar por que o urso carregava o sino.

Rubrafolha não era muito inteligente. Porém era inteligente o bastante para ao menos saber de algumas coisas.

Com eles estava o outro. Aquele que tinha falado. A raiva no rosto desse outro não podia ser confundida com nada. Ele parecia familiar, aquele outro. Mas, bem… não podia ser.

– Alto lá! – falou, endireitando os membros. – Rubrafolha apresentando-se, dos Guardas-Florestais. Não faça nenhum movimento

hostil, a menos que deseje uma rápida represália.

– Grande Guarda-Florestal! – disse o outro.

Rubrafolha estava ofendido, mesmo que não achasse que o recém-chegado estava errado. Ficou olhando enquanto o Pardo depositava o sinoforme na terra macia da margem do riacho. Examinou o outro mais cuidadosamente, incerto quanto à maneira de responder àquela fúria.

– Sabe que posso prendê-lo – avisou Rubrafolha.

– Você é um idiota – disse o recém-chegado.

Rubrafolha estremeceu. Bastava. Agora estava zangado. Com um grito de frustração, de humilhação e até um pouco de fúria, lançou um dos membros superiores na direção do homem. Brigadeiro empurrou o homem para o lado, abaixou-se diante do membro ofensor e rugiu alto na cara de Rubrafolha.

– Pare com isso, seu tolo! – grunhiu Brigadeiro. Rubrafolha parou. – Não o está reconhecendo? – perguntou o urso.

– Não quero – confessou Rubrafolha.

– É Nosso Garoto – falou o pequeno sinoforme.

– Eu estava com medo disso – admitiu o Guarda-Florestal.

Rubrafolha estremeceu um instante, depois, conteve-se e se endireitou, baixando os olhos para o urso, o sino e O Garoto. O Garoto olhou-o zangado, mas Rubrafolha fez o melhor que pôde para exibir coragem. Não que Nosso Garoto fosse capaz de fazer qualquer coisa contra ele, de machucá-lo de algum modo. Porém, era óbvio que ter deixado seu posto não o havia agradado. Pior, Rubrafolha o decepcionara.

Porque tinha sido o Nosso Garoto quem teve a ideia dos Guardas-Florestais, há bastante tempo.

– Desculpe – replicou Rubrafolha, derrotado pelos próprios pensamentos.

– Desculpas não são o bastante – tornou O Garoto. – Você abandonou seu posto, mas não fez pior do que os outros. Onde estão todos? Como pode todo esse… horror ter acontecido aqui sem que os Guardas pusessem fim nele? É para isso que estão aqui! Como foi que o Chacal Lanterna…

– Os incêndios – disse Rubrafolha rapidamente. – É pra isso que servem os incêndios. O Lanterna os usa para nos assustar. Tronco Partido e Galho Curto foram… – O Guarda-Florestal relanceou um breve olhar

para o pequeno sinoforme. – Eles foram queimados nos incêndios, tentando conter as chamas que vieram atacar a Terra dos Sinos e Apitos e o Grande Pomar de Sempre.

Os galhos da árvore tombaram.

– Eu fugi – confessou.

– E agora está aqui – grunhiu Brigadeiro. – Viveu para lutar mais um dia. Talvez tenha sido melhor.

– Melhor – tiniu o sinoforme. – Todos os outros Guardas vão ajudar.

– Não sei – respondeu Rubrafolha, hesitante. – O Lanterna tem o fogo. Sei que ele está com o garotinho – disse, olhando para O Garoto. – Sua arvorezinha. Mas talvez isso seja algo que possam tratar entre vocês.

Nosso Garoto, que Rubrafolha sabia chamar-se Thomas, ainda que nunca fosse ter a audácia de usar esse nome, balançou a cabeça, triste. Fungou, mas, se foi de repulsa ou pesar, ele mesmo não saberia dizer.

– Se alguma coisa acontecer com Nathan… se o Chacal Lanterna não for impedido… não acho que Florestranha vá existir muito mais tempo. Se atacarmos o Velho Chacal e perdermos, no fim vocês provavelmente serão queimados.

O Pardo encarou a árvore, mas O Garoto desviou os olhos. Rubrafolha preferiu encarar a nuca d'O Garoto, sentindo uma terrível melancolia. Já tinha sido covarde antes e ainda estava com medo. Mas o medo iria levá-lo adiante. Se a escolha era lutar ou morrer…

– Vou espalhar a notícia pela floresta – disse Rubrafolha. – Os outros Guardas terão de escolher por conta própria. A maioria deles tem mais coragem do que eu, então talvez…

O Garoto se afastou e atravessou o riacho, colocando os pés na floresta ainda intacta do outro lado.

– Faça o que achar necessário – ordenou O Garoto. – Quando chegarmos à fortaleza do Chacal Lanterna, vamos precisar de todos vocês.

O badalo do sinoforme fazia *dingue-dongue* enquanto ele corria pelo riacho e seguia O Garoto pela floresta. Brigadeiro, o Pardo, lançou um último olhar para Rubrafolha, depois também desapareceu na floresta. Durante isso tudo, Rubrafolha nada mais disse.

Não havia mais nada a dizer.

Quando a batalha viesse, viveriam ou morreriam. Quando a luta era tão real, a escolha tão clara, até um covarde podia se sentir corajoso.

Que outra escolha ele tinha?

# Capítulo 14

Com um gosto ruim na boca seca e a bexiga bem cheia, Emily rolou para o lado e encarou seu despertador por um bom tempo através dos olhos pesadamente semicerrados. Mal percebia o murmúrio das vozes na tela bruxuleante da TV. Ao voltar tarde para casa na noite anterior, trancara bem todas as portas, mas continuou intranquila até enfim cair no sono.

Em seus sonhos, um rosto horrendo a fitava por entre as folhas e os galhos, assumindo proporções cada vez mais monstruosas à medida que o sonho ia se repetindo, mudando e se transformando conforme a noite passava. Não era bem um pesadelo, já que nada além disso acontecia. Contudo, aquilo perturbara sua mente adormecida, e agora, ao acordar, sentia-se mal-humorada, até mesmo um pouco nervosa. Nesse momento o som da televisão penetrava na mente consciente, e ela o achou irritante.

Obrigando-se a sentar, empurrou as pernas para a beirada da cama e torceu o rosto no momento em que uma dor aguda perfurou sua cabeça. Tinha Advil na gaveta da mesa de cabeceira, e fez uma anotação mental para tomar um logo que tivesse aliviado a pressão na bexiga.

Olhos abertos apenas o suficiente para não topar contra uma parede ou porta, foi arrastando os pés para o banheiro principal, mantendo a luz apagada. O bruxulear da televisão bastava para guiar sua excursão noturna. Com a calcinha em volta dos tornozelos, deixou os olhos se fecharem outra vez e suspirou suavemente de alívio ao liberar o conteúdo da bexiga.

De algum lugar, no andar de baixo, veio um baque surdo.

Os olhos de Emily abriram-se de súbito; agora sentia-se plenamente desperta. O jato de urina foi interrompido de imediato, e ela esqueceu qualquer urgência que pudesse ter para continuar. Esqueceu a dor de

cabeça. Esqueceu os sonhos.

Aquilo não era sonho.

Tão silenciosamente quanto possível, levantou-se e puxou a calcinha para cima, colocando-a no lugar. Delicadamente, sem ruído algum, entrou de novo no quarto. Na tela da TV, viu um imenso navio com as velas abertas e achou que se lembrava do filme: *A rua do delfim verde*, ou algo assim. Estendeu a mão para desligar a TV, mas desistiu. Aquilo com certeza chamaria atenção. Em vez disso, deu a volta na cama – tendo cuidado para não causar nenhum ruído no caminho – e pegou o telefone. Discou o número de emergência o mais rápido que pôde e esperou tempo demais na linha até ser atendida.

Quando a operadora enfim o fez, Emily falou em voz baixa, rezando para que o barulho da TV lhe desse cobertura:

– Tem alguém na minha casa – e acrescentou nome e endereço antes de desligar. Não era preciso ficar na linha agora, ela sabia. A polícia logo estaria a caminho.

Mas, e se não chegasse rápido o bastante? Aquela era a ideia que dominava sua cabeça, a mesma que a motivou a se esgueirar em silêncio pela porta do quarto. Estava aberta, e ficou grata por isso. Queria ter colocado um pouco de óleo nas dobradiças, mas não tivera oportunidade. Aquele era o tipo de coisa que Thomas sempre fazia. A parceria deles tinha sido boa, uma divisão de trabalho confortável por muito tempo. Antes de tudo ter ido para o espaço. Ela ainda não entendia muito bem por que isso tinha acontecido. O Thomas e a Emily de dez, mesmo de cinco anos antes, não teriam deixado isso acontecer.

Entropia. Problemas acontecem. Coisas apodrecem.

Quando você não está olhando, o mundo gira, e toda a sua vida fica tão ferrada que você não reconhece mais nada, e primeiro seu filho, depois seu ex-marido, são arrancados do tabuleiro sem nenhum aviso-prévio.

E depois algum cretino insidioso com um olhar maléfico e um sorriso idiota entra na sua casa no meio da noite, e o mundo continua escorregando pelo pau de sebo, que é a vida para cair na… merda.

– Não – sussurrou Emily, a raiva misturando-se com vigor ao medo.

Tudo aquilo a invadia agora, de uma vez, enquanto ficava de costas para a parede do quarto, atenta ao menor ruído. Mas não havia ruído nenhum. Não havia o barulho de alguém andando lá embaixo, nem o

ranger de passos na escada, nem o lamento distante de sirenes da polícia. Houve um momento em que se perguntou se não tivera uma reação exagerada. Talvez não tivesse sido nada. Algum moleque da vizinhança jogando um ovo na casa, ou sua bolsa caindo da beirada de uma cadeira na qual não estava tão firme quanto pensava.

Era nisso que queria acreditar.

Sentiu gosto de cobre na boca e percebeu que tinha mordido o lábio e havia sangue escorrendo por sua garganta. Começou a chorar, e não conseguia entender por quê. Estava com raiva, e com medo, mas o choro não fazia nenhum sentido para ela.

Rapidamente enxugou as lágrimas. Seus tímpanos pareciam pulsar ao ritmo do coração acelerado. Em silêncio, deu meia-volta e se inclinou levemente para espiar o corredor.

Nada. Ninguém ali. Ninguém, até onde conseguia ver, na escada. Sua decisão estava tomada, e o corpo entrou em movimento antes mesmo que percebesse o que fazia. Emily atravessou o corredor e chegou ao quarto de Nathan sem produzir nenhum som. Os olhos se precipitavam de um lado para outro, examinando os brinquedos em busca de um objeto em particular, algo para o qual Nathan fosse jovem demais, como estava convencida desde que Thomas o trouxera para casa. E tinha razão. O manejo da coisa era difícil demais para o menino. Pelo menos até então. Mas Nathan não deixara Emily guardar aquilo no porão até que crescesse. Insistira que o objeto deveria ficar ali mesmo, no quarto, o tempo todo.

Estava contra a parede, perto da estante de livros. Emily estendeu a mão e pegou o cabo, para em seguida apoiar o peso do clássico taco de beisebol de madeira, um Louisville Slugger, sobre o ombro.

No corredor, um dos degraus rangeu. O terceiro de cima para baixo. Emily conhecia bem aquele som. O rangido estava ali desde que o casal tinha ido morar naquela casa.

Emily quase soltou um gemido de susto, mas se conteve. Parou por um momento, respirando fundo, tentando se acalmar e desacelerar o coração, que parecia prestes a se estilhaçar no peito. Ela jogou o cabelo loiro para trás sobre o ombro esquerdo e se encostou na parede dentro do quarto de Nathan. Por um instante, viu a si mesma no espelho acima da cômoda do filho, e seus olhos se arregalaram diante da aparência ridícula. Estava com uma camiseta do Piu-Piu e calcinha, e só. Com o

taco acima do ombro, era uma figura absurda.

Por alguma razão, aquilo a deixou ainda mais aterrorizada.

Conseguia senti-lo. No corredor. Tão perto! Com as costas contra a parede, ficou logo ao lado da porta, esperando o intruso adentrar o quarto de Nathan. Podia ouvir a TV em seu quarto, e por um instante aquilo a distraiu. Depois, tentou ouvir o que poderia estar sendo abafado por aquele som. Era uma loucura, claro. Não seria capaz de ouvi-lo respirar ou algo assim de onde estava.

Então, como se fosse uma deixa, deu-se conta de que estava errada. No corredor, provavelmente pertinho do quarto de Nathan, ouviu alguém soltar um risinho. Um riso baixinho, porém contínuo. Não era nada vindo da TV. Aquilo era real, próximo e aterrorizante. Tinha a sensação de que vomitaria, mas, quando o som parou, a sensação sumiu de imediato, e Emily endireitou a coluna outra vez, pronta para descer o taco ao primeiro sinal de alguém entrando no quarto.

Quando se endireitou, o taco bateu de leve na parede atrás dela. Emily fechou bem os olhos, espremendo um resquício de lágrimas, e depois prendeu a respiração. Com certeza tinha se denunciado, entregando sua posição para algum lunático que genuinamente se divertia com o medo e o terror que inspirava nela.

Na escuridão do quarto de Nathan, só com a luz fraca que vinha de fora para iluminar o aposento, o intruso subitamente apareceu na porta. Entrou direto, sem pestanejar. Era baixinho e magro, e Emily conseguiu ver que tinha pelos no rosto, uma espécie de barba grossa ou algo assim. E seu rosto… seu rosto era tão estranho… e o modo como andava, um pouquinho curvado… Não conseguiu vê-lo muito bem, mas ele parecia, de algum modo, um ser bizarro, e ainda mais assustador por causa disso.

Emily ficou sem ar. Precisava respirar, no entanto, permitiu-se uma inspiração rápida e súbita.

Ele se virou.

O grito de Emily pareceu a ela mesma um rugido. Desferiu o taco com toda a força que tinha, estirando um músculo no bíceps direito ao fazê-lo. O taco de madeira estalou na testa dele, partindo-a em dois. A cabeça do intruso foi jogada para trás, e ele ganiu de dor como um cão ferido antes de cambalear para trás e se estatelar na cômoda de Nathan.

No quarto escuro, pôde distinguir a massa do corpo do intruso enquanto ele ficava de quatro, apressando-se para se levantar. Por um

instante ela hesitou. Seu corpo parecia impeli-la a correr, fugir para o corredor, escada abaixo. Porém, não adiantava. Ele a pegaria. Emily se forçou a ir na direção dele, o taco erguido outra vez. Enquanto o intruso tentava ficar em pé, um grunhido veio de sua garganta. Emily se lembrou de um dobermann que vivia na vizinhança quando era garota. Um cão perigoso, malévolo. O grunhido era idêntico.

Ela mesma gemendo baixinho, inclinou o taco com toda a força, ignorando a dor aguda e perfurante no bíceps já lesionado.

Sem erguer a cabeça, a mão do intruso se levantou e interrompeu o taco que descia. Emily teve a impressão de ouvir ossos estalando, e o grunhido dele ficou mais alto. O intruso arrancou o taco da mão dela e se pôs de pé sem esforço.

Emily ficou petrificada no quarto enquanto aquela… besta – era a única palavra que lhe vinha à mente – lhe dava as costas. O grunhido se fora, e ele rosnava suavemente.

– Não faça isso – falou o intruso, a voz mais alta, menos violenta e mais infantil do que ela teria imaginado.

Depois, levantou o taco e, com um movimento tão ágil que ela mal conseguiu acompanhar, estilhaçou a janela do quarto de Nathan. A tela pulou quando o taco a acertou e caiu sem fazer nenhum som no gramado abaixo. Meia dúzia de cacos grandes quicou da tela e voltou para o quarto. O resto da janela estilhaçada despencou na grama.

O intruso começou a rir. Um cacarejo, na verdade, que não se parecia com nada que Emily já tivesse escutado.

Ele deixou cair o taco no chão, parecendo hesitar por um instante, mas depois atirou-se pela janela quebrada. Emily gritou; estavam a uma altura de dois andares. Correu para a janela, mas, naqueles preciosos segundos, ele já havia tocado o chão e se reerguido, correndo pelo gramado mais rápido do que ela jamais vira alguém correr.

Nunca tinha visto nada parecido.

– Meu Deus do céu – sussurrou Emily para si mesma.

Luzes azuis de carros policiais tremeluziam, e um par de carros de patrulha entrou em silêncio na rampa de sua garagem. Com os olhos ainda arregalados, atônita, desceu para abrir a porta para eles.

Ocorreu-lhe, só por um momento, enquanto destrancava a porta da frente, que era possível não ter despertado de seus sonhos, que agora eram pesadelos. Tudo aquilo poderia ser um sonho ruim, pensou, quase

histérica. Nathan. Thomas. O intruso. Aquilo tudo.

Era um pensamento feliz.

Então, sentiu o gosto de sangue na boca outra vez, e a realidade voltou sem demora. Impiedosa.

Numa clareira no coração de Florestranha, onde um dólmen de grandes pedras ardia com fogo azul, ficava um imenso carvalho. Nos galhos de uma árvore estava sentado o dragãozinho chamado Rabeca. Ele olhava, horrorizado, enquanto o General Manteiga de Amendoim, de quem agora era aliado, erguia sua espada contra a própria Rainha da Floresta.

Era uma blasfêmia.

O General gritou para Rabeca, pedindo ajuda naquela batalha, mas o dragão não se moveu. Não conseguia. Afinal, ela era a Rainha, e, se quisesse que ele morresse, então ele morreria. As narinas de Rabeca expeliram fumaça, e ele começou a chorar. O General gritou por ajuda outra vez, mas Rabeca nada fez.

O General Manteiga de Amendoim sangrava.

Pelas espessas tranças de manteiga de amendoim pegajosa, o sangue escorria por onde as afiadas garras de madeira haviam deixado seus cortes. Abelhas zumbiam em volta de seu corpo, agitadas e desalojadas, o confronto mantendo-as em movimento. O General respirou fundo e parou um momento para esperar a manteiga de amendoim cobrir as feridas. Após um instante, ela escorreu, balsâmica e fria. Mas ele sentia dor ali, e precisava saber se o sangramento continuava, lá no fundo.

Atrás dele, o dólmen ardia em azul. À frente, a Rainha vociferava, raivosa, de costas para a árvore que era seu lar. Ele a fitou, observando o lugar onde o fio de sua espada tinha arrancado um naco de casca de seu seio direito, cortando profundamente a madeira por baixo, mas, ao que parecia, não o bastante para de fato feri-la.

– Você profana a floresta com sua arrogância – escarneceu a Rainha da Floresta. – Até as abelhas o estão abandonando.

E era verdade, ele reparou. Uma por uma, e depois em pequeninos enxames, as abelhas se afastavam do General e iam para as árvores. Sabiam uma coisa que ele se recusava a admitir. Não deveria estar ali. De jeito nenhum. Fazia pouca ou nenhuma diferença que não tivesse entrado na clareira de livre e espontânea vontade. A Rainha não

toleraria sua presença, tampouco sua demanda. E o General não se permitiria ser detido nem retardado um único momento além do necessário.

Morreria antes de ser desviado do resgate de Nathan.

No momento em que aquela determinação se cristalizava em sua mente, outro pensamento ganhava força. Olhou dentro dos olhos brancos e encolerizados da Rainha e soube que realmente morreria.

– Rabeca! – ele gritou. – Dragão, venha aqui agora! Antes que seja tarde demais!

No limite da clareira, em volta do círculo inteiro, ninfas de madeira com ardentes olhos vermelhos chilreavam, divertindo-se, mas recuaram de medo quando o olhar da Rainha recaiu nelas. Porém, Rabeca não respondeu.

– Venha, minha Rainha – disse o General, brandindo sua espada com calculada espontaneidade. – Vamos acabar logo com isso.

O corpo dela estava coberto de imensos espinhos. Suas garras eram de madeira, afiadas como lâminas. Seu cabelo de galhos de salgueiro movia-se como se tivesse vontade própria, batendo de um lado para o outro como a cauda de um escorpião, assumindo posição de ataque. A Rainha da Floresta ergueu-se ao máximo, mais de dois metros, e sorriu para o General Manteiga de Amendoim. Ele prendeu a respiração um momento, embebendo-se em sua beleza. Com certeza ela era a criatura mais atraente que já havia colocado os pés em Florestranha. Era a sua Rainha, afinal.

Seu estado natural, sua beleza, agora o atraíam. Mas o General havia travado batalhas demais, participado de guerras sem sentido demais, para se distrair tanto tempo de seu dever. Essa guerra dizia respeito a algo mais precioso para ele do que patriotismo ou política, ou até do que a própria vida.

Com um rosnado, e em seguida o silêncio, o General deu um passo na direção da Rainha, espada erguida e inclinada para um lado, o cabo seguro pelas duas mãos. A Rainha pareceu deslizar, afastando-se e indo para a esquerda, e então se precipitou contra ele, as garras à frente, rasgando o ar como rasgariam o próprio General. A espada dele, reluzindo sob a influência de chamas azuis e estrelas alaranjadas, moveu-se com um som e passou pelos dedos da mão esquerda da Rainha. A mão partiu-se ao meio, e duas garras de madeira foram cortadas e

caíram no chão, onde ficaram, secando em segundos.

Mas o sacrifício de dois dedos mal a retardou. A mão direita da Rainha pegou a mão com que o General segurava a espada. Seu cabelo de galho de salgueiro projetou-se e lhe arrancou a espada, jogando-a de lado na clareira. O General tentou lutar contra ela, a palma direita partindo-se num espinho imenso.

Em seguida, a Rainha o envolveu num abraço. Espinhos perfuravam a manteiga de amendoim e o que quer que restasse embaixo dela. Sentindo-se imediatamente fraco, o General perguntou-se se os espinhos não estavam envenenados, ou se ele simplesmente havia chegado ao limite. Então a Rainha da Floresta o agarrou pela garganta com a mão inteira e levantou o membro partido para que ele o visse. Novos ramos verdes brotavam de onde seus dedos tinham sido cortados.

Ela levou para trás a mão ferida, mantendo os dedos eretos e firmes, e, com ela, atravessou o peito do General, como se fosse uma bala. Costelas se partiram. Órgãos foram perfurados.

O General Manteiga de Amendoim soltou um longo arquejo de desespero, dor e solidão, e depois a Rainha da Floresta o jogou para trás. Ele caiu na chama azul, que começou a derreter e a provocar bolhas na manteiga de amendoim que o envolvia.

O General rolou para se afastar da chama e ficou deitado, quase sem respirar, na relva e na terra da clareira. Aguardou o golpe final, cego pela dor do fogo e dos ferimentos. Em vez disso, após um instante, ouviu aplausos.

A Rainha da Floresta falou:

– Como ousa? – disse ela, furiosa e também frustrada. E, por alguma razão, o General sabia que não era com ele que falava.

– Massss não é a coisa maissss linda? – grunhiu uma voz familiar. – Voccccê fez meu trabalho por mim, e eu fiquei ssssó olhando. Esssstá ótimo, esssstá, ssssim. Muito bom ver que voccccê fezzz o trabalho direitinho.

A Rainha ficou em silêncio por um momento. Depois, sua voz surgiu, mas não de um ponto específico. Veio da floresta inteira. Um sussurro que qualquer homem são saberia tratar-se de um prelúdio ao derramamento de sangue.

– Sou a Rainha da Floresta. – Sua voz farfalhava tal e qual o vento nas árvores. – Não tenho aliados, apenas súditos. Não estou aqui para

diverti-lo. Você vai sofrer, assim como ele, seu inimigo, sofreu.

O General Manteiga de Amendoim agora sangrava profusamente. A manteiga de amendoim o curava, porém, com a área chamuscada acima da pele, não estava tão maleável quanto deveria, retardando o processo, talvez demais. Onde os espinhos o haviam perfurado, manteiga de amendoim nova tinha descido para fechar os ferimentos. Mas, nos lugares em que a Rainha o tinha perfurado com suas garras e aberto seu peito… as coisas não iam bem. Mesmo assim, o General conseguiu se afastar um pouco mais das chamas azuis e se erguer o bastante para ver a batalha que estava prestes a acontecer. Para ver a outra criatura tola o suficiente para adentrar o covil da Rainha… só que essa de propósito, e sem consideração por ela.

Ao olhar para cima, o General viu-os de pé um contra o outro. A Rainha da Floresta e Bob Dentelongo, o homem-tigre com dentes de sabre. O pelo de Dentelongo estava sujo, e suas garras e boca tinham crostas de imundície. Havia pelo menos uma noite inteira que estava na floresta. Seus olhos brilhavam com malícia e astúcia.

– Não vim aqui lutar contra você, Rainha – escarneceu Dentelongo. – Só vim ter certeza de que o General e seussss companheirossss nunca cheguem a seu dessstino.

Companheiros, pensou o General. Grande companheiro, o Rabeca. Sua visão começou a diminuir um pouco, ou talvez o fogo azul do dólmen de pedras tivesse começado a se apagar. Ele preferia a segunda opção, ainda que soubesse que essa possibilidade devia existir só na sua imaginação.

A Rainha da Floresta grunhiu algo quase ininteligível para Dentelongo. Claramente tratava-se de um desafio. Dentelongo riu dela.

– Minha ssssenhora, meu chefe é o Chacal Lanterna – respondeu com franqueza o homem-tigre.

– Já matei o General por sua blasfêmia, Roberto Dentelongo – disse a Rainha da Floresta, erguendo-se por completo, com seu cabelo de salgueiro deixando crescer os próprios espinhos. Cada fio agora mais parecia um ramo com pontas afiadas do que um salgueiro. – Mas o General não é da floresta, filhote. Você é, e portanto vou lhe dar uma última chance de se curvar e de pagar tributo a sua Rainha antes que eu esfole o pelo e a carne dos seus ossos.

O General deitou-se de lado, a cerca de apenas um metro da espada.

Queria pegá-la de volta, mas o ferimento em seu abdômen fazia com que simplesmente pensar em se mover já trouxesse uma dor insuportável. Sua mente começou a vagar, a perder foco, porém, ele ainda olhava fixamente para Dentelongo e a Rainha. O tigre soltou um rosnado grave e profundo e permitiu que o ar enchesse seu peito, de modo que parecia ser tão maldoso quanto o General sabia que era. Seus olhos amarelos reluziam à luz azul da fogueira do dólmen, e ele deu diversos passos para um lado, como para avaliar as forças da Rainha.

– Estou avisando, Roberto. Brinquei com você quando era um filhotinho, mas vou arrancar suas vísceras sem remorso se…

Dentelongo rosnou. Sibilou para ela.

– Cale essssa boca, sua idiota!

A Rainha petrificou-se, horrorizada. Por um instante, as espinhosas gavinhas que pendiam de sua cabeça caíram, sem vida, contra suas costas. Manteve o olhar fixo em Dentelongo, atônita.

– Vocccê não passssa de uma ninfa de madeira imbeciloide, uma maluca cheia de fogo com poder demaissss e delíriossss de grandeza. Desde que Nosssso Garoto colocou vocccccê nesssse círculo, vocccê não passssa de um peso morto. Rainha da Floresta? Bela piada. Rainha desssse círculo, talvezzzz. Um pedaççço de terra, umas pedras que queimam e um carvalho grande. Metade das criaturas da Floresta já a esqueccceu. Vocccê não passssa de um toco, de um arbusto. O Chacal Lanterna nem sequer consssiderou pedir ssssua ajuda, porque vocccccê é inútil.

No chão, o General ficou tão atônito quanto a Rainha parecia estar. Na floresta em torno da clareira, as verdadeiras ninfas de madeira emitiam zumbidos que, para elas, deviam ser uma conversa. Elas também deviam estar chocadas, porque tinham deixado Dentelongo entrar no círculo, e agora ele desafiava sua Rainha. Mas, talvez, depois daquele tempo todo e de todo o medo que ela lhes havia inspirado, as ninfas não soubessem muito bem como responder.

Era nisso que pensava o General no momento em que a Rainha da Floresta começou a gritar. Parecia quase um grito de sofrimento, de agonia terrível. Na verdade, era o grito de uma árvore sendo arrancada do solo, galhos estalando e chicoteando o ar enquanto tombava no chão da floresta. Foi esse o som que saiu da sua boca quando partiu para cima de Bob Dentelongo numa fúria que em nada se assemelhava a qualquer

coisa que o General já tivesse visto. Ela estava fora de controle.

E esta era a única razão, até onde interessava ao General, pela qual Dentelongo conseguiu cortá-la com tanta violência quanto cortou. O rosto dela foi seu alvo. Verde e novo como um broto viçoso rompendo a terra depois da última neve e antes que a primavera chegue com todo o frescor. Sabia que ali estava sua vaidade. Na maciez do seu rosto.

Dentelongo arrancou metade do rosto da Rainha com suas garras. Um de seus olhos estourou, expelindo uma seiva viscosa. Ela gritou. E depois o atacou, com os espinhosos fios de cabelo envolvendo-o, rasgando seu pelo. Sangue começou a correr.

Enquanto isso, o General observava. Apagando-se. Morrendo.

Então, uma abelha pousou na ponta de seu nariz.

Simples assim, o enxame retornou. As abelhas o recobriram. Elas o preencheram. Adentraram a cavidade de sua barriga, reforçando a manteiga de amendoim, trabalhando com ela como teriam feito com mel. E o tecido de sua forma, a carne doce e pegajosa, respondeu. A manteiga de amendoim fluiu sobre ele, cobrindo a abertura na barriga, prendendo as abelhas do lado de dentro, que agora ali zumbiriam para sempre, ou enquanto pudessem mantê-lo vivo.

Com esforço, o General ficou de joelhos. Estendeu uma mão, e da sua palma uma gavinha de manteiga de amendoim voou e envolveu o cabo da espada, trazendo-a, luminosa, pelo ar, até alojar-se confortavelmente em seu punho cerrado.

Ele se levantou, a espada em guarda.

Bob Dentelongo soltou-se e saiu correndo da clareira, sangrando, tropeçando, xingando baixinho. As ninfas de madeira voaram atrás dele; o General deu um sorrisinho e fez uma pequena prece pela morte do dente de sabre.

A Rainha se virou, viu o General reerguido e lhe dirigiu um esgar com o rosto arruinado. Agora estava enlouquecida, fora de si. Suas garras aumentaram e criaram espinhos próprios, até que se tornassem ásperos tentáculos. O General pensou em recuar. Não havia sentido em continuar aquela luta. Se as ninfas de madeira tinham ido embora, ele podia seguir para a fortaleza do Velho Chacal para encontrar Nathan e salvá-lo.

Espada na mão, o General andou para trás tão rápido quanto possível. Movia-se em torno do dólmen de um azul flamejante, a pilha de

pedras ardendo alto. Conseguia sentir o calor naquela parte do corpo que já havia sido queimada, mas ignorou o desconforto. Tinha de ignorar. A Rainha estava vindo atrás dele.

Como serpentes, os longos dedos moviam-se à sua frente, estendendo-se na direção dele. O General cortou perfeitamente um tentáculo. Depois, virou-se e mergulhou para o limite da clareira. Espinhos envolveram suas pernas. Cortando. Esmagando.

– Não – disse ele com fúria. – Agora, não.

A cabeça, os ombros e os braços do General estavam além do limite da clareira. Mas, mesmo assim, ela o estava arrastando de volta. O desespero começou a tomar conta dele. As abelhas em seu interior calaram-se um momento. Não ouvia nenhum zumbido e se perguntava se de algum modo elas o haviam abandonado outra vez. Mas, não; conseguia senti-las andando em suas costelas pelo lado de dentro.

– Não! – rugiu ele. – Minha Rainha, você não sabe o que faz! Se não salvar Nathan, Florestranha pode ser destruída para sempre! Não percebe? Nosso Garoto pode nos banir da existência em sua vingança, ou simplesmente em seu luto! Podemos desaparecer por completo!

Mas a Rainha não o ouviu. E o arrastou de volta à clareira.

Embora a rainha não o ouvisse, alguém o fazia.

Do alto da árvore veio o som, incongruente em meio ao horror, de cordas de harpa e sinos de vento, de tons de violino e de piano, e o General virou-se e viu acima Rabeca, o dragão, descendo na direção da clareira. Sua barriga laranja tinha um brilho roxo-avermelhado à luz do fogo azul, e sua pele verde parecia negra. O General, porém, não o confundiria com ninguém.

O dragão voou contra a Rainha da Floresta. Seu cabelo espinhoso ergueu-se atrás dele, buscando as asas que batiam. Rabeca abriu a boca, expelindo fogo da garganta numa labareda de vermelho crepitante. O fogo queimou seu cabelo, que foi transformado em cinzas, e chegou ao seu rosto arruinado. Então, enquanto Rabeca voava, passando pela Rainha, ela se incendiou por completo, o fogo correndo lépido por seu corpo.

A Rainha da Floresta ganiu de tristeza, rendendo-se.

E queimou.

Momentos depois, quando Rabeca outra vez pousou no ombro do General Manteiga de Amendoim, tudo o que podiam ver dela era o verde

fresco e úmido da parte não arruinada do rosto, que já ia ficando negra. Ela era verde demais, jovem demais para arder tão rápido. Mas, no fim, sumiria por completo.

Rabeca chorava pequeninas lágrimas de fogo.

O General saiu da clareira, ereto e fiel, buscando um atalho para o Cima-Rio e a fortaleza além dele. O dragão fungava, triste.

– Você fez o que tinha de fazer para salvar a floresta – disse o General, que não tinha o hábito de oferecer esse tipo de conforto. Já tinha sido difícil o suficiente com Nathan, e agora o dragão… O General nunca fora um homem muito compassivo. Mesmo quando os próprios filhos eram pequenos, raramente beijava seus machucados ou os acalmava em suas tristezas.

– Eu matei o Coração da Floresta – respondeu Rabeca.

– A floresta não poderia viver sem seu coração – tranquilizou-o o General. – Talvez essa seja a razão disso tudo. Sempre achei que, a seu modo, Nosso Garoto fosse o Coração da Floresta. Mas agora me pergunto se isso tudo não transferiu essa responsabilidade para Nathan.

Eles andaram entre as árvores por algum tempo antes de o dragão falar novamente. Por fim, Rabeca disse:

– Você acha que vamos morrer? Quer dizer, nesta batalha? O Chacal Lanterna é cruel, você sabe.

– Talvez – respondeu o General. – É essa a natureza da guerra. Você está com medo?

O dragão pareceu prestes a rir e abriu um pouco as asas. Agora a música não soava mais tão doce, produzindo um pesaroso lamento.

– Antes eu tinha medo da dor, mas não medo de morrer – contou Rabeca, sendo bastante razoável. – Achava que ao morrer estaria com meus pais. Agora, a dor não me dá medo nenhum. Estou anestesiado. Mas a morte… ela me causa terror. Não sei o que há além da floresta para um condenado. Você sabe?

Agora era a vez de o General ficar em silêncio. Andou por muitos metros, o dragão no ombro, e depois parou por um instante. Virou o pescoço, de modo a ficar cara a cara com o dragão.

– Vamos descobrir juntos, meu amigo – disse o General Manteiga de Amendoim.

E, juntos, seguiram adiante.

Eram 8h30 da manhã quando Walt Sarbacker chegou à casa de Emily Randall em Tarrytown. Ele ainda nem tinha ido à central. Recebera um telefonema do tenente logo depois das sete, com a história toda do arrombamento da casa de Emily naquela madrugada. O tenente não via relação nenhuma, mas a sra. Randall tinha pedido Walt.

Antes de bater na porta da frente, ele foi até o lado da casa para olhar a janela estilhaçada do segundo andar. A chuva dos dias anteriores tinha passado, e o sol brilhava bastante naquela manhã, com um límpido céu azul acima e uma brisa agradável para acompanhar. Walt pensou por um momento na praia e em como seria bom estar ali agora com Jenny e seu filho, Alex. Havia comprado uma pipa para Alex na primavera, com dinossauros, e eles a soltavam sempre que podiam.

Em seguida, pensou outra vez no filho de Emily Randall no hospital, e seu coração se partiu um pouquinho. Naquele trabalho, o coração se partia um pouquinho quase todo maldito dia.

Com um suspiro zangado, Walt passou a mão por seu cabelo grisalho e voltou para a frente da casa. Estava surpreso porque os carpinteiros ainda não haviam consertado a janela, e fez uma anotação mental para encontrá-los para a sra. Randall caso ela precisasse de ajuda.

Subiu os degraus da frente e tocou a campainha, depois parou e esperou pacientemente com o saco da Dunkin' Donuts na mão esquerda. Duas xícaras de café puro e forte. Se ela quisesse creme e açúcar, que acrescentasse por conta própria.

Mas, quando a porta se abriu e Walt viu a expressão abalada e triste da coitada, simplesmente esqueceu o café. Procurou uma palavra em sua mente, algum jeito de descrever o rosto pálido e os olhos vazios, a expressão perdida e penetrante. E então a encontrou. Emily Randall parecia assombrada. Como se todos os fantasmas de sua vida a tivessem visitado à noite, e agora ela mal conseguisse encarar o dia sem esperar que um novo espectro aparecesse.

– Senhora Randall, lembra-se de mim? – perguntou Walt. – Detetive Sarbacker?

Seus olhos se desanuviaram um instante, e ela abriu mais a porta.

– Claro, detetive. Obrigada por vir tão cedo. Eu… preciso falar com você.

Ela olhou um instante para o saco da Dunkin' Donuts, e Walt sentiu-se subitamente envergonhado, quase idiota, por estar segurando aquilo.

Ele o levantou, quase uma oferenda.

– Trouxe café – disse, não muito convincente. – Depois do choque da noite passada, achei que a senhora precisaria de algum.

A sra. Randall arriscou um sorriso, mas fracassou miseravelmente.

– Acho que já estou muito além do café, detetive. Mas obrigada pela consideração.

Ela se virou e entrou na casa, em sua casa vulnerável e violada, e deixou que Walt fechasse a porta atrás deles e a seguisse. Na sala de estar, sentou-se num sofá e fez um gesto para que ele sentasse na cadeira de frente para ela.

– Acho que meu ex-marido está certo – disse, sem preâmbulos. – Acho que há um perseguidor, alguém obcecado de algum modo por Florestranha, e acho que ele é o responsável pelo que aconteceu com Nathan e Thomas.

Walt sentiu a tristeza tomar conta de si, porém fez força para não demonstrá-la.

– Antes de falarmos disso, senhora Randall…

– Pode me chamar de Emily.

– Emily. Antes de falarmos disso, sei que já deu depoimento ontem à noite, mas gostaria de ouvi-lo diretamente de você, caso não se importe. Pode falar tudo de que conseguir se lembrar.

Ela piscou, parou, e então lhe contou, do começo ao fim, sua versão dos acontecimentos da madrugada. A parte que Walt ainda não tinha ouvido era o episódio da manhã anterior, no apartamento do homem com quem ela saía. Seu tom de voz indicava que esperava que ele fosse julgá-la mal pelo relacionamento, mas Walt ficou em silêncio. E depois ela falou de sua certeza de que alguém a vinha seguindo.

– Sei que estou parecendo paranoica – disse. – E talvez esteja mesmo. Talvez eu deva me consultar com alguém. Mas são coincidências demais.

Walter concordou. Contudo, tinha de se perguntar se algumas das coincidências não eram talvez imaginárias. Optou, no entanto, por não mencionar essa possibilidade. Não havia necessidade de agitar a mulher.

– E então? – perguntou ela. – O que você acha?

Após um longo gole de café, Walt inclinou-se para a frente e forçou a mulher a olhá-lo nos olhos.

– Serei franco com você, Emily – disse-lhe. Mas estava mentindo. Só ia ser franco até onde achasse que ela aguentaria.

– Por favor – respondeu ela, um pouco na defensiva.

– Nossa equipe de investigação que esteve aqui de madrugada pegou amostras de cabelo e de sangue, e também algumas digitais. Se esse cara já foi preso por qualquer coisa, em qualquer lugar do mundo, provavelmente vamos identificá-lo. Se não foi, e ele simplesmente nunca mais aparecer, não temos a menor chance.

Emily soltou uma risada sombria.

– Ele vai voltar, detetive.

– Pode me chamar de Walt – sugeriu Sarbacker. – Tudo o que podemos fazer neste momento é colocar um carro de patrulha para passar pela sua casa regularmente e notificar a segurança do hospital de que você pode estar em perigo, porque assim, quando estiver lá, vamos ter mais olhos cuidando de você.

A tristeza no rosto de Emily era óbvia. Walt sentiu como se, de certo modo, ecoasse nele mesmo. Depois de tudo o que a pobre mulher vinha enfrentando nos últimos dias, começou a sentir muito profundamente que precisava fazer algo para impedir que ela sofresse mais.

Walt Sarbacker não era homem de levar seus casos para o lado pessoal. Na verdade, até ali, aquilo nem mesmo era um caso. Mas era um ser humano, e aquela mulher já tinha perdido tanto…

– Quanto à sua teoria – ele falou –, já conversei com os médicos a respeito do seu ex-marido e do seu filho. As condições médicas dos dois não sugerem atividades criminosas de qualquer espécie. O mais provável é que este caso tenha sido um mero arrombamento e que o cara não volte. No entanto, se existe por aí algum perseguidor com alguma obsessão pelo trabalho do seu ex-marido, isso não tem nada a ver com o que aconteceu com o senhor Randall ou com Nathan. Se isso torna as coisas ainda mais difíceis para você, lamento, mas não há conexão. Por outro lado… – Walt parou, percebendo que se desviava do assunto, e balançou a cabeça.

– O quê? – perguntou Emily.

– Nada. Nenhuma relação com o caso.

– O quê? – repetiu ela, agora exigindo uma resposta.

Walt deu de ombros.

– Bem, segundo o doutor Gershmann, aparentemente existe alguma conexão entre as condições de Thomas e de Nathan. Algo a ver com ondas cerebrais.

Os olhos da mulher se arregalaram.

– Mas… eles me disseram que não havia similaridade. Eles… – Ela encarou Walt. – Veja, detetive, esses médicos não sabem distinguir o pé da cabeça. Tem alguma coisa acontecendo. Eles não sabem por que Nathan não acordou. Agora existe alguma espécie de relação com o que aconteceu com Thomas…

– Seu ex-marido tentou se matar, Emily – disse Walt, sem cerimônia.

Quando a mulher estremeceu, ele se sentiu nauseado.

– Desculpe – disse –, mas é verdade.

– Talvez – ela respondeu. – Mas, em toda a sua vida, Thomas Randall nunca fez nada pela metade. Não consigo vê-lo fracassando num negócio tão simples quanto o suicídio.

– Essas peculiaridades médicas devem ser discutidas com a doutora Cardiff ou com o doutor Gershmann – sugeriu Walt, tentando assumir o controle da conversa. – Estou aqui pra dizer que, quaisquer que sejam elas, não têm nenhuma relação com o que aconteceu aqui esta madrugada.

Emily o encarou por um longo momento antes de baixar a cabeça e suspirar.

– Sei que você provavelmente tem razão. Não. Sei que tem razão. Mas é só que… Nem toda a lógica do mundo conseguiria diminuir o absurdo disso tudo. Tenho a sensação de que, mesmo com todas as coisas horríveis que aconteceram, é tudo parte de algo mais. Como se alguma coisa realmente horrível estivesse para acontecer e eu não pudesse fazer nada a respeito.

Walt abriu a boca, depois a fechou novamente. Não tinha resposta para aquilo.

Na pedra fria da fortaleza do Chacal Lanterna, onde circulavam gélidas correntes de ar, Resmungo postava-se no corredor do lado de fora da cela de Nathan. Mesmo dali, conseguia ouvir o suave ronco do garoto. Com toda a delicadeza de que era capaz, destrancou a porta e a abriu. O anão de terno listrado sentiu um peso novo e estranho nas armas que usava sob o braço no momento em que adentrou o quarto de Nathan. Instrumentos de morte, elas eram. Sempre foram. Mas agora, por alguma razão, ele as estranhava.

Por cima do cobertor imundo, tremendo ao frio profundo da pedra

úmida, Nathan dormia. O corpo nu estava recoberto de ferimentos profundos, de um negro e púrpura enfurecidos. O sangue formava uma crosta abaixo de seu nariz, e havia um jato recente de sangue no cobertor embaixo dele cuja origem Resmungo não conseguia distinguir. O garoto começou a se sacudir e a tossir enquanto dormia, e um pouco de sangue escorreu de sua boca e atravessou sua bochecha.

Com o estômago e o coração frios como a aparência da fortaleza, Resmungo voltou para o corredor e pegou um pesado cobertor de pele que havia trazido do próprio quarto. Com uma rápida olhada em volta para ter certeza de que não estava sendo observado, entrou de novo na cela do menino e o cobriu com a pele.

O estômago de Resmungo revirou ao notar o fedor que emanava do menino. Sangue, sujeira e doença – tudo isso fazia parte daquele odor. Mas havia algo além. Algo mais sombrio. Algo que viria muito em breve, que viria para tirar o garoto dali, para salvá-lo como nem o próprio Resmungo poderia.

O anão olhou para ele; para o rosto meigo, amarelado e dolorido de um garoto que ainda não havia completado seis anos. Que era só um garoto.

– Desculpe, Nathan – sussurrou. – Não era para ter sido assim.

Em seu sono, o corpo inteiro de Nathan teve um espasmo, e uma ondulação de consciência percorreu seus traços.

– Papai – gemeu o menino. Depois o rosto relaxou novamente, e o sono o reclamou de volta.

Resmungo observou-o por mais um momento, incapaz de dizer outra palavra. Depois de algum tempo, deixou Nathan na cela, a sós com sua enfermidade.

Mas, pensou, ao menos o menino não estava mais passando frio.

# Capítulo 15

A floresta ia ficando menos cerrada à medida que Thomas e os companheiros de viagem se aproximavam do Cima-Rio. Ali, na região mais ao norte de Florestranha, o rio era margeado por uma vasta extensão de praias de areias brilhantes, e a água corria mais relaxada do que em outras áreas em seu círculo cheio de meandros pela floresta.

Sinibundo não gostava de areia. Vociferava contra a maneira como ela escorregava sob seus pés e entrava no meio de seus dedos. Brigadeiro também não estava contente com ela. A areia, inconstante, era uma superfície inadequada para o caso de ele se sentir inspirado a dançar. Thomas ignorou aquelas reclamações. O sinoforme não era lá muito são, e o urso não andava com muita vontade de dançar, pelo menos desde que Thomas chegara a Florestranha.

Tinham outros problemas a enfrentar. Dizendo algo sobre isso, Thomas ladeou a margem na direção das Montanhas Carecas a distância, e os outros o seguiram, apesar das areias inconstantes. Ao longe, para o sul, o céu acima da floresta começou a clarear. Logo seria dia. Thomas apreciaria a luz do sol.

O céu naquele dia exibia texturas de azul, com pinceladas de amarelo e verde que poderiam ser fios incertos de nuvens, ou tão somente o capricho do ar. A brisa que vinha do rio era um pouco fria, e Thomas tremeu levemente, recordando-se das muitas viagens que fizera ali no passado, tanto acordado, como estava agora, quanto em sonhos, como fizera por tantos anos. Não se lembrava de jamais ter ficado com frio antes. Não em Florestranha. Não era um lugar em que o desconforto – o desconforto de verdade – tivesse sido particularmente bem-vindo. Tudo isso estava mudado agora. Talvez para sempre.

Thomas sabia, de qualquer modo, que não estava realmente tão frio

assim. De onde vinha, do seu lar, ainda era julho, úmido e escaldante. Em Florestranha, parecia perpetuamente outono. No início desta estação, por mais bela que fosse, o ar tremeluzia com presciência do instante tão próximo, em que tudo começaria a murchar e morrer; um instante fugaz, preservado para sempre. Ou ao menos assim ele pensou, já fazia um bom tempo. Para sempre, ao que parecia, não era um conceito tão eterno quanto sempre acreditara.

Eles andaram para o oeste por muitas horas, percorrendo as arenosas margens do largo rio que ia descrevendo curvas nos limites exteriores de Florestranha. Ainda que Thomas tivesse esperado que o sr. Sinibundo fosse ser uma fonte constante de choramingos, o sinoforme estava – exceto pelo badalo na barriga – estranhamente quieto. Talvez, ele pensou, estivesse finalmente se dando conta da gravidade da situação, após ter perdido sua raça inteira num único incêndio.

Para um único inimigo.

Com esse pensamento, Thomas voltou o olhar para o rosto de Sinibundo, vendo um reflexo brilhante em seu olhar, e percebeu que talvez houvesse mais sanidade no homenzinho lilás do que pensara. A sede de vingança, no fim das contas, não era sinal inequívoco de insanidade. Passou a pensar em Sinibundo de modo diferente depois daquilo.

Chegaram a um trecho da praia que era bem pedregoso. Tinha sido construído um pequeno dique que avançava sobre o rio, mas não havia sinal de nenhum barco. Tampouco havia, como Thomas descobriu ao olhar para a floresta, à esquerda, sequer um sinal de alguma habitação. Não havia sinal de vida.

Algo curioso, pensou.

Depois da extensão pedregosa, deram a volta numa curva, e ali, acima deles, ainda que muito à frente, estavam as Montanhas Carecas. Thomas parou um momento, contemplando os picos varridos pelo vento com uma mistura avassaladora de emoções: medo, raiva, ansiedade. E uma tristeza profunda, contínua, enquanto novamente se perguntava como tudo havia chegado àquele ponto.

– Aí está, então – disse Brigadeiro, e dançou uma jiga sem muita vontade. Havia na dança um certo cinismo, até sarcasmo, com o qual Thomas não era capaz de lidar.

– Será que não devíamos descansar um pouco antes de ir em frente? – sugeriu.

– Com certeza – concordou Sinibundo. – A mim faria bem tomar um banho e poder beber alguma coisa.

O sinoforme foi bamboleando com o badalo tinindo até a margem do rio. Sem preâmbulo, apenas pulou da margem na água e afundou como uma pedra. Uma grande bolha de ar gorgolejou até a superfície, deslocada, talvez, pela forma de sino aberto de seu corpo.

– Acho que me faria bem beber alguma coisa – concordou Brigadeiro, mas, enquanto ia para a margem, seus olhos se voltavam para os sinistros picos das Montanhas Carecas.

Uma comunicação silenciosa parecia passar entre eles. Um senso desesperado do destino iminente, que fez Thomas parar e ficar olhando o urso. Pela expressão em seu rosto, tinha certeza de que também sentia o mesmo.

– Não vai demorar muito – disse Brigadeiro em tom sombrio.

– Não. Amanhã de manhã, acho – observou Thomas.

Nenhum dos dois disse uma palavra depois daquilo. Brigadeiro agachou-se na margem do rio e curvou sua imensa cabeça para beber. Thomas tirou os sapatos e enrolou a calça para cima, experimentando pôr um dos pés na água gélida. Estava fria, mas foi boa a sensação da corrente passando pelos finos pelos de sua perna e seu pé afundando na areia embaixo d'água. Sabia que bastavam só mais algumas polegadas no rio para que a areia cedesse o lugar a uma camada de sedimentos sólidos. A areia mesmo não devia estar ali, mas Thomas nunca questionava nada em Florestranha. Havia certas coisas, como aquela areia, que lhe pareceram fora de lugar desde a primeira vez em que visitara aquele local peculiar e alheio.

Mas lá estava ela. Debaixo de seus pés, e tão real quanto todos os nervos e sinapses sabiam que era. Por tudo o que não poderia ser, Florestranha era tão real quanto o mundo em que Thomas havia nascido. Sob muitos aspectos, pensava com frequência, era ainda mais real. Mais… a palavra fugiu-lhe por um momento, mas enfim reapareceu em sua mente. Florestranha era ainda mais *normal* do que o mundo em que havia nascido.

Muitos minutos se passaram desde que Sinibundo sumira da superfície, mas Thomas e Brigadeiro não estavam terrivelmente

preocupados com ele. O sinoforme não ia flutuar e, com toda certeza, não seria capaz de nadar. Assim, foi sem nenhuma surpresa que Brigadeiro e Thomas ouviram um *dingue-dongue* estrepitar a distância ao longo da margem – de fato, um pouco abafado, considerando que Sinibundo ainda estava ensopado – e olharam, vendo o sinoforme vindo outra vez na direção deles. Apesar de sua circunferência, o oco do corpo naturalmente fizera com que a corrente o arrastasse um pouco para trás, na direção da qual tinha vindo.

O sinoforme badalou pelo trecho pedregoso que tinham atravessado e se aproximou com uma expressão ainda mais sombria do que Thomas havia notado. Tinha sido amigável no início, de um jeito levemente psicótico. Agora, apesar do banho refrescante, parecia ter imergido numa raiva e depressão das quais talvez nunca mais se recuperasse. Era como se ele ardesse, fervilhasse – uma bomba dentro de um sino. Pronta para explodir.

O simples fato de tê-lo por perto já deixava Thomas muito preocupado. Seria impossível prever o comportamento de Sinibundo a partir daquele momento.

Ao olhar para Brigadeiro e ouvir a fanhosa risadinha que vinha do fundo da barriga do Pardo no momento em que também observava a chegada de Sinibundo, Thomas ficou inquieto por perceber que o urso não enxergava aquilo. Brigadeiro era seu aliado, é verdade. Eram companheiros de armas. Assim como Sinibundo também deveria ser seu aliado. Mas os horrores que havia vivido serviam para fazer dele mais um risco do que qualquer outra coisa.

Antes que chegassem à fortaleza do Chacal Lanterna, ele teria de determinar se seria seguro levar junto Sinibundo. E se poderia contar com o apoio de Brigadeiro caso quisesse dispensar o sinoforme.

Contudo, apesar da tênue sanidade de Sinibundo, uma certa camaradagem começava a tomar forma. Ainda que tivesse começado a visitar a floresta quando era só uma criança, Thomas sempre tinha sido o responsável pelas decisões, o único entre eles maduro o suficiente para dar voz à razão. Havia uma força naquilo, mas ele sempre sentia uma espécie de perda ao ser colocado nessa posição. Como se algo, de algum modo, tivesse sido tirado dele.

Isso era algo inteiramente novo. O propósito conjunto que ora compartilhavam fazia com que todos os anos frívolos de antes

parecessem se dissipar. Como escritor, Thomas sentira-se muito sozinho em diversos momentos ao longo dos anos. Era uma profissão solitária. Mas, tirando alguns dos momentos mais íntimos com Emily, nunca tinha sentido uma conexão mais íntima do que esta.

Apesar de suas dúvidas quanto a Sinibundo, sabia que, pela vida de seu filho e pelo futuro de Florestranha, juntos venceriam ou seriam vencidos, viveriam ou morreriam. Era como um sonho. Uma forma de companheirismo tão puro que antes teria duvidado de sua existência. Mas ali estava ela.

E, bem quando esse pensamento estava se completando em sua mente, a areia começou a se mexer debaixo de seus pés. Ele olhou para a superfície do rio correndo por suas pernas nuas – as bainhas enroladas para cima já haviam entrado na água umas duas vezes e agora repousavam pesadamente em sua pele –, mas nada se movia debaixo d'água.

A areia e o solo do leito do rio cederam bruscamente, agitando-se debaixo dele, fazendo com que perdesse o equilíbrio. Ele caiu para trás, braços agitados, longe da margem e dentro da água, mais fundo, com tempo suficiente apenas para reparar no olhar totalmente atônito no rosto de Brigadeiro enquanto ele fazia *tchibum* na água fria.

O rio fechou-se em torno dele. Felizmente, conseguiu prender a respiração. Mas a água o havia deixado surdo, e a pressão em seus tímpanos tinha algo de assustador. Ele não tinha problemas, como algumas pessoas, em abrir os olhos embaixo d'água, porém estava zangado, envergonhado e frustrado com a queda.

Enquanto Thomas lutava para conseguir ficar de pé, olhou para trás, por baixo d'água, em direção à margem do rio. O sol cortava a água o suficiente para causar um certo brilho ofuscante abaixo da superfície, e seus pés, atrapalhados, haviam agitado parte dos fragmentos sólidos, de modo que não conseguia ver muita coisa. Mas conseguia enxergar algo saindo da areia. Tinha garras espessas e uma concha dura azul.

Numa voz que, debaixo d'água, poderia ter sido uma âncora acertando uma pedra, Thomas disse:

– Merda.

Com um único impulso, conseguiu chegar à superfície e viu que, na ponta dos pés, era possível colocar o rosto para fora d'água.

– Siris da areia! – gritou.

Tinha se esquecido completamente daquelas criaturas. Pela expressão no rosto de Brigadeiro – a diversão rapidamente se transformando em alarme –, perguntou-se se o urso já tinha ouvido falar daquelas criaturas. Sinibundo corria pela margem até o lugar onde Thomas tinha caído – de onde o siri da areia emergira –, e a situação era decididamente surreal. Os ouvidos de Thomas ainda estavam debaixo d'água, portanto, mesmo que conseguisse ver o sinoforme cambaleando, som nenhum o acompanhava. A margem parecia estar muito distante.

Um lampejo azul embaixo d'água, e Thomas entendeu que o siri da areia queria pegá-lo. Brigadeiro rugiu e pulou na água atrás da coisa, e Thomas virou-se e mergulhou na corrente. Ao fazer isso, sentiu algo tentar agarrar sua perna e virou-se na água, vendo que outro siri da areia havia aparecido atrás dele enquanto não prestava a devida atenção.

Eram dois.

Viriam outros.

Brigadeiro agachou-se, colocando toda a parte superior do corpo na água, cabeça, ombros e braços, desaparecendo no rio. Ruidosamente foi para trás, arrastando para fora d'água o siri sibilante que havia desequilibrado Thomas. Seu trio de garras azul-escuras batia ao mesmo tempo com perigosa precisão, e uma delas fechou-se no braço direito de Brigadeiro, perto do ombro. O urso rosnou.

Rapidamente girou, deu dois passos largos e retumbantes para a margem, e arrancou a garra do siri de sua pele. Ergueu-o acima da cabeça e o bateu impiedosamente no chão, arrebentando a casca, estourando os olhinhos, estilhaçando as garras, até que sobrassem apenas entranhas verdes e vermelhas e nacos de concha azul.

Àquela altura, Thomas tinha corrido para a parte pedregosa da margem, onde não viu uma única garra irrompendo do chão. A parte pedregosa da margem deve ser segura, imaginou. Pelo menos não devia haver ataques vindos de baixo.

– Sinibundo! Brigadeiro! Aqui! – gritou, e no mesmo instante o siri da areia que ele tinha impedido de continuar nadando pôs os olhos para espreitar por cima d'água, junto com suas duas garras dianteiras, e começou a estalá-las em sua direção.

Aproximando-se.

– Brigadeiro! – gritou Thomas outra vez.

Mas o Pardo tinha outros problemas. A areia na margem da água havia começado a se agitar, como se a terra fosse se partir. Diversos conjuntos de garras emergiram ao longo da margem, e Thomas conseguiu ver pelo menos dois outros siris saindo da água e indo para a margem do rio. A corrente não parecia perturbá-los nem um pouco.

Sorte a deles, pensou. Era para isso que tinham sido feitos.

Sem hesitar um instante, Thomas olhou ao redor e encontrou a maior pedra que achou que conseguiria levantar. Pegou-a com as duas mãos, ergueu-a e, levando seu fardo, foi a passos pesados pela margem pedregosa até onde começava a areia.

Sinibundo perdera o controle. Estava parado, gritando para os siris, o corpo inteiro sacudindo tanto que seu badalo tinia contra o interior, alto o bastante para fazer Thomas franzir a testa de dor. Mas aquilo manteve os siris afastados por um breve momento. Tempo suficiente para Thomas vir por trás do mais próximo e deixar cair a pedra.

Ela esmagou a casca do siri, prendendo-o na areia. Mas, quando Sinibundo viu Thomas e chegou à conclusão de que era hora de se mexer, o siri estendeu sua garra tremente para a perna do sinoforme. Do que quer que Sinibundo fosse feito, porém – porcelana ou aço, Thomas não tinha a menor ideia –, a garra não provocara nenhum dano, exceto por um pequenino arranhão. Em seguida a garra caiu, no momento em que o siri enfim morreu.

Os outros se aproximavam.

O rio murmurava ali num ritmo que parecia acelerado. As nuvens acima eram feixes indiferentes, e a brisa acariciava tanto os inocentes quanto os perversos. Era um belo dia para morrer. Mas Thomas estava determinado a não fazer esse favor.

– Brigadeiro, vamos! – gritou para o urso que, naquele instante, sangrava de diversos pequenos ferimentos enquanto chicoteava um siri contra o outro. – Vamos fugir dessa merda antes que a gente morra!




O Pardo estremeceu, desviando por um instante sua atenção dos siris, e depois jogou dois deles para o lado. Com o passo atravancado de um trem de carga peludo, foi esmagando a areia na direção deles. Em segundos estava ao lado deles, sangrando e suando, apesar do vento gélido. E os siris se aproximavam, da areia e da água.

– Por favor, não fale palavrão – pediu Brigadeiro a Thomas. – Não fica bem em você.

Thomas olhou para o urso como se ele fosse louco, mas viu que Brigadeiro falava sério.

– Receio que fique – disse, triste. – Não tenho mais oito anos.

– Acho que estamos todos bem cientes disso, Thomas – logo cortou Brigadeiro.

Por um instante, Thomas ficou perplexo com o fato de o urso utilizar seu primeiro nome, e não o nome aparentemente mais íntimo, mas na verdade mais formal, pelo qual todos o chamavam ali. Em seguida sorriu. Afinal, não era esse mais um exemplo do laço que contemplava bem na hora em que foram atacados?

– Nosso Garoto! – gritou Sinibundo. – Atenção!

Thomas despertou de sua distração momentânea no instante em que um siri da areia tentou atacá-lo pelo leste.

– Vamos para a floresta?

– Vai levar muito tempo – hesitou Thomas.

No momento em que ele falou essas palavras, ouviu-se mais um barulho na água do rio. Ainda que estivesse ocupado abaixando-se para pegar outra pedra grande e instando os outros a fazer a mesma coisa, Thomas olhou para o rio. Uma figura negra e achatada se movia com rapidez na superfície ondulante da água. Outra veio à superfície. E outra, e mais outra, e logo havia uma dúzia de coisas negras e largas deslizando pelo rio.

– Olha! – gritou Sinibundo. – Olha, Nosso Garoto, olha!

– Arraias voadoras – sussurrou Thomas.

Sua mente conectou-se no mesmo instante com aquele momento em Philipse Manor, quando ficara sentado sozinho à beira do Hudson e vira uma daquelas criaturas no rio. O momento em que duvidara de sua sanidade.

Percebeu que só tinha duvidado porque já havia muita coisa que esquecera. Tanta coisa perdida que era vital para tudo o que ele era, para tudo o que possuía. Florestranha era tão próxima dele quanto seu coração e sua alma, e quase pusera tudo a perder.

Com suas caudas longas e finas, como chicotes com ferrões, pendendo abaixo de si, as arraias voaram sobre os siris e os atacaram. Ainda que Brigadeiro tivesse recuado uns trinta ou quarenta metros na direção da floresta, Thomas não se moveu um centímetro. Ele sabia que as arraias não representavam perigo nenhum. As coisas voadoras tinham vindo resgatá-lo.

Momentos depois, os siris da areia estavam todos mortos ou recuando para o rio. As arraias voadoras deslizaram brevemente sobre a areia, depois inclinaram-se e retornaram ao rio, repartindo a água com a perfeição do gancho de um cuidadoso pescador.

E então sumiram.

Os três camaradas ficaram sozinhos na margem, observando o Cima-Rio correr. Após um longo momento, Thomas virou-se para Brigadeiro e, sem dar voz a seu exame, começou a verificar os ferimentos do urso. Teriam de ser limpos e precisariam de curativos, mas nenhum era terrivelmente sério. Ele ficaria bem, ainda que um pouco dolorido.

Pelo canto dos olhos, Thomas viu as Montanhas Carecas erguendo-se muito longe no céu a oeste, e teve um pensamento terrível. Dificilmente aqueles seriam os piores ferimentos que Brigadeiro teria naquela jornada.

De súbito, o ar foi cortado pelo som de sinos de vento e por um carrilhão de sinos, e Thomas congelou, um sorriso lentamente se espalhando por seu rosto. Brigadeiro rugiu de prazer, e Sinibundo abriu a boca para gritar sua felicidade com aquela reunião.

– Nosso Garoto, Nosso Garoto, sabia que você viria! – gritou Rabeca, jubiloso, e Thomas sentiu o amor e a esperança crescer em seu coração. Se alguns de seus amigos ali podiam ficar contentes com sua presença porque achavam que ele possuía a chave do futuro de Florestranha, ele sabia que Rabeca havia genuinamente sentido a sua falta.

Ele sentia a mesma coisa.

– Que bom vê-lo, dragãozinho! – disse bem alto, por cima da música das asas do dragão, que, semelhantes a um couro verde, iam diminuindo de velocidade enquanto Rabeca se acomodava no ombro de Brigadeiro, a barriga laranja um pouco maior do que Thomas se lembrava.

– O que é isso, então? – rosnou o urso, farejando alguma coisa no ar. – Não veio sozinho, veio, pequeno?

Houve uma pausa, antes de todos se voltarem para ver a figura de pé no limite da floresta, ainda não se aventurando pela vegetação rente que separava as árvores da areia. Enfim, a figura falou:

– Esse dragãozinho é muito corajoso – disse o General Manteiga de Amendoim. – Eu estaria morto não fosse por ele.

Com muito cuidado, saiu da floresta e caminhou, mancando de leve pela margem do rio até a faixa pedregosa onde estavam todos reunidos. Quando estava a uns seis metros de distância, parou, como se aguardasse ser convidado para se juntar a eles.

– É bom ver você, Thomas – disse o General, com uma ternura na voz que os outros por certo nunca tinham ouvido antes, a julgar pela expressão de seus rostos.

Thomas mordeu o lábio um instante, as emoções digladiando-se dentro de si. Então, com a voz embargada, gastou todas elas em duas palavras:

– Oi, pai.

Na manhã de sábado, o sol brilhava forte pela janela do quarto de Nathan no hospital. As flores que haviam chegado da Sentinel Software tinham uma fragrância maravilhosa; doce, mas não enjoativa. A cor era pêssego, mas Emily não conseguia lembrar como se chamavam. Com certeza tinha sido Lorena quem as escolhera.

Mas ela não se importava realmente com flores. Não naquele momento.

Deu uma olhava em Nathan, deitado imóvel naquela cama de hospital exatamente como parecia estar desde sempre, embora o tempo ainda pudesse ser contado em dias. Emily estava ficando um pouco desgastada. Não bastava ter de ver o filho e o ex-marido reduzidos a um estado completamente indefeso, agora tinha também de lidar com o arrombamento e o perseguidor, se é que era isso mesmo o que ele era.

Emily não queria pensar nisso, porém, a mente ficava voltando e voltando àquele rosto na escuridão. Aquilo a assustava, não pelo perigo em si, mas porque fazia com que tivesse dúvidas a respeito do estado da própria mente e das coisas que Thomas dissera antes de… antes de ser hospitalizado.

Apertando os dentes e franzindo a testa, voltou a encarar o dr. Gershmann, que estava inclinado no peitoril da janela, observando-a com impaciência.

– Desculpe, doutor – disse Emily, a voz trêmula, sem saber onde pôr as mãos. – *Não sei* não resolve mais. Simplesmente não basta. Você tem de saber alguma coisa.

Gershmann suspirou. Uma gota de suor surgiu em sua cabeça reluzente.

– Senhora Randall, desculpe. Não há nada mais que eu possa dizer. Como já falei, estamos em contato com diversos especialistas. Aaron Levitz, do New England Memorial, em Boston, ficou tão perplexo com o caso, que vem aqui na próxima semana por conta própria. Mas, até agora, simplesmente não temos ideia do que essa atividade significa.

Estava tudo tão quieto no quarto, apesar do barulho no corredor, que Emily se deu conta de que podia ouvir o tique-taque do relógio de pulso. Ficou encarando o dr. Gershmann por quase um minuto, incapaz de produzir alguma resposta coerente. Depois baixou os olhos para Nathan, a fita em suas pálpebras, a maneira como parecia ter encolhido naqueles dias, confinado àquela cama estreita e desconfortável. Sentou-se ao lado

dele, querendo tocá-lo, alisar seus cabelos e beijar seus dedinhos da maneira como fazia quando ele era bebê.

Mas não fez nada disso. Com Nathan ali na cama, Gershmann do lado e a sensação avassaladora que tivera nos últimos dias de estar sendo observada… Emily sentia-se exposta demais. Esperava que Gershmann fosse entender a deixa, mas ele parecia esperar alguma espécie de resposta da parte dela. Algo mais.

Emily cruzou seu olhar com o do médico.

– Se o senhor me der licença – disse, a voz fraca –, gostaria de ficar a sós com meu filho.

A manhã tinha passado daquele jeito, com Emily sentada em silêncio ao pé da cama de Nathan. No dia anterior, ficara um bom tempo ao telefone. Lorena havia ligado diversas vezes do escritório. O detetive Walt Sarbacker telefonara para dizer que não tinham encontrado digitais que pudessem ser utilizadas, mas as fibras de cabelo ainda estavam sendo analisadas. Francesca ligara para dizer que o negócio com a Fox seria fechado; aquela não era uma boa notícia?

– Maravilhosa – dissera Emily, sem muita convicção.

Entretanto, não tinha falado com a pessoa cuja voz era a que mais precisava ouvir. Deixara uma mensagem para Joe antes de ir ao hospital naquela manhã, sem compartilhar nada da urgência que sentia. Não falou sobre a invasão. Com o decorrer da manhã, começou a desejar ter-lhe dito quanto precisava dele. Quanto queria ser abraçada. Reconfortada.

No meio da manhã, vieram dois telefonemas de Lorena. Ela estava no escritório no sábado, o que fez Emily perceber que logo teria de voltar ao trabalho. Não era justo com a outra mulher, não importavam quais fossem suas tragédias pessoais.

Na vez seguinte em que o telefone tocou, tinha certeza de que seria Joe. Mas, quando atendeu, a voz repleta de esperança, ficou decepcionada ao constatar que não era ele, mas Chris Lebo, seu advogado. Enquanto Chris falava, Emily começou a se sentir anestesiada. Quando ele se despediu, lágrimas de angústia corriam por seu rosto. Debruçou-se sobre o filho e chorou por longos momentos, até que um enfermeiro veio dar banho em Nathan.

Era quase uma da tarde quando Emily deixou Nathan aos cuidados

do enfermeiro. Um pensamento errante passou-lhe pela cabeça, uma lembrança de que não havia comido nada, exceto uma coisinha no café. Mas não sentia fome. Após sair do quarto do filho, desceu para ver Thomas.

Em sua cama, o ex-marido parecia menor. A imaginação que um dia a eletrizara agora simplesmente desaparecera. Ao adentrar o quarto, farejou o ar, sem de fato entender por que fazia algo assim. Não sabia que cheiro esperava sentir ali. Mas havia. Um aroma que geralmente não era associado a hospitais.

O ar no quarto de Thomas emanava um odor selvagem, como o céu saturado de chuvas iminentes, como animais correndo para se abrigar de uma furiosa tempestade.

Aquilo fez com que se detivesse ainda na porta.

Olhou para o rosto de Thomas e enxergou o de Nathan. Nunca os dois haviam tido tanto em comum, parecido tanto um com o outro. E, contudo, se o rosto de Nathan mantinha uma aparência serena e sem marcas de expressão, o semblante de Thomas era de perturbação. Talvez, pensou num fugidio devaneio, também ele sentia o cheiro da tempestade que se aproximava.

– Emmy, você está enlouquecendo – falou para si mesma, e forçou uma risadinha seca na qual nem mesmo ela acreditou.

Não conseguia acreditar.

Emily entrou no quarto de Thomas e foi para os pés de sua cama. Ficou ali um instante, com amor e tristeza no coração, apesar de ainda estar muito zangada com ele por aquilo que julgava ter sido um ato de covardia. Mas não foi capaz de permanecer com raiva dele. Porque, não importava o que tivesse feito com Emily, o que ela fazia agora lhe parecia muito pior.

Com um suspiro, curvou-se ao lado de Thomas e colocou a mão no bíceps dele. Estudou o rosto com uma pequena barba e o modo como o cabelo grisalho ficara mais branco do que preto na última semana.

Mordendo o lábio, falou:

– Desculpe.

Atrás dela, alguém pigarreou.

Emily levantou-se, o rosto enrubescido diante dessa interrupção do momento mais próximo de algo íntimo que Thomas e ela haviam tido em quase um ano. Quando se virou, seu olhar era frio e duro. Até que

viu a figura familiar emoldurada pela porta, o cabelo loiro queimado e os ternos olhos acinzentados.

– Oh, Joe… – sussurrou, sentindo-se subitamente fraca.

Ele se aproximou com rapidez. Emily o atraiu para si e o abraçou o mais apertado que podia, pressionando o rosto contra seu peito. Ainda que tentasse ao máximo lutar contra elas, novas lágrimas vieram a seus olhos quando contou a Joe o que havia acontecido na noite anterior. Pela primeira vez, Emily se deu conta do quanto se assustara. E foi forçada a admitir que o terror ainda não tinha ido embora.

Ela lhe falou do homem que entrara em sua casa, e ele se mostrou furioso por ela não lhe ter contado antes. Emily ficou um pouco zangada. Então Joe realmente esperava que ela deixasse esse tipo de mensagem na secretária? Além disso, como ele não tinha ligado, chegara à conclusão de que ele precisava de um pouco de tempo.

Quando seu choro se abrandou um pouco, Joe sussurrou:

– Está tudo bem, meu amor. Não vou deixar nada acontecer com você. Prometo.

Emily enrijeceu. Joe sentiu sua súbita tensão e deu um passo para trás um instante, estudando seu rosto. Ela não sabia o que lhe dizer. Será que ele estava ciente, perguntou-se, do que havia acabado de prometer? E seria aquela uma promessa verdadeira ou só algo que tinha dito para acalmá-la?

Por fim, ela relaxou um pouco e lhe ofereceu um sorriso.

– Fico contente – disse. – Depois de ontem de manhã, não quero que se afaste de jeito nenhum. Não que eu precise de proteção, veja bem.

– Claro que não – concordou Joe, balançando a cabeça. – Mas a união faz a força.

– Exatamente – concordou Emily.

Dessa vez, o sorriso era mais caloroso, mais natural. Ela abraçou Joe novamente, e a sensação foi melhor do que poderia ter imaginado. O que quer que acontecesse, ele planejava ficar com ela. Era isso que tinha efetivamente sido transmitido ali, e era exatamente disso que ela precisava naquele momento. Na noite anterior, sozinha em casa, havia ficado aterrorizada com a ideia de que o intruso poderia retornar.

Joe indagou:

– Por que estava pedindo desculpas a Thomas? Até parece que foi você quem deu a ele o coquetel de bebida e comprimidos.

Com um ligeiro dar de ombros, Emily se afastou delicadamente de Joe, permitindo que os dedos de sua mão direita permanecessem entrelaçados aos dele enquanto virava para olhar Thomas outra vez. Ele não fizera nenhum movimento, claro, mas, a menos que fosse sua imaginação, o rosto dele parecia ainda mais perturbado do que antes.

– Hoje tive notícias do meu advogado – disse ela. – Ele acha que meu pedido de custódia total vai ser aprovado. Claro que, quando Thomas se recuperar, vão fazer uma avaliação psiquiátrica para ver se ele tem condições, mas, por ora…

Suas palavras sumiram, e Emily deixou a cabeça pender, os olhos fechados enquanto fazia uma prece em silêncio. Afastou a mão de Thomas e passou os dedos por sua emaranhada cascata de cabelos loiros.

– Você fala como se isso fosse ruim – disse Joe, hesitante. – Achei… quer dizer, não era isso que você queria?

Sem virar o rosto para Joe, Emily assentiu lentamente com a cabeça.

– Era, mas agora não sei o que é melhor para Nathan, e, se *eu* não sei… quem vai saber? Cheguei a um ponto em que não consigo ter certeza se o desvario de Thomas foi só ele enlouquecendo ou se foi…

Emily congelou. Seus olhos se arregalaram, e ela olhou para Thomas sem realmente enxergá-lo. Ela e Joe pareciam reter o fôlego. Emily acabava de perceber o que estivera prestes a dizer, e notou que Joe também havia percebido.

Então ele enunciou as palavras.

– Real? – perguntou, a voz mal escondendo o escárnio que obviamente sentia. – Estamos falando da mesma maluquice, certo? Esse negócio todo de ele receber mensagens secretas dos personagens dos livros? Sei que está sob muita pressão, meu amor, mas, por favor, não venha me dizer que acha mesmo que…

Ela o interrompeu, voltando-se para ele num acesso de fúria.

– Não sei o que pensar! – gritou, encarando-o zangada por um momento, antes de enterrar o rosto nas mãos, toda a energia se esvaindo num único instante.

Joe estendeu os braços, pegou as mãos dela e as afastou com cuidado. Emily ergueu os olhos, de início sem querer encontrar os dele. Enfim fitou o tranquilo tom de cinza, vendo quanto ele se importava, incondicionalmente. Imaginava como devia ter sido uma provação para ele estar com ela nos últimos tempos. Muitos caras teriam fugido. Joe,

no entanto, não queria ir embora; queria ficar com ela. Isso era muito importante.

– É loucura, Emmy – ele respondeu com delicadeza, o olhar suplicante. – Você sabe, não é? Desculpe, mas Thomas não aguentou e tentou se matar. Foi isso o que aconteceu. Se quiser ficar ao lado dele até que fique bem de novo, tudo bem. Mas não se deixe arrastar para o manicômio também. Não fique olhando o abismo tempo demais, Emily.

Mais tarde, Emily não seria capaz de recordar exatamente o que havia mudado nela naquele momento. Talvez tivesse sido a eloquência de Joe, a presença de um professor de literatura com sua erudição. Talvez tivesse sido apenas sua ternura. Qualquer que tivesse sido a razão, ela sentiu ao mesmo tempo a súbita necessidade, e capacidade, de dividir com ele a causa das perturbações de sua mente.

– Sente-se, por favor – pediu, tomando-o pela mão. – Vou lhe contar uma história.

Ela lhe indicou uma cadeira perto da janela, e, ainda que hesitante, Joe se sentou. Emily ficou durante um tempo olhando pela janela, depois voltou-se para encarar Thomas. De costas para Joe. Aquilo parecia importante por alguma razão, como se pudesse fingir que Joe não estava ali. Fingir que falava apenas com Thomas, que não conseguia ouvi-la.

– Quando Thomas tinha sete anos, a família se mudou para a Virgínia. Seu pai, Sean, era militar, e naquela época eles moravam no quartel. Uma tarde, quando o pai estava fora havia vários dias, Thomas brincava com diversas outras crianças na rua em que a família morava. Annie, sua mãe, estava em casa e fazia o jantar. Thomas se lembra, ainda hoje, que naquele dia ela tinha preparado fígado, e ele queria desesperadamente ficar fora até tão tarde que ela desistisse e desse o pedaço dele pro cachorro. – Emily sorriu. – Ele costumava dizer que havia dias em que não se importava em ir para a cama sem jantar.

Voltou-se para fitar Joe. Ele estava inteiramente absorto. A história era bem simples, mas sabia que ele conseguiria ouvir na sua voz que era mais que isso.

– Tenho certeza de que está imaginando aonde isso vai dar – ela falou, e seus olhos se concentraram em algum ponto além da janela, a voz tendo se abaixado até quase se tornar um sussurro. – Ou acha que já sabe.

No corredor, uma enfermeira começou a gritar. Diversos pares de pés passaram pelo quarto de Thomas. Um telefone tocou na sala dos enfermeiros no corredor. A vida seguia adiante. A morte seguia adiante. Do lado de fora da janela, o sol da tarde projetava longas sombras. Em sua cama, Thomas Randall não movia um músculo; não fazia o menor movimento. Mas os sensores que registravam suas ondas cerebrais continuavam sua improvável análise.

Joe começou a falar, aparentemente pensando que Emily havia se calado, esperando que de algum modo ele respondesse. Mas o primeiro som que saiu de sua boca foi engolido quando ela prosseguiu.

– Estava ficando tarde. Thomas sentia-se feliz porque a mãe ainda não o chamara para jantar. Fígado. Muitos pais já tinham voltado para casa, e havia carros parados na rua. A bola com que eles brincavam foi para o meio do asfalto…

Era até ali que Emily conseguia chegar naquele momento. Mordeu o lábio, enxugou os olhos e se virou para sorrir para Joe e dar de ombros.

– Acontece todo dia – comentou ela.

Joe a olhou de um modo peculiar, sem entender.

– Thomas correu atrás da bola. Foi atropelado? – sugeriu Joe. – E daí…? Ele já esteve em coma antes?

Emily fez que sim com a cabeça.

– Aliás, é por isso que tinha aqueles comprimidos em casa. Ele vinha tendo convulsões há anos, desde esse acidente.

– Lamento, Em. Não estou entendendo. É uma pena, de verdade, mas, como você disse, isso acontece todo dia. E Thomas obviamente se recuperou – concluiu, dando de ombros. – Não quero parecer insensível, mas o que é que isso tem a ver?

A palavra *nada* veio aos lábios de Emily, contudo, ela os apertou com força para impedir que escapasse. Engoliu-a. Aquelas coisas rodopiavam em sua cabeça, rasgando sua mente com agulhas no lugar de garras, e precisava se livrar delas, dividi-las com alguém, ou ficaria louca.

Ela se lembrou da primeira vez que Thomas lhe contara aquela história. Estavam casados havia menos de um ano, e ela, rindo, comentara que tinha esbarrado numa velha amiga que, ao saber que ela se casara com o famoso autor de livros infantis TJ Randall, perguntara de onde o marido tirava suas ideias. Aquela era considerada a pergunta mais idiota que se poderia fazer a um escritor – principalmente porque

nenhum deles tinha uma resposta de verdade –, e Emily estava a par de como a pergunta era infame.

Thomas, porém, não tinha rido. Em vez disso, murmurara:

– Quero lhe contar uma história.

E essa história começava com as seguintes palavras: *Quando eu tinha sete anos, minha família se mudou para a Virgínia…*

Ela nunca tinha se esquecido daquela história. Mas havia partes nas quais jamais tinha acreditado.

– Quem estava dirigindo o carro era o general Sean Randall – ela explicou com rapidez. – Pai de Thomas.

Ela percebeu a dor nos olhos de Joe, dor por um garotinho que ele nunca conheceria, nem mesmo como o homem no qual aquele garotinho havia se tornado, e Emily viu naquele momento que o amava um pouco. Talvez mais do que um pouco. Deu três passos em direção à cadeira em que ele estava sentado e tomou sua mão, apoiando-se na parede enquanto continuava:

– A mãe de Thomas não o tinha chamado para jantar porque queria fazer uma surpresa. Seu pai estava a caminho de casa já há alguns dias. Estava escuro, e o general dirigia um pouco mais rápido do que devia, ansioso para ver a família. De início, ele achou que Thomas havia morrido. Mas, como é óbvio, isso não aconteceu.

Ambos olharam para o corpo deitado do ex-marido de Emily. Joe murmurou um *óbvio* entre os dentes. Emily esboçou um leve sorriso, mantendo, deliberadamente, os olhos fixos em Thomas.

– Não. Ele não morreu – repetiu. – Ele estava em Florestranha.

Sentiu os olhos de Joe sobre ela, mas ele não disse nada. Afinal, o que poderia dizer em resposta àquilo?

– Com seus pais mortos e os médicos que o trataram naquela época também, você é a única pessoa além de mim que conhece essa parte da história – admitiu Emily. – Não devia nem estar contando, mas talvez você comece a entender por que tudo isso está me assustando tanto; por que o fato de os médicos não conseguirem me dar uma única ideia do que está acontecendo com meu filho está me deixando tão aterrorizada. Thomas ficou quase um mês em coma. Quando se recuperou, a única coisa de que falava era Florestranha, um lugar maravilhoso, mas assustador, onde tinha vivido enquanto seu corpo estava naquela cama. Todas as ideias para os livros vieram daí, está entendendo? Por que você

acha que ele nunca escreveu sobre nenhum outro tema?

Tal como havia esperado, foi esse último argumento que fez a testa de Joe se franzir em negação. Era impossível, é o que ele diria. Mas era verdade que TJ Randall só tinha publicado livros de Florestranha em toda a sua carreira de escritor.

Joe estremeceu um pouco, e Emily achou que ele nem sequer percebera. Depois, levantou-se da cadeira, pegou as mãos dela e a trouxe para perto. Perto o bastante para que ela conseguisse sentir seu perfume, uma fragrância doce e masculina.

E ela pensou naquela outra fragrância, o cheiro selvagem de… de floresta.

– Todo dia algum autor usa seus sonhos como material de criação, Emily – contrapôs Joe. – Aos sete anos, em coma, quem pode afirmar o que foi que a mente de Thomas inventou para entretê-lo? Mas o que está sugerindo…

– Não estou sugerindo nada.

Joe voltou os olhos para Thomas, e um novo entendimento surgiu em seu rosto.

– Espere um pouco – falou. – Está dizendo que acha que neste momento ele e Nathan…

– Claro que não – Emily cortou logo, e os ombros de Joe relaxaram de alívio diante da certeza expressa na sua voz. – Estou perdendo a cabeça, mas não sou louca. Sou uma mulher racional. O que estou dizendo é que você consegue entender, agora, por que acho tudo isso muito, mas muito difícil mesmo de lidar?

Joe fez que sim com a cabeça.

– Claro. Que história horrível.

– Sim. Mas que o deixou rico.

Os dois riram com aquela irreverência, o que era a intenção de Emily. Ela foi para os braços de Joe e relaxou entre eles.

– Só preciso de você aqui comigo, para conversar e me falar que não estou pirando, está bem?

– Daqui eu não saio – confirmou Joe.

Mas seu rosto exibia marcas de uma reflexão, de uma questão se formando dentro dele.

– Que foi? – perguntou ela.

– Só fiquei curioso para saber o que aconteceu com o general, o pai

de Thomas – disse Joe, obviamente ainda assombrado pela história.

Emily sentiu um calafrio percorrê-la. Mordeu o lábio um instante e de novo olhou para Thomas, desejando tão somente ouvir sua voz e a de Nathan outra vez.

– Uma noite, Sean entrou no quarto de Thomas de uniforme. Diz a história que não esperou tempo suficiente para Thomas se recuperar. Convencido de que havia matado seu único filho, o general deu um tiro na própria cabeça. Os médicos acharam seu cadáver atravessado sobre o corpo de Thomas em coma, com sangue e tudo o mais espalhado por toda parte. Uma hora depois – acrescentou Emily num tom sinistro –, Thomas acordou.

Às margens do Cima-Rio, o murmúrio da água corrente, o rugido contente do urso saltitante, o badalar sem ritmo de um sino vivo e a louca música das asas de um dragão juntaram-se para criar uma extraordinária orquestra de amor, ansiedade e companheirismo. Era para ser uma cacofonia horrenda. Mas se tornou música.

Brigadeiro, Rabeca e o sr. Sinibundo ficaram calados perto da margem do rio, ainda que cada um prestasse atenção no retorno dos siris da areia. Não julgavam apropriado interromper, ou mesmo ficar ouvindo, a conversa que os outros companheiros estavam tendo a vários metros de distância, mais perto das árvores. Mais perto da floresta.

Thomas Randall e o General Manteiga de Amendoim abraçaram-se com força. Ainda que Thomas chorasse abertamente, o General não o fazia. Talvez não fosse capaz.

Após certo tempo, durante o qual o General lhe disse diversas vezes que tudo ficaria bem, Thomas expressou com dificuldade:

– Eu… lamento que esteja aqui – confessou. Sua angústia era evidente. – Lamento que eu o tenha colocado aqui.

Com bastante firmeza, o General respondeu:

– Eu não lamento. – Colocou uma mão com crosta de manteiga de amendoim no ombro d'O Garoto. – Estamos juntos, TJ. Isso é tudo o que importa.

Esse uso do odiado apelido não gerou objeção nenhuma por parte de Thomas. Pareceu-lhe algo perfeitamente natural. Ele acenou com a cabeça, afastou-se do General, a manteiga de amendoim deixando uma fina teia entre eles, e olhou para as Montanhas Carecas.

– Você tem razão – concordou Thomas. – Vamos pegar meu filho.

Juntos, partiram para o oeste, subindo o Cima-Rio, dirigindo-se para a fortaleza do Chacal Lanterna.

# Capítulo 16

Na manhã de segunda, Emily ficou sentada dentro do carro no estacionamento da Sentinel Software por quase quinze minutos antes de conseguir sair dele e entrar no prédio. Mais do que qualquer outra coisa, precisava de certa estabilidade na vida naquele momento. E a única maneira de obtê-la era voltando ao trabalho, mesmo que por meio período.

Não tinha telefonado para avisar. Assim, quando entrou na recepção decorada com cores quentes, Bedelia, atrás da mesa, ficou com os olhos arregalados. Então sua expressão mudou para uma combinação tão peculiar de simpatia e verdadeiro prazer diante de seu retorno, que Emily não pôde deixar de se sentir reconfortada. Também ficou aliviada ao saber que Arthur Hobbs, presidente da Sentinel Software, estava no escritório naquele dia.

Primeiro passou no escritório de Art e pediu uma reunião mais tarde naquele dia. Ele tinha um espaço no fim da manhã, e ela concordou, contente.

Quando entrou no RH, Lorena ficou em êxtase.

– Oh, meu Deus! – gritou, estridente, a diminuta ruiva artificial, correndo para abraçar Emily. – O que você está fazendo aqui?

Emily abriu um largo sorriso, sem conseguir evitá-lo.

– Eu trabalho aqui, lembra?

Lorena bateu palmas como uma garotinha.

– Estou tão feliz em ver você – disse ela apressadamente. Depois, franzindo a testa, acrescentou: – Espere, está de volta mesmo?

– Tenho uma reunião com Art às onze e meia – confirmou Emily. – Espero poder trabalhar dois ou três dias no começo, dividir meu tempo entre aqui e o hospital. Lá eu não sirvo para nada, e gostaria de voltar

para o burburinho.

Um pouco de contato humano também não faria mal, pensou Emily. E a sensação já estava rendendo frutos. A recepção de Lorena fortalecera sua sensação de que aquela era mesmo uma boa ideia. Exatamente aquilo de que precisava. Gente com quem conversar, voltar a ser útil. Haviam se passado apenas dez dias desde que estivera no escritório – provavelmente nem tinham sentido tanta falta dela assim –, mas as tragédias da semana anterior haviam feito com que se sentisse sem propósito, inútil. E, recentemente, começara a se sentir vulnerável.

Emily não queria aquilo. Sua mãe não a criara para ser uma vítima.

– Podemos almoçar juntas? – perguntou Lorena, empolgada. – Sei que Sandra e Allis também vão ficar superfelizes com seu retorno.

– Tudo bem se esperarmos até sexta? Eu queria ficar na minha mesa um pouco, repassar a papelada, entrar no clima outra vez. Queria ficar por isso mesmo hoje.

Lorena sorriu.

– Claro.

Em seguida beijou a bochecha de Emily e voltou para sua mesa, deixando a chefe entregar-se ao processo de dar a partida na vida fora do hospital.

Com um sorriso íntimo, Emily foi para o escritório e sentiu-se imediatamente reconfortada pela avassaladora familiaridade do lugar. Havia a jarra de balas Jolly Rancher que deixava sempre na mesa. O calendário floral que encomendava uma vez por ano de uma importadora italiana de Boston. O imenso clorofito que Lorena – como era bastante óbvio – regara durante sua ausência.

Após longos momentos apreciando o espaço, escorregou em sua cadeira de couro, atrás da mesa. Por mais de uma hora, arrumou papéis, leu currículos e retornou telefonemas a respeito de coisas que Lorena não conseguira resolver. Passava das dez e meia quando reclinou a cadeira, moveu-se levemente para o lado e olhou pela janela para aproveitar a vista da floresta.

Então deu um grito.

Do lado de fora do escritório, ouviu Lorena berrar e também o som de um aparelho de telefone caindo de uma escrivaninha, ou de uma cadeira. Emily olhava horrorizada pela janela quando Lorena entrou correndo em seu escritório.

– Emily, meu Deus, o que…

– Ali fora. No limite do estacionamento, perto das árvores… está vendo? – murmurou Emily, com a sensação de que balbuciava.

Lorena se aproximou da janela e olhou. O coração de Emily batia loucamente no peito. Teve medo, por um pequeno instante, de estar imaginando coisas. De que Lorena não enxergaria nada.

Então a outra mulher disse:

– Meu Deus, que criatura é aquela?

Ela tinha visto, claro.

E, de algum modo, isso era ainda pior.

Debaixo do dossel de árvores, Risonho olhava a janela do escritório de Emily Randall. Seus olhos eram excelentes, e ele havia circulado pelo prédio investigando as janelas até vê-la, cerca de vinte minutos depois de ela ter entrado.

E agora ela o vira.

Ele começou a emendar uma risadinha na outra. Na verdade, não conseguia evitar. Afinal, Risonho era uma hiena, ou pelo menos parte dele. Aquilo não era sequer um riso, mas uma resposta nervosa e gutural sobre a qual não tinha controle. E era certo que estava nervoso. Estava nervoso desde que saíra de Florestranha e atravessara o Caminho Arranhoso para chegar ao mundo de onde Nosso Garoto tinha vindo. Haviam lhe dado uma tarefa, mas não sabia realizá-la. Queriam que falasse com ela, que a fizesse acreditar. Risonho não tinha sequer certeza se sabia por que aquilo era importante, só sabia que Rabeca e os outros disseram que era.

Para que Nathan, o pequenino, pudesse voltar, e para que Nosso Garoto vencesse, ela precisava acreditar.

Mas Risonho arruinara tudo. Primeiro, ele a tinha assustado, e como poderiam ter achado que ela não ficaria assustada? Deviam ter mandado Sinibundo, ou Rabeca. Mas o sinoforme não estava bem, dissera o dragão. E Brigadeiro e Rabeca eram necessários em Florestranha.

Tinha de ser Risonho.

Mas ele a assustara. E ela tinha gritado, batido nele, e ele se cortara ao pular da janela.

Agora, a assustara de novo. Naquele mesmo momento ela o encarava da janela do escritório. Tinha sido descuidado, afastado-se demais das

árvores, e agora havia duas mulheres ali.

Com um cacarejo de riso gutural, voltou para as árvores e refez seu caminho pela floresta. Voltaria à cidade. À casa dela – ou talvez ao hospital. Simplesmente esperaria até conseguir se aproximar dela outra vez e então a agarraria. E falaria. Explicaria. Faria com que acreditasse.

Um calafrio o percorreu.

Risonho não estava mais nervoso apenas. Estava um pouco assustado. O tempo estava passando rápido demais agora. Disseram-lhe para andar logo com aquilo, e já haviam se passado dias. Ele começou a perceber que, não importava o que fosse necessário, teria de chegar perto o bastante para fazê-la ouvir. Podia ser um pouco "lelé", como sempre dizia Brigadeiro, mas Risonho não era besta. Sabia que a mulher não ia escutar por livre e espontânea vontade.

Teria de obrigá-la.

– Extraordinário – disse o General Manteiga de Amendoim, arregalando os olhos com teias pegajosas.

Ele estava ao lado de Thomas, com Rabeca outra vez pousado em seu ombro. Brigadeiro e Sinibundo iam aos tropeços atrás, o sinoforme badalando alto. O General se perguntava se era possível fazer algo a respeito sem matar o coitado. Também se perguntava se Sinibundo não passaria a ser um risco sob outros aspectos. Era óbvio, ao menos para o General, que o sinoforme não estava são de jeito nenhum. Ele já tinha visto aquilo antes, o horror nos olhos de um soldado que já vira demais.

Ambos perdiam o controle com muita facilidade.

Aquilo era a guerra. Não podiam se dar ao luxo de ter Sinibundo anunciando sua chegada, nem de que algum acesso acontecesse na hora errada. Essa era uma das muitas coisas que ele e Thomas teriam de discutir antes do ataque. Por ora, contudo, logo o sol iria se pôr, e a investida teria de esperar até a manhã seguinte. Ainda tinham de percorrer certa distância antes de chegar ao sopé das Montanhas Carecas. Era ali que passariam a noite.

Contudo, ele não conseguiu passar por ela sem parar para apreciá-la ao menos um instante.

– Estava aqui antes da minha primeira visita – disse Thomas.

– É… – o General procurou a palavra, uma palavra que não usava havia bastante tempo. Então a encontrou. – É bela – disse.

E era. Uma imensa cascata precipitando-se para o alto acima de um pequeno lago, a nascente do Cima-Rio. Dali a água corria para cima num círculo, dando a volta por toda Florestranha, até que cortava a parte oeste da floresta e era forçada cachoeira acima, para depois subir pelas montanhas, onde enfim desabava no Nada Nebuloso.

– Creio que a água vai para o Nada e depois aparece aqui de novo – explicou Thomas. – É parte do ciclo.

– De fato – disse o General, examinando os mais de trinta metros da cascata. – E, se essa não era a explicação antes da sua primeira visita, passou a ser depois que você começou a escrever a respeito.

Thomas contorceu o rosto como se tivesse levado um tapa. Parecia arrependido, expressão da infância do filho da qual o General bem se lembrava.

– É assim que funciona? – perguntou Thomas.

– Você é que sabe – disse o General, sorrindo afavelmente. Estendeu os braços e desarrumou o cabelo do filho. – Foi você quem me colocou aqui, lembra?

Aquilo não ajudou, na verdade. Só fez Thomas ficar ainda mais chateado.

– Pai, já falei, eu…

– Não foi isso que eu quis dizer, TJ – disse o General. – Acredite em mim, nunca acreditei em nada… no depois. Não ligava muito pra religião, tenho certeza de que se lembra. Quando você veio aqui da primeira vez… – e agora foi a vez de o General ficar sombrio, por não poder evitar lembrar as circunstâncias do acidente de Thomas.

Ele deixou os olhos se dirigirem para a nascente. Os outros tinham ficado a muitos metros de distância, de modo que somente Rabeca conseguia ouvir a conversa. E o dragão pareceu fazer o melhor que podia para não prestar atenção. O General olhou para ele, estendeu os braços para cima, e acariciou o couro verde de suas asas com dedos pegajosos. Rabeca acenou uma vez com a cabeça.

– Quando veio aqui pela primeira vez – recomeçou –, os médicos tinham certeza de que você morreria. Acho que sempre imaginei que, de algum modo, Florestranha juntou seus pedaços do mesmo jeito que essa ridícula manteiga de amendoim cuida dos meus ferimentos. A partir de então, ela passou a ser parte de você de uma maneira que tornava impossível não entrelaçar seus destinos. Aí, quando começou a escrever

a respeito, bem, isso simplesmente mudou tudo.

Thomas olhou ao redor, seu olhar cruzando com o de Brigadeiro. Sinibundo não estava olhando para ninguém, mas seus olhos ficavam indo para diversos lados, e parecia estar murmurando consigo mesmo. O General estava ficando cada vez mais preocupado com ele.

– Estou contente por estar aqui, Thomas – falou o General após um tempo. – De certo modo, você me salvou. Embora eu saiba que não tinha nenhuma razão para isso. Eu não fui um grande pai.

Ainda que parte dele quisesse desesperadamente que Thomas discordasse, no fundo não esperava por isso. E não teve o que queria. Thomas ficou em silêncio, encarando a torrente. Não era bobo, sabia que havia amor entre ele e o filho. Mas amor não significava que Thomas mentiria só para aliviar sua culpa.

Ficaram juntos em silêncio por algum tempo.

– Lamento por isso tudo – falou por fim. – Vamos resgatar Nathan, TJ. Só queria ter sido capaz de prever isso. Poderia ter impedido.

Thomas sacudiu a cabeça.

– É culpa minha – respondeu. – Acho que acabei esquecendo Florestranha. Para mim, depois de um tempo, ela era só um sonho, e houve um momento em que parei de prestar atenção neles. Quando Nathan nasceu, ela nem parecia mais tão importante. Nunca me ocorreu que eu poderia estar… machucando alguém.

Subitamente, Rabeca agitou as asas. O General contorceu o rosto por causa da música alta em seus ouvidos, e pai e filho ergueram juntos as sobrancelhas e olharam o dragão. Naquele momento, o General achou que Thomas nunca havia se parecido tanto com ele, e sorriu só um pouquinho.

– Rabeca? – perguntou Thomas.

– Você não fez nada, Nosso Garoto – respondeu Rabeca, sério. – Nós poderíamos ter continuado sem você. O General me explicou muita coisa em nossa jornada conjunta, coisas que eu achava que sabia, mas nunca tinha entendido. Estávamos aqui antes de você. E talvez alguns de nós tivessem partido, ou talvez as coisas mudassem drasticamente, e acho que estaríamos aqui depois de você. Mas, mesmo que isso não fosse verdade, o que o Lanterna fez é mau. Seu Nathan não fez nada. Porém é ele quem sofre por nossos medos.

Thomas acenou sombriamente com a cabeça. O General Manteiga de

Amendoim estendeu o braço e colocou a mão no ombro do filho, apertando-o com firmeza. Brigadeiro apareceu então, e parecia ter ouvido ao menos parte da conversa.

– Vamos – disse ele. – Chegaremos ao sopé esta noite e, amanhã de manhã, salvaremos o menino Nathan.

– Amanhã de manhã – disse Sinibundo, feliz e ensandecido – o Chacal Lanterna vai morrer.

Muitas horas depois, saíram de uma faixa arborizada e viram que a terra estava mais dura. A relva rente carregava a terra e pó, e, adiante, as montanhas erguiam-se para o céu. A mais alta das Montanhas Carecas estava bem à frente.

– Bem, aqui estamos – disse Brigadeiro.

– E onde é que estão os Guardas? – perguntou Thomas. – Parece que Rubrafolha não cumpriu o prometido.

Atrás deles, a floresta ganhou vida com passos ribombantes e galhos farfalhantes, folhas que sopravam e raízes que estrepitavam. Thomas virou-se e viu seis árvores se separarem e caminharem adiante. Rubrafolha estava entre elas. E também Engole-Vento e Casca Negra. À frente deles todos, Capitão Galholargo deu um passo adiante e baixou seus galhos numa espécie de saudação.

– Está nos subestimando, Nosso Garoto – falou Galholargo. – Muitos dos nossos morreram no fogo, mas estamos com você. O Chacal Lanterna tem de ser impedido, não só pela ameaça que representa para a floresta como um todo, mas também pelo mal que já fez.

Thomas estava tomado pela emoção. Alívio, honra, medo, esperança e tantos outros sentimentos lutavam dentro de si.

– Obrigado, Capitão. Você me dá esperança.

Naquela noite, dormiram em segurança debaixo dos galhos dos guardiões da floresta.

A aurora não tardaria.

A luz de tochas bruxuleava nas paredes úmidas da câmara de audiências do Chacal Lanterna. De quatro, ele caminhava pelo chão de pedra, com a chama dentro da cabeça de abóbora brilhando com mais força do que o normal. Um grunhido grave escapou da garganta enquanto se movia pelo recinto.

Era o coração de sua fortaleza. O lugar onde estava acostumado a retirar-se da floresta, do mundo. Ali ninguém poderia encostar nele, jamais. Ou, pelo menos, era nisso que havia acreditado antes de Nosso Garoto se afastar de Florestranha e tudo começar a desabar. Lanterna era o rei do medo na floresta, mas ele mesmo tinha subitamente começado a ficar temeroso, e fora por isso que roubara a criança, para forçar Nosso Garoto a prestar atenção.

Mas agora, no interior de sua fortaleza, nunca o Chacal Lanterna se sentira tão vulnerável. Mataria a criança caso fosse necessário, caso Nosso Garoto não desse ouvidos à razão. Se ele se importava tão pouco com a floresta, o mínimo que poderia fazer seria entregar aquele poder ao Velho Chacal. Até onde isso dizia respeito ao Velho Chacal.

– Hum – gemeu Lanterna com um sorriso de dentes serrilhados de abóbora, a luz projetando sombras grotescas de dentro de sua cabeça, os horrendos sonhos que brilhavam de sua mente.

Se Nosso Garoto não cooperasse, o Velho Chacal não teria nada a perder. Arrancaria o coração de Thomas Randall do peito e o fritaria no jantar. Explodiria os olhos do Garoto entre seus dentes. Faria linguiças com suas vísceras, e salada com seu cérebro.

Depois, junto com o resto de Florestranha, Chacal Lanterna apodreceria.

Era essa possibilidade que rodopiava em seu cérebro quando a porta da câmara subitamente se abriu, fazendo ruído de ferro e madeira. Caracrânio estava na porta aberta, a barba irregular marcada de baba como um cão raivoso e uma asquerosa nuvem de fumaça saindo de seu crânio fendido.

– Meu Senhor Chacal! – gritou Caracrânio.

Lanterna rosnou e deu um pulo, atravessando a câmara, soltando fogo pela cabeça. Pousou com força em Caracrânio, derrubando o homem imundo no chão. As garras do Velho Chacal rasgaram as roupas de Caracrânio e cortaram seu peito, e ele grunhiu e bateu no rosto do intruso.

– Não, por favor, pare! – choramingou Caracrânio. – Desculpe… desculpe, mas eu…

– Silêncio! – sibilou Chacal Lanterna. – Você está sendo ousado demais, seu tolo.

– Não… por favor – gemeu Caracrânio. – É Bob, meu senhor.

Mas então não houve mais necessidade de falar. Chacal Lanterna havia escutado o grunhir e fungar de uma das Irmãs Símias e, erguendo os olhos, viu a escura silhueta de uma imensa gorila no corredor, que, um momento depois, entrou na câmara carregando o corpo frouxo de Bob Dentelongo. Seu pelo estava sujo de sangue seco.

– Dentelongo – sussurrou o Velho Chacal. – Merda.

Então ele rugiu alto, longamente, a chama dentro de seu crânio de abóbora bruxuleando, tênue, enquanto deixava toda a sua energia escapar. A gorila deitou Dentelongo delicadamente sobre o chão de pedra e saiu da câmara tão rápido quanto conseguia. Caracrânio sentou-se ao lado da figura imóvel de Dentelongo, mas Chacal Lanterna ignorou os dois, bramindo e marchando pela câmara, indo e vindo, a mente dando rodopios.

Num instante estava de novo ao lado de Caracrânio, baixando os olhos para Dentelongo. Notou que o peito do homem-tigre subia e descia.

– Ele está vivo – comentou Chacal Lanterna.

– Está – respondeu Caracrânio com voz fraca, o alívio evidente em sua voz, que normalmente era tão pérfida e cínica.

– Então vai lutar – disse o Lanterna, confiante. – Limpe-o e o coloque numa cama em algum lugar.

Fogo verde bruxuleava na cabeça fendida de Caracrânio enquanto ele erguia Dentelongo.

– É culpa dele – grunhiu Caracrânio. – D'O Garoto.

O Lanterna congelou.

– Nosso Garoto fez *isto*? – perguntou, incrédulo.

– A Rainha da Floresta provocou os ferimentos em Bob – disse Caracrânio. – Mas isso nunca teria acontecido se não fosse por aquele pedaço idiota de carne.

Lanterna acenou com a cabeça, aliviado. Não via Thomas exatamente como um guerreiro, mas as palavras de Caracrânio fizeram-no hesitar um instante. Não, ele venceria. Rasgaria a pele d'O Garoto se preciso fosse.

Mas não seria necessário. De jeito nenhum. Não enquanto tivesse a posse da criança, que estava no andar de cima. Com Nathan sob seu domínio, Thomas faria o que quer que o Velho Chacal desejasse.

Um súbito bater de asas chamou sua atenção, e Lanterna, virando-se,

viu Mauro Corvo se acomodar no chão de pedra do corredor.

– Permissão para entrar, meu senhor – disse Mauro.

Ah, pensou Lanterna, alguns dos meus servos entendem o protocolo.

– Entre.

Mauro voou para a câmara e parou no alto encosto da cadeira do Chacal.

– Que há, pássaro?

– É o menino – respondeu Mauro. – Ele está morrendo.

Apesar de estar profundamente perturbado, Chacal Lanterna não correu para o quarto onde o menino estava preso. Não seria bom que seus súditos o vissem em pânico, que era, de fato, o que sentia naquele momento. Não. Em vez de subir a largas passadas a escadaria espiralada de pedra e correr, afoito, pelo corredor, o Velho Chacal andou ereto, apoiando-se nas patas traseiras, com o peito projetado e o fogo bruxuleando em seus olhos de abóbora.

Mesmo quando Caracrânio saiu com Dentelongo para cuidar dos ferimentos do homem-tigre, Lanterna não perdeu o autocontrole. As coisas não estavam indo como planejado, mas não pretendia dividir suas preocupações. Nem mesmo com o corvo, que havia sido o primeiro dos habitantes de Florestranha a lhe jurar lealdade e ao seu plano.

Mauro Corvo tinha matado o próprio irmão por ordem do Lanterna. Na opinião do Velho Chacal, aquele tinha sido um belo gesto.

Quando chegou ao corredor que levava ao quarto de Nathan, pôde ver a luz de velas brilhando forte. Antes de chegar à porta, porém, ouviu o bater de cascos na pedra, e entendeu que Penatesta estava com o garoto adoentado. E suspeitava que, onde encontrasse Penatesta, também encontraria Resmungo.

Lanterna parou e ergueu uma das mãos para indicar que Mauro deveria fazer a mesma coisa.

– …nada bom. Se ele não tomar algum remédio, se pelo menos não comer alguma coisa, e logo, vai morrer – dizia Resmungo.

– A gente sabia que isso podia acontecer – respondeu Penatesta, ainda que sua voz não soasse tão confiante quanto teria desejado Chacal Lanterna.

– Sim, mas… – falou Resmungo, a voz sombria. – Não sei. O que eu sei é que não era nisso que eu esperava me meter.

Naquele momento, Chacal Lanterna decidiu irromper quarto adentro. A porta estava apenas semifechada, e ele usou toda a sua considerável força para escancará-la, fazendo com que o quarto inteiro fosse sacudido, como que por um trovão, para que sua presença fosse reconhecida. Labaredas fulgiam em seus olhos, e a boca serrilhada e a pele laranja pareciam brilhar com as chamas ali dentro.

– Idiota! – rugiu. – Você procura a minha proteção e passa a me servir sabendo perfeitamente bem as coisas indizíveis de que sou capaz! E aqui está você, choramingando feito um roedor dodoizinho.

Começou a tomar fôlego, mas petrificou-se. Mauro Corvo havia pousado aos pés da cama de Nathan. Penatesta e Resmungo se limitaram a ficar olhando para ele, boquiabertos. Debaixo dos nojentos cobertores, a criança, agora dolorosamente magra, começou a tossir e a arquejar horrivelmente. Contudo, seus olhos não se abriram. A pele tinha um tom de verde e amarelo, cores incomuns na paleta da pele humana.

O olhar do Chacal Lanterna dirigiu-se de novo para Resmungo e saltou pelo quarto, como se fosse cair sobre o anão e despedaçá-lo. Em vez disso, parou bem na frente do diminuto ranzinza e, com a parte de trás da pata dianteira, golpeou-o com força no meio do nariz, estilhaçando-o.

Resmungo gritou; sangue jorrou das duas narinas.

A mão direita do anão crispou-se, movendo-se menos de um centímetro na direção das armas nos coldres que, Lanterna sabia, ele guardava embaixo do casaco. Mas parou. Resmungo ficou encarando-o em silêncio.

– Florestranha inteira corre perigo, anão – escarneceu Chacal Lanterna. – A vida de uma criança não é nada diante disso. Se ele estiver vivo até Nosso Garoto chegar, isso é tudo o que importa. Se você for tão covarde a ponto de não ficar do meu lado no conflito que se aproxima, então vá embora. Por favor. A visão de um covarde me dá náuseas.

O Velho Chacal achou melhor não mencionar que precisava de Resmungo. Nem que, caso o anão decidisse ir embora, estaria morto antes de chegar à porta. Entretanto, embora obviamente furioso por causa do golpe e do insulto, Resmungo não deu resposta, verbal ou física.

– Então – disse Lanterna, como se o enfrentamento nunca tivesse acontecido –, você acha que ele está precisando comer.

– Quando não está delirando, recusa-se a comer qualquer coisa – comentou Penatesta, relinchando baixinho e batendo os cascos. – Ele pode morrer se continuar assim.

Num canto estava um pratinho de madeira em que havia um pedaço de queijo excessivamente aguado e fatias de pão preto e granuloso. Lanterna pegou o queijo e usou as patas para cortar suas bordas levemente mofadas. Ao terminar de fazer isso, partiu um pedacinho, foi até a cama de Nathan e pôs a comida na boca do garoto.

Nathan nem sequer abriu os olhos.

Chacal Lanterna apertou a ponta de uma garra contra o lábio do menino, perfurando sua carne e fazendo com que Nathan acordasse com um grito sobressaltado de dor.

O garoto gemia. Os olhos se arregalaram quando viu o Velho Chacal, e pareceu afundar-se ainda mais no colchão, afastando-se o máximo que podia, sem sair da cama.

– Por favor – pediu Nathan. – Por favor, não…

Mas isso foi tudo o que conseguiu dizer antes de seu corpo ser novamente torturado por tossidas que o deixavam visivelmente mais fraco a cada momento.

– Você vai comer! – ordenou Chacal Lanterna.

E só.

Então colocou o pedacinho de queijo nos lábios do garoto. Ele se encolheu, mas, após um instante encarando o Lanterna e estremecendo, abriu a boca e se permitiu ser alimentado. Mastigou lenta e dolorosamente. Após longos momentos, tentou engolir; o esforço produziu o acesso de tosse mais severo até aquele momento. O queijo foi cuspido na roupa de cama imunda.

Nathan apertou a própria garganta, lágrimas escorrendo pelas bochechas, enquanto seus olhos começavam a perder o foco.

– Não consigo engolir – disse, a voz fraca. – Dói demais. Parece que… encolheu.

Depois, desmaiou, ali no colchão. Chacal Lanterna sentiu necessidade de retaliar de algum modo o insulto do queijo regurgitado de maneira tão chocante. Mas o menino estava claramente além de qualquer punição. Não, por mais difícil que lhe fosse considerar isso, cabia ao Velho Chacal manter vivo aquele pacotinho de carne. Ao menos até a chegada do seu pai.

O que sem dúvida aconteceria logo.

– Cuidem dele! – grunhiu Chacal Lanterna, encarando iradamente Penatesta e Resmungo. – Se ele morrer, vocês dois também morrem.

Uma hora antes do amanhecer, os Guardas-Florestais colocaram os outros em seus galhos e começaram a subida. A empreitada era longa e árdua para os Guardas, mas, pelo menos, o pequeno grupo que se tinha juntado a eles para atacar a fortaleza estaria descansado para a batalha na hora em que chegassem ao topo.

O sr. Sinibundo sentou-se no sopé da colina e os observou partindo. Tinha sido decidido por todos – e foi seu bom amigo Rabeca quem lhe dera a notícia – que seria praticamente impossível mantê-lo em silêncio na aproximação da fortaleza. Pelo jeito como o General e Nosso Garoto haviam sussurrado juntos antes, e como Brigadeiro tinha objetado e Rabeca havia feito música triste com suas asas, o sr. Sinibundo se perguntou se não haveria alguma outra coisa naquilo. Perguntava-se se não confiavam nele.

Mas Rabeca jurara que não era isso. E ele nunca mentia. Nunca.

Sinibundo queria matar Chacal Lanterna, porém, não queria pôr em risco a vida dos amigos com o badalar de seu sino. Por isso ficou para trás. Sentou-se, chorou, e os viu subir por quase meia hora antes de perdê-los de vista. Depois levantou-se e começou a longa, assustadora e solitária jornada de volta para os restos incendiados de seu lar na Terra dos Sinos e Apitos, onde imaginava que sentaria e choraria por mais algum tempo antes de começar a reconstrução.

Toda manhã, pensava, ele se levantaria e começaria a soar em nome dos mortos. Um tinir do sino para cada ente querido que perdera para as depravações do Chacal Lanterna.

Uma hora depois do nascer do sol, ele se virou e olhou para o elevado pico das Montanhas Carecas atrás de si. Teve a impressão de que conseguia ver Nosso Garoto na montanha, com o General, Brigadeiro e os demais.

– Matem-no – sussurrou o sr. Sinibundo. – Por mim. Por todos nós.

Houve um tempo em que Florestranha havia sido um lar feliz para ele.

Agora era o inferno.

Na mesma hora em que Sinibundo rogava baixinho, os Guardas-Florestais concluíam a subida, de pé em sua plena altura no platô sem vida em que ficava a fortaleza do Chacal Lanterna, construída a partir do próprio pico. O ponto mais alto de Florestranha. De um lado, o Cima-Rio chegava a seu ápice, e então caía no vazio para recomeçar sua jornada. Do outro, estava a frente plana e feia da casa do Velho Chacal.

O Capitão Galholargo, dos Guardas-Florestais, colocou Thomas delicadamente no pico varrido pelos ventos.

– Quais as ordens, Nosso Garoto? – perguntou.

Thomas voltou-se para o rosto na casca de Galholargo.

– Meu pai é o militar – disse. – Só quero saber como entrar.

Galholargo sorriu.

– Thomas, não tema – disse gentilmente. – Vamos colocar você lá dentro.

Thomas olhou para o pai e viu o modo como os olhos do General estavam estreitados e pegajosos com teias marrons açucaradas.

– E quando estivermos lá dentro? – perguntou.

O General fez silêncio um instante. Olhou para a frente da fortaleza, estudando-a. Por fim, voltou sua atenção para o filho.

– Somos só quatro. Ficamos juntos e vasculhamos o lugar de cima a baixo. Só queremos Nathan. Se alguém tentar impedir, matamos – falou objetivamente, encarando um de cada vez em seguida. – Alguém tem alguma objeção a isso?

– Por Florestranha! – bradou Brigadeiro, implacável.

– Por Nosso Garoto! – clamou Rabeca, imóvel nos galhos de Rubrafolha.

– Pela vida! – acrescentaram as árvores em coro.

Galholargo então curvou-se, e diversos de seus galhos superiores ofereceram um presente a Thomas.

– O que é isso? – perguntou Thomas, enquanto o Capitão dos Guardas-Florestais entregava-lhe um arco e uma aljava com flechas.

– Todas feitas dos meus próprios galhos há muito, muito tempo – disse Galholargo. – Pertenceram a um arqueiro de certo renome. Agora são suas. Você não pode ficar sem armas.

– Muito gentil. Mesmo. Mas nunca atirei uma flecha na vida – respondeu Thomas, olhando perplexo para aquilo.

Galholargo riu, assim como os outros.

– TJ, pense só – disse-lhe seu pai. – Talvez tenha perdido o controle desse lugar. Talvez nunca tenha realmente estado no controle. Mas você às vezes alterava as coisas, não é?

– A história é sua, Nosso Garoto – falou Brigadeiro, fazendo uma profunda mesura. – Você pode não ser capaz de dizer como ela vai terminar, mas certamente pode, escrevendo, tornar-se um arqueiro.

Thomas olhou as penas nas flechas da aljava.

– Vou tentar – disse, hesitante.

Foi aí que as imensas portas inferiores da fortaleza se abriram e uma imensa gorila negra saiu, trôpega, partindo na direção deles ao soltar um guincho.

Thomas tirou uma flecha da aljava, colocou-a no arco, puxou a corda para trás e deixou a seta voar. A sensação foi boa. Bem natural. Os outros olharam impressionados as penas verdes e vermelhas assoviarem no ar.

A flecha passou a muitos metros de distância da gorila. Gritando sua fúria, a símia selvagem se aproximava. O General Manteiga de Amendoim desembainhou a espada. Thomas pegou outra flecha.

Duas outras gorilas saíram da fortaleza.

A batalha tinha começado.

# Capítulo 17

Depois do choque ao ver seu perseguidor pela janela do escritório, Emily simplesmente entrou em colapso. O corpo inteiro e a mente pareciam anestesiados, como se gelo tivesse começado a se formar dentro dela. Um gelo que esquentava um pouquinho, levemente derretido, a julgar pela tremeluzente aura de raiva que o circundava. Estava cansada de sentir medo. Exaurida pela tragédia que sua vida se tornara e frustrada por esse novo estorvo.

A polícia local aparecera, claro. Fizeram uma varredura do local e não acharam nada, e depois um deles, um certo oficial Whitney, conversou com o detetive Sarbacker em Tarrytown, que pediu que ela se reunisse com ele para discutir algum programa de proteção. Emily combinara de encontrá-lo no hospital para que pudesse verificar como estavam Nathan e Thomas, e Sarbacker concordou de imediato.

Quando se acalmou um pouco e a polícia foi embora, Emily ligou para Joe, só para falar com ele. Contou o que havia acontecido, e ele se ofereceu para passar na casa dela e pegar algumas coisas para que Emily passasse a noite no apartamento dele. Tudo acertado.

Lorena havia reunido Dorian, do departamento de marketing, e Garth, da correspondência, ambos homens robustos e imponentes, e os três escoltaram Emily até o carro. Não havia sinal de seu perseguidor, o que tampouco a reconfortava. Ele tinha sido bastante persistente até então, e Emily sabia que apareceria de novo. E de novo.

Mais tarde, durante a conversa com Sarbacker no hospital, Emily não foi capaz de recordar a viagem de carro quando saiu do escritório. Era como se estivesse no piloto automático, como se seu corpo inteiro apenas seguisse os impulsos mais básicos. Antes de encontrar Thomas, passou para ver Nathan e beijou sua testa. Nada havia mudado.

Quando Sarbacker chegou, sentaram-se para tomar um café na cantina. Deviam estar entre um turno e outro, pensou ela, porque havia muita gente comendo e bebendo em volta deles, e foi bem difícil arrumar uma mesa.

Depois de ela ter repassado os acontecimentos do dia, o detetive a olhou com afeto e simpatia. Em seguida, sua expressão ficou dolorida, e ele passou os dedos pelo cabelo com um suspiro de óbvia exasperação.

– Já vi isso um milhão de vezes – falou –, ainda que normalmente com ex-maridos, ex-namorados etc. Fosse esse o caso, seria na verdade mais fácil proteger você.

– O que está dizendo, Walt? – perguntou Emily, lembrando que ele havia pedido que usasse seu primeiro nome. Gostava da intimidade. Fazia-a se sentir mais preciosa para ele e, por consequência, de algum modo mais segura, o que era ridículo, ela sabia. Mas saber não mudava a sensação.

– Desculpe, Emily – disse Sarbacker, recostando-se na cadeira e olhando-a com ar de seriedade. – Mas você precisa saber que ninguém pode garantir sua segurança.

– Claro que sei – Emily logo o cortou. E revirou os olhos. – Mas, Deus do céu, o que é que esperam que eu faça? Esse cara não me fez nada, na verdade. Ainda não. Mas sempre está por perto. O tempo todo. Foi até a minha casa. Ele pode estar fazendo uma merda de um sanduíche na minha cozinha agora mesmo. O que esperam que eu faça?

Lágrimas insistiam em brotar nos cantos de seus olhos, porém Emily lutou desesperadamente contra elas, dando mordiscadas nos cantos da boca.

– É melhor você ir embora – falou Sarbacker, a voz grave, inclinando-se para a frente e forçando-a a olhá-lo nos olhos. – Viaje por um tempo. Ele vai acabar perdendo o interesse.

Emily sacudiu a cabeça com um leve sorriso, depois jogou os cabelos loiros para trás e o fitou com dolorida diversão. Sabia, pela expressão dele, pelo tom de sua voz, que ele não havia acreditado nem por um segundo que ela fosse sair da cidade, não com Nathan e Thomas ainda em coma.

– Não posso ir embora – respondeu, desnecessariamente. – Você sabe disso.

Sarbacker suspirou.

– Não há muita coisa que possamos fazer por você, então – ele a informou com franqueza. – Vou tentar aumentar a frequência com que o carro patrulha passa pela sua casa. Vou lhe dar meu número pessoal. Ele fica ligado o tempo todo. Se quiser, podemos marcar um horário com um instrutor de defesa pessoal que volta e meia recomendamos. Ele é da região, e é muito bom.

Ela olhou dentro de seus olhos bondosos e tristes. Seu cabelo hoje parecia um pouco mais cinzento, mas ela suspeitava que fosse só efeito da horrenda luz da cantina.

– Isso é tudo o que podem fazer? – perguntou ela com voz débil.

Pelo modo como insistira em encontrá-la, Emily tinha achado que havia algo mais, que a polícia prestaria mais atenção a suas queixas, agora que outra pessoa também tinha visto o homem que ficava atrás dela. Lorena fizera uma descrição horripilante do homem, cuja barba, disse, cobria uma parte tão grande de seu rosto que ele "parecia um lobisomem".

– É só isso, então? – insistiu Emily, quando Sarbacker não respondeu imediatamente.

– É a triste verdade – confessou, obviamente lamentando –, mas, como não sabemos se esse maluco tem más intenções ou se é só um obcecado, ninguém vai aprovar proteção especial nem vigilância.

– Ele precisa me matar para que alguém ache que eu necessito de proteção? – perguntou ela.

A isso, Sarbacker não respondeu.

Após a partida do detetive, Emily passou o resto da tarde no quarto de Nathan, só sentada ali, às vezes lendo em voz alta um livro que trouxera de casa e que ele gostava que lessem na época do Natal: *O Expresso Polar*. O Natal não estava próximo, mas ele não sabia. Ou, pelo menos, ela não achava que soubesse. A única coisa que importava eram as palavras, as palavras doces, tranquilizantes, e a promessa de esperança.

Diversas vezes pensou em voltar lá embaixo para ver Thomas, porém não voltou. Ele era responsável pela própria condição, e seu filho precisava mais dela. Nathan nunca havia feito nada para machucar ninguém. Emily ficou sentada em vigília a seu lado, como se de algum modo pudesse fazer pelo filho aquilo que a polícia não tinha como fazer por ela.

Às 18h37, seu celular tocou. Ela o tirou da bolsa e o abriu.

– Alô.

– Ei. Ainda no hospital?

– Oi, Joe. Estou, sim. Aliás, já ia te ligar.

– Peguei as suas coisas. Não vou a nenhum outro lugar. Achei que podíamos pedir comida chinesa, depois a gente se esconde aqui até o mundo acabar.

Havia um certo humor em sua voz, visivelmente forçado. Ele queria deixá-la mais leve, mas fracassara miseravelmente. Mesmo assim, Emily apreciou o esforço. Ele era mesmo um bom homem.

– Faz o seguinte – disse ela. – Pode telefonar e fazer o pedido no Beijing Gardens, e eu passo lá no caminho e pego.

Houve uma pausa do outro lado. Então, Joe perguntou:

– Tem certeza? Logo, logo vai ficar escuro, e não tem nenhum problema em pedir para entregarem.

– Não, eu pego – confirmou ela.

Emily tinha a sensação de que havia ficado submersa no medo o dia inteiro, como se prendesse o fôlego debaixo d'água, escondendo-se da claridade acima. Seria bom, pensou, ver aquela luz, ao menos por um instante; tomar parte do mundo real por alguns minutos roubados, um tempo passado não no carro, nem no hospital, nem atrás das barricadas no quarto do namorado. Era uma coisinha à toa – pegar comida chinesa para viagem –, que, no entanto, a colocaria em contato com gente.

– Tudo bem – concordou Joe. – Vou telefonar. Frango com mel e gergelim?

– Frango Kung Pao – respondeu Emily. – Estou com vontade de alguma coisa mais picante. Talvez assim eu acorde um pouco. E se eu parar e comprar também umas cervejas pra gente?

– Olha que a cerveja vai te dar sono – disse Joe, genuinamente contente com a mudança de tom dela. – Mas, se quiser, não deixe de comprar. Não quer mesmo que eu vá?

– Desde que eu não tenha de ir para a minha casa – ela lhe disse –, acho que vai ficar tudo bem, ao menos por esta noite.

Depois disso desligaram, e Emily ainda tinha um pequeno sorriso no rosto. Ainda não estava tudo acabado. Ela podia sentir. Por dentro, não conseguia fugir do medo que havia aumentado exponencialmente nos últimos dois dias. Mas, mesmo que fossem necessários esforços

hercúleos, estava determinada a ser uma pessoa real de novo, só por uma noite.

Eram quase 19h30 quando parou no estacionamento do Beijing Gardens. Emily não foi com pressa, sobretudo porque o restaurante era famoso por demorar demais para preparar os pedidos para viagem. Assim, quando entrou e ficou sabendo que a comida ainda não estava pronta, não chegou a ficar surpresa, só um pouco incomodada.

Sentou-se, o estômago roncando, num banco vermelho de couro falso, e tentou desesperadamente não ouvir as vozes desafinadas e forçadas cantando no karaokê do salão ao lado. A sorte dos proprietários era que o restaurante tinha a melhor comida chinesa do condado de Westchester.

Quando sua comida ficou pronta, uma moça particularmente entusiasmada havia destruído o que parecia ser o repertório completo de Barbra Streisand. Do lado de fora, a noite caía com rapidez.

Carregando o grande saco de papel pardo com as duas mãos, sentia o calor emanando do fundo. Pela fenda na parte de cima, entre os dois grampos que a atendente tinha colocado no saco, saía um cheiro delicioso. Só pelo aroma, teve a impressão de que Joe tinha pedido que fizessem o frango Kung Pao extrapicante, e sorriu. E salivou também.

Tendo descido os quatro degraus de cimento e chegado ao estacionamento, segurava o saco firmemente com as duas mãos contra o peito, como se quisesse protegê-lo do perigo. O céu havia escurecido de maneira considerável, e, com as árvores enfileiradas em seu entorno, o estacionamento estava ainda mais escuro. Mas ainda não era noite plena.

Da sua esquerda vieram um estalo e um farfalhar, e Emily pulou, sobressaltada com o barulho. Seu coração batia forte no momento em que se virou para olhar e percebeu que o barulho tinha vindo do transformador no poste telefônico, enquanto o poste na extremidade do estacionamento ficava piscando.

Riu de leve consigo mesma.

Mas aquilo não era engraçado. A ansiedade e o medo eram reais e tinham bons fundamentos. Era hora de ir para a casa de Joe e trancar tudo direitinho, pensou. Passando o saco para o braço direito, abaixou o esquerdo para pôr a mão na bolsa, pendurada sobre o braço esquerdo. Ficou procurando as chaves, e enfim as encontrou. Apertando um botão,

o alarme do carro apitou para informá-la de que estava desarmado.

Ela abriu a porta de trás e pôs o saco no chão.

Quando fechou a porta e se virou para abrir a do motorista, ele estava bem atrás dela.

– Emily, escute – disse, a voz numa mistura de grunhido e choramingo.

Então ele começou a rir, um som nervoso que vinha das profundezas de seu interior.

Emily arremessou as duas mãos contra seu peito, empurrando-o para trás, e tentou correr. Mas ele era mais forte e mais rápido do que ela havia pensado. Ele riu mais alto, ainda mais loucamente, agarrando-a com as duas mãos e virando-a para que o encarasse, jogando-a contra o carro com tanta força que suas costas e pescoço foram tomados por uma dor intensa.

– Meu Deus, por favor, não…

– Olhe pra mim! – vociferou.

Ela olhou.

– Você precisa ouvir – insistiu ele, quase rosnando para ela. – Você precisa acreditar, ou eles dois vão morrer. Todos nós vamos morrer.

O rosto dele estava inteiramente coberto por uma fina penugem. O nariz era levemente projetado para fora do rosto. Os dentes eram presas, reluzindo à luz do poste. As orelhas, porém, eram o pior de tudo. Ficavam bem no alto da cabeça e eram pontudas, como as de um lobo ou algo assim. Era uma figura horrenda.

– Não está me reconhecendo? – perguntou ele.

E de novo aquela risada.

Emily começou a gritar.

– Afaste-se já da mulher! – gritou uma voz.

A voz de Walt Sarbacker.

Com a mente desorientada e dor nos braços no lugar onde ele a segurava com tanta força, Emily se virou para ver que Sarbacker se aproximava lentamente, a arma apontada para o agressor. Uma onda de alívio a percorreu. Pelo jeito, ele resolvera segui-la pessoalmente, apesar do que tinha dito. E sozinho.

Mas estava armado, e… a coisa, não.

– Você precisa acreditar – grunhiu ele de novo, jogando-a contra o carro, olhando em seus olhos – Olhe pra mim! – exigiu. – Você me

conhece. Você leu as histórias todas, eu sei que leu.

– Afaste-se da mulher! Agora! – ordenou Sarbacker mais uma vez.

Os olhos de Emily arregalaram-se enquanto encarava o agressor.

O detetive havia avançado, de modo que agora estava a menos de três metros de distância, logo à direita.

Mais uma vez Emily foi jogada contra o carro. Teve a impressão de ouvir uma de suas costelas se quebrando, e um arrepio de dor se precipitou dentro dela.

Emily gritou, reagindo. Deu uma joelhada entre as pernas dele com toda a força que possuía. Era tudo o que conseguia pensar em fazer, e seu agressor não fez nenhum movimento para se defender. Ganiu como um animal ferido, olhando-a com olhos assustados que a fizeram, só por um momento, querer lhe estender a mão.

– No chão, já! – gritou Sarbacker.

Ele avançou para o agressor, que se virou para o detetive, rindo com aquela histeria alta, chorosa, lunática, e depois deu um salto em sua direção, como para atacá-lo. Ou para se defender.

Sarbacker disparou uma vez.

A coisa com corpo de homem e rosto de animal caiu no estacionamento numa confusão de membros. O sangue começou a formar uma poça muito rapidamente embaixo dele.

Mantendo os olhos e a arma no agressor, Sarbacker esgueirou-se para o lado, para ficar junto de Emily.

– Você está bem? – perguntou.

– Acho… acho que sim – respondeu ela.

– Ele falou alguma coisa? Você tem alguma ideia de por que estava atrás de você?

Emily ficou olhando a figura imóvel.

– Você não conseguiu vê-lo direito, viu? – perguntou ela.

– Por quê, era alguém que você conhecia?

– Talvez. Num certo sentido. Pode virá-lo?

– O quê? – perguntou Sarbacker. – Por quê?

– Por favor – disse Emily.

Com bastante cuidado, a arma apontada para o perseguidor, Sarbacker usou o pé direito para virar o corpo. Em voz baixa, jurou ter visto pelos, presas, orelhas.

A coisa ainda estava viva. Respirava. Porém, a julgar pela quantidade

de sangue que saía dela, não ficaria assim por muito tempo.

– Meu Deus, que raio de criatura é essa? – sussurrou Sarbacker, principalmente para si mesmo.

A coisa ferida e moribunda começou a soltar risinhos fracos.

Emily ajoelhou-se a seu lado, ainda que Sarbacker tivesse lhe gritado para manter distância, fazendo um gesto com a arma.

– É verdade, não é? – perguntou ela, estendendo a mão para tocar seu rosto. – Você é o… Desculpe, faz muito tempo. Não consigo lembrar seu nome. Você não tem aparecido nos livros. Como é que o chamavam mesmo? – Emily pensou por um momento.

Naquele instante, a criatura morreu. Seus olhos se fecharam para sempre, o coração parou de bombear sangue. Segundos depois, começou a sumir. A desvanecer, assim como a luz do sol sumia na extremidade do mundo ao final do dia. Instantes após aquele processo ter começado, foi como se nunca tivesse estado ali.

– Risonho – Emily Randall disse baixinho.

Walt Sarbacker ainda estava de pé naquele ponto, observando o pavimento vazio, quando outros oficiais chegaram para lhe dar apoio. Seu agressor, explicou Emily, tinha escapado. O detetive Sarbacker disparara um único tiro, que o assustou. Ele salvara sua vida, por assim dizer.

Não, ela não sabia explicar por que ele se recusava a falar.

Como se fosse um chamado às armas, a música das asas de Rabeca enchia o ar. O dragão ergueu-se alto no céu acima do campo de batalha e depois sumiu. Quando eles chegaram, concordaram que Rabeca se infiltraria na fortaleza para tentar estimar o número de inimigos que enfrentariam. Se conseguisse achar Nathan logo, melhor ainda.

Por alguma razão, quando o dragão voou para dentro de uma alta janela da fortaleza, fora do alcance da visão e agora da audição, Thomas estremeceu. O vento gélido que soprava no pedregoso platô no topo da montanha cortava até os ossos, mas não era essa a causa.

Em algum lugar naquela fortaleza, seu filho ainda estava vivo. Ele sabia. E, de algum modo, eles o tirariam dali.

– TJ, cuidado! – ribombou uma voz pegajosa.

Thomas tirou os olhos dos altos muros da fortaleza e os voltou para a batalha imediata.

As Irmãs Símias haviam saído da fortaleza e atacavam. As imensas gorilas eram capazes de partir um homem em dois com um só movimento. Mas, para fazer isso, teriam de alcançá-lo. Os Guardas-Florestais tinham se movido para impedir que isso acontecesse. Seus galhos mergulhavam para baixo, a fim de combater as Símias, mantendo-as afastadas. Brigadeiro havia rompido sua linha e naquele exato momento engalfinhava-se com uma das trigêmeas gorilas. Thomas conseguia ouvir a fúria em seu rugido e via as feridas serrilhadas que Brigadeiro já tinha aberto no rosto da macaca.

Mas agora uma das Símias havia rompido a linha dos Guardas. Eles eram enormes, porém, às vezes, isso era uma desvantagem. Seus membros oscilantes tendiam a esbarrar uns nos outros.

– Qual delas? – gritou o General Manteiga de Amendoim enquanto segurava a espada em guarda, movendo-se para interceptar a gorila.

Thomas encarou-a, aquela besta imensa e cheia de baba que o Chacal Lanterna havia mandado para destruí-lo. Ele a conhecia. Afinal, ele a criara. Quando Thomas viera a Florestranha pela primeira vez, as Irmãs Símias ainda não existiam.

– Rebecca – disse ele ao pai.

O General postou-se no caminho de Rebecca Símia, e Thomas a encarou. Uma imensa tristeza se abateu sobre ele. Ela queria matá-lo. Ordens do Chacal Lanterna, sim, mas de todo modo era horrível saber aquilo.

O General Manteiga de Amendoim ergueu sua espada, golpeando as mãos e os braços de Rebecca para impedi-la de atacá-lo. Ela caiu para trás, e ele deu um passo adiante, usando toda a sua força para empurrar a lâmina para a frente, perfurando Rebecca, que rugia de dor e fúria.

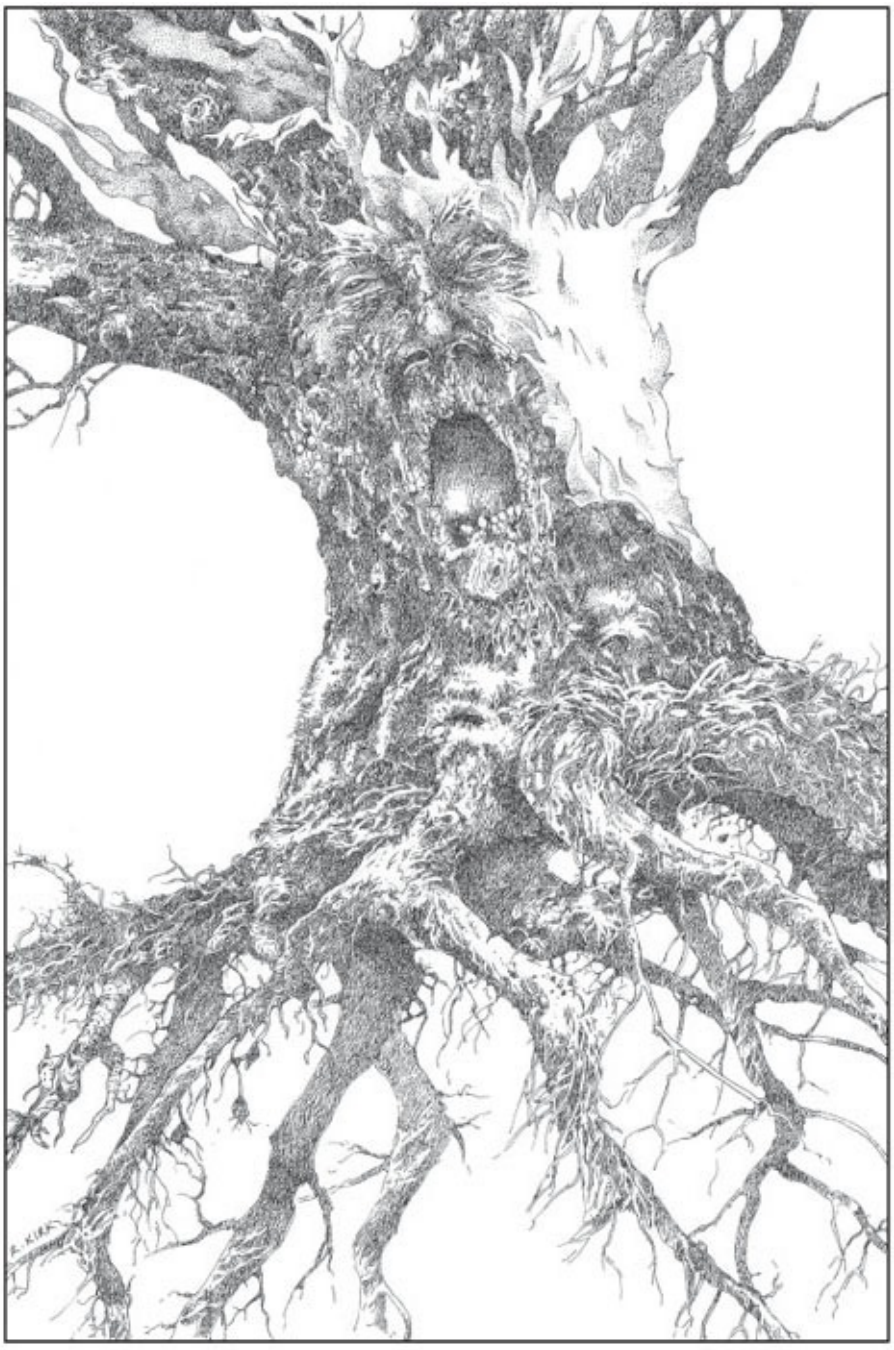
Então ela morreu.

Thomas chorou.

E as árvores começaram a gritar.

Dois dos Guardas-Florestais – Casca Negra e Rubrafolha, julgou Thomas a partir de uma olhada rápida – pegavam fogo. Ele os olhou horrorizado, e depois contemplou o resto do campo de batalha. O General corria para as árvores em chamas enquanto Brigadeiro ainda se engalfinhava com Abigail Símia e o Capitão Galholargo tentava prender Coretta, irmã dela, em seus galhos. Ainda defendia Thomas, mesmo que seus homens estivessem ardendo em chamas.

Bastava.



Thomas correu na direção deles, gritando para que parassem. Nem reconhecia as próprias palavras, só o horror na voz. As lágrimas tinham secado, e agora ele sentia um torpor e um vazio por dentro, um vazio que deveria ser ocupado por Nathan.

Estava a seis metros da batalha, das árvores em chamas e do pai, que, naquele momento, subia nas árvores, que gritavam, arrancando seus galhos incendiados, tentando salvá-las por meio de amputações. Thomas via o modo como o sol era refletido pela manteiga de amendoim marrom e brilhante que recobria o corpo inteiro do pai, sentindo-se tomada pela repulsa.

Aquele não era um mundo de fantasia.

Súbita e instantaneamente, recordou um almoço com Francesca que parecia tão distante no tempo e no espaço. Ela contara que Florestranha a deixava de certo modo assustada. Thomas não tinha entendido. Mas agora olhava o pai, encarava aquele monstro louco com sua espada reluzente, e entendia.

Entendia aquele medo.

De cima veio um grasnar insano composto do crocitar de um pássaro e do riso de uma criatura maléfica. Eram a mesma coisa. Mauro Corvo pairava acima dele com asas negras como a noite, pegando os raios do sol e afastando-os com desdém. Era outra criatura que Thomas havia considerado amiga, boa, que, no entanto, adotara a selvageria do Chacal Lanterna ao chegar a hora da verdade.

Quanto ao destino de Davi Corvo, irmão de Mauro, que o havia advertido, Thomas não tinha nenhum conhecimento. Nem esperança.

Mauro tinha em suas garras uma longa corda, e água pingava dela. Havia sido encharcada. Na ponta da corda, contudo, havia uma tocha acesa, envolvida em andrajos de lã. Era uma coisa imensa, uma bola de fogo de proporções improváveis. E, naquele momento, Thomas se deu conta de como Casca Negra e Rubrafolha haviam sido incendiados.

O corvo descia, e estava prestes a arrastar a tocha pelos galhos superiores do Capitão Galholargo.

Com o coração gelado, os pulmões paralisados um instante, Thomas rapidamente estendeu a mão para trás, pegou uma flecha na aljava, colocou-a no arco, puxou e soltou. Viu a flecha cruzar o ar, sabendo que até então somente tinha assistido a tudo aquilo. Eles estavam ali por ele, por ele e por Nathan, mas intencionalmente tinha ficado de fora do conflito.

A flecha encontrou o alvo. Atravessou o corpo de Mauro, detendo-o em pleno ar. O corvo não emitiu nem um último som ao desabar no

chão.

Thomas havia matado Mauro Corvo. Começava a assassinar Florestranha.

Rubrafolha e Casca Negra tinham sido forçados a se retirar, para não incendiar os outros Guardas. Apesar dos grandes esforços do General Manteiga de Amendoim, obrigado a pular no chão no último instante, as duas árvores ardiam em chamas horrendas.

O Capitão Galholargo e os outros dois Guardas-Florestais sobreviventes, Engole-Vento e Outono, agora cercavam o portão aberto que dava entrada à fortaleza do Chacal Lanterna. Eram grandes demais para entrar, mas tinham aberto caminho. Ou quase. Abigail e Coretta Símia ainda impediam sua passagem, e o General e Nosso Garoto cercavam Coretta naquele momento.

Abigail batia no peito e se preparava para se lançar contra Brigadeiro. Seu rosto, cortado por ele, sangrava profusamente. A própria garganta do Pardo doía no lugar em que os dedos dela tinham apertado seu pescoço, provavelmente tentando quebrá-lo.

Em toda a sua vida, Brigadeiro nunca fora forçado a agir como aquilo que era: um imenso urso-pardo.

Abigail Símia caiu sobre ele, as mãos de couro buscando o golpe que causaria mais danos. Brigadeiro rugiu, chamando a atenção de Thomas e do General. Mas eles tinham a própria luta com que se preocupar. Ele girou, tentando afastar a gorila, mas ela havia colocado as duas mãos em sua boca, tentando quebrar sua mandíbula.

Brigadeiro rugiu.

Sacudiu-se sob o horrendo peso dela, tentando se libertar. As pernas dela estavam em volta de sua barriga, as mãos empurravam e estiravam os músculos de sua mandíbula ao máximo. Brigadeiro agitou as garras com força, desesperado para se soltar. A dor era imensa; alguns segundos a mais e…

Abigail Símia gritou, no instante em que uma flecha perfurou seu ombro, a ponta arranhando as costas de Brigadeiro. Ela perdeu a firmeza, e os safanões de Brigadeiro jogaram-na para o lado. Com um rugido de dor e fúria diferente de tudo o que já sentira, Brigadeiro partiu para cima dela. Tinha começado a babar como um cão qualquer, e agora era como um cão que mantinha a presa, as patas da frente em seu peito.

Com raiva, pegou a ponta da flecha disparada por Thomas e a arrancou do peito da gorila. O sangue jorrou em sua cara, e o gosto metálico nos lábios deixou-o ainda mais ensandecido. Tomado por uma febre atávica, ergueu a pata direita e abriu a barriga de Abigail. Mais sangue esguichou, sujando seu pelo, e as garras investiram contra ela de novo, e de novo.

Em seguida, sua mandíbula avançou sobre as vísceras dela e começou a rasgá-las.

Thomas não conseguia fazer nada além de observar. Não tinha mais lágrimas. Porém, enquanto olhava Brigadeiro destroçar Abigail, entendeu que o urso jamais dançaria novamente.

Um momento depois, Brigadeiro levantou-se. Seu rugido rasgou o céu como um trovão, e ele começou a correr para a entrada da fortaleza numa espécie de galope primitivo. Thomas sentiu uma mão no ombro e, virando-se, viu o pai fitando-o com compaixão. Atrás dele, Coretta Símia jazia morta. Sua cabeça fora praticamente arrancada do pescoço.

– Meu Deus, o que foi que eu fiz? – perguntou Thomas.

– Você escolheu – respondeu o General. – Escolheu sua vida e seu filho, seu próprio sangue.

O homem de manteiga de amendoim exibia uma aparência profundamente lamentosa.

– Não importam os horrores da escolha, TJ; ela foi a correta. Eu fiz a escolha errada, mas estou aqui agora, para compensá-lo.

Então o General saiu correndo atrás de Brigadeiro, a espada em guarda.

Thomas o seguiu, o arco na mão, porém sem muita confiança. Resignara-se à ideia de que nada mais de bom poderia ser salvo do que restara de Florestranha. Se ele ao menos conseguisse salvar Nathan, já seria o bastante.

Caracrânio estava dentro da fortaleza, onde a luz das tochas bruxuleava nas paredes já iluminadas pelo dia lá fora. As paredes eram úmidas e acinzentadas, e o espaço um pouco limitado para uma verdadeira batalha, mas ele não se importava.

Lutaria onde seu senhor mandasse. Chacal Lanterna lhe havia dado instruções específicas. Quem quer que entrasse primeiro pela porta

deveria morrer, e de um jeito violento, como advertência aos demais. Seu crânio fendido ardia com uma chama verde fedorenta. Em cada mão tinha um cinzel grosseiramente fabricado para a luta: longos bastões de madeira com lâminas afiadíssimas presas a ele para a finalidade assassina. Tinha treinado com aquelas armas por muitos anos.

Machucar pessoas era a única coisa em que era realmente bom. Mas, em Florestranha, nunca tivera permissão para matar. Não até ser acolhido pelo Chacal Lanterna.

Ele agitava os cinzéis à frente, num ritmo perfeito e monstruoso, pronto para seguir as ordens do chefe, não importando quais tivessem sido seus receios anteriores. Estava pronto para matar.

O Pardo salivante cruzou a entrada a toda velocidade, com a força e a capacidade destrutiva de uma avalanche. As paredes foram sacudidas pelo grunhido de Brigadeiro no momento em que deu um leve passo para trás e levantou a pata direita, as garras refletindo a luz das tochas.

As garras desceram, abrindo o peito de Caracrânio, que soltou um grito alto e lancinante. Tombou para trás e, movido pela força do medo, pegou um dos cinzéis e o enterrou no peito do urso com um baque abafado.

Aquilo nem sequer retardou Brigadeiro.

Com as duas patas, ele agarrou Caracrânio, elevou o homem imundo acima de sua cabeça e rugiu tão alto que, depois disso, Caracrânio não conseguiu ouvir mais nada.

Fraco, desceu o outro cinzel, enterrando-o nas costas do Pardo. Brigadeiro cambaleou, perdeu forças e quase foi ao chão. Fez menção de deixar Caracrânio cair, mas conseguiu se manter firme. O Pardo o abraçou com força, levantou a garra direita e mergulhou-a no fogo esverdeado que ardia na abertura na cabeça de Caracrânio. As garras de Brigadeiro aferraram-se à extremidade do crânio exposto, e, no momento em que Caracrânio começou a sentir o cheiro do pelo queimado do urso, ouviu um horrendo som de algo sendo dilacerado, acompanhado de um fortíssimo estalo.

Brigadeiro arrancou o lado esquerdo do rosto de sua vítima.

Nada saiu dali, senão fogo esverdeado e um jato de fumaça pútrida.

O urso cambaleou. Caiu. Seu sangue se espalhou como óleo pelo úmido chão de pedra.

Dando risinhos como uma criança travessa, Caracrânio passou a

chorar e arquejar. Olhou para cima com o olho que havia restado na cara e viu o General Manteiga de Amendoim surgindo porta adentro com O Garoto. Então, abrindo caminho entre os dois, correu para a floresta. A metade faltante de sua cabeça ardia, mais dolorida do que nunca.

Quando Rabeca desceu pela escada e pousou no corredor de entrada, a música de suas asas refletia seu estado de espírito. Parecia uma melodia louca e desesperada de órgão a vapor, tocada num compasso três por quatro.

A luz vinda de fora fazia do General Manteiga de Amendoim uma silhueta na entrada. Atrás dele, Rabeca conseguia ver os galhos inferiores de um dos Guardas-Florestais – provavelmente do Capitão Galholargo –, que agora guardava a entrada da fortaleza.

Depois, viu Thomas, ajoelhado bem à frente do General, ao lado da forma imensa, imóvel e ensanguentada do melhor amigo que Rabeca tinha no mundo. Thomas estava com o sangue do Pardo nas mãos, calado e distante. Entorpecido.

Rabeca não estava entorpecido, ainda que rogasse por aquela maldição.

– Brigadeiro! – gritou, e a música de suas asas, apesar da rapidez, tornou-se um lamento.

Um instante depois, ele bateu as asas e se acomodou ao lado do Pardo. Os olhos estavam fechados, mas ele respirava. A respiração era superficial, é verdade, mas ainda assim era uma esperança.

– Precisamos tirá-lo daqui – falou Rabeca.

– Assim que pegarmos Nathan – disse Thomas.

O dragão bateu as asas, o som agora parecendo mais de vidro partido do que música. Pequeninos jatos de fumaça foram expelidos de suas narinas. Por um momento, quis gritar com Thomas, culpá-lo por tudo o que havia acontecido. Aquela seria a coisa mais fácil a fazer. Mas, então, olhou para o Pardo, ensanguentado, para os olhos vítreos semiabertos do amigo, e pensou no que Brigadeiro diria.

A culpa era de todos, e de ninguém. Era principalmente do Chacal Lanterna, e de todos os que haviam se deixado seduzir por ele. Contudo, nem esses podiam ser considerados os únicos responsáveis pelo que acontecera ali. Às vezes, pensava Rabeca, a tempestade vinha, quer a terra precisasse de chuva ou não.

Olhou para Thomas.

– Tudo bem – respondeu. – Vamos tirar Nathan daqui. Mas depois você estará sozinho. Se Brigadeiro morrer, não sei se vou querer salvar o que resta de Florestranha.

Uma expressão de dor e pesar atravessou o rosto de Thomas, que apenas concordou com um aceno de cabeça.

– Eu volto – sussurrou o dragão para seu amigo tão gravemente ferido. Em seguida, pousou no ombro do General Manteiga de Amendoim, e, juntos, os três foram adiante.

A fortaleza ecoava ao redor deles como se estivesse vazia quando subiram por uma vasta escadaria de pedra que parecia ser a parte central da estrutura. Thomas estava surpreso pelo fato de Chacal Lanterna não possuir mais força bruta para lutar por ele. Havia esperado dúzias de guerreiros, recrutados à força de toda parte de Florestranha. Mas a verdade é que a população da floresta nunca tinha sido nada mais que esparsa, e ele pouco fizera para mudar a situação ao longo dos anos durante os quais tinha sido responsável por ela, sem exatamente se dar conta disso.

Sua respiração ecoava na escadaria em espiral.

Olhou para o pai, achando que talvez devesse dizer alguma coisa. Quem sabe não houvesse alguma informação, ou alguma intimidade, que precisassem partilhar. Mas, então, viu o modo como o General se movia, a maneira como o soldado consumado lidava com o fato de estar em guerra. E ele sabia que aquele momento, lutando juntos lado a lado, era o mais próximo que já haviam estado; o mais próximo que poderiam estar.

Num andar superior, chegaram a uma câmara enorme, com janelas contornando-a por inteiro, dando para a floresta, a montanha e o lugar onde o Cima-Rio desabava no nada. Daquele lugar, Chacal Lanterna podia ver tudo o que acontecia em volta de sua fortaleza.

No outro extremo da câmara havia um arco elevado, e, além dele, mais escadas para subir.

– Essa não é a escada que peguei antes – murmurou Rabeca. – Enquanto voava pela fortaleza, ouvi Nathan chamando, mas todos os aposentos daquele andar estavam trancados. Ainda não estamos alto o suficiente. Precisamos subir mais.

Começaram a atravessar a câmara. Thomas olhava ao redor, observando as janelas em busca de algum sinal de ataque. Só quando estava a pouquíssimos metros de distância foi que olhou para a escada atrás e viu o infernal brilho laranja vazando por buracos frios e úmidos. Em seguida, ouviu o arranhar das garras contra a pedra.

Foi então que Chacal Lanterna praticamente brotou no aposento. Sua cara de abóbora reluzia com olhos em fenda e uma boca que brilhava com horrendo júbilo. O corpo do Chacal, ágil e musculoso, ficava indo e vindo graciosamente diante do arco que conduzia à escada.

Atrás dele, Bob Dentelongo adentrou a câmara. Estava ferido da luta com a Rainha da Floresta, mas isso fazia com que parecesse mais perigoso.

– Jamais vão chegar até ele – sussurrou o Velho Chacal, a chama dentro de sua cabeça brilhando com força. – A menos que eu permita. E só vou permitir quando você reparar todo o mal que causou e fizer de mim o rei de Florestranha.

Thomas ficou boquiaberto.

Nem prestou atenção quando o som de cascos estrepitando na pedra ecoou pela câmara e Penatesta apareceu usando a mesma escada que eles próprios tinham usado momentos antes.

– Seu maluco de merda! – rosnou o General. – Não foi Thomas quem causou nada disso. Foi você quem incendiou, matou. Foi você quem começou toda essa insanidade.

Thomas colocou uma flecha no arco e a manteve ali, para o caso de o Velho Chacal atacar. Olhou de esguelha para Penatesta, a quem um dia havia amado tanto.

– Tudo o que quero é o meu filho.

– E eu quero poder. Você vai me dar esse poder!

Um calafrio percorreu Thomas.

– Eu… não sei como fazer isso.

– Então vocês dois vão morrer – advertiu o Velho Chacal.

Thomas fez o arco se retesar.

A febre de Nathan havia passado, mas ele ainda tremia sob os imundos cobertores. Seu estômago revirava e ele tentava vomitar, porém não saía nada. Tossia uma coisa vermelha e marrom, e queria chorar. Só que não tinha mais lágrimas.

Ouviu-se um rangido de metal enferrujado, e, com um estrondo, a porta de seu quarto abriu-se subitamente. Com o terno agora roto e manchado, Resmungo adentrou o quarto, um dos enormes Colts na mão. Seus olhos observavam o corredor, inquietos, e em seguida os desviou de lá e os fixou em Nathan:

– Levanta, garoto.

Fraco, Nathan ergueu o tronco na cama. Seu estômago revirava e rodopiava.

– Resmungo, por favor – pediu o garoto. – Estou muito doente. Eu… não consigo. Não me machuque.

O anão engatilhou o revólver.

– Levanta!

Nathan tentou. Sentou-se, arrastou as pernas para a beirada da cama e se pôs de pé. Mas escorregou para o chão e começou a tossir e a ter acessos de vômito, cuspindo um muco ensanguentado.

Resmungo observou Nathan. Os olhos do garoto eram círculos negros incrustados no rosto, e sua carne estava amarelada. A febre baixara, mas ele ainda poderia morrer sem repouso e comida, e não era provável que conseguisse obter nenhuma das duas coisas em breve. Não se dependesse do Velho Chacal.

Com um rosnado, o anão deu uma larga passada até onde Nathan jazia no chão, estendeu sua mão livre para baixo e içou o garoto, colocando-o por cima do ombro como se fosse um saco de grãos.

Colt engatilhado e pronto, Resmungo foi para o corredor com Nathan pendurado nele.

– Resmungo, não… por favor… – gemeu Nathan. – Estou com medo.

– E deveria estar mesmo – disse Resmungo, sombrio. – Mas, por ora, fique de boca calada. Vamos tirar você daqui.

# Capítulo 18

No estacionamento do hospital, Joe Hayes encarava Emily Randall com olhos arregalados. Depois de ela ter sido atacada novamente na noite anterior e passado metade da noite dando depoimento na delegacia de Tarrytown, tinha chegado à sua casa com a aparência mais chocada que ele já vira num ser humano. Ela se contorcia quando ele tentava se aproximar, e ele dormiu ao seu lado, virado para a parede, deixando bastante espaço entre os dois.

O problema não era ele, ela tinha dito, de novo, e de novo.

E não era mesmo. Mas, então, era o quê? Era isso que o perturbava tanto. O sujeito que a atacara – e que aparentemente tinha fugido, mesmo com o policial presente na hora tendo disparado alguns tiros nele – não tivera tempo de violar nada além do seu espaço pessoal. Joe não era insensível. Sabia que ela devia estar se sentindo incrivelmente vulnerável pelo modo como o canalha a tinha perseguido. Mas, antes, ela o havia procurado em busca de conforto, e agora, o que quer que buscasse, tentava achar dentro da própria cabeça.

Pela manhã, ela mal disse uma palavra. Tinham tomado o café em relativo silêncio e ido de carro ao hospital debaixo de chuva. Só o barulho do limpador de para-brisa marcava a passagem do tempo.

Diversas vezes ele tentou perguntar o que a perturbava. Ela murmurava alguma desculpa, sem nunca dar uma resposta.

Então, no momento em que saíam do carro para o tempo úmido, Emily brandindo o guarda-chuva, como se isso fosse protegê-la de novas perguntas, Joe atingiu o limite de sua paciência.

– Meu Deus, meu Deus, Emily, fale comigo! – Ele a encarou, aguardando uma resposta que nunca vinha. – Por favor – acrescentou, como se tivesse pensado naquilo depois. – Estou tentando me aproximar,

mas você não deixa.

Seus olhos castanhos se abrandaram, e ela o olhou com algo que parecia piedade, o que apenas o deixou mais confuso. A chuva descia por seu cabelo cortado bem rente e escorria por seu rosto. Ele a enxugava com as mãos, quase extenuado.

– Depois de tudo o que passei com você, acho que o mínimo que poderia fazer seria me incluir nisso – disse, com genuína tristeza na voz. – Eu queria que isso desse certo. Quero estar por perto para segurá-la quando cair, abraçá-la quando chorar, e beijá-la quando rir. Agora sinto que nem a conheço mais.

Emily se aproximou, e após um instante Joe percebeu que era só para dividirem o guarda-chuva, para se proteger. Ela fez um movimento para que entrassem, mas Joe não conseguia. Não queria dar nem mais um passo na direção daquele hospital. A vida que estava ali dentro pertencia a Emily, e, a menos que fosse parte daquela vida, não havia lugar para ele entre aquelas paredes.

Enfim ela abriu a boca. Ele pensou que talvez Emily estivesse chorando, mas não conseguia ter certeza por causa da chuva.

– Em? – perguntou.

– Vou telefonar para meu advogado agora de manhã. Vou desistir do pedido de custódia total – disse ela.

Ele não conseguia fazer nada além de ficar olhando. Após um tempo, perguntou:

– É o Thomas? Você ainda quer ficar com ele?

Ela sorriu delicadamente.

– De jeito nenhum – ela respondeu. – Eu o amo. Já lhe disse isso. Uma parte de mim vai amá-lo pra sempre. Mas não consigo fazer isso com ele. É uma coisa que você nunca vai entender.

Joe enrubesceu.

– Não me venha com essa condescendência de merda, Emily – foi logo cortando. – De repente, se você tentasse explicar…

Ela explodiu. A ausência de vida em seu rosto desapareceu, subvertida interiormente por uma histeria que ele nunca tinha visto nela.

– Não posso explicar! – gritou. – Meu Deus, Joe, pare com isso! Se me permitir pensar nisso, de verdade, mesmo que seja só por um segundo, ficaria completamente louca. Então, por favor, esqueça!

Ele piscou. Ela respirava rápido, quase tendo uma crise nervosa. Seus

olhos estavam arregalados, como se estivesse tão atônita com o próprio comportamento quanto ele.

– Meu Deus, Emily, o que há de errado com você? – perguntou ele, tão suavemente quanto possível.

Mas, no momento em que disse aquilo, entendeu que era exatamente a coisa errada a dizer. Emily enrijeceu. Qualquer emoção crua que tivesse acabado de demonstrar agora tinha sido guardada, escondida dentro do rosto de pedra de uma estátua sem coração. Como se ele tivesse apontado o dedo e simplesmente a desligado, apertando o interruptor.

– Joe, você é um bom homem – disse ela. – Mas é hora de dizer adeus.

Ela se virou e avançou para a entrada do hospital. Ele foi atrás, mas parou depois de três passos. Não havia a mínima hesitação nos passos de Emily. Não se virara uma vez sequer para ver se ele a seguia. O que quer lhe tivesse acontecido, o que quer que tivesse se partido dentro dela, ele tentou dizer a si mesmo que poderia consertar, desde que ela lhe desse uma chance.

Mas, enquanto Emily desaparecia dentro do hospital, Joe Hayes pensou no trabalho que o conserto daria. No fardo que já havia aceitado carregar, tentando amá-la.

Ela não queria isso dele.

Com um último olhar, ele se virou, entrou de novo no carro, deu a partida, e foi para casa.

* * *

Dentro do hospital, Emily caminhou rigidamente para o elevador e subiu em silêncio. Foi até a sala dos enfermeiros, perto do quarto de Nathan, as lágrimas lentamente deixando um rastro em seu rosto sem emoção.

– Preciso ver o doutor Gershmann imediatamente – disse.

Felizmente, Gershmann estava fazendo a ronda. Ela esperou em silêncio por quase quinze minutos até ele aparecer, e, na hora em que o fez, ela apenas reconheceu sua presença com o olhar antes de entrar a passos largos no quarto de Nathan, sabendo que ele viria atrás.

Emily não olhou a forma imóvel do filho.

Não conseguia.

Isso faria com que o impossível parecesse ainda mais ridículo.

– Senhora Randall, o que há de errado? Aconteceu alguma outra coisa?

– Isso já não basta? – perguntou ela, amarga.

Gershmann piscou, como se tivesse ouvido um palavrão.

– Doutor, preciso que me faça uma coisa – disse. – Preciso que traga meu ex-marido aqui pra cima. Chame alguns ajudantes e o traga pra cá. Coloque a cama dele ao lado da de Nathan.

Com um rosnado, Gershmann inclinou-se levemente para trás, de modo que pudesse encará-la por cima do nariz, e passou a mão por sua cabeça calva.

– Senhora Randall… Emily… Tenho certeza de que você entende que não posso simplesmente tirar o Thomas de lá. Nem meu paciente ele é. E as regras do hospital…

Num instante, ela se colocou bem na frente dele, dedos do pé ante dedos do pé, olhando-o bem nos olhos, apesar da diferença de altura.

– Sabe por que meu filho ainda está em coma?

– Você sabe que não.

– E Thomas?

Gershmann não respondeu.

– E se eu disser que acredito que colocá-los um ao lado do outro pode ajudar na recuperação deles? – perguntou.

– Por que você acha isso? – indagou o médico, franzindo a testa.

– Você não sabe o que há de errado com nenhum deles. Não tem meios para tratá-los. Estou dando uma ordem. Tenho procuração médica para o meu ex-marido e sou mãe de Nathan. Estou mandando você colocar os dois juntos no mesmo quarto, e agora, ou vou levá-los pra casa e fazer isso lá.

– Isso é por causa deles – perguntou o dr. Gershmann –, ou por sua causa?

Emily o encarou, zangada. Depois a expressão se abrandou.

– Só acho que temos de ficar juntos. Como uma família.

O médico a olhou por mais alguns momentos, depois deu de ombros.

– Vou ver o que posso fazer – disse, saindo da sala.

Quando ele saiu, Emily sentou-se, chorou e abraçou a si mesma. Por fim, colocou os braços em volta do filho, beijando-o e sussurrando promessas que ela rezava para conseguir cumprir.

Tudo aconteceu bem rápido.

Thomas disparou uma flecha que rasgou o ar úmido da câmara a caminho do alvo: Chacal Lanterna. Mas o Velho Chacal era muito veloz. A flecha estalou contra a parede de pedra, e Lanterna lançou-se contra Thomas.

O General Manteiga de Amendoim o interrompeu. Sua espada desceu fulminante, rasgando o ombro do Velho Chacal. Lanterna recuou, e o General começou a encurralá-lo num canto.

– Você não pode fazer isso – choramingou o Velho Chacal, a luz em sua cabeça de abóbora agora bruxuleando incerta.

Penatesta avançou contra Thomas por trás. Retesando outra flecha tão rápido quanto conseguia, sua mente rodopiava. O pônei com as penas cor verde-limão brotando da cabeça não tinha nada de bondoso. Todo o amor havia sumido dele, e agora vinha na direção de Thomas bufando como um garanhão selvagem. Thomas hesitava.

Quantas vezes não tinha montado Penatesta?

O pônei empinou-se para arrebentar o crânio de Thomas com os cascos dianteiros.

Com o som de trompetes e de vidro sendo quebrado, Rabeca voou para a cara de Penatesta. Um jato de chamas foi expelido da boca do dragão, porém o cavalo empinou ainda mais, e só as bochechas ficaram chamuscadas.

Aquele foi o tempo de que Thomas precisou para deixar os sentimentos de lado. Disparou mais uma flecha, acertando Penatesta no ombro. O pônei relinchou alto, furiosamente, mas, quando desceu, recuou alguns passos.

Rabeca gritou “Nosso Garoto!”, depois mergulhou na direção de Thomas, soltando fogo pelas ventas. Sua barriga laranja parecia tão vulnerável, tão brilhante naquele momento sombrio.

Thomas congelou, perguntando-se se o dragão também havia ficado contra ele. Mas Rabeca voou por cima de sua cabeça, e Thomas ouviu o jato crepitante de fogo ser expelido de seu estômago. Outra vez se virou, tirando mais uma flecha da aljava, colocando-a no arco, retesando a corda, tudo num movimento ligeiro.

Bob Dentelongo estava em chamas, uivando de agonia e medo. Desabou no chão, e imediatamente ficou claro o que tinha acontecido. O homem-tigre de dente de sabre ia lançar-se contra Thomas pelas costas,

para rasgá-lo inteiro, para pôr fim à sua vida. O dragão Rabeca o havia queimado vivo.

Naquele momento, com labaredas lambendo a imensa presa pontiaguda que se projetava da mandíbula inferior de Bob, o pelo e a pele queimando e enegrecendo, o tigre tentou mover as garras para a frente. Thomas recuou um passo na hora em que Bob lançou um último golpe contra ele. Em seguida, Dentelongo morreu.

– Rabeca… – começou Thomas.

Mas o dragão voava para a janela.

– Vou voltar pra ajudar Brigadeiro! – gritou. – Já fiz tudo o que tinha a fazer por você.

Os olhos de Thomas se arregalaram, mas ele não respondeu. O dragão tinha salvado sua vida duas vezes em segundos. O que mais poderia pedir?

Num canto distante, Chacal Lanterna esperava uma chance, então lançava as garras contra o General Manteiga de Amendoim, que logo desviava e depois desferia de novo um golpe de espada. Nenhum dos dois ousava ficar muito perto um do outro.

Thomas retesou o arco, apesar da pressão, e virou-se para apontar a flecha para Penatesta. Mas o pônei estava indo embora. Apesar de ferido, começou a trotar para a porta de onde haviam saído Dentelongo e o Velho Chacal. A escadaria dos fundos da fortaleza.

Thomas franziu o semblante. Não conseguia imaginar Penatesta fugindo.

Então ouviu uma tosse cortante e um gemido vindo da escada além do arco. E escutou Resmungo sussurrar, zangado, para alguém ficar quieto.

Então compreendeu.

– Resmungo, seu canalha traiçoeiro! – gritou Penatesta ao correr para a porta.

– Nathan! – gritou Thomas.

Ele estava prestes a correr na direção do arco quando ouviu um grunhido atrás de si. Um grito de dor e uma onda de riso sinistro. O rosto infernal do Chacal Lanterna brilhou mais forte, lançando sombras malignas nas paredes.

– Garoto! – rugiu o Velho Chacal.

Thomas virou-se, sentindo a atração magnética do filho enquanto o

menino era levado apressadamente escada abaixo e para longe dele. Encontrava-se dividido. No entanto, quando viu Chacal Lanterna de pé sobre o corpo imóvel do General Manteiga de Amendoim, não conseguiu se mexer.

– Pai? – perguntou Thomas, hesitante.

Mas seu pai estava imóvel, com a barriga toda rasgada. Manteiga de amendoim, carne e músculo repuxados e as vísceras para fora, num emaranhado de rosa, vermelho e marrom. Acima dele, de pé nas patas traseiras, estava Chacal Lanterna. Havia sangue na boca daquela cara de abóbora e também nas suas patas. Mas havia também outro tipo de sangue. O do próprio Lanterna. Ele sangrava aos borbotões, de meia dúzia de feridas onde a espada do General o havia cortado, fatiado ou perfurado. Contudo, de algum modo, Lanterna permanecia firme de pé. Seu riso grave, arrogante, insinuante, ecoava pela câmara.

Então ele levantou a perna e fez xixi no chão, marcando seu território, a urina se misturando com o sangue do pai de Thomas Randall.

Thomas gritou alguma coisa incompreensível até para si mesmo. Deixou voar a flecha que permanecera em seu arco durante aqueles momentos estranhos e infindáveis. Ela atravessou um dos olhos do Chacal Lanterna, irrompeu pela parte de trás de seu crânio de abóbora e continuou o trajeto, até chocar-se sem efeito contra a parede.

A luz de vela na cabeça do Velho Chacal bruxuleou um pouco, mas depois estabilizou-se. Agora brilhava nauseantemente de um buraco atrás de sua cabeça, projetando a silhueta do ferimento na parede.

– Nosso Garoto – sussurrou Lanterna. – Aqui era perfeito antes de você vir pela primeira vez. Eles tinham medo de mim. E então você veio e acabou com esse medo. Você mudou tudo, deixou tudo do seu jeito. Vou matá-lo por isso, nem que seja só por isso. Você não vai fazer o que quero, então vai morrer. Florestranha pode morrer com você, mas é melhor do que viver sem o medo dessas bestas para me manter. Eu estava aqui antes de você. Talvez ainda esteja aqui quando você se for.

Thomas balançou a cabeça.

– Você é maluco. Eu lhe dei mais medo do que poderia ter imaginado. Eu lhe dei o medo de milhões de crianças. Para elas, você é a pior coisa que seus pesadelos podem produzir. Você não sabe disso?

O Velho Chacal riu alto, contorcendo-se por causa dos ferimentos,

enfim exibindo alguma vulnerabilidade.

– Você é um tolo, Thomas – disse a horrenda boca de abóbora. – Isso não é medo. Você fez de mim apenas uma história, um pouco de mal entre as páginas, um terror que só existe em palavras. Uma história. Nela não existe medo de verdade. Não existe nada mais seguro do que uma história. Até a criança mais assustada pode fechar o livro e guardá-lo.

Thomas piscou.

– Você tem razão – disse, pegando outra flecha na aljava. – E talvez seja hora de esta história acabar.

No momento em que Thomas encostou a flecha no arco, Chacal Lanterna partiu para cima dele. Rugiu, a luz da vela brilhando em flashes grotescos nas paredes, e, antes mesmo que conseguisse retesar a corda, as garras do Velho Chacal se abateram sobre ele. Thomas gritava enquanto agulhas rasgavam seu rosto e peito.

Ele caiu. Rugindo de fúria, a goela soltando cera quente em vez de saliva, Chacal Lanterna começou a arrasá-lo. Thomas gritava. A dor era maior do que sua mente podia aguentar, e começou a entrar em colapso. As garras abriam sua barriga e sua virilha, os músculos das pernas, e arranhavam suas costelas expostas.

Chacal Lanterna deu um salto para trás, com um pedaço de carne na mandíbula. Então rastejou de volta para ele. Qualquer instinto de sobrevivência que ainda restasse em Thomas o fez virar de costas, e ele começou a arrastar o corpo pelo chão. Mal percebia que levava atrás e embaixo de si pedaços do próprio corpo.

Mais alguns centímetros e ele desabou, a bochecha repousando numa mistura do sangue do pai e da urina do Chacal Lanterna. Mas mal sentia o cheiro. No momento em que a sombra negra começou a se esgueirar em sua consciência, eclipsando sua mente, pensou em Nathan. Então a mente voltou para aquele lugar, para aquele momento, e ele pensou: Não era assim que deveria ter sido.

Sua mão se estendeu uma última vez, e as pontas dos dedos tocaram a bochecha do pai morto.

Chacal Lanterna rugiu. Chacal Lanterna riu.

Em seguida, Thomas Randall morreu.

Emily estava sentada numa cadeira de madeira entre as duas camas no quarto de hospital de Nathan, semiadormecida à luz do sol da tarde

entrando pela janela. O ritmo suave dos monitores gêmeos que mostravam os batimentos cardíacos de Thomas e Nathan era como uma canção de ninar para ela.

O coração de Thomas mostrou uma linha reta.

Os olhos de Emily se abriram de súbito.

Ela começou a gritar.

Enquanto Thomas morria, um calafrio de medo percorreu o corpo do Chacal Lanterna, e ele chegou até a estremecer. Olhou as paredes ao redor, a luz do sol vindo pelas janelas. O chão parecia sólido embaixo de seus pés.

Chacal Lanterna riu outra vez.

Thomas Randall estava morto. Nosso Garoto. Ele se fora, e Florestranha tinha sobrevivido. Agora o Velho Chacal a teria toda para si, e a morte seria a pena para todos os que se colocassem em seu caminho.

Ele parou. Abriu um sorriso imenso. Depois dessa batalha, havia algumas poucas criaturas ainda na floresta que ousariam se opor a ele. Dentre todas, talvez só o dragão. E Resmungo, aquele anão maldito, que se tornara um traidor, tentado levar o garoto Nathan para um lugar seguro. Ah, ele tinha visto os dois indo escada abaixo, é verdade. Exatamente como também vira Penatesta ir atrás.

Bom pônei. Velho Chacal pensou que teria de dar a Penatesta uma posição de nobreza em seu novo reino.

Ele andou até uma janela que dava para o vasto platô e para o Cima-Rio abaixo, as patas raspando a pedra. De início, não conseguia vê-los. As únicas coisas a se mover eram o trio de Guardas-Florestais sobreviventes que aguardavam na entrada da fortaleza.

Mas Resmungo não teria saído por ali. As árvores o teriam segurado, sem saber que ele outra vez havia mudado de lado.

Chacal foi para outra janela, com uma visão levemente mais direta da margem do rio e da queda no nada ao longe. E lá estavam eles. O anão com o menino em cima de um ombro, cruzando na direção da água a pedra plana.

– Resmungo – grunhiu –, vou comer seu coração em vida.

Rugindo, a luz brilhando em sua cabeça, ele se virou e se dirigiu para a porta.

* * *

Pai e filho estavam caídos, mortos, a poucos centímetros um do outro. A manteiga de amendoim, espessa como era, tinha começado a sair do corpo do General. O sangue de Thomas começava a fluir para o do pai, a fundir-se na mesma poça. O corpo de ambos já começava a esfriar.

No lugar em que as pontas dos dedos de Thomas haviam tocado o rosto do pai, a manteiga de amendoim moldava-se às suas digitais. Um súbito zumbido encheu o recinto, e a manteiga de amendoim que cobria o peito do General, a partir de um espasmo, começou a palpitar e a fervilhar de vida.

A manteiga de amendoim explodiu, e as abelhas saíram num enxame. Já haviam se tornado parte do corpo dele antes, ajudando-o a sobreviver. Agora estavam livres num frenesi. O enxame permaneceu unido ali na câmara, gerando com o som de sua fúria um ruído ensurdecedor.

Chacal Lanterna parou no alto da escada antes de descer. Ouviu o zumbido, mas o ignorou e partiu.

O enxame desceu sobre o cadáver do General, movendo, moldando e levantando a manteiga de amendoim que o mantivera vivo por tanto tempo, que era como uma concha para ele. O que estava embaixo não era o corpo com o qual ele havia nascido, mas a forma que só existia em Florestranha. No seu mundo, já estava morto antes de pôr os pés na floresta.

As abelhas moviam-se rápidas, quase de maneira fantástica. De maneira extraordinária. E, em sua urgência, a manteiga de amendoim também começou a se mover. Passou a fluir, indo do rosto do General para os dedos de Thomas. E subiu por eles, envolvendo seu corpo por inteiro em segundos. Poucos momentos depois de o processo ter começado, as abelhas acomodaram-se nas feridas do abdômen de Thomas, e a manteiga de amendoim deslizou por elas.

Thomas abriu os olhos. Fios de manteiga de amendoim produziam teias em suas pálpebras, mas ainda conseguia enxergar. Abriu a boca, e a língua balançou para fora, rasgando a teia de manteiga de amendoim dos lábios. Ele pôde sentir o próprio gosto.

Era gosto de vida.

Thomas Randall, o General Manteiga de Amendoim, ficou de pé.

Olhou em volta, viu o cadáver do pai no chão e baixou a cabeça um instante, fazendo uma prece pelo homem que deveria ter passado para a outra vida décadas antes, se ao menos seu filho estivesse disposto a deixá-lo partir.

A luz reluzia no aço da espada do pai, caída ali no chão de pedra úmido e frio, a alguns metros de distância. Thomas estendeu a mão, e a manteiga de amendoim lançou seus tentáculos pela câmara, enrolando-se em volta do cabo e trazendo a espada para sua mão.

Em seguida, foi atrás do filho.

O rio estava à vista quando Resmungo ouviu os cascos de Penatesta ribombando pelo platô rochoso atrás de si. Não parou para pensar. Virou-se, tirou a criança do ombro e a deitou sem nenhuma delicadeza no chão duro, ao vento, e sacou o outro Colt.

Tinha um em cada mão: Colt Peacemakers, as armas favoritas dos pistoleiros do Velho Oeste americano. Ele as encontrara eras atrás, no Coração da Floresta. Alguém tinha feito uma visita e deixado ali os revólveres, junto com um cinto carregado de balas. As únicas balas que possuiria.

O sol agora estava atrás da fortaleza, projetando uma sombra longa e gélida no ventoso topo da montanha. O Cima-Rio corria a uns cinquenta ou sessenta metros de distância e, uns cem metros depois, chegava à extremidade do topo, caindo num vazio de luz e névoas rodopiantes que conduzia a lugar nenhum. Ou talvez a todos os lugares.

A algum lugar. Resmungo sentiu em seu coração que sabia para onde ia.

Penatesta sangrava de um ferimento no peito enquanto vinha galopando, fungando e suando. As penas cor verde-limão em seu cocuruto balançavam ao sabor da brisa.

Resmungo engatilhou os dois revólveres e os apontou para o pônei que um dia fora seu melhor amigo.

– Nem mais um passo! – disse bem alto.

Com um rosnado, Penatesta parou num estalo e ficou batendo os cascos e fungando a uns seis metros de distância.

– Entregue o garoto! – ordenou o pônei. – O Velho Chacal vai arrancar seu coração por causa disso, mas, se parar agora, talvez eu consiga convencê-lo a poupá-lo.

O anão de terno xadrez riu amargamente e balançou a cabeça.

– Você acredita mesmo nisso? – perguntou. – Ele é maluco, Pena. Abra o olho, amigo. Quer dizer, se ele estivesse mesmo falando a verdade no começo, se estivesse de fato tentando salvar a floresta, salvar a todos nós, seria uma coisa. Mas olhe só pra ele – disse, fazendo um gesto com a cabeça para que Penatesta olhasse para Nathan.

O pônei olhou.

– Não era pra ele sair machucado – prosseguiu Resmungo. – Agora ele está morrendo. Não era isso o que você queria, era? Esse garoto está com a gente desde o dia em que nasceu. Ele puxou minha barba, montou no seu lombo e deu risada, e jamais foi um pestinha insuportável como são algumas crianças. Ele é um bom menino. É filho do Nosso Garoto. E Thomas pode ter largado a gente, mas não significa que tenha deixado de nos amar, Pena. Só quer dizer que ele tinha de viver; precisava ser o que devia ser, e essa tarefa era ser pai deste menino. Já vi mais desse mundo aí fora do que você. Não é fácil. Thomas não virou as costas pra gente porque queria. É a vida, só isso. E, por causa desse detalhe, vamos matar seu único filho?

Os cascos de Penatesta produziam um ruído seco na pedra enquanto ele ia de um lado para outro. Voltou-se para Nathan, cujos olhos subitamente se abriram. O menino estava doente e recendia a doença, ou a coisa pior. Mas era apenas um menino.

– Penatesta? – disse Nathan.

– Thomas podia fazer deste lugar um paraíso se quisesse – argumentou Penatesta, a voz de repente hesitante.

Resmungo deixou os braços relaxar um pouco. Os canos dos revólveres inclinaram-se levemente. Ele virou a cabeça para o lado e olhou, suplicante, para o pônei.

– Já estamos no paraíso, seu idiota – respondeu carinhosamente. – Ou estávamos, até o Velho Chacal começar os incêndios e as matanças.

– As coisas já estavam morrendo, já estavam mudando. E isso tudo por negligência do Nosso Garoto – retrucou Penatesta com raiva, ainda que não olhasse mais para Nathan. Nem quando o menino repetiu seu nome com a voz fraca.

– As coisas morrem – ponderou Resmungo. – As coisas mudam. Sempre tinha sido assim até Thomas chegar e começar a nos sonhar, a nos desejar. Se isso acontecer de novo, não será por culpa dele. Não

quero morrer, Pena. Mas não vou deixar Nathan morrer. Não posso deixar o Lanterna ficar com ele.

– É o único jeito – falou Penatesta. – O único jeito de controlar Thomas. Se quiser me impedir de pegá-lo, vai ter de me matar.

Penatesta avançou. Resmungo ficou chocado por um instante, e depois seu rosto se contorceu de tristeza. Ergueu ambos os Colts no mesmo ponto, mirando o peito de Penatesta.

E atirou.

O pônei morreu. Resmungo chorou sobre seu cadáver. Nathan chorava também, e foi sua tosse, seu fungado e seu choro que fizeram Resmungo voltar a se mexer.

Ele guardou as armas, e mal havia se abaixado para pegar o menino quando ouviu a voz.

– Sabe quanto dou valor à lealdade, anão? – grunhiu Chacal Lanterna.

A cabeça de Resmungo se levantou de súbito e ele encarou, aterrorizado, a besta que se aproximava. À sombra da fortaleza, Chacal Lanterna parecia especialmente assustador, com a luz de velas iluminando o interior de seu crânio de abóbora. Resmungo conseguia enxergar através de um dos olhos e o que havia atrás.

Podia avistar por aquele rombo que os Guardas-Florestais sobreviventes vinham dos fundos do castelo na direção deles. E, debaixo de seus galhos, na sombra que ofereciam, o General Manteiga de Amendoim corria, os joelhos subindo e descendo, a espada balançando na mão.

– Estranhamente – sussurrou Velho Chacal –, também valorizo a deslealdade. Ela até traz alguma lição, não é? Uma lição para quem foi traído e, depois, uma lição para outros que possam vir a lhe trair. Ao menos se lidarmos de imediato com o traidor – disse Lanterna, enquanto se aproximava de Resmungo.

O anão postou-se na frente do garoto. O General vinha se aproximando ao longe. Resmungo pôs as mãos embaixo dos braços em busca das armas no exato instante em que Lanterna saltou em sua direção. Conseguiu sacar e disparar uma, porém a bala apenas raspou a cabeça de abóbora, e logo Lanterna estava em cima dele. Juntos, foram ao chão. Resmungo bateu a cabeça com força e ficou desorientado por um instante.

O Velho Chacal cortou seu rosto, e Resmungo começou a sangrar.

Sangrar deixou Resmungo terrivelmente zangado.

Ele ergueu um joelho na virilha do Chacal Lanterna com toda a força que pôde reunir. O Velho Chacal abriu a boca para tomar fôlego, e Resmungo o jogou para longe. Lanterna rolou no chão, não muito longe da arma que Resmungo havia conseguido sacar e depois deixado cair.

A outra ainda estava no coldre, e ele a sacou rapidamente. Disparou uma vez e errou. Chacal Lanterna ainda se mexia, agora a distância, temendo a arma.

Pelo peso, Resmungo sabia que ela estava vazia. E, no momento em que percebeu isso, viu uma luz se acender nos olhos do Velho Chacal. Lanterna enxergara nos olhos do anão o que ele acabava de perceber.

– Atire, vamos! – desafiou o Velho Chacal, feliz, voltando a se aproximar. Devagar.

Com a arma vazia apontada para Lanterna, Resmungo se abaixou para pegar Nathan. Com grande esforço, colocou o menino outra vez em seu ombro e sentiu os arranhões no rosto repuxar, abrindo-se ainda mais.

– Melhor atirar – falou Lanterna –, senão vou ter de matar os dois.

Então, os olhos de abóbora se arregalaram, e ambos puderam ouvir o ribombar das árvores que se aproximavam.

Resmungo sorriu.

Chacal Lanterna sorriu também.

– Sinceramente – disse ele –, você acha que aqueles Guardas idosos vão chegar aqui a tempo de socorrê-lo?

– Eles não estão sozinhos – respondeu o anão.

Por um instante, Chacal Lanterna hesitou. Em seguida, virou-se na direção de onde vinha o som dos Guardas avançando e viu o General Manteiga de Amendoim correndo em sua direção, brandindo a espada bem no alto.

No momento em que o Velho Chacal virou as costas, Resmungo correu para o Cima-Rio.

Com um rosnado, Chacal Lanterna saltou na direção de Thomas. Manteiga de amendoim saiu da espada, como uma bainha, na hora em que ele atacou com a lâmina. Uma das garras do Lanterna arranhou seu ombro, mas Thomas decepou a outra até o meio da pata. O sangue jorrou, e o Velho Chacal ganiu ao cair no chão.

Choramingando, primeiro ficou de pé em três patas, depois, ergueu-se sobre as traseiras e andou só com duas outra vez. Mantinha o membro ferido perto do torso e olhava zangado para Thomas, grunhindo. Dentro de sua cabeça de abóbora, a luz bruxuleava.

– Não existe mais lugar pra você aqui – advertiu Thomas, a voz gorgolejante por causa da manteiga de amendoim, que formava uma camada dentro de sua garganta.

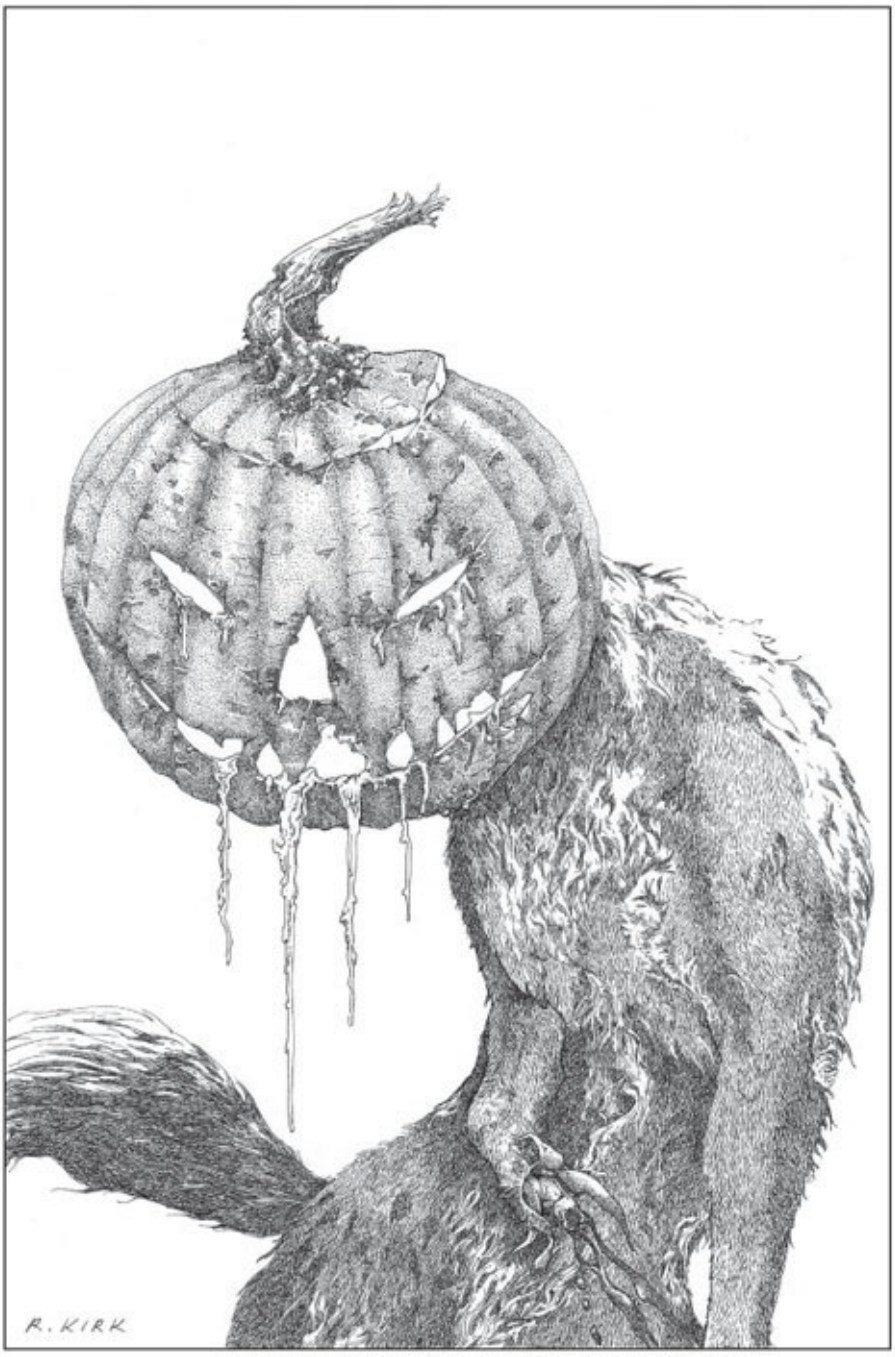
Com um dolorido rosnado de divertimento, Lanterna se contorceu, um sorriso sutil esboçando-se em seu rosto horripilante.

– Você destruiu minha Florestranha – disse. – Você lhe deu regras. O bem vai vencer, e o mal vai fracassar. Isso não é a vida. É mitologia.

A vela na cabeça do Chacal Lanterna bruxuleou de novo e começou a se apagar. A luz foi diminuindo dentro da sua cabeça, sob a sombra projetada por sua grande fortaleza.

Com cera escorrendo pelo queixo, Lanterna murmurou:

– Agora você é o Rei da Floresta.




– Não – respondeu Thomas. – Esse título é de outra pessoa.

Com o coração pesado de tristeza, Thomas Randall, o General Manteiga de Amendoim, desceu rapidamente a espada, dividindo a cabeça de abóbora do Chacal Lanterna bem na metade, partindo a vela em duas e apagando a chama.

Os dois lados da abóbora podre caíram, e o cadáver sem cabeça do

Chacal desabou no chão.

Enquanto os Guardas-Florestais enfim o alcançavam, Thomas lhes deu as costas. Observava o Cima-Rio além do platô rochoso. Conseguiu ver Resmungo com Nathan nos braços, logo antes de o anão pular na água que se precipitava.

– Resmungo, espere! – gritou.

Começou a correr em diagonal, tentando acompanhar o fluxo do rio. Na margem do Cima-Rio, ganhou velocidade. Thomas chamou o nome do filho de novo, e de novo. Por fim, a cabeça de Resmungo emergiu, e seus olhos encontraram os de Thomas.

Resmungo acenou. E então, com Nathan nos braços, o anão seguiu cachoeira abaixo. Thomas parou abruptamente no precipício, mirando a água que corria para o Nada Nebuloso ali embaixo.

Eles ficariam bem, ele sabia. Além daquela névoa, a parte de Nathan que ficara presa ali em Florestranha acharia o caminho de casa. Thomas só desejou ter tido a oportunidade de dizer adeus.

Observou mais um pouco a névoa e chorou.

Emily chorava em silêncio enquanto alisava o cabelo de Nathan. Seu pai acabara de morrer – os ajudantes haviam levado seu corpo numa maca com rodinhas –, e ele nem sabia. Não tinha como saber.

Havia um lugar entorpecido em seu coração onde o luto começava, porque ela sempre amara Thomas, não importava o que tivesse acontecido entre eles.

Mas o luto teria de esperar. Estava eclipsado pelo medo de que aquilo que acontecera com Thomas acontecesse com Nathan também. Seu ex-marido havia sofrido uma parada cardíaca total, e os médicos não tinham explicação. Nenhuma. Nada.

Assim, sentou e alisou o cabelo do filho e seu belo rosto, sussurrando-lhe que voltasse para ela.

E ele voltou.

Nathan Randall começou a murmurar. As mãos se moveram lentamente para os olhos e tiraram a fita que tinha sido usada para mantê-los fechados.

– Nathan, meu Deus! – gritou Emily, alto o bastante para que o enfermeiro na sala da enfermagem, ali no corredor, conseguisse ouvir.

Seu filho abriu aqueles olhos azuis iguais aos de Paul Newman e a

olhou, seriamente preocupado.

– Mamãe, por que você está chorando? – perguntou Nathan em toda a sua inocência.

Emily não tinha resposta. Tudo o que podia fazer era olhá-lo, embalá-lo e sussurrar incontáveis agradecimentos a quem quer que tivesse atendido suas preces.

# Epílogo

Certa manhã, muitas semanas depois do funeral de Thomas Randall, Nathan acordou muito feliz. Era o dia em que sua mãe assinaria o contrato para *Aventuras em Florestranha* se tornar um filme com atores. Mas Nathan ainda não tinha nem seis anos, então não sabia disso. Era de certo modo um dia feliz, ou pelo menos agridoce, para a família. Tampouco ele sabia disso.

Mesmo assim, tinha um sorriso imenso no rosto quando entrou na cozinha com seu pijama do Batman e deu na mãe o abraço mais apertado que conseguiu. Ele ainda recuperava suas forças, e Emily sorriu com o fervor de seu abraço.

– Tudo bem, amigão? – perguntou ela a Nathan. – Dormiu direitinho?

– Dormi – respondeu Nathan, sentando-se em sua cadeira habitual enquanto Emily preparava o cereal Apple Jacks.

Então ele disse:

– Sonhei com o papai.

Emily piscou. Uma bola de gelo começou a se formar em seu coração. Ela colocou a mão atrás da cabeça de Nathan e se agachou a seu lado.

– Você está com saudade, não é, meu amor? – perguntou. – Tudo bem. A mamãe também tem saudade. Mas ele está cuidando de nós. Sei disso.

– Está, sim – respondeu Nathan, todo feliz, a boca cheia de cereal úmido de leite. – Ele disse que estava.

A mão de Emily interrompeu seu lento movimento pela cabeça de Nathan.

– O que mais ele disse? – perguntou ela.

– Disse que eu podia colocar ele no meu sonho sempre que quisesse. Que eu podia aparecer em Florestranha e ajudá-lo a melhorá-la –

respondeu, alegre. – E ele me disse que, talvez quando eu crescer e estiver mais forte, virá nos visitar, se puder.

Um calafrio a percorreu, e Emily puxou Nathan para si, abraçando-o com força. Ela o perturbava com o excesso de atenção, e ele tentou se desvencilhar do abraço para voltar ao café da manhã. Mas ela não o deixou sair.

Emily não acreditava inteiramente. Não entendia muito bem. E aquilo a assustava, ainda que tivesse deixado seu filho tão feliz. Aquilo lhe dava o pai de volta de um jeito que ela mal conseguia imaginar.

Existia, então.

Existia uma coisa chamada mágica.

Do lado de fora da casa dos Randall, um anão de terno listrado lançou uma última olhadela, sorriu para si mesmo e começou a andar pelo asfalto na direção da Broadway.

Se conseguisse, pegaria uma carona; caso contrário, faria a pé o caminho todo até Manhattan. Ele conhecia uma loja no Greenwich Village onde poderia comprar um chapéu de feltro com o tom perfeito de verde.

# Agradecimentos

Ainda que não seja meu primeiro livro, *Florestranha* tem uma história peculiarmente longa, e deve qualquer longevidade que venha a ter a muita gente. Agradeço primeiro e sobretudo à minha esposa, Connie, e a nossos filhos, Nicholas, Daniel e Lily. Nicholas tinha três anos quando escrevi este livro, e com frequência sinto saudade de ver aquelas fitas antigas do Ursinho Pooh – ou talvez sinta apenas saudade de assisti-las com ele. Obrigado também à minha primeira agente, Lori Perkins, bem como à minha primeira editora, Laura Anne Gilman, por acreditar em *Florestranha,* e à minha mãe, por acreditar em mim quando eu ainda não era mais velho do que Nathan. Agradecimentos também a Ginjer Buchanan, por dar ao livro sua segunda vida numa edição mais barata em capa mole, e reconheço ainda uma imensa dívida de gratidão para com Paul Miller, por sugerir e criar esta edição preciosa, e a Richard Kirk, por materializá-la. Como na primeira edição, gostaria de agradecer a Tom e a LeeAnne Sniegoski por algumas contribuições maravilhosamente absurdas, de valor inestimável; ao dr. Brian M. Golden e ao dr. F. Paul Wilson por responder às perguntas bobas; bem como a Clive Barker, por suas inspiradoras palavras sobre criação; e a Hank Wagner, com quem falava quando a história me ocorreu pela primeira vez.

1. “Há pessoas feitas umas para as outras, há pessoas que se amam o resto da vida. Que tal nós dois?”